UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FFCLRP - DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOBIOLOGIA

**Relações entre motivo de realização, meta de realização e estados de ânimo
pré-competitivos de atletas brasileiros em função do gênero, tipo de
modalidade esportiva e decurso temporal**

Ricardo Marinho de Mello de Picoli

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicobiologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – USP como parte dos requisitos para obtenção do grau de Doutor em Ciências. Área: Psicobiologia.

Ribeirão Preto

2020

RICARDO MARINHO DE MELLO DE PICOLI

**Relações entre motivo de realização, meta de realização e estados de ânimo
pré-competitivos de atletas brasileiros em função do gênero, tipo de
modalidade esportiva e decurso temporal**

Versão Original

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Psicobiologia da Faculdade de Filosofia,
Ciências e Letras de Ribeirão Preto – USP como
parte dos requisitos para obtenção do grau de
Doutor em Ciências. Área: Psicobiologia.

Orientador: Prof. Dr. José Lino Oliveira Bueno

Ribeirão Preto

2020

Autorizo a reprodução total ou parcial deste trabalho por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Programa de Pós-Graduação em Psicobiologia
Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto
Universidade de São Paulo

Picoli, Ricardo Marinho de Mello de

Relações entre motivo de realização, meta de realização e estados de ânimo pré-competitivos de atletas brasileiros em função do gênero, tipo de modalidade esportiva e decurso temporal. Ribeirão Preto, 2020.

240 p.

Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto – USP. Área de concentração: Psicobiologia.

1. Motivo de Realização. 2. Meta de Realização. 3. Estados de Ânimo. 4. Psicologia do Esporte.

Universidade de São Paulo

ATA DE DEFESA

Ata de defesa de Tese do(a) Senhor(a) Ricardo Marinho de Mello de Picoli no Pro
Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo.

Aos 08 dias do mês de maio de 2020, no(a) Auditório da Psicobiologia realizou-se
Marinho de Mello de Picoli, apresentada para a obtenção do título de Doutor Intit

"Relações entre motivo de realização, meta de realização e estados de ânimo pr
gênero, tipo de modalidade esportiva e decurso temporal"

Após declarada aberta a sessão, o(a) Sr(a) Presidente passa a palavra ao candid
para as devidas arguições que se desenvolvem nos termos regimentais. Em seg

Nome dos Participantes da Banca	Função	Sigla da
Jose Lino Oliveira Bueno	Presidente	FFCLRP
Cristiano Roque Antunes Barreira	Titular	EEFERP
Paula Teixeira Fernandes	Titular	UNICAMP
Jose Aparecido Da Silva	Suplente	FFCLRP

Resultado Final: Aprovado

Parecer da Comissão Julgador

a defesa foi realizada com o recurso José
examinadores, o candidato e ouvintes. Pare
didato e os ouvintes foram desconectados e
As assinaturas desta Ata são feitas pelo Presidente,

Eu, Rossana Minghelli Ribeiro, lav
os(as) Senhores(as). Ribeirão Preto, aos 08 dias do mês de maio de 2020.

p/ Cristiano Roque Antunes Barreira

p/ Jose Aparecido Da Silva

Jose Lino Oliveira Bueno
Presidente da Comissão Julgad

* Obs: Se o candidato for reprovado por algum dos membros, o preenchimento do parecer é obrigatório.

A defesa foi homologada pela Comissão de Pós-Graduação em 04/06/2020

DEDICATÓRIA

Para Nina e Mana, pela companhia manhosa e sonolenta

AGRADECIMENTOS

Primeiramente à democracia e à liberdade científica que pude desfrutar durante todos os anos de pós-graduação, estudando um tema e um contexto específico caro a quem entende suas potencialidades e efeitos no desenvolvimento social e humano. Agradeço também à Universidade pública e gratuita que, nas suas esferas Federal e Estadual, possibilitaram por toda sua estrutura e produção de conhecimento que eu me tornasse o que sou. Ao CNPq e à CAPES pelo financiamento da pesquisa e pela resistência em prol da Educação, Ciência e Tecnologia no país.

À minha família por todo o apoio durante esse trajeto tortuoso e difícil, principalmente à minha companheira Mayra que divide comigo toda a barra pesada cotidiana e todos os perrengues como também as comemorações das conquistas que tivemos, pelo cuidado, respeito e amor todos os dias. Ao Pedro, à Clara, ao Moacir pelo apoio e aprendizado. Aos meus cumpadres quase irmãos Jaqueline e Igor pela dedicação e carinho. Ao meu pai Vitor Ricardo, à minha mãe Thais, meu irmão Paulo, minhas avós Elvira e Célia, minhas primas Mariana e Beatriz e meu primo Rafael Pereira que valorizam, cada qual ao seu modo, esse ciclo.

Ao professor José Lino Oliveira Bueno por todos os ensinamentos pessoais e profissionais, que mantém um laboratório diverso em sua produção e desafiador em temas importantes a toda a sociedade. Ao João Luís Segala Borin pela quase devoção à vida e ao trabalho de todos no laboratório. Ao Victor Cavallari Souza por ser uma grande referência profissional e ética e ter me dado a oportunidade de conhecer e trabalhar junto em prol de uma área que amamos. É impossível que eu consiga retribuir a esses três tudo o que fizeram por mim. A todos os colegas de laboratório que passaram pela minha vida e que contribuíram com risadas, puxadas de orelha, compartilhamentos de artigos e memes e, claro, muito conhecimento. Em especial aos colegas David Casilimas, Márcia Motta, Vitor Campos, Estêvão Bittar, Marco Antonio Di Bonifácio e Laísa Ramazzotto.

Aos professores Rui Gomes, Liliana Fontes, José Egídio Oliveira, Cristina Costa-Lobo e Enrique Vázquez-Justo pelo acolhimento em Portugal durante o pequeno período que lá estive e pela contribuição no e valorização do meu fazer científico. Ao professor Cristiano Barreira e às professoras Paula Teixeira Fernandes, Cristianne Carvalho e Gislane Melo pela companhia nos congressos e nas lutas para fazer ficar em pé o GT de Psicologia do Esporte da ANPEPP e a Revista Brasileira de Psicologia do Esporte.

AOs Andarillos, Lucas do Carmo Lima, Gabriel Leal Bombarda, André Nicolau e André Prezenszky, amigos que a vida me presenteou e que mantêm minha sanidade mental a cada acorde. À Cheila Casagrande e ao Yghor Gomes que me formam psicólogo a cada conversa. Às amigas Livia Mariussi, Marina Borges, Vanessa Ayres, Letícia Pio, Manoella Marques, Rafaela Pereira e Thabata Telles e aos amigos Sócrates Júnior, Johannes Siedelmann, Leonardo Carniato, Renato Meirelles, Pedro Aloï, André Monutti e Murilo Calafange pelo apoio, incentivo, risadas e por tudo o que não cabe em palavras, mas que vemos nas ações.

À Bianca Marcelino (*in memorian*) pelo primeiro – e grande – incentivo para toda essa caminhada.

À Associação Brasileira de Psicologia do Esporte (ABRAPESP) que tenho a honra de ser membro da Diretoria Executiva e que me permitiu conhecer muitas pessoas que fazem trabalhos incríveis por todo o país. Ao Serviço-Escola de Psicologia da UFSCar que me permite retribuir em forma de supervisão àquilo que me realiza profissionalmente e aos estagiários que me honram pela escolha de projeto que eu fiz e acredito, especialmente à Lara Tardeli, Paulo Guerche e Nathan Vilela que seguem mantendo viva essa ideia.

Às direções e coordenações esportivas, treinadores e treinadoras, psicólogas de todas as equipes que possibilitaram a realização desta pesquisa. A todos os atletas que se dispuseram voluntariamente a participar deste estudo.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001 e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

RESUMO

Picoli, R. M. M.. (2020). Relações entre motivo de realização, meta de realização e estados de ânimo pré-competitivos de atletas brasileiros em função do gênero, tipo de modalidade esportiva e decurso temporal. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Psicobiologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo.

O presente trabalho teve por objetivo a caracterização e correlação dos Estados de Ânimo presentes, os níveis de Motivo de Realização e as Metas de Realização de atletas brasileiros de alto rendimento no período pré-competitivo, comparando-os em função do gênero e do tipo de modalidade esportiva (individual ou coletiva) praticada. Também foi analisado como tais aspectos se dão ao longo de um período competitivo, considerando desde o último treino antes da competição até sua partida final, em uma equipe masculina de uma modalidade coletiva. Dessa forma, o Estudo 1 mostra a adaptação transcultural e a validação da *Ray-Lynn AO Scale* ao contexto esportivo brasileiro, o Estudo 2 mostra a adaptação transcultural e a validação da *3×2 Achievement Goal Questionnaire for Sport* ao contexto esportivo brasileiro, o Estudo 3 apresenta a caracterização e as relações entre Motivo de realização, Metas de Realização e Estados de Ânimo pré-competitivos de atletas em função do gênero e do tipo de modalidade esportiva praticada e o Estudo 4 apresenta a caracterização e as relações entre Motivo de Realização, Metas de Realização e Estados de Ânimo pré-competitivos de atletas de uma modalidade coletiva ao longo de um período competitivo. Os resultados mostram que o processo de adaptação transcultural e a validação da *Ray-Lynn AO Scale* ao contexto esportivo brasileiro sofreu alterações em sua estrutura fatorial original, tendo itens sido retirados e erros de diferentes fatores correlacionados, não se apresentando como uma medida confiável de Motivo de Realização mesmo após as modificações. O processo de adaptação transcultural e a validação do *3×2 Achievement Goal Questionnaire for Sport* ao contexto esportivo brasileiro o legitima como forma de acesso às metas de realização de atletas brasileiros, com um estrutura fatorial ajustada, restando melhorar sua confiabilidade (quatro de seis fatores atingiram o critério adotado pelo estudo). A caracterização do Motivo de Realização, Meta de Realização e Estados de Ânimo presentes mostra que, em geral, atletas brasileiros tem alto grau de Motivo de Realização, são orientados à demonstrar competência perante os requisitos da tarefa e apresentam Estados de Ânimo ligado à esperança e interesse na pré-competição. As correlações entre estes aspectos mostram especificidades das relações encontradas em relação ao gênero dos atletas e tipo de modalidade esportiva. A análise destas relações ao longo da sequência de treinos e jogos mostraram que os processos motivacionais analisados não sofreram alterações durante este período, mas os Estados de Ânimo presentes sim. Os resultados sobre relações entre Motivação e Emoção no contexto esportivo brasileiro e suas implicações metodológicas, conceituais e práticas dos enunciados encontrados são discutidas.

Palavras-chave: Motivo de Realização, Meta de Realização, Estados de Ânimo, Psicologia do Esporte, .

ABSTRACT

Picoli, R. M. M. (2020). *Relationship between Achievement Motivation, Achievement Goals and pre-competitive Mood States of Brazilian athletes according to gender, type of sport and time course*. Doctoral Dissertation, Graduate Program in Psychobiology of the Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo.

The aim of the present thesis was to characterize and correlate the present Mood States, Achievement Motivation level and the Achievement Goals of high-performance Brazilian athletes in the pre-competitive period, comparing them according to gender and type of sport (individual or collective) practiced. It was also analyzed how such aspects occur over a competitive period, considering from the last training before the competition until its final match, in a men's team of a collective modality. Thus, Study 1 shows the cross-cultural adaptation and validation of the Ray-Lynn AO Scale to the Brazilian sports context, Study 2 shows the cross-cultural adaptation and validation of the 3×2 Achievement Goal Questionnaire for Sport to the Brazilian sports context, Study 3 presents the characterization and the relationships between Achievement Motivation, Achievement Goals and pre-competitive Mood States of athletes according to the gender and type of sport practiced and Study 4 presents the characterization and the relationships between Achievement Motivation, Achievement Goals and pre-competitive Mood States of athletes from a collective sport over a competitive period. The results show that the process of cross-cultural adaptation and the validation of the Ray-Lynn AO Scale to the Brazilian sports context has undergone changes in its original factorial structure, with removed items and correlated errors of different factors, do not present as a reliable measure of Achievement Motivation even after modifications. The process of cross-cultural adaptation and the validation of the 3×2 Achievement Goal Questionnaire for Sport to the Brazilian sports context legitimizes it as a way to access the Achievement Goals of Brazilian athletes, with an adjusted factorial structure, remaining to improve its reliability (four out of six factors reached the criterion adopted by the study). The characterization of the Achievement Motivation, Achievement Goals and pre-competitive Mood States shows that, in general, Brazilian athletes have a high degree of Achievement Motivation, are oriented to demonstrate competence to the requirements of the task and shows present Mood States linked to hope and interest in pre-competition. The correlations between these aspects shows specificities of the relationships found in relation to the athletes' gender and type of sports. The analysis of these relationships throughout the sequence of training and matches showed that the motivational processes analyzed did not change during this period, but the present Mood States did. The results about the relationship between Motivation and Emotion in the Brazilian sports context and its methodological, conceptual and practical implications of the novel statements are discussed.

Keywords: Achievement Motivation, Achievement Goal, Present Mood States, Sport Psychology.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Figura 1.1.* Modelo Ajustado da Escala Ray-Lynn com Dois Fatores (nº2ª na Tabela 1.5) 55
- Figura 1.2.* Modelo Ajustado da Escala Ray-Lynn com Dois Fatores de Primeira Ordem e Um Fator de Segunda Ordem (nº3ª na Tabela 1.5). 55
- Figura 2.1.* Modelo 3×2 de Metas de Realização Ajustado de acordo com os Índices de Modificação Sugeridos. 68
- Figura 3.1.* Diagrama de extremos e quartis dos valores de Busca pelo Sucesso dos grupos Masculino-Individual (MI), Masculino-Coletiva (MC), Feminino-Individual (FI) e Feminino-Coletiva (FC). A linha em negrito representa a mediana, enquadrada entre o 1º Quartil e o 3º Quartil. As barras inferiores e superiores representam, respectivamente, o mínimo e o máximo das distribuições. 86
- Figura 3.2.* Diagrama de extremos e quartis dos valores de Motivo de Realização dos grupos Masculino-Individual (MI), Masculino-Coletiva (MC), Feminino-Individual (FI) e Feminino-Coletiva (FC). A linha em negrito representa a mediana, enquadrada entre o 1º Quartil e o 3º Quartil. As barras inferiores e superiores representam, respectivamente, o mínimo e o máximo das distribuições. 86
- Figura 3.3.* Diagrama de extremos e quartis dos valores do Fator Tarefa-Aproximação dos grupos Masculino-Individual (MI), Masculino-Coletiva (MC), Feminino-Individual (FI) e Feminino-Coletiva (FC). A linha em negrito representa a mediana, enquadrada entre o 1º Quartil e o 3º Quartil. As barras inferiores e superiores representam, respectivamente, o mínimo e o máximo das distribuições. 88
- Figura 3.4.* Diagrama de extremos e quartis dos valores de Outro-Evituação dos grupos Masculino-Individual (MI), Masculino-Coletiva (MC), Feminino-Individual (FI) e Feminino-Coletiva (FC). A linha em negrito representa a mediana, enquadrada entre o 1º Quartil e o 3º Quartil. As barras inferiores e superiores representam, respectivamente, o mínimo e o máximo das distribuições. 88
- Figura 3.5.* Diagrama de extremos e quartis dos valores do Fator V – Fisiológico dos grupos Masculino-Individual (MI), Masculino-Coletiva (MC), Feminino-Individual (FI) e Feminino-Coletiva (FC). A linha em negrito representa a mediana, enquadrada entre o 1º Quartil e o 3º

Quartil. As barras inferiores e superiores representam, respectivamente, o mínimo e o máximo das distribuições. 91

Figura N-1. Diagrama de extremos e quartis dos valores de Busca pelo Sucesso dos grupos Masculino e Feminino. A linha em negrito representa a mediana, enquadrada entre o 1º Quartil e o 3º Quartil. As barras inferiores e superiores representam, respectivamente, o mínimo e o máximo das distribuições. Observam-se três outliers no grupo Masculino 197

Figura N-2. Diagrama de extremos e quartis dos valores de Evitação do Fracasso dos grupos Masculino e Feminino. A linha em negrito representa a mediana, enquadrada entre o 1º Quartil e o 3º Quartil. As barras inferiores e superiores representam, respectivamente, o mínimo e o máximo das distribuições. Observa-se dois outliers para o grupo de modalidade Individual. 197

Figura N-3. Diagrama de extremos e quartis dos valores de Motivo de Realização dos grupos Masculino e Feminino. A linha em negrito representa a mediana, enquadrada entre o 1º Quartil e o 3º Quartil. As barras inferiores e superiores representam, respectivamente, o mínimo e o máximo das distribuições. Observa-se dois outliers para o grupo Masculino. 197

Figura N-4. Diagrama de extremos e quartis dos valores de Tarefa-Aproximação dos grupos de modalidade Individual e modalidade Coletiva. A linha em negrito representa a mediana, enquadrada entre o 1º Quartil e o 3º Quartil. As barras inferiores e superiores representam, respectivamente, o mínimo e o máximo das distribuições. Observa-se seis outliers para o grupo de modalidade Individual e nove outliers para o grupo de modalidade Coletiva. 198

Figura N-5. Diagrama de extremos e quartis dos valores de Ego-Aproximação dos grupos de modalidade Individual e modalidade Coletiva. A linha em negrito representa a mediana, enquadrada entre o 1º Quartil e o 3º Quartil. As barras inferiores e superiores representam, respectivamente, o mínimo e o máximo das distribuições. Observa-se três outliers para o grupo de modalidade Individual e oito outliers para o grupo de modalidade Coletiva. 198

Figura N-6. Diagrama de extremos e quartis dos valores do Fator Outro-Aproximação dos grupos Masculino e Feminino. A linha em negrito representa a mediana, enquadrada entre o 1º Quartil e o 3º Quartil. As barras inferiores e superiores representam, respectivamente, o mínimo e o máximo das distribuições. 198

Figura N-7. Diagrama de extremos e quartis dos valores do Fator Tarefa-Evitação dos grupos Masculino e Feminino. A linha em negrito representa a mediana, enquadrada entre o 1º

Quartil e o 3º Quartil. As barras inferiores e superiores representam, respectivamente, o mínimo e o máximo das distribuições. Observa-se três outliers para o grupo Masculino. 199

Figura N-8. Diagrama de extremos e quartis dos valores do Fator Ego-Evituação dos grupos Masculino e Feminino. A linha em negrito representa a mediana, enquadrada entre o 1º Quartil e o 3º Quartil. As barras inferiores e superiores representam, respectivamente, o mínimo e o máximo das distribuições. Observam-se três outliers para o grupo Masculino. 199

Figura N-9. Diagrama de extremos e quartis dos valores do Fator Ego-Evituação dos grupos de modalidade Individual e modalidade Coletiva. A linha em negrito representa a mediana, enquadrada entre o 1º Quartil e o 3º Quartil. As barras inferiores e superiores representam, respectivamente, o mínimo e o máximo das distribuições. Observam-se três outliers para o grupo de modalidade Individual. 199

Figura N-10. Diagrama de extremos e quartis dos valores do Fator Outro-Evituação dos grupos Masculino e Feminino. A linha em negrito representa a mediana, enquadrada entre o 1º Quartil e o 3º Quartil. As barras inferiores e superiores representam, respectivamente, o mínimo e o máximo das distribuições. 200

Figura N-11. Diagrama de extremos e quartis dos valores do Fator I – Humilhação/Raiva dos grupos Masculino e Feminino. A linha em negrito representa a mediana, enquadrada entre o 1º Quartil e o 3º Quartil. As barras inferiores e superiores representam, respectivamente, o mínimo e o máximo das distribuições. Observa-se um outlier para o grupo Masculino. 200

Figura N-12. Diagrama de extremos e quartis dos valores do Fator I – Humilhação/Raiva dos grupos de modalidade Individual e modalidade Coletiva. A linha em negrito representa a mediana, enquadrada entre o 1º Quartil e o 3º Quartil. As barras inferiores e superiores representam, respectivamente, o mínimo e o máximo das distribuições. Observa-se um outlier para grupo de modalidade Individual e um outlier para o grupo de modalidade Coletiva. 200

Figura N-13. Diagrama de extremos e quartis dos valores do Fator II – Fadiga dos grupos Masculino e Feminino. A linha em negrito representa a mediana, enquadrada entre o 1º Quartil e o 3º Quartil. As barras inferiores e superiores representam, respectivamente, o mínimo e o máximo das distribuições. 201

Figura N-14. Diagrama de extremos e quartis dos valores do do Fator II – Fadiga dos grupos de modalidade Individual e modalidade Coletiva. A linha em negrito representa a mediana,

enquadrada entre o 1º Quartil e o 3º Quartil. As barras inferiores e superiores representam, respectivamente, o mínimo e o máximo das distribuições. 201

Figura N-15. Diagrama de extremos e quartis dos valores do Fator III – Esperança dos grupos Masculino e Feminino. A linha em negrito representa a mediana, enquadrada entre o 1º Quartil e o 3º Quartil. As barras inferiores e superiores representam, respectivamente, o mínimo e o máximo das distribuições. 201

Figura N-16. Diagrama de extremos e quartis dos valores do do Fator III – Esperança dos grupos de modalidade Individual e modalidade Coletiva. A linha em negrito representa a mediana, enquadrada entre o 1º Quartil e o 3º Quartil. As barras inferiores e superiores representam, respectivamente, o mínimo e o máximo das distribuições. 202

Figura N-17. Diagrama de extremos e quartis dos valores do Fator IV – Limerência/Empatia dos grupos Masculino e Feminino. A linha em negrito representa a mediana, enquadrada entre o 1º Quartil e o 3º Quartil. As barras inferiores e superiores representam, respectivamente, o mínimo e o máximo das distribuições. 202

Figura N-18. Diagrama de extremos e quartis dos valores do Fator IV – Limerência/Empatia dos grupos de modalidade Individual e modalidade Coletiva. A linha em negrito representa a mediana, enquadrada entre o 1º Quartil e o 3º Quartil. As barras inferiores e superiores representam, respectivamente, o mínimo e o máximo das distribuições. 202

Figura N-19. Diagrama de extremos e quartis dos valores do Fator V – Fisiológico dos grupos de modalidade Individual e modalidade Coletiva. A linha em negrito representa a mediana, enquadrada entre o 1º Quartil e o 3º Quartil. As barras inferiores e superiores representam, respectivamente, o mínimo e o máximo das distribuições. 203

Figura N-20. Diagrama de extremos e quartis dos valores do Fator VI – Repulsa dos grupos Masculino e Feminino. A linha em negrito representa a mediana, enquadrada entre o 1º Quartil e o 3º Quartil. As barras inferiores e superiores representam, respectivamente, o mínimo e o máximo das distribuições. Observam-se dois outliers para o grupo Masculino. 203

Figura N-21. Diagrama de extremos e quartis dos valores do Fator VI – Repulsa dos grupos de modalidade Individual e modalidade Coletiva. A linha em negrito representa a mediana, enquadrada entre o 1º Quartil e o 3º Quartil. As barras inferiores e superiores representam, respectivamente, o mínimo e o máximo das distribuições. Observa-se um outlier para o grupo de modalidade Individual e três outliers para o grupo de modalidade Coletiva. 203

Figura N-22. Diagrama de extremos e quartis dos valores do Fator VII – Interesse dos grupos Masculino e Feminino. A linha em negrito representa a mediana, enquadrada entre o 1º Quartil e o 3º Quartil. As barras inferiores e superiores representam, respectivamente, o mínimo e o máximo das distribuições. Observa-se um outlier para o grupo Masculino e um outlier para o grupo Feminino. 204

Figura N-23. Diagrama de extremos e quartis dos valores do Fator VII – Interesse dos grupos de modalidade Individual e modalidade Coletiva. A linha em negrito representa a mediana, enquadrada entre o 1º Quartil e o 3º Quartil. As barras inferiores e superiores representam, respectivamente, o mínimo e o máximo das distribuições. Observam-se dois outliers para o de modalidade Coletiva. Observam-se três outliers para o grupo de Modalidade Coletiva. 204

Figura N-24. Diagrama de extremos e quartis dos valores do Fator VIII – Surpresa dos grupos Masculino e Feminino. A linha em negrito representa a mediana, enquadrada entre o 1º Quartil e o 3º Quartil. As barras inferiores e superiores representam, respectivamente, o mínimo e o máximo das distribuições. Observam-se dois outliers para o grupo Masculino e um outlier para o grupo Feminino. 204

Figura N-25. Diagrama de extremos e quartis dos valores do Fator VIII – Surpresa dos grupos de modalidade Individual e modalidade Coletiva. A linha em negrito representa a mediana, enquadrada entre o 1º Quartil e o 3º Quartil. As barras inferiores e superiores representam, respectivamente, o mínimo e o máximo das distribuições. Observa-se um outlier para o grupo de modalidade Individual e um outlier para o grupo de modalidade Coletiva. 205

Figura N-26. Diagrama de extremos e quartis dos valores do Fator IX – Fome dos grupos Masculino e Feminino. A linha em negrito representa a mediana, enquadrada entre o 1º Quartil e o 3º Quartil. As barras inferiores e superiores representam, respectivamente, o mínimo e o máximo das distribuições. Observam-se dois outliers para o grupo Masculino e um outlier para o grupo Feminino. 205

Figura N-27. Diagrama de extremos e quartis dos valores do Fator X – Descaso/Inveja dos grupos Masculino e Feminino. A linha em negrito representa a mediana, enquadrada entre o 1º Quartil e o 3º Quartil. As barras inferiores e superiores representam, respectivamente, o mínimo e o máximo das distribuições. Observa-se um outlier para o grupo Masculino e três outliers para o grupo Feminino. 205

Figura N-28. Diagrama de extremos e quartis dos valores do Fator X – Descaso/Inveja dos grupos de modalidade Individual e modalidade Coletiva. A linha em negrito representa a mediana, enquadrada entre o 1º Quartil e o 3º Quartil. As barras inferiores e superiores representam, respectivamente, o mínimo e o máximo das distribuições. Observam-se quatro outliers para o de modalidade Individual. 206

Figura N-29. Diagrama de extremos e quartis dos valores do Fator XI – Receptividade dos grupos de modalidade Individual e modalidade Coletiva. A linha em negrito representa a mediana, enquadrada entre o 1º Quartil e o 3º Quartil. As barras inferiores e superiores representam, respectivamente, o mínimo e o máximo das distribuições. 206

Figura N-30. Diagrama de extremos e quartis dos valores do Fator XII – Serenidade dos grupos Masculino e Feminino. A linha em negrito representa a mediana, enquadrada entre o 1º Quartil e o 3º Quartil. As barras inferiores e superiores representam, respectivamente, o mínimo e o máximo das distribuições. 206

Figura N-31. Diagrama de extremos e quartis dos valores do Fator XII – Serenidade dos grupos de modalidade Individual e modalidade Coletiva. A linha em negrito representa a mediana, enquadrada entre o 1º Quartil e o 3º Quartil. As barras inferiores e superiores representam, respectivamente, o mínimo e o máximo das distribuições. Observam-se dois outliers para o de modalidade Coletiva. 207

LISTA DE TABELAS

Tabela 1.1	49
Participantes Agrupados por Gênero e Modalidade Esportiva.	49
Tabela 1.2	50
Itens da Escala Ray-Lynn	50
Tabela 1.3	51
Modelos de Motivo de Realização Testados com seus Respectivos Fatores e Itens	51
Tabela 1.4	53
Índices de ajustamento entre o Modelo Unidimensional Preconizado por Ray (1979) e Três Modelos Alternativos de Motivo de Realização.	53
Tabela 1.5	53
Estatísticas descritivas, Consistência interna e Intercorrelações para os Modelos de Motivo de Realização Testados	53
Tabela 1.6	54
Análise Multigrupos para o Modelo com Um Fator de Segunda Ordem e Dois Fatores de Primeira Ordem com Ajustes.	54
Tabela 2.1	63
Modelo 3×2 de Metas de Realização Adaptado de Elliot et al. (2011)	63
Tabela 2.2	64
Participantes Divididos por Gênero e Modalidade Esportiva.	64
Tabela 2.3	66
Modelos testados e seus respectivos fatores.	66
Tabela 2.4	70
Comparação das estatísticas de ajuste entre o modelo 3×2 de metas de realização e modelos alternativos	70
Tabela 2.5	71
Estatísticas descritivas, Consistência interna e intercorrelações para os modelo 3×2 de metas de realização ajustado	71
Tabela 2.6	71

Análise multigrupos para os modelos 3×2 de metas de realização com ajustes	71
Tabela 3.1	82
Número de participantes de acordo com o gênero e modalidade esportiva.	82
Tabela 3.2	85
Estatísticas descritivas dos grupos em relação aos fatores da Escala Ray-Lynn.	85
Tabela 3.3	87
Estatísticas descritivas dos grupos em relação aos fatores do 3×2 AGQ-S/BR.	87
Tabela 3.4	89
Estatísticas descritivas dos grupos em relação aos fatores da LEAP	89
Estatísticas descritivas dos grupos em relação aos fatores da LEAP (continuação)	90
Tabela 3.5	92
Correlações estatisticamente significativas entre os fatores da Escala Ray-Lynn, 3×2 AGQ-S/BR e a LEAP sem divisão por grupo.	92
Tabela 3.6	93
Correlações Estatisticamente Significativas Entre os Fatores da Escala Ray-Lynn, 3×2 AGQ-S/BR e a LEAP em Função dos Grupos.	93
Correlações Estatisticamente Significativas Entre os Fatores da Escala Ray-Lynn, 3×2 AGQ-S/BR e a LEAP em Função dos Grupos (continuação).	94
Tabela 4.1	116
Estatísticas descritivas de cada Fator da Escala Ray-Lynn em cada momento de aplicação	116
Tabela 4.2	116
Valores de Qui-Quadrado de Friedman e p-value para cada Fator da Escala Ray-Lynn.	116
Tabela 4.3	117
Estatísticas descritivas de cada Fator do 3×2 AGQ-S/BR em cada momento de aplicação	117
Tabela 4.4	118

Valores de Qui-Quadrado de Friedman e p-value para cada Fator do 3×2 AGQ-S/BR 118

Tabela 4.5	118
Estatísticas descritivas de cada Fator da LEAP em cada momento de aplicação	118
Tabela 4.5	119
Estatísticas descritivas de cada Fator da LEAP em cada momento de aplicação (continuação)	119
Tabela 4.6	120
Valores de Qui-Quadrado de Friedman e p-value para cada Fator da LEAP	120
Tabela 4.7	120
Diferenças estatisticamente significativas entre os momentos de aplicação para oito fatores da LEAP.	120
Diferenças estatisticamente significativas entre os momentos de aplicação para oito fatores da LEAP (continuação).	121
Tabela 4.8	121
Correlações encontradas entre os fatores dos instrumentos no Treino-Pré	121
Tabela 4.9	122
Correlações encontradas entre os fatores dos instrumentos no Jogo 1	122
Tabela 4.10	122
Correlações encontradas entre os fatores dos instrumentos no Jogo 2	122
Tabela 4.11	122
Correlações encontradas entre os fatores dos instrumentos no Jogo 3	122
Tabela 4.12	122
Correlações encontradas entre os fatores dos instrumentos no Jogo 4	122
Tabela 4.13	123
Correlações encontradas entre os fatores dos instrumentos no Jogo 5	123
Tabela 4.14	123
Correlações encontradas entre os fatores dos instrumentos no Jogo 6	123
Tabela 4.15	123

SUMÁRIO

Introdução Geral	33
Psicologia do Esporte	33
O momento pré-competitivo	34
O paradigma Aproximação-Evitância	34
Motivo de Realização	36
Meta de Realização	38
Emoções	40
O esporte e a Realização	41
O esporte e os Estados de Ânimo	43
Características das modalidades esportivas e o gênero dos atletas	44
Relações entre Motivação e Estados de Ânimo no esporte	45
Considerações Éticas	46
Adaptação Transcultural e Validação da <i>Ray-Lynn AO Scale</i> ao Contexto Esportivo Brasileiro (Estudo 1)	47
Método	49
Participantes	49
Instrumento	50
Procedimento	50
Análise de Dados	50
Resultados	52
Análise Fatorial Confirmatória, estatística descritiva e consistência interna	52
Análise Fatorial Multigrupos	56
Discussão	56
Adaptação transcultural e validação do <i>3 x 2 Achievement Goal Questionnaire for Sport</i> no contexto esportivo brasileiro (Estudo 2)	61
Método	63

Participantes	63
Materiais	64
Procedimento	64
Análise de Dados	64
Resultados	67
Análise Fatorial Confirmatória	67
Análise Fatorial Multigrupos	69
Discussão	72
Caracterização e relações dos Estados de Ânimo, dos níveis de Motivo de Realização e das Metas de Realização de atletas brasileiros de alto rendimento no período pré-competitivo, em função do gênero e modalidade esportiva praticada (Estudo 3)	75
Método	81
Participantes	81
Materiais	81
Escala Ray-Lynn	81
Questionário 3×2 de Metas de Realização para o esporte	82
Lista de Estados de Ânimo Presentes	82
Procedimento	83
Forma de análise	84
Resultados	85
Escala Ray-Lynn	85
3×2 AGQ-S/BR	87
LEAP	89
Correlações entre os fatores da Escala Ray-Lynn, 3×2 AGQ-S/BR e a LEAP	91
Discussão	95
Correlações entre os fatores da Escala Ray-Lynn, 3×2 AGQ-S/BR e LEAP sem divisão por grupos	96

Caracterização e relações dos Estados de Ânimo, dos níveis de Motivo de Realização e das Metas de Realização de atletas brasileiros de uma modalidade coletiva no período pré-competitivo, em função do decurso temporal (Estudo 4).	109
Método	112
Participantes	112
Materiais	113
Escala Ray-Lynn	113
Questionário 3×2 de Metas de Realização para o esporte	113
Lista de Estados de Ânimo Presentes	113
Procedimento	114
Forma de análise	115
Resultados	115
Escala Ray-Lynn	115
3×2 AGQ-S/BR	116
LEAP	118
Correlações entre os fatores da Escala Ray-Lynn, 3×2 AGQ-S/BR e a LEAP	121
Discussão	123
Considerações Finais	131
Referências Bibliográficas	135
APÊNDICE A – Fases de adaptação transcultural do Estudo 1 baseadas em Borsa, Damásio e Bandeira (2012).	151
Fase A – Tradução do instrumento original	151
Participantes	151
Material	151
Procedimento	151
Forma de Análise	151
Resultados	151
Fase B – Avaliação por peritos	152

Participantes	152
Material	153
Procedimento	153
Forma de Análise	153
Resultados	153
Fase C – Avaliação pelo público-alvo	153
Participantes	153
Material	153
Procedimento	153
Forma de Análise	155
Resultados	155
Fase D – Tradução reversa	155
Participantes	155
Material	155
Procedimento	155
Forma de Análise	156
Resultados	156

APÊNDICE B – Análise de Tradução do Questionário “Ray-Lynn AO Scale” (Ray, 1979).

157

APÊNDICE C – Alterações sugeridas para o instrumento e versão obtida após as considerações dos peritos.

161

APÊNDICE D – Questionário *online* feito para a realização da Fase C do Estudo 1

165

APÊNDICE E – Versão derivada da Fase C do Estudo 1

169

APÊNDICE F – Versão derivada da Fase D do Estudo 1

171

APÊNDICE G – Fases de adaptação transcultural do Estudo 2 baseadas em Borsa, Damásio e Bandeira (2012)

173

Fase A – Tradução do instrumento original

173

Material	173
Procedimento	173
Forma de Análise	173
Resultados	173
Fase B – Avaliação por peritos	174
Participantes	174
Material	174
Procedimento	174
Forma de Análise	174
Resultados	174
Fase C – Avaliação pelo público-alvo	174
Participantes	174
Material	175
Procedimento	175
Forma de Análise	176
Resultados	176
Fase D – Tradução reversa	176
Participantes	176
Material	176
Procedimento	176
Forma de Análise	177
Resultados	177
Fase E – Estudo preliminar	177
Participantes	177
Material	177
Procedimento	178
Forma de Análise	178

Resultados	178
APÊNDICE H – Análise de Tradução do Questionário “3×2 Achievement Goal Questionnaire For Sport” (Mascret, Elliot e Cury, 2015).	181
APÊNDICE I – Alterações sugeridas para o instrumento e versão obtida após as considerações dos peritos.	185
APÊNDICE J – Questionário <i>online</i> feito para a realização da Fase C do Estudo 2	187
APÊNDICE K – Versão derivada da Fase C do Estudo 2	191
APÊNDICE L – Versão derivada da Fase D do Estudo 2	193
APÊNDICE M – Versão derivada da Fase E do Estudo 2	195
APÊNDICE N – Figuras das Comparações por Grupo Sem Diferença Estatisticamente Significativa (Estudo 3).	197
ANEXO A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido do Estudo 1 para maiores de idade	209
ANEXO B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido do Estudo 1 para menores de idade	211
ANEXO C – Termo de Assentimento do Estudo 2 para atletas de menores de idade	213
ANEXO D – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido do Estudo 2 para maiores de idade	215
ANEXO E – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido do Estudo 2 para menores de idade	217
ANEXO F – Termo de Assentimento do Estudo 2 para atletas de menores de idade	219
ANEXO G – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido do Estudo 3 para maiores de idade	221
ANEXO H – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido do Estudo 3 para os responsáveis de menores de idade	223
ANEXO I – Termo de Assentimento do Estudo 3 para atletas de menores de idade	225

ANEXO J – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido do Estudo 4 para maiores de idade	227
ANEXO K – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido do Estudo 4 para os responsáveis de menores de idade	229
ANEXO L – Termo de Assentimento do Estudo 4 para atletas de menores de idade	231
ANEXO M – <i>Ray-Lynn AO Scale</i> (Ray, 1979)	233
ANEXO N – 3×2 Achievement Goal Questionnaire for Sport (Mascret, Elliot e Cury, 2015)	235
ANEXO O – Lista de Estados de Ânimo Presentes – LEAP (Engelmann, 1986)	237
ANEXO P – Locuções correlacionadas com cada Fator da LEAP (Engelmann, 1986) e suas respectivas cargas de correlação	239

Introdução Geral

Originado conjuntamente à organização urbana das sociedades ocidentais do período inicial do século XVIII (Collins, 2013) e entendido como um fenômeno sociocultural multidimensional complexo com implicações políticas, econômicas, educacionais, éticas, morais e comportamentais, o esporte tem sido alvo de estudos de diversas áreas do saber (Picoli, Souza, & Costa-Lobo, 2019). Para Tubino (2017), o esporte é uma das expressões da cultura física, compreendendo também a dança e a recreação e se fundamenta na educação física. Em geral, o esporte é definido pela natureza de sua atividade ou manifestação, pelas relações subjetivas que possui seu praticante, pelo momento sócio-histórico em que se encontra, pela sua forma e local de prática. Nesse sentido, no período entre o final da II Guerra Mundial e o final da Guerra Fria, o esporte moderno sofreu transformações que o tornaram mais popular e midiático (R. F. R. Marques, Duarte, Gutierrez, Almeida, & Miranda, 2009), tendo nos Jogos Olímpicos da Era Moderna sua maior expressão (Rubio, 2010).

Psicologia do Esporte

A produção de conhecimento sobre o impacto e a influência da competição esportiva na experiência subjetiva dos atletas é antiga e mostra grande variedade de modelos teóricos, procedimentos e técnicas de análise de dados. Estes estudos estão sob o escopo da Psicologia do Esporte, que é definida como o estudo científico de pessoas e seus respectivos comportamentos em atividades esportivas e a aplicação prática desse conhecimento produzido (Conde, Filgueiras, Angelo, Pereira, & Carvalho, 2019). Weinberg e Gould (2016, pp. 4–5) comentam que psicólogos do esporte buscam “entender e auxiliar atletas, crianças, idosos e pessoas com qualquer tipo de deficiência à adesão máxima à prática de atividades físicas, alto rendimento, satisfação pessoal e desenvolvimento físico ou psicológico por meio do envolvimento com o esporte”. Nesse sentido, a Associação Brasileira de Psicologia do Esporte (ABRAPESP) entende por psicólogos do esporte aqueles profissionais que, “devido a sua preparação universitária em Psicologia e experiências subsequentes nas áreas de esporte e educação física, trabalham no desenvolvimento de atividades que viabilizem a atuação humana em situações esportivas competitivas, cooperativas, educacionais, de reabilitação ou de lazer. As áreas de atuação destes profissionais abrangem ampla gama de serviços tais como: psicodiagnóstico esportivo; programas de intervenção junto a atletas, equipes esportivas e comissões técnicas; acompanhamento de indivíduos e grupos que praticam atividade física não competitiva e de reabilitação; projetos sociais que fazem uso do esporte e

da atividade física”¹. No Brasil, a Psicologia do Esporte foi reconhecida e regulamentada pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP) pelas resoluções nº 014/2000 e nº 02/2001 como especialidade da Psicologia. Nos últimos anos, a produção científica na área tem crescido, ainda que não haja um programa de pós-graduação *stricto-sensu* específico de Psicologia do Esporte nas Instituições de Ensino Superior do país (Fiorese et al., 2019; Serra de Queiroz, Lima Fogaça, Hanrahan, & Zizzi, 2016; Vieira, Nascimento Júnior, & Vieira, 2013).

O momento pré-competitivo

Nesta linha, a investigação sobre a experiência subjetiva dos atletas nos momentos que antecedem a competição é vasta, com destaque ao foco em estudos sobre ansiedade e estresse (Cerin, Szabo, Hunt, & Williams, 2000; Dias, Corte-Real, Cruz, & Fonseca, 2013; Hagan, Pollmann, & Schack, 2017b; Hanin, 2012; A. R. Nicholls & Levy, 2015; A. R. Nicholls, Perry, & Calmeiro, 2014), ainda que, nos últimos anos, tenha crescido o número de estudos sobre outros aspectos nesta situação como motivação e emoções (Bueno & Souza, 2019; Campo et al., 2019, 2018; Lochbaum & Gottardy, 2015; Vieira et al., 2013). Independentemente da abordagem e do objeto de estudo, é largamente aceito que a forma como o atleta percebe o momento pré-competitivo é crucial no desenrolar de suas ações perante a situação esportiva, podendo ter consequências sobre seu desempenho dependendo da forma como lidam com estas pressões. Hagan et al. (2017b) indicam que as respostas emocionais ligadas à ansiedade pré-competitiva de atletas dependem das características da tarefa e dos requisitos da modalidade esportiva em questão. Jones, Meijen, McCarthy e Sheffield (2009) mostram em sua revisão de literatura que existe uma dicotomia na maneira como os atletas respondem à competição: positivamente, em que a competição é considerada um desafio; e negativamente em que a competição é considerada uma ameaça.

O paradigma Aproximação-Evituação

Modelos dicotômicos que confrontam cenários positivos e negativos parecem ser constantes na história do conhecimento sobre o comportamento humano. Desde a Grécia Antiga, filósofos e outros estudiosos sugerem que há uma dicotomia nos processos de estimulação ao organismo que influenciam como ele irá agir em seu ambiente: *Aproximação*, em que o organismo se move e se direciona para perto de um estímulo considerado positivo, apetitoso e *Evitação*, em que o organismo se move e se direciona para longe de um estímulo considerado negativo, aversivo (Korn & Elliot, 2015). Tais conceitos parecem estar presentes

¹ <https://www.abrapesp.org.br/sobre> , acessado em 09 de fevereiro de 2020.

em várias de disciplinas acadêmicas, tradições teóricas e áreas de conteúdo empírico da Psicologia e outras ciências, ainda que estas denominações tenham sido alteradas ou adaptadas de acordo com cada modelo, mas que, em essência, possuem o mesmo princípio. Dessa forma, “[as teorias sobre Aproximação-Evituação] não só mostram que a distinção [entre Aproximação e Evituação] tem uma longa história, mas também que tem uma história ampla. De fato, a distinção entre Aproximação e Evituação tem sido utilizada em todas as principais abordagens que foram empregadas para cientificamente explicar o comportamento, independentemente de como essas abordagens possam ser caracterizadas: psicodinâmico (e.g., Freud), comportamentalista (e.g., Skinner) e humanístico (e.g., Maslow); disposicional (e.g., Murray) e situacional (e.g., Thorndike); biológico (e.g., Eysenck), afetivo (e.g., Mowrer), cognitivo (e.g., Heider) e social cognitivo (e.g., Rotter).” (Elliot, 2008, p. 5). Vale ressaltar que *estímulos* podem ser objetos físicos concretos, mas também podem ser representações mentais ou memórias de tais objetos, conceitos abstratos ou possibilidades antecipadas para o futuro (Elliot, Eder, & Harmon-Jones, 2013).

O paradigma Aproximação-Evituação permanece atual em vários campos de estudo (e.g. Howard, 2019; Teboul, Klosek, Montiny, & Gernigon, 2019) e tem sido abordado tanto a partir de conceituações advindas do campo da Motivação como também do campo da Emoção, reiterando como Motivação e Emoção são conceitos interligados e fundamentais para o entendimento de vários processos na Psicologia (Bueno & Souza, 2019; Eder, Elliot, & Harmon-Jones, 2013). Motivação, de modo geral, refere-se às causas do comportamento. Mais especificamente, refere-se à energização e direcionamento das ações dos organismos (Cofer, 1980; Elliot, 2008; Linnenbrink-Garcia, Patall, & Pekrun, 2016; G. C. Roberts, Treasure, & Conroy, 2007). As teorias da Motivação tentam explicar nosso comportamento com referência a instintos e impulsos, incentivos e recompensas, necessidades e desejo de mudar um nível de excitação (Cofer, 1980; Gorman, 2004). Dessa forma, a Aproximação e a Evituação são compreendidas como o processo de ação do organismo, podendo ser esta ação governada pelo motivo ou meta da situação (Eder et al., 2013). Emoções, por sua complexidade e heterogeneidade, carecem de uma definição que as enquadre de forma adequada dentre todas as abordagens teóricas existentes, as distinguindo claramente de constructos relacionados (como afeto, sentimentos, estados de humor e Estados de Ânimo). Esta tentativa tem sido ingrata e decepcionante, gerando quase inevitavelmente controvérsia (Dias et al., 2013; Engelmann, 1978; Hanin, 2012). Porém, emoções são reais (Barrett, 2012) e são conhecidas por suas manifestações abertas e relatos de como nos sentimos (Cofer, 1980, p. 48). Além disso, o estudo das emoções no campo da Psicologia do Esporte pode

incrementar a investigação sobre os fatores humanos (Eccles et al., 2011). Nessa sequência, Aproximação e Evitação são compreendidas a partir do efeito emocional que determinado estímulo causa no organismo, com implicações sobre seu modo de agir no mundo (Eder et al., 2013). As emoções, portanto, fornecem uma base para o comportamento motivado (Weiner, 2014). Sendo assim, Motivação e Emoção estão intimamente entrelaçados, mesmo sendo conceitos diferentes (Linnenbrink-Garcia et al., 2016). Bindra (1976) reforça que Motivação e Emoção se relacionam com a organização da ação, que depende não apenas das condições presentes do organismo ou nas características dos estímulos, mas sobre como esses processos são estruturados em um estado motivacional central e constituem estados subjetivos.

Motivo de Realização

Uma das perspectivas motivacionais sobre Aproximação e Evitação traz que o resultado do processo de julgamento sobre a valência evocada dos estímulos presentes inclina ou cria uma tendência de aproximação quando positivo ou tendência de evitação quando negativo. Tais valências seriam afetadas pelas necessidades (ou motivos) do organismo e que as tendências – entendidas dinamicamente e funcionalmente, não espacialmente – estariam a serviço de supri-las. Atkinson (1964) considera que o desempenho numa situação de realização é a soma entre a tendência de busca pelo sucesso (TS) e a tendência de evitação do fracasso (T-F), sendo TS um valor positivo e T-F um valor negativo. Estas necessidades (ou motivos) estariam relacionadas à situação (contexto) em que a pessoa se encontra e também ao seu nível de aspiração individual (Thrash & Hurst, 2008). McClelland, Atkinson, Clark e Lowell (1953 com edição revisada em 1976) seguindo esta linha de estudos sobre o paradigma Aproximação-Evitação baseada no nível de aspiração individual como modulador da satisfação das necessidades (Atkinson, 1957; Lewin, Dembo, Festinger, & Sears, 1944; McClelland, 1955; McClelland, Clark, Roby, & Atkinson, 1949; Murray, 1938) estudaram o Motivo (ou necessidade) de Realização, que parte do pressuposto de que o comportamento é influenciado pelo motivo para alcançar o sucesso ou evitar o fracasso, bem como pela probabilidade de acontecimento de ambos, pelo valor de incentivo para alcançar o sucesso ou evitar o fracasso (ver também Atkinson, 1957, 1964). Assim, Motivo de Realização foi definido por Murray (1938) como “o esforço de uma pessoa para dominar uma tarefa, ter melhor desempenho que outros, alcançar excelência, superar obstáculos e orgulhar-se de seu talento”. É a preocupação em competir com um padrão de excelência (Cofer, 1980, p. 94). Wigfield, Eccles, Schiefele, Roeser e Davis-Kean (2006) complementam afirmando que o Motivo de Realização refere-se mais especificamente à motivação relevante ao desempenho

em tarefas em que esses padrões de excelência são operativos. Gill (1986) adiciona a essa definição a orientação de uma pessoa para lutar por sucesso e persistir ante o fracasso.

Dentro da teoria do Motivo de Realização encontra-se o paradigma Aproximação-Evitância ligado aos conceitos de Busca pelo Sucesso e Evitação (ou medo) do Fracasso. O primeiro conceito relaciona-se com a satisfação da necessidade em realizar-se com expectativa de sucesso, envolvendo a evocação antecipada de sentimentos positivos (i.e. orgulho, prazer) em situação em que a competência é relevante. O último conceito relaciona-se ao receio em não atingir aquilo que se quer, envolvendo a evocação antecipada de sentimentos negativos (i.e. medo, vergonha) em situação em que a incompetência é relevante (Conroy, 2017). Indivíduos com alto nível de Motivo de Realização tendem a buscar o sucesso e relatam padrões de excelência mais altos comparados a indivíduos com baixo nível de Motivo de Realização, que tendem a evitar o fracasso (McClelland et al., 1953). Stussi, Ferrero, Pourtois e Sander (2019) mostraram que o Motivo de Realização pode modular o condicionamento pavloviano: pessoas com alto nível de Motivo de Realização aprenderam mais rapidamente resposta condicionada aos estímulos relevantes para uma meta em comparação com pessoas com baixo nível de Motivo de Realização.

Uma forma modificada do Teste de Apercepção Temática (TAT) foi utilizada, inicialmente, com o intuito de aferir o nível de Motivo de Realização (McClelland, 1955; C. D. Morgan & Murray, 1935). O procedimento desse teste projetivo é solicitar que os sujeitos escrevam uma história a partir de várias imagens apresentadas, tendo quatro questões centrais para basear a história. No entanto, esse método apresentou limitações como forma de acesso ao Motivo de Realização por sua falta de critério na pertinência dos elementos das histórias aos objetivos e a mensuração dos mesmos como indicativos para definição do nível de Motivo de Realização de um indivíduo.

Outros instrumentos foram desenvolvidos com base em autorrelatos e escalas para medir o nível de Motivo de Realização. Lynn (1969) desenvolveu um questionário com escala tipo likert para a mensuração do nível de Motivo de Realização. Com base nesse trabalho, Ray (1971, 1979) desenvolveu o questionário *Ray-Lynn AO Scale* com 14 itens para a avaliação do nível de Motivo de Realização. Tal questionário foi elaborado com os dados obtidos em populações britânicas e suas colônias (Reino Unido, Austrália e África do Sul) e possui um nível de confiabilidade alta, regularidade e é de fácil aplicação (Ray, 1979). Pássaro e Bueno (2016) traduziram esse questionário para o português, denominando-a Escala Ray-Lynn AO de 14 itens em seu trabalho sobre a influência do nível de Motivo de Realização de universitários brasileiros em suas escolhas intertemporais econômicas. A *Ray-*

Lynn AO Scale (Ray, 1979) tem sido utilizada em diversos estudos, especialmente no contexto organizacional (Mazzetti, Schaufeli, & Guglielmi, 2014; Ozbilir, Day, & Catano, 2015; Păunescu & Cantaragiu, 2012). Não foi encontrada nos bancos de dados de pesquisa disponíveis no Brasil e em Portugal a aplicação e nem a validação deste questionário no contexto esportivo brasileiro, português ou lusófono.

Meta de Realização

Para Elliot e Hulleman (2017, p. 43), *competência* é “uma necessidade psicológica humana, é onipresente na vida diária, tem um substancial impacto nas emoções, é operatória ao longo da vida e é evidente em todos os indivíduos, independente de fronteiras culturais”. Sendo assim, competência é um constructo psicológico multidimensional que consiste nas habilidades, crenças e comportamentos de um indivíduo (Elliot & Dweck, 2005; Murayama & Elliot, 2012). Sua postulação enquanto constructo psicológico sustenta a compreensão de como as pessoas interpretam, experienciam e selecionam seu envolvimento ou não em uma situação de realização (Elliot & Hulleman, 2017; J. G. Nicholls, 1984). Competência é, por isso, o núcleo conceitual dentro da Teoria das Metas de Realização (Elliot, 2005; Elliot & Hulleman, 2017; Elliot, Murayama, & Pekrun, 2011; Mascaret, Elliot, & Cury, 2015), pois é definida como “condição de habilidade ou efetividade, representando o estado de uma pessoa em relação a uma tarefa ou condição” (Elliot & Hulleman, 2017, p. 43).

Para Roberts, Nerstad e Lemyre (2018), a Teoria das Metas de Realização é, juntamente com a Teoria da Autodeterminação (Chiminazzo, Alves, Camacho, Alcaraz-Ibáñez, & Fernandes, 2019; Deci & Ryan, 2012), um dos modelos mais influentes ou predominantes no estudo da Motivação, principalmente no domínio esportivo. O estudo da Motivação baseada na competência visa, para Elliot e Dweck (2005, p. 4), uma definição mais precisa de constructo, algo que as teorias de Motivo de Realização carecem, pois “o conceito de realização não é claramente estabelecido”, podendo ser entendido de forma ampla ou restrita. Sendo assim, a Teoria das Metas de Realização tem a função de ser uma ferramenta concreta que as pessoas utilizam para regular seus desejos e medos sobre o sucesso e fracasso (Murayama & Elliot, 2012). Presumidamente, esses desejos ou medos energizam o comportamento, mas não proporcionam orientações específicas de como um indivíduo pode agir diante desse desejo ou medo (Elliot, 1999).

Modelos sobre Metas de Realização baseadas na competência possuem um lastro histórico desde a década de 1980, sendo o Modelo Dicotômico de Metas de Realização o pioneiro sobre as Metas de Realização (Ames, 1992; J. G. Nicholls, 1984). Neste modelo,

foco da competência varia entre dois extremos: uma meta de maestria, que enfoca o desenvolvimento de competência e domínio de tarefas, ao passo que uma meta de desempenho (Performance) tem o enfoque na demonstração de competência em relação a outros. Ambos os objetivos de maestria e desempenho foram construídos como metas de aproximação, isto é, com tendência ao sucesso (Elliot & Hulleman, 2017). A partir do paradigma Aproximação-Evituação (Miller, 1944), Elliot e Harackiewicz (1996) estenderam o Modelo Dicotômico de Metas de Realização ao integrar a distinção Aproximação-Evituação dentro das metas de performance. Dessa forma, criou-se o Modelo Tricotômico de Metas de Realização, no qual as metas de performance foram bifurcadas em metas separadas: Performance-Aproximação e Performance-Evituação. A primeira foi conceituada em termos de esforço para demonstrar competência em relação aos outros, enquanto que a segunda foi conceituada em termos de esforço para evitar demonstrar incompetência em relação aos outros. As metas de maestria, por sua vez, permaneceram inalteradas em relação ao modelo dicotômico.

Em 2001, Elliot e McGregor alteraram o Modelo Tricotômico de Metas de Realização ao bifurcarem as metas de maestria também com o paradigma Aproximação-Evituação, transformando o modelo Modelo Tricotômico de Metas de Realização em Modelo 2×2 de Metas de Realização (Elliot & McGregor, 2001). Assim, as metas de Performance-Aproximação e Performance-Evituação permaneceram inalteradas em relação ao Modelo Tricotômico de Metas de Realização e as metas Maestria-Aproximação, conceituada em termos de esforço para demonstrar competência em relação aos atributos da tarefa ou à trajetória individual passada, e Maestria-Evituação, conceituada em termos de esforço para não demonstrar incompetência em relação aos atributos da tarefa ou à trajetória individual passada, foram adicionadas.

Dez anos mais tarde, Elliot, Murayama e Pekrun (2011) propuseram o modelo 3×2 de Metas de Realização em que a competência possui duas dimensões. Uma dimensão da competência é sua *orientação*, ou seja, em como ela é definida, podendo ter três referenciais: absoluto (os requisitos da tarefa), intrapessoal (o próprio desempenho atingido no passado) e normativo/interpessoal (o desempenho dos outros). Outra dimensão da competência é a sua *valência*, que pode ser construída em termos positivos ou negativos. A valência evoca predisposições comportamentais de aproximação quando positiva ou de evituação quando negativa (Elliot & McGregor, 2001; Elliot et al., 2011; McClelland et al., 1953). Ambas as dimensões – orientação e valência – devem ser consideradas como componentes necessários ao modelo 3×2 de Metas de Realização. Assim, conjugando os três tipos de orientação e os

dois tipos de valência da competência, tem-se o modelo 3×2 de Metas de Realização com seis tipos de metas: Tarefa-Aproximação, Tarefa-Evituação, Ego-Aproximação, Ego-Evituação, Outro-Aproximação e Outro-Evituação.

Emoções

A tendência em se aproximar ou em se afastar é evocada por interpretações situacionais em que diferentes emoções evocam tendências motivacionais distintas em relação à Aproximação e à Evituação (Conroy, 2017). Emoções são onipresentes em situações de realização e podem estar relacionadas às atividades de realização (i.e. estar numa competição) ou à projeção de seu efeito nesta situação (i.e. divertimento) ou à retrospecção de seu efeito em situação semelhante (i.e. alívio), sendo assim chamadas de Emoções de Realização (Pekrun, Elliot, & Maier, 2009). Entretanto, nem todas as emoções sentidas em situações de realização são Emoções de Realização. Para Pekrun (2017), emoções sociais (i.e. empatia) e emoções de reconhecimento (i.e. surpresa) são sentidas nos mesmos contextos, sobrepondo-se às Emoções de Realização, mas distintas delas porque o objeto de referência que as causa não é a realização. Nesse sentido, Emoções de Realização podem ser divididas de acordo com suas dimensões de valência e de ativação, construindo quatro categorias: positiva-ativação (i.e. alegria), positiva-deativação (i.e. alívio), negativa-ativação (i.e. raiva) e negativa-deativação (i.e. tédio). Emoções dessas quatro categorias podem influenciar vários mecanismos, tais como: efeitos subjacentes ao desempenho, a disponibilidade de recursos cognitivos permitindo que os indivíduos concentrem a atenção em tarefas de realização, interesse e motivação para executar essas tarefas, processos de memória e uso de estratégias cognitivas e metacognitivas para resolver problemas de tarefas, incluindo a auto-regulação de comportamento de realização (Pekrun, 2017, p. 254).

Para Elliot, Eder e Harmon-Jones (2013), a perspectiva motivacional do paradigma Aproximação-Evituação pode ser relacionada a dois tipos de conceitos de emoção. O primeiro é ligado aos processos avaliativos da estimulação, em que a decisão econômica do organismo entre os benefícios e prejuízos da Aproximação-Evituação instiga ou é influenciada por sensações. Contudo, não há consenso sobre a relação dos níveis e tipos de avaliação (considerando que há uma avaliação intrínseca e relativamente isolada da situação atual, bem como uma avaliação contextual que leva em consideração limitações ambientais e as necessidades e capacidades atuais do organismo) com as emoções. O segundo tipo são as emoções discretas que, mesmo com a diversidade de marcos teóricos, são ligadas à Aproximação e Evituação pela sua imaginada valência. Porém, ainda não é clara a relação, por

exemplo, da raiva com Aproximação e Evitação que, presumidamente, deveria estar ligada à Evitação por ser uma emoção negativa, mas que continuamente relaciona-se com Aproximação (Harmon-Jones, Harmon-Jones, & Price, 2013). Lane, Davis e Stanley (2014) indicam que, antes da competição, atletas preferem emoções de ativação, como raiva, ansiedade e excitação, elevadas. Assim, mesmo com muita convergência entre a perspectiva motivacional do paradigma Aproximação-Evitação com as emoções, há também algumas divergências.

A investigação sobre a atribuição de nomes a estados emocionais tem sido feita por diversos autores (e.g. Hanin, 2012; Lazarus, 2000; Nowlis, 1965). Engelmann (1978, 1986, 2001) pesquisou, no Brasil, as possibilidades de relatos verbais se referirem a estados subjetivos, mais especificamente a Estados de Ânimo. Para Engelmann (1978, 1986, 2002) Estado de Ânimo é um estado subjetivo que representa padrões fundamentais de funcionamento e orientação que afetam a atividade de uma pessoa. Nesse sentido, Engelmann (2002) argumenta que estudos que permitem a descrição de Estados de Ânimo por meio de relatos verbais podem identificar a variedade de estados subjetivos presentes no indivíduo que estão mais diretamente relacionados aos processos motivacionais e emocionais vinculado a uma ação.

O esporte e a Realização

A competição esportiva é uma situação de realização. No contexto esportivo, Motivo de Realização (Atkinson, 1964; McClelland, 1955; McClelland et al., 1953) é um aspecto motivacional que enfatiza o desejo dos atletas em aprimorar sua competência, aproveitar o sucesso, atingir objetivos pessoais e permite compreender como fatores pessoais e situacionais influenciam o indivíduo e seu comportamento (Conroy, 2017; Conroy & Hyde, 2012). O Motivo de Realização representa uma das abordagens mais sofisticadas e bem-integradas ao estudo da motivação humana com ênfase na importância das contribuições situacionais ao comportamento resultante das tendências (Cofer, 1980). Realização, no domínio esportivo, pode ser definida como “a obtenção de uma conquista ou consecução de uma meta pessoal ou socialmente valorizada que tenha significado para a pessoa em um contexto de atividade física ou esportiva (por exemplo, perder peso, melhorar uma habilidade, derrotar um oponente). A realização é subjetivamente definida, e o sucesso ou fracasso na obtenção da meta é um estado subjetivo com base na avaliação do participante do resultado de seu comportamento” (G. C. Roberts et al., 2007). No esporte, Motivo de Realização foi estudado em relação ao uso de doping (Chan et al., 2014), desempenho técnico (Elizur, 1986),

tendências de sucesso e fracasso de atletas (Bester, 2014), competência de atletas (Schantz & Conroy, 2009) e competência de treinadores (Lim, Mahat, Marzuki, & Khor, 2014).

Gustafsson, Sagar, e Stenling (2017) avaliaram que o medo do fracasso vivenciado por atletas adolescentes podem ter implicações significativas ao longo da carreira como problemas no controle do estresse, maior ansiedade e emoções negativas. Sagar, Lavallee, e Spray (2009) relatam que o medo do fracasso aumentou as preocupações negativas (ansiedade, estresse, tensão e desmotivação) de jovens atletas. A revisão de Roberts et al. (2007) mostra uma tabela de relações entre os fatores do modelo 2×2 de Metas de Realização com outras dimensões motivacionais, emoções, comportamentos, inteligência e apego. Os fatores de Aproximação do modelo 2×2 de Metas de Realização estão relacionados ao Motivo de Realização, mas os fatores de Evitação do mesmo modelo não estão relacionados ao Motivo de Realização. Os fatores de Performance do modelo 2×2 de Metas de Realização e o fator Maestria-Evitação (que no modelo 3×2 de Metas de Realização é dividido em Tarefa-Evitação e Ego-Evitação) foram relacionados ao medo do fracasso e o fator Maestria-Aproximação (que no modelo 3×2 de Metas de Realização é dividido em Tarefa-Aproximação e Ego-Aproximação) não possui qualquer relação com o medo do fracasso. Emoções positivas foram relacionadas somente ao fator Maestria-Aproximação (ver também M. Zhou, 2016) e as emoções negativas somente aos fatores de Performance. Em suma, Roberts et al. (2007) reforçam a noção de que as metas de Performance (que no modelo 3×2 de Metas de Realização são transformadas em metas ligadas ao Outro) levam ao baixo investimento na tarefa, influenciam negativamente o desempenho e a satisfação e o prazer são menores. Por outro lado, metas de Maestria (que no modelo 3×2 de Metas de Realização são transformadas em metas ligados à Tarefa e ao Ego) possuem funções adaptativas, levam à otimização do desempenho e maior grau de satisfação de si e do contexto.

Mascaret, Elliot e Cury (2015) estenderam o modelo 3×2 de Metas de Realização ao contexto esportivo competitivo, desenvolvendo e validando o *3×2 Achievement Goal Questionnaire for Sport* (3×2 AGQ-S). Os autores aplicaram este questionário, relacionando os dados obtidos com dados de outros instrumentos que mediam outros constructos (teorias implícitas de motivação, competência percebida e interesse), testando também a estrutura fatorial e as propriedades psicométricas do 3×2 AGQ-S. Em comparação a outros modelos de Metas de Realização, os autores concluem que os dados se ajustaram mais ao modelo proposto (3×2 de Metas de Realização), justificando assim a mudança de paradigma do modelo 2×2 de Metas de Realização para o 3×2 de Metas de Realização no contexto esportivo. Tais dados são corroborados por Wang, Liu, Sun e Chua (2017) em um estudo com

atletas universitários asiáticos de Singapura e por Madigan, Stoeber e Passfield (2017) demonstrando que o 3×2 AGQ-S é uma medida válida e confiável. Não foi encontrada nos bancos de dados de pesquisa disponíveis no Brasil e em Portugal uma versão em português desse questionário, nem sua validação no contexto esportivo brasileiro, português ou lusófono.

O Motivo de Realização (Atkinson, 1964; McClelland, 1955; McClelland et al., 1953) e as Metas de Realização (Elliot et al., 2011; Mascaret et al., 2015), se interseccionam no ponto em que tratam da meta a ser alcançada, bem como as estratégias psicológicas para a realização desses objetivos. Apesar de o nível de aspiração individual ter sido abandonada ao longo do tempo nos estudos sobre Motivação relacionada à realização, Janke e Dickhauser (2019) indicam que as aspirações da vida fundamentam as orientações para atingir objetivos dentro da teoria da Metas de Realização. Além disso, tanto a *Ray-Lynn AO Scale* (Ray, 1979) e o *3×2 Achievement Goal Questionnaire for Sport* (Mascaret et al., 2015) são instrumentos de fácil aplicação, porém não possuem adaptação para sua aplicação no contexto esportivo brasileiro.

O esporte e os Estados de Ânimo

Os Estados de Ânimo pré-competitivos também têm sido investigados no esporte com a aplicação da Lista de Estados de Ânimo Presentes – LEAP (Engelmann, 1986, 2001), relacionando estes estados a desempenho técnico, localidade da competição, posição de jogo, gênero dos atletas, liderança, categorias comportamentais, decurso temporal das competições e fase do campeonato (Bueno & Di Bonifácio, 2007, 2009; Bueno & Souza, 2019; Di Bonifácio, 2006, 2013; Dias-Silva, 2013; Nogueira, 2009; Picoli, 2016; Silva, 2013, 2017; V. C. Souza, 2011, 2014, 2019). A Lista de Estados de Ânimo Presentes (Engelmann, 1986) é uma lista com 40 locuções escritas na primeira pessoa do singular, que se referem a Estados de Ânimo, tendo ao lado de cada locução uma escala com graus de intensidade. Engelmann (1978, 1986, 2001) realizou um estudo empregando análise fatorial das locuções da LEAP, conforme o valor hedônico e o grau de ativação atribuído a elas pelos participantes, buscando mostrar uma característica de aproximação dos relatos verbais e suas correspondentes locuções de Estados de Ânimo presentes. Assim, as 40 locuções foram distribuídas e agrupadas em 12 fatores. Este instrumento permite a mensuração da presença de Estados de Ânimo do indivíduo no momento em que está sendo respondida. A LEAP (Engelmann, 1986) também é um instrumento de fácil aplicação, respondida de forma precisa e que tem

apresentado resultados regulares nos estudos em que tem sido empregada. Porém, a LEAP ainda não foi aplicada em atletas de modalidades individuais.

Características das modalidades esportivas e o gênero dos atletas

Gonzalez (2004) apresenta um Sistema de Classificação de Esportes, desenvolvido com base nos critérios de cooperação, relação de oposição com o adversário e tipo de ambiente onde se realiza a prática esportiva. Nesse sistema produzido por Gonzalez (2004), é possível identificar modalidades individuais “quando o sujeito participa sozinho durante a ação esportiva total (duração da prova, do jogo), sem a participação colaborativa de um colega, e em esportes coletivos, quando as modalidades exigem, pela sua estrutura e dinâmica, a coordenação das ações de duas ou mais pessoas para o desenvolvimento da atuação esportiva”.

Aspectos distintos das modalidades esportivas podem afetar o desempenho dos atletas. Woodman e Hardy (2003) apontam que pode haver mais pressão e exposição pessoal em esportes individuais que em esportes coletivos. Gonçalves e Belo (2007) avaliaram com o *Sport Competition Anxiety Test* (Martens, 1977) que a ansiedade-traço em atletas difere dependendo de a modalidade ser individual ou ser coletiva. Brandt (2012) mostra que os estados de humor pré-competitivos avaliados com o *Profile of Mood States* – POMS (McNair, Lorr, & Droppelman, 1971; W. P. Morgan, 1980) diferem em atletas de modalidades individuais e coletivas. Apesar de ser uma distinção fundamental, poucos estudos investigaram diferenças entre atletas em função do tipo de modalidade esportiva (Landkammer, Winter, Thiel, & Sassenberg, 2019).

Elliot (1999) argumenta que o gênero também pode influenciar a adoção de metas no esporte. Mulheres – independentemente de serem atletas individuais ou de esportes coletivos – são mais propensas a sentir ansiedade do que homens em ambientes competitivos (Stenling, Hassmén, & Holmström, 2014). Morris e Kavussanu (2008) mostram que atletas universitários homens e mulheres diferem em suas Metas de Realização (baseadas no modelo 2×2 de Metas de Realização), sendo mais provável homens adotarem a meta Maestria-Aproximação do que mulheres e mulheres adotarem mais a meta Maestria-Evitância que homens. Concluíram também que as mulheres sentem um medo do fracasso maior na comparação com os homens e reforçam ainda a necessidade de considerar o gênero dos atletas nos estudos sobre Motivação ligada à competência no esporte. Ridgers, Fazey e Fairclough (2007) apontam que as mulheres tendem a subestimar sua competência, enquanto os homens tendem a superestimar as deles e isso pode produzir diferentes níveis de ansiedade. Bueno e

Di Bonifácio (2007) relatam que mulheres atletas de voleibol tendem a expressar maior quantidade de Estados de Ânimo pré-competitivos do que homens atletas de voleibol. Por sua vez, homens atletas de voleibol expressam mais raiva do que mulheres atletas de voleibol, principalmente nas fases finais de uma competição.

Relações entre Motivação e Estados de Ânimo no esporte

Bueno e Di Bonifácio (2007, 2009), Picoli (2016) e Souza (2011, 2014) discutem componentes motivacionais presentes na situação pré-competitiva, variando sua intensidade em relação à fase do campeonato, nível do adversário, desempenho técnico e resultado do jogo. Os elementos motivacionais contidos nas locuções da LEAP (Engelmann, 1986), também mostram uma sobreposição entre aspectos motivacionais e Estados de Ânimo, denotando a importância de se estudar sistematicamente a relação entre estes aspectos com instrumentos precisos e indicadores específicos de cada aspecto. Picoli (2016) mostra que os Estados de Ânimo de atletas são dinâmicos e variam no transcorrer da sequência de jogos e treinos, em padrões específicos, incluindo o Fator VII (Interesse) da LEAP que é ligado a aspectos motivacionais. Hagan et al. (2017b) mostram que o gênero pode moderar o padrão temporal de respostas emocionais (ligadas à ansiedade) de atletas ao longo de um período competitivo.

Investigar a dinâmica dos aspectos motivacionais é fundamental para ampliar o entendimento sobre o comportamento humano em um contexto esportivo (G. C. Roberts et al., 2007). Holden, Pugh e Schwarz (2017) sugerem que pesquisas sobre motivação no esporte poderiam examinar se existem diferenças identificáveis na motivação dos atletas ao longo de uma temporada, considerando o gênero e o tipo de modalidade esportiva. Estudar a relação entre os aspectos motivacionais e Estados de Ânimo de atletas brasileiros com instrumentos precisos e aplicáveis, desde que consideradas as diferenças de gênero e do tipo de modalidade e, também, o decurso temporal durante um período de competição, é fundamental para a contínua ampliação do sistema conceitual dos estados subjetivos de atletas.

Assim, o presente trabalho teve por objetivo a caracterização e correlação dos Estados de Ânimo presentes, os níveis de Motivo de Realização e as Metas de Realização de atletas brasileiros de alto rendimento no período pré-competitivo, comparando-os em função do gênero e do tipo de modalidade esportiva (individual ou coletiva) praticada. Também foi analisado como tais aspectos se dão ao longo de um período competitivo, considerando desde o último treino antes da competição até sua partida final, em uma equipe masculina de uma modalidade coletiva. Para isso ter sido possível, a *Ray-Lynn AO Scale* (Ray, 1979) e o 3×2

Achievement Goal Questionnaire for Sport (3×2 AGQ-S) foram adaptados ao contexto esportivo brasileiro para a mensuração do nível de Motivo de Realização e das Metas de Realização dos atletas, respectivamente.

O presente trabalho está dividido em quatro estudos, cada qual referente aos passos necessários à consecução dos objetivos anunciados acima. Estes estudos estão escritos em formato de publicação e, portanto, alguns estudos e citações presentes na apresentação poderão aparecer novamente, de forma mais específica ou detalhada nas introduções de cada estudo. Dessa forma, o Estudo 1 mostra a adaptação transcultural e a validação da *Ray-Lynn AO Scale* ao contexto esportivo brasileiro, o Estudo 2 mostra a adaptação transcultural e a validação da 3×2 *Achievement Goal Questionnaire for Sport* ao contexto esportivo brasileiro, o Estudo 3 apresenta a caracterização e as relações entre Motivo de realização, Metas de Realização e Estados de Ânimo pré-competitivos de atletas em função do gênero e do tipo de modalidade esportiva praticada e o Estudo 4 apresenta a caracterização e as relações entre Motivo de Realização, Metas de Realização e Estados de Ânimo pré-competitivos de atletas de uma modalidade coletiva ao longo de um período competitivo.

Considerações Éticas

Todos os participantes, em cada Estudo, foram informados sobre sua participação voluntária por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Anexos A, D, G e J). Quando menor de idade, o TCLE era apresentado e assinado pelo responsável do participante, autorizando sua participação na pesquisa (Anexos B, E, H e K). O participante menor de idade, assentindo participar voluntariamente da pesquisa, assinava o Termo de Assentimento (Anexos C, F, I e L). O projeto de pesquisa contendo os estudos a seguir foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (Humanos) da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto/SP da Universidade de São Paulo, obtendo aprovação em 30/08/2016 (Nº CAAE 57798516.6.0000.5407).

Adaptação Transcultural e Validação da *Ray-Lynn AO Scale* ao Contexto Esportivo Brasileiro (Estudo 1)

Motivo de Realização (*Achievement Motivation*) é definido por Murray (1938) como o esforço de uma pessoa para dominar uma tarefa, ter melhor desempenho que outros, alcançar excelência, superar obstáculos e orgulhar-se de seu talento. É a preocupação em atingir um padrão de excelência (Atkinson, 1964; Cofer, 1980; McClelland et al., 1953). Estudos pioneiros nessa área tinham o enfoque de entender os processos motivacionais em contextos em que as tarefas tinham relação com a realização, como o mundo do trabalho (McClelland, 1955; McClelland et al., 1949).

Atkinson (1964) postulou que o nível individual de Motivo de Realização, chamado de nível de realização, é o resultante entre a tendência da busca pelo sucesso subtraída da tendência ao medo do fracasso. Revelle e Michaels (1976) revisaram o extenso trabalho de Atkinson e colaboradores sobre Motivo de Realização e apontaram sete postulados de toda a teoria descritos a seguir: (1) A tendência em se engajar em atividades orientadas à realização é uma função multiplicativa do motivo para buscar o sucesso, do valor de incentivo ao sucesso nesta atividade e a probabilidade subjetiva de completar a atividade com sucesso, (2) O valor de incentivo de uma tarefa de realização é igual ao complemento da probabilidade de sucesso, sendo, então, o valor de incentivo de uma tarefa de realização igual à probabilidade de fracasso nesta tarefa, (3) A tendência em evitar se engajar em uma tarefa que pode resultar em fracasso é uma função multiplicativa da força do motivo de evitar o fracasso, do valor (negativo) de incentivo ao fracasso e da probabilidade de fracasso, (4) O valor de incentivo de fracasso é igual à negativa probabilidade de sucesso, (5) A tendência resultante para se engajar em uma tarefa de realização é uma soma algébrica da tendência em se engajar em uma tarefa de realização, da tendência em evitar se engajar em uma tarefa que pode resultar em fracasso e outras tendências motivacionais extrínsecas; (6) A motivação induzida pela meta definitiva é a soma das motivações induzidas por cada meta separada e, (7) Uma tendência de ação, uma vez suscitada, irá persistir até se expressar em comportamento. Para Cofer (1980) o Motivo de Realização é uma das abordagens mais sofisticadas e bem integradas ao estudo da motivação humana com ênfase na importância das contribuições situacionais ao comportamento resultante das tendências.

Para medir o nível de realização das pessoas, uma forma modificada do Teste de Apercepção Temática (TAT) foi proposta por Morgan e Murray (1935). O procedimento desse teste projetivo modificado é solicitar que os sujeitos escrevam uma história a partir de várias imagens apresentadas, tendo quatro questões centrais nas quais baseá-la (McClelland,

1955; McClelland et al., 1949). No entanto, esse método apresentou limitações como forma de acesso ao nível de realização por sua falta de critério na pertinência dos elementos das histórias aos objetivos a mensuração dos mesmos como indicativos para definição do nível de realização de um indivíduo, sendo inclusive variável entre experimentadores (Ray, 1974, 1975, 1979). Apesar dessas limitações, medidas projetivas têm sido ainda utilizadas como forma de acesso ao motivo de realização implícito ou nível de realização (e.g. Mazeres, Brinkmann, & Richter, 2019).

Outros instrumentos, de caráter objetivo, foram desenvolvidos com base em autorrelatos e escalas para medir o nível de realização e utilizados até hoje como, por exemplo, o *Achievement Motivation Inventory* (Byrne et al., 2004), o *Achievement Motivation Profile* (Friedland, Mandel, & Marcus, 1996) e o *Unified Motive Scales* (e.g. Stussi et al., 2019). O *Achievement Motivations Scale for Sporting Environments* (e.g. Holden et al., 2017) é uma escala elaborada para medir a busca pelo sucesso e a evitação do fracasso em atletas durante sessões de treinamento e competição e que possui 68 itens divididos em seis fatores.

Com fundamentos nos trabalhos de Lynn (1969), Ray (1971, 1979) desenvolveu a escala denominada *Ray-Lynn AO Scale* com 14 itens para a avaliação do nível de Motivo de Realização geral de uma pessoa. Esta escala foi elaborada com os dados obtidos populações britânicas (Reino Unido) e países da *Commonwealth* (Austrália e África do Sul), apresentando um nível de confiabilidade alta e de fácil aplicabilidade, principalmente por ser formulada em poucos itens (Ray, 1979). No entanto, Lindgren, Moristch, Thulin e Mich (1986) e Ward (1990) não conseguiram replicar tal confiabilidade da *Ray-Lynn AO Scale*.

Apesar das controvérsias, *Ray-Lynn AO Scale* (Ray, 1979) tem sido utilizada em diversos estudos, especialmente no contexto organizacional. Mazzetti, Schaufeli e Guglielmi (2014) observaram que um ambiente organizacional que possui um clima de sobrecarga promove a compulsão de trabalho (*Workaholism*), especialmente em pessoas com alto grau de motivo de realização, medida com a *Ray-Lynn AO Scale* com 10 itens. Ozbilir, Day e Catano (2015) utilizaram a *Ray-Lynn AO Scale* com 14 itens comparando o nível de realização entre trabalhadores canadenses e turcos em relação ao perfeccionismo adaptativo ou mal adaptativo. Păunescu e Cantaragiu (2012) compararam empreendedores e gestores romenos relacionando Motivo de Realização medido com a *Ray-Lynn AO Scale* de 18 itens e tomada de decisão arriscada no contexto de negócios. Pássaro e Bueno (2016) traduziram a *Ray-Lynn AO Scale* para o português, denominando-a Escala Ray-Lynn AO de 14 itens em seu estudo sobre a relação entre o nível de Motivo de Realização de universitários brasileiros e suas escolhas intertemporais econômicas. Neste estudo de Pássaro e Bueno (2016) não foi

identificada influência do nível de Motivo de Realização dos participantes em suas escolhas intertemporais econômicas.

No contexto esportivo, Motivo de Realização é uma teoria motivacional que enfatiza o desejo dos atletas em aprimorar sua competência, aproveitar o sucesso, atingir objetivos pessoais e permite compreender como fatores pessoais e situacionais influenciam o indivíduo e seu comportamento (Vealey, 2007; Weinberg & Gould, 2016). Medidas de nível de realização de atletas podem auxiliar na compreensão das expectativas acerca da carreira esportiva, engajamento em melhorar o rendimento esportivo, ações e reações dentro do ambiente esportivo que influenciam a preparação esportiva e tomadas de decisão. Embora a *Ray-Lynn AO Scale* (ver Anexo M) tenha sido utilizada em diversos estudos no exterior, não têm sido encontrados estudos sobre nível de realização de atletas medidos com essa escala, nos bancos de dados de pesquisa disponíveis no Brasil. Assim, o presente estudo tem por objetivo a adaptação e validação da *Ray-Lynn AO Scale* ao contexto esportivo brasileiro, examinando suas propriedades psicométricas e revisando a tradução de Pássaro e Bueno (2016).

Método

Participantes

Participaram voluntariamente neste estudo 211 atletas brasileiros com média de idade de 25,4 anos (DP= 8.72). Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da instituição dos autores². A Tabela 1.1 mostra o detalhamento da amostra em relação ao gênero e à modalidade esportiva praticada.

Tabela 1.1

Participantes Agrupados por Gênero e Modalidade Esportiva.

Modalidade	Masculino	Feminino	Total
Handebol	16	17	33
Futebol	0	25	25
Voleibol	13	21	34
Rugby	36	1	37
eSports (LOL)	10	0	10
Xadrez	1	1	2
Ciclismo	10	2	12
Powerlifting	42	16	58
Total	128	83	211

² CAAE nº 57798516.6.0000.5407

Instrumento

A *Ray-Lynn AO Scale* (Ray, 1979) foi adaptada para a língua portuguesa, revisada e re-traduzida de acordo com as considerações sobre validação e adaptação transcultural de instrumentos de medidas psicológicas de Borsa, Damásio e Bandeira (2012). Assim, a versão produzida após essas fases de adaptação da *Ray-Lynn AO Scale* (ver Apêndices A, B, C, D, E, e F) foi nomeada, neste estudo, de Escala Ray-Lynn, alterando o nome dado por Pássaro e Bueno (2016). Os itens desta escala estão descritos na Tabela 1.2.

Tabela 1.2

Itens da Escala Ray-Lynn

1. Estar em minha zona de conforto é mais importante do que desenvolver novas habilidades
2. Jamais estarei satisfeito em não ser o melhor nas minhas atividades
3. Gosto de contribuir com melhorias no funcionamento do local onde realizo minhas atividades
4. Me preocupo em cultivar relacionamentos com pessoas que possam me ajudar em minha carreira
5. Fico impaciente e chateado quando sinto que estou perdendo tempo
6. Me esforço ao máximo para estar entre os melhores da minha modalidade
7. Prefiro treinar e ir às competições com um(a) parceiro(a) agradável, mas incompetente a treinar e ir às competições com um(a) parceiros(a) desagradável, mas competente
8. Planejo minhas atividades e minha carreira com antecedência
9. Ser bem-sucedido é importante para mim
10. Sou uma pessoa ambiciosa
11. Presto mais atenção no sucesso dos outros do que trabalho para o meu próprio sucesso
12. Sou uma pessoa preguiçosa
13. Os dias passam sem que eu tenha feito algo útil
14. Costumo aceitar a vida como ela é, sem planejá-la

Procedimento

Os atletas participantes responderam voluntariamente à Escala Ray-Lynn (Apêndice F) em seu contexto esportivo (local reservado no ambiente de treinamento ou competição), cerca de uma hora antes do início da sessão de treinamento ou da competição. Os questionários foram impressos em folha A4 e entregues aos atletas. Foram dadas instruções para o preenchimento em que os atletas deveriam marcar em uma escala tipo likert de cinco pontos de 1 (discordo totalmente) a 5 (concordo totalmente) o grau de concordância com a frase expressa em cada item do questionário. Pranchetas para apoio e canetas para preenchimento das respostas também foram utilizadas.

Análise de Dados

Foi conduzida uma Análise Fatorial Confirmatória (AFC) da estrutura fatorial proposta no trabalho de Ray (1979). Os dados também foram comparados a modelos alternativos de Motivo de Realização a fim de testar o ajuste do modelo proposto, sua validade e consistência interna. Os modelos testados foram: (1) o modelo original baseado no

trabalho de Ray (1979), com apenas um fator carregando todos os itens; (2) um modelo com dois fatores, sendo um representando a tendência à busca pelo sucesso e o outro representando a tendência à evitação do fracasso, preconizado por Atkinson (1964, Capítulo 9); (3) um modelo com um fator de segunda ordem representando o motivo de realização e dois fatores de primeira ordem, um deles representando a tendência à busca pelo sucesso e o outro representando a tendência à evitação do fracasso e; (4) um modelo com três fatores, sendo um fator de necessidade de realização, um fator de necessidade de afiliação e um fator de necessidade de poder, conforme preconizado por McClelland (1987), assemelhando-se ao proposto pela Teoria das Necessidades Básicas de Deci e Ryan (2012). A Tabela 1.3 mostra quais dentre os itens da Escala Ray-Lynn estão carregados em cada fator. Os critérios adotados no presente estudo para definir um bom ajuste de modelo foram sumarizados por Schumacker e Lomax (2016, p. 112), quais sejam: χ^2/gl menor que 3,0; GFI (*Goodness-of-fit Index*), TLI (*Tucker-Lewis Index*), NFI (*Normed Fit Index*) e CFI (*Comparative Fit Index*) maiores que 0,90 e o RMSEA (*Root-Mean-Square Error of Approximation*) entre 0,05 e 0,08.

Tabela 1.3

Modelos de Motivo de Realização Testados com seus Respectivos Fatores e Itens

Modelo	Fatores	Itens
Ray (1979)	Motivo de Realização	Todos
2 Fatores	Busca pelo Sucesso	2, 3, 4, 5, 6, 8, 9, 10
	Evitação do Fracasso	1, 7, 11, 12, 13, 14
1 Fator de 2ª ordem + 2 Fatores de 1ª ordem	Motivo de Realização	Busca pelo Sucesso
		Evitação do Fracasso
	Necessidade de Realização	2, 3, 4, 5, 6, 8, 9, 10
		1, 7, 11, 12, 13, 14
3 Fatores	Necessidade de Realização	2, 5, 6, 9, 10, 12, 13, 14
	Necessidade de Afiliação	4, 7, 11
	Necessidade de Poder	1, 3, 8

A consistência interna foi medida pelo cálculo da confiabilidade compósita (CC) e Variância Média Extraída (VEM) para cada fator dos modelos testados, adotando-se os critérios estabelecidos por Hair, Black, Babin, Anderson e Tatham (2009) de um limite mínimo de 0.7 para a confiabilidade compósita e de 0.5 para a Variância Média Extraída (VEM). Para testar a invariância dos modelos com melhor ajustamento, foi realizada uma Análise Multigrupos comparando os modelos com melhor ajustamento em função do gênero dos participantes, do tipo de modalidade (individual ou coletiva) e contexto de resposta (sessão de treinamento ou competição). Todos os cálculos foram realizados com o auxílio dos *softwares* IBM® SPSS® for Windows™ 25.0 e IBM® SPSS® Amos.

Resultados

Análise Fatorial Confirmatória, estatística descritiva e consistência interna

Testou-se a estrutura fatorial conforme proposto pelo modelo unidimensional preconizado por Ray (1979) e também a estrutura fatorial dos três modelos alternativos, gerando a solução a partir da máxima verossimilhança. Os resultados das AFC de cada um dos modelos estão mostrados na Tabela 1.4.

Considerando os critérios adotados no presente estudo, nenhum dos modelos apresentou, numa primeira análise, índices satisfatórios de ajustamento. Nota-se, no entanto, que tanto o modelo com dois fatores quanto o modelo com um fator de segunda ordem e dois fatores de primeira ordem atingiram os melhores índices de ajuste na comparação com os outros modelos. Seguidamente, ambos os modelos foram alterados retendo-se apenas os itens com pesos fatoriais acima de 0,4 e também relacionando os erros com índices de modificação maiores que 10,0 de acordo com as sugestões pelo *software* IBM® SPSS® Amos 25.0 para que os índices de ajustamento dos modelos satisfizessem os critérios adotados. Os índices de ajustamento de cada modelo com tais modificações estão mostrados também na Tabela 1.4. Os modelos com ajustes e seus respectivos pesos fatoriais estão mostrados nas Figuras 1.1 e 1.2.

Observa-se, após realizadas as modificações, que o modelo com um fator de segunda ordem e dois fatores de primeira ordem (modelo nº 3ª na Tabela 1.5) atingiu os melhores índices de ajustamento, não satisfazendo somente o critério adotado para o NFI. Além disso, como mostrado na Figura 1.1, o referido modelo possui 10 itens, sendo cinco itens por cada fator de primeira ordem, enquanto o modelo com dois fatores (modelo nº 2ª na Tabela 1.5) possui oito itens, sendo três para um fator e cinco para o outro.

As médias, desvios-padrão, coeficientes de confiabilidade composta, variância média extraída dos modelos testados estão mostrados na Tabela 1.5. Verifica-se que o fator “Evitação do Fracasso” dos modelos ajustados atingiu o critério adotado no presente estudo para CC, mas não para VEM. Nenhum dos outros modelos testados atingiu o critério estabelecido no presente estudo para o CC e VEM.

Tabela 1.4

Índices de ajustamento entre o Modelo Unidimensional Preconizado por Ray (1979) e Três Modelos Alternativos de Motivo de Realização.

Modelo	χ^2	df	χ^2/df	RMSEA	RMSEA 90%CI (LO-HI)	GFI	CFI	NFI	TLI
1. Ray (1979)	284,228*	77	3,691	0,113	0,099-0,127	0,815	0,526	0,461	0,439
2. Dois Fatores	180,236*	76	2,372	0,081	0,066-0,096	0,898	0,761	0,658	0,714
3. Um Fator (2ª) + Dois Fatores (1ª)	180,236*	76	2,372	0,081	0,066-0,096	0,898	0,761	0,658	0,714
4. Três Fatores	280,983*	74	3,797	0,115	0,101-0,130	0,817	0,526	0,468	0,417
2ª. Dois Fatores com ajustes	116,293*	71	1,638	0,055	0,036-0,073	0,931	0,896	0,780	0,867
3ª. Um Fator (2ª) + Dois Fatores (1ª) com ajustes	55,544	31	1,792	0,061	0,034-0,087	0,950	0,933	0,864	0,902

Legenda: * $p < .001$; χ^2 = qui-quadrado; df = Grau de liberdade; RMSEA = Root-Mean-Square Error of Aproximation; GFI = Goodness-of-fit Index; TLI = Tucker-Lewis Index; NFI = Normed Fit Index; CFI = Comparative Fit Index.

Tabela 1.5

Estatísticas descritivas, Consistência interna e Intercorrelações para os Modelos de Motivo de Realização Testados.

Modelo	Fator	M	DP	CC	VEM	Assimetria	Curtose	1	2
1.Ray (1979)	Único	3,92	0,49	0,630	0,151	-0,373	0,202	--	--
2.Dois Fatores	1. Busca pelo Sucesso	3,95	0,57	0,625	0,184	-0,463	0,004	--	--
	2. Evitação do Fracasso	3,88	0,76	0,706	0,311	-0,931	1,316	0,668*	--
3.Um Fator (2ª) + Dois Fatores (1ª)	1.(2ª ordem) Motivo de Realização	3,91	0,51	0,39	0,243	-0,423	0,164	--	--
	2.(1ª ordem) Busca pelo Sucesso	3,95	0,57	0,63	0,191	-0,463	0,004	0,678*	--
	3.(1ª ordem) Evitação do Fracasso	3,88	0,76	0,70	0,312	-0,931	1,316	0,834*	0,159**
4.Três Fatores	1. Necessidade de Realização	3,87	0,59	0,530	0,177	-0,446	0,300	--	--
	2. Necessidade de Afiliação	3,83	0,70	0,103	0,048	-0,349	-0,150	0,122*	--
	3. Necessidade de Poder	4,14	0,66	0,164	0,080	-0,759	0,436	0,373*	0,108*
2ª. Dois Fatores com ajustes	1. Busca pelo Sucesso	4,01	0,74	0,571	0,308	-0,723	0,375	--	--
	2. Evitação do Fracasso	4,01	0,82	0,73	0,363	-1,095	1,516	0,217*	--
3ª. Um Fator (2ª) + Dois Fatores (1ª) com ajustes	1.(2ª ordem) Motivo de Realização	3,99	0,58	0,12	0,067	-0,439	0,027	--	--
	2.(1ª ordem) Busca pelo Sucesso	3,97	0,65	0,60	0,240	-0,628	0,241	0,719*	--
	3.(1ª ordem) Evitação do Fracasso	4,01	0,82	0,73	0,363	-1,095	1,516	0,835*	0,217*

Legenda: * $p < .001$, ** $p < .05$ M = Média; DP = Desvio-Padrão; CC = Confiabilidade composta ; VEM= Variância Média Extraída

Tabela 1.6

Análise Multigrupos para o Modelo com Um Fator de Segunda Ordem e Dois Fatores de Primeira Ordem com Ajustes.

Modelo	Comparação	Invariância	χ^2	df	p<	$\Delta\chi^2$	Δdf	P	CFI	ΔCFI	RMSEA
Um Fator (2ª) + Dois Fatores (1ª) com ajustes	Gênero (Feminino vs Masculino)	Configural	29,839	8	0,001			0,001	0,919		0,050
		Pesos Fatoriais	29,928	9	0,001	0,089	1	0,001	0,866	-0,053	0,061
		Estrutural	30,074	11	0,001	0,235	3	0,002	0,868	-0,055	0,060
		Residual	62,161	24	0,001	32,322	16	0,001	0,873	-0,046	0,058
	Modalidade (Coletiva vs. Individual)	Configural	6,911	8	0,001			0,546	0,923		0,049
		Pesos Fatoriais	6,915	9	0,001	0,004	1	0,646	0,922	-0,001	0,046
		Estrutural	15,032	11	0,001	8,121	3	0,181	0,922	-0,001	0,045
		Residual	46,741	24	0,001	39,830	16	0,004	0,918	-0,005	0,048
	Contexto (Treino vs. Competição)	Configural	8,468	8	0,001			0,389	0,909		0,051
		Pesos Fatoriais	8,475	9	0,001	0,006	1	0,487	0,907	-0,002	0,048
		Estrutural	8,916	11	0,001	0,448	3	0,630	0,910	0,001	0,047
		Residual	27,708	24	0,001	19,240	16	0,273	0,914	0,005	0,045

Nota. Assumindo que o modelo livre (configural) está correto.

Legenda: χ^2 = qui-quadrado; df = Grau de liberdade; CFI = *Comparative Fit Index*; RMSEA = *Root-Mean-Square Error of Aproximation*.

Figura 1.1. Modelo Ajustado da Escala Ray-Lynn com Dois Fatores (nº2ª na Tabela 1.5)

Figura 1.2. Modelo Ajustado da Escala Ray-Lynn com Dois Fatores de Primeira Ordem e Um Fator de Segunda Ordem (nº3ª na Tabela 1.5).

Tendo em vista que a *validade interna convergente* é o grau em que duas medidas do mesmo conceito estão correlacionadas, sendo observada a partir dos critérios adotados para a Variância Média Extraída (VEM) maior ou igual a 0,5 como um indicador resumido de convergência (Hair et al., 2009), temos que somente o fator “Evitação do fracasso” apresenta tal validade. A *validade discriminante* é grau em que um construto é verdadeiramente diferente dos demais, sendo determinada quando as correlações entre fatores são inferiores às raízes quadradas da VEM de cada fator. Assim, temos que $\sqrt{VEM_{\text{Busca pelo sucesso}}} = 0,489$; $\sqrt{VEM_{\text{Evitação do fracasso}}} = 0,602$; $\sqrt{VEM_{\text{Motivo de Realização}}} = 0,258$. Comparando-se os dados, nota-se que somente a correlação entre Busca pelo Sucesso e Evitação do Fracasso ($= 0,217$) é inferior às raízes quadradas, mas não entre Busca pelo Sucesso e Motivo de Realização ($=$

0,719) e Evitação do Fracasso e Motivo de Realização (= 0,835), não garantindo a validade discriminante dos fatores.

Análise Fatorial Multigrupos

Resultante da análise confirmatória anterior, verificou-se a invariância do modelo mostrado na Figura 1.2 (Modelo ajustado da Escala Ray-Lynn com dois fatores de primeira ordem e um fator de segunda ordem). Os resultados estão mostrados na Tabela 1.6. O modelo testado apresentou variância para os grupos masculino e feminino quando se comparou o modelo livre com o modelo de pesos fatoriais fixos ($\Delta\chi^2=0,089$; $p= 0,001$), modelo livre com o modelo com variâncias fixas ($\Delta\chi^2=0,235$; $p= 0,002$) e modelo livre com o modelo resíduos fixos ($\Delta\chi^2=32,322$; $p= 0,001$). Esses dados mostram que atletas do gênero masculino e do feminino não respondem aos itens de forma semelhante. As mesmas comparações entre os modelos foram feitas também para os diferentes tipos de modalidades (coletiva e individual) e para os diferentes contextos de aplicação (treino e pré-competição). Essas comparações apresentaram invariância (ver Tabela 1.6), apontando que atletas das diferentes modalidades parecem interpretar aos itens de forma semelhante e que o contexto de aplicação pode não ter influência na forma como os participantes responderam à escala.

Discussão

Os resultados mostraram que o modelo de fator único preconizado por Ray (1979) teve um ajuste pior que os dois modelos alternativos. No entanto, nenhum dos modelos alternativos testados no presente estudo atingiu satisfatoriamente os critérios de ajustamento de modelo. O artigo original da Escala Ray-Lynn (i.e. Ray, 1979) não traz índices de ajuste de uma estrutura fatorial. Isso pode ser devido ao fato de que tais cálculos são relativamente recentes nas Ciências Sociais e Humanas (Hair et al., 2009). A estrutura fatorial com melhor ajustamento encontrada é semelhante ao que foi proposta por Atkinson (1964).

Considerando a estrutura fatorial ajustada do modelo com um fator de segunda ordem e dois fatores de primeira ordem, quatro itens foram retirados por terem pesos fatoriais menores que 0,4. A escala de 10 itens testada por Ray (1979) foi elaborada considerando que uma avaliação com 14 itens poderia parecer demasiadamente longa em uma aplicação “de porta em porta”, como a realizada em seu estudo. Os quatro itens excluídos foram os que apresentaram as menores correlações item-total. Coincidentemente, três dos quatro itens retirados por Ray (1979) para fazer a escala com 10 itens também foram retirados no presente estudo como forma de modificação a fim de melhorar o ajustamento do modelo. Entretanto,

tal modelo modificado não se apresentou com boa confiabilidade e também apresentou correlações entre erros de itens de diferentes fatores, mostrando que tais itens podem estar sofrendo influência dos mesmos aspectos. Os itens de diferentes fatores que tiveram seus erros correlacionados foram: “Planejo minhas atividades e minha carreira com antecedência” (Item 8) com “Costumo aceitar a vida como ela é, sem planejá-la” (Item 14) e; “Sou uma pessoa ambiciosa” (Item 10) com “Presto mais atenção no sucesso dos outros do que trabalho para o meu próprio sucesso” (Item 11). Nota-se que os itens 8 e 14 versam sobre o planejamento de vida em seu conteúdo e que os itens 10 e 11 versam sobre a pretensão de sucesso, divergindo sobre este tópico no referencial voltado a si ou aos outros.

As análises procedidas no presente estudo mostram que a confiabilidade do instrumento é baixa, não apresentando validade interna convergente e nem validade discriminante. Ray (1979) comparou três questionários de Motivo de Realização em diferentes países que têm o mesmo idioma com número de itens diferentes em cada um dos questionários (28, 14 e 10 itens) e avaliou qual deles era o mais confiável baseando-se nos resultados do cálculo do alfa de Cronbach de cada um. Assim, chegou-se à conclusão de que o questionário com 14 itens apresentava maior confiabilidade. Ward (1990) realizou um estudo comparando a validade da *Ray-Lynn AO Scale* nos Estados Unidos e obteve como resultados uma estrutura fatorial com cinco fatores, a partir de uma análise de componentes principais, e confiabilidade baixa ($\alpha = 0.59$). Como possíveis causas da falta de confiabilidade, Ward (1990) destaca que o instrumento tem poucos itens, que esses itens têm pouco em comum entre si e que é um instrumento voltado para o uso geral da população. Ozbilir, Day e Catano (2015) utilizaram a versão de 14 itens *Ray Lynn AO Scale* em seu estudo em uma amostra de trabalhadores canadenses e uma amostra de trabalhadores turcos e obteve um alfa de Cronbach suficiente somente para a amostra turca ($\alpha = .70$). Apesar disso, Mazzetti, Schaufeli e Guglielmi (2014) utilizaram a versão de 10 itens da *Ray Lynn AO Scale* em seu estudo e não reportaram quaisquer dificuldades sobre a confiabilidade do instrumento, sendo ele menor que o instrumento utilizado por Ward (1990). Nesse sentido, os resultados obtidos de confiabilidade do instrumento em diferentes países são bastante divergentes, mesmo considerando países que possuem o mesmo idioma. Os resultados agora obtidos (baixa confiabilidade) apresentam-se consistentes com os resultados de Ward (1990), indicando a necessidade de cautela com a utilização da escala.

A análise multigrupos realizada no presente estudo mostrou que homens e mulheres não interpretam os itens da Escala Ray-Lynn de forma semelhante, sendo variante em função do gênero dos atletas. Deaner, Balish e Lombardo (2016) apresentam uma hipótese evolutiva

para diferenças entre os gêneros na motivação para o esporte, argumentando que mulheres apresentam menos interesse nos esportes em comparação aos homens colocando em questão hipóteses que explicam tais diferenças a partir de perspectivas sociais como menos tempo livre para as mulheres se engajarem em atividades físicas e esportivas, falta de incentivo ou até mesmo proibição. Holden et al. (2017) mostram diferenças entre atletas homens e mulheres na busca pelo sucesso independentemente do contexto de competição ou treinamento. Sagar e Jowett (2012) mostram que mulheres apresentam um maior grau de medo do fracasso do que homens no contexto esportivo, mas que a idade modula tal efeito. Warner e Dixon (2015), a partir de uma análise fenomenológica, apontam que homens e mulheres interpretam a competição esportiva de forma diferente, tendo efeito em sua experiência esportiva subjetiva. Desse modo, os dados do presente estudo estão em consonância com a literatura vigente.

Quanto à comparação em função da modalidade de esporte, se individual ou coletiva, Becker Jr. (2008) afirma que o medo da derrota e medo do fracasso seriam mais presentes em atletas de esportes individuais visto que não dividem suas responsabilidades no momento da competição, como ocorre nos esportes coletivos. Sagar e Jowett (2012) mostram que atletas de modalidades coletivas diferem em sua experiência de medo do fracasso em relação aos atletas de modalidades individuais. Apesar disso, a invariância do instrumento se manteve quando a comparação entre grupos foi feita em função do tipo de modalidade praticada (individual ou coletiva). Ou seja, atletas de diferentes tipos de modalidade esportiva interpretam os itens da escala de forma semelhante. Observando os itens da Escala Ray-Lynn, nota-se que todas as frases são conjugadas em primeira pessoa. Desse modo, os objetivos coletivos, isto é, do grupo podem não ter influenciado as respostas dos atletas do grupo de modalidade Coletiva (Lunenburg, 2011). Além disso, é possível que traços de personalidade individuais dos atletas de modalidades coletivas como, por exemplo, o narcisismo, tenha influenciado este resultado visto o papel moderador que esse traço exerce na motivação do grupo (R. Roberts, Woodman, Lofthouse, & Williams, 2015).

No que se refere ao contexto esportivo, se em treinamento ou competição, Holden et al. (2017) optaram por utilizar o *Achievement Motivations Scale for Sports Environments* em seu estudo fundamentando tal medida na noção de que os contextos de treinamento e os contextos de competição influenciam diretamente a busca pelo sucesso ou evitação do fracasso do atleta, podendo a mesma pessoa apresentar pontuações diferentes de motivo de realização a depender do contexto e de sua relevância para o indivíduo (i.e. Heitman, Vicory, Kovalski, Pugh, & Norell, 2006). Entretanto, a invariância da Escala Ray-Lynn se manteve

quando as respostas ao instrumento foram realizadas em contextos esportivos diferentes (sessão de treinamento ou competição), indicando que os itens foram interpretados de forma semelhante em ambos os contextos de aplicação. Dessa forma, os dados do presente estudo apontam para uma direção diferente do que os estudos atuais têm apresentado.

Saris, Revilla, Krosnick e Shaeffer (2010) comparam questionários que utilizam concordo/discordo como opções de resposta com questionários que contenham opções de resposta específicas para cada item e concluíram que é melhor utilizar instrumentos com opções de resposta específicas para cada item porque “evitam aquiescência, minimizam a carga cognitiva [dos respondentes] e produzem respostas relacionadas com o(s) construto(s) subjacente(s) de interesse” (p.31). Dessa forma, os instrumentos seriam mais confiáveis e com maior validade. Um dos instrumentos que utiliza opções de resposta específicas para cada item é, para Saris et al. (2010), a *Ray-Lynn AO Scale*. No presente estudo, as opções de resposta foram alteradas para uma escala tipo likert de cinco pontos em que 1 representava total discordância com o item e 5 representava total concordância com o item. Tal alteração foi sugerida pelo público-alvo nas fases de adaptação do instrumento e consentida pelo autor original da *Ray-Lynn AO Scale* (ver Borsa, Damásio, & Bandeira, 2012), o que permitiu a realização de Análise Fatorial Confirmatória ao instrumento.

Neigel, Claypoole, Waldorf, Dever e Szalma (2017) relacionam o conceito de Motivo de Realização com o estresse e o envolvimento com a tarefa, e consideram que a *Ray-Lynn AO Scale* é uma medida fraca para o Motivo de Realização devido a correlações negativas entre o Motivo de Realização e o *arousal*. Lindgren, Moristech, Thulin e Mich (1986) compararam três escalas de Motivo de Realização e a *Ray-Lynn AO Scale* foi a que apresentou os piores índices de confiabilidade. Nesta linha, Moran (1990) e Furnham e Lewis (1986) criticam o conceito de Motivo de Realização de McClelland (1961) como um traço universal que independe de seu contexto sociocultural. Esta crítica é fundamentada no entendimento de que McClelland (1961) conceituou o Motivo de Realização baseando-se no conceito de ascensão da ética protestante do trabalho de Max Weber. Dessa forma, o Motivo de Realização seria a redução de um conceito multidimensional para um unidimensional e totalmente dependente da influência protestante na cultura, o que faz sentido em países como o Reino Unido, Austrália e Estados Unidos, mas não em países latino-americanos como o Brasil. Tal entendimento também aponta para a incongruência entre o conceito de Motivo de Realização ser caracterizado como um aspecto geral da motivação humana quando pode ser que seja um conceito intimamente ligado ao mundo do trabalho e das organizações, corroborado pelo significativo montante de trabalhos realizados sobre Motivo de Realização neste domínio (e.g.

Rybníček, Bergner, & Gutschelhofer, 2019). Dessa forma, os processos de adaptação do instrumento mostrados neste estudo podem ter sofrido a influência da transposição de contexto – do trabalho para o esporte –, além da transposição cultural, ainda que a tradução e os termos exclusivos do contexto esportivo utilizados no instrumento tenham sido sugeridos ou aceitos por juízes e público-alvo nas fases de adaptação do instrumento (ver Borsa et al., 2012).

De acordo com nosso levantamento, o presente estudo é pioneiro em relação à adaptação deste instrumento na América Latina e à investigação do Motivo de Realização com o mesmo instrumento no contexto esportivo. Em paralelo, Martens (1977) sugere que a comparação entre a competitividade – entendida como o desejo de buscar o sucesso esportivo, definição similar à do Motivo de Realização – e a ansiedade-traço competitiva (medida pelo *Sport Competition Anxiety Test*, de sua autoria) transforma o conceito de Motivo de Realização em algo específico do contexto esportivo. Outro conceito que também se aproxima da definição de Motivo de Realização é o perfeccionismo (i. e. Flett & Hewitt, 2005), definido como uma disposição de personalidade multidimensional caracterizada pelo esforço à impecabilidade e de colocar padrões altamente excessivos de desempenho acompanhados de tendências a avaliações extremamente críticas sobre seu próprio comportamento (Madigan et al., 2017). Dessa forma, instrumentos que tenham o propósito de medir tais conceitos podem ser mais adequados à investigação no domínio esportivo.

Adaptação transcultural e validação do 3 x 2 *Achievement Goal Questionnaire for Sport* no contexto esportivo brasileiro (Estudo 2)

A competição esportiva é uma situação de realização. A predição da energização e direção de comportamentos em situações como essa foi explicada por vários constructos psicológicos. Dentre esses constructos destacam-se as Metas de Realização (Elliot, 2005; Elliot & Hulleman, 2017).

Meta de Realização é “um objetivo, baseado na competência, que se almeja em contextos avaliativos” (Gegenfurtner & Hagenauer, 2013) ou, ainda, “o propósito de se engajar em um comportamento relevante para a competência” (Elliot & Hulleman, 2017). Competência é o núcleo conceitual dentro das Metas de Realização (Elliot, 2005; Elliot et al., 2011; Mascaret et al., 2015), pois é definida como condição de habilidade ou efetividade, representando o estado de uma pessoa em relação a uma tarefa ou condição (Elliot & Hulleman, 2017), é um conceito psicológico rico e profundo, é evidente em todos os indivíduos, independente de fronteiras culturais (Elliot & Dweck, 2005). Sua postulação como constructo psicológico estabeleceu as bases para a compreensão de como as pessoas interpretam, experenciam e selecionam seu envolvimento ou não em uma situação de realização (Elliot & Hulleman, 2017; J. G. Nicholls, 1984).

Modelos sobre metas de realização baseadas na competência possuem um lastro histórico desde a década de 1980, sendo o Modelo Dicotômico de Metas de Realização o pioneiro sobre as metas de realização (Ames, 1992; J. G. Nicholls, 1984). Neste modelo, foco de competência varia entre dois extremos: uma meta de maestria enfoca o desenvolvimento de competência e domínio de tarefas, ao passo que uma meta de performance tem o enfoque na demonstração de competência em relação a outros. Ambos os objetivos de maestria e desempenho foram construídos como metas de aproximação, isto é, com tendência ao sucesso (Elliot & Hulleman, 2017). Elliot e Harackiewicz (1996) estenderam o Modelo Dicotômico de Metas de Realização ao integrar a distinção aproximação-evitação dentro das metas de performance. Dessa forma, criou-se o Modelo Tricotômico de Metas de Realização, no qual as metas de performance foram bifurcadas em metas separadas: Performance-Aproximação e Performance-Evitação. A primeira foi conceituada em termos de esforço para demonstrar competência em relação aos outros, enquanto que a segunda foi conceituada em termos de esforço para evitar demonstrar incompetência em relação aos outros. As metas de maestria, por sua vez, permaneceram inalteradas em relação ao modelo dicotômico.

Em 2001, Elliot e McGregor alteraram o Modelo Tricotômico de Metas de Realização a bifurcarem as metas de maestria também com o paradigma aproximação-evitação,

transformando-se o modelo em Modelo 2×2 de Metas de Realização (Elliot & McGregor, 2001). Assim, as metas de Performance-Aproximação e Performance-Evituação permaneceram inalteradas em relação ao Modelo Tricotômico de Metas de Realização e as metas Maestria-Aproximação, conceituada em termos de esforço para demonstrar competência em relação aos atributos da tarefa ou à trajetória individual passada, e Maestria-Evituação, conceituada em termos de esforço para não demonstrar incompetência em relação aos atributos da tarefa ou à trajetória individual passada, foram adicionadas.

Elliot, Murayama e Pekrun (2011) propõem o modelo 3×2 de Metas de Realização em que a competência possui duas dimensões. Uma dimensão da competência é sua orientação, ou seja, em como ela é definida, podendo ter três referenciais: absoluto (os requisitos da tarefa), intrapessoal (o próprio desempenho atingido no passado) e normativo/interpessoal (o desempenho dos outros). Outra dimensão da competência é a sua valência, que pode ser construída em termos positivos ou negativos. A valência evoca predisposições comportamentais de aproximação quando positiva ou de evitação quando negativa (Elliot & McGregor, 2001; Elliot et al., 2011; McClelland et al., 1953). Ambas as dimensões – definição e valência – devem ser consideradas como componentes necessários ao modelo 3×2 de Metas de Realização.

Uma busca nas bases de dados *Web of Science* e SCOPUS para identificar artigos que citam o trabalho de Elliot et al. (2011), mostram que 373 artigos publicados até janeiro de 2019 o citam. Excluindo os artigos duplicados, ou seja, encontrados em ambas as bases, fica o total de 205 artigos. Destes 205 artigos, 28 abordam Educação Física ou Esporte. Desses 28 artigos, oito utilizam algum questionário baseado no modelo de 3×2 de Metas de Realização (Garcia-Romero, 2015; Liu, Xiang, Lee, & Li, 2017; Lower & Turner, 2016; Mascret et al., 2015; A. Méndez-Giménez, Cecchini-Estrada, & Fernández-Río, 2014; Antonio Méndez-Giménez, Cecchini Estrada, & Fernández-Río, 2018; Wang et al., 2017; Wang, Pyun, Li, & Lee, 2016).

As combinações das dimensões do modelo de 3×2 de Metas de Realização formam seis tipos de metas de realização e estão apresentadas na Tabela 2.1. O modelo 3×2 de Metas de Realização tem sido estudado em diversos contextos, especialmente os escolares (ver Goetz, 2016; Lüftenegger et al., 2016; Mageau, 2016; A. Méndez-Giménez et al., 2014; A. Méndez-Giménez, Cecchini-Estrada, Fernández-Río, Méndez-Alonso, & Prieto-Saborit, 2016; Ning, 2018; Wu, 2012).

Mascret, Elliot e Cury (2015) estenderam o modelo 3×2 de Metas de Realização ao contexto esportivo competitivo, desenvolvendo e validando o 3×2 *Achievement Goal*

Questionnaire for Sport (3×2 AGQ-S). Os autores aplicaram este questionário, relacionando os dados obtidos com dados de outros instrumentos que mediam outros constructos (teorias implícitas de motivação, competência percebida e interesse), testando também a estrutura fatorial e as propriedades psicométricas do 3×2 AGQ-S.

Tabela 2.1

Modelo 3×2 de Metas de Realização Adaptado de Elliot et al. (2011)

		ORIENTAÇÃO		
VALÊNCIA		Absoluta (Tarefa)	Intrapessoal (Ego)	Interpessoal (Outro)
	Positiva	Tarefa-Aproximação	Ego-Aproximação	Outro-Aproximação
	Negativa	Tarefa-Evituação	Ego-Evituação	Outro-Evituação

Em comparação a outros modelos de metas de realização, os autores concluem que os dados se ajustaram mais ao modelo proposto (3×2 de Metas de Realização), justificando assim a mudança de paradigma do modelo 2×2 de Metas de Realização para o 3×2 de Metas de Realização no contexto esportivo. Tais dados são corroborados por Wang, Liu, Sun e Chua (2017) em um estudo com atletas universitários asiáticos de Singapura e por Madigan, Stoeber e Passfield (2017) demonstrando que o 3×2 AGQ-S é uma medida válida e confiável. Não foi encontrada nos bancos de dados de pesquisa disponíveis no Brasil e em Portugal uma versão em português desse questionário, nem sua validação no contexto esportivo brasileiro, português ou lusófono.

O presente estudo tem por objetivo avaliar a adaptação e validação do 3×2 *Achievement Goal Questionnaire for Sport* (ver Anexo N) ao contexto esportivo brasileiro, examinando suas propriedades psicométricas e sua invariância em função do gênero dos participantes, do tipo de modalidade esportiva e do contexto de aplicação. Assim, de acordo com o modelo teórico, a hipótese é a que as dimensões avaliadas pelo 3×2 *Achievement Goal Questionnaire for Sport* são equivalentes (invariantes) independentemente das diferentes modalidades esportivas, situações de aplicação e gênero dos atletas.

Método

Participantes

Participaram neste estudo 211 atletas brasileiros com média de idade de 25,4 anos ($DP= 8.72$). A Tabela 2.2 mostra o detalhamento da amostra em relação ao gênero e à modalidade esportiva praticada.

Materiais

O 3×2 AGQ-S (Mascret et al., 2015) foi adaptado para a língua portuguesa, revisado e re-traduzido de acordo com as considerações de Borsa, Damásio e Bandeira (2012). Assim, a versão produzida após essas fases de adaptação (ver Apêndices G, H, I, J, K, L e M), o 3×2 *Achievement Goal Questionnaire for SportI* (3×2 AGQ-S) foi nomeado de Questionário 3×2 de metas de realização para o esporte no Brasil (3×2 AGQ-S/BR) e utilizada na realização do presente estudo, além de pranchetas para apoio e canetas para preenchimento das respostas. O 3×2 AGQ-S/BR possui 18 itens conforme o instrumento original.

Tabela 2.2

Participantes Divididos por Gênero e Modalidade Esportiva.

Modalidade	Masculino	Feminino	Total
Handebol	16	17	33
Futebol	0	25	25
Voleibol	13	21	34
Rugby	36	1	37
eSports (LOL)	10	0	10
Xadrez	1	1	2
Ciclismo	10	2	12
Powerlifting	42	16	58
Total	128	83	211

Procedimento

Os atletas participantes responderam voluntariamente ao 3×2 AGQ-S/BR em seu contexto esportivo (local de treinamento ou competição) em local reservado para a coleta de dados cerca de uma hora antes do início da sessão de treinamento ou da competição. Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da instituição do primeiro autor³. Os questionários foram impressos em folha A4 e entregues aos atletas. Foram dadas instruções para o preenchimento em que os atletas deveriam marcar em uma escala de 1 (discordo totalmente) a 5 (concordo totalmente) o grau de concordância com a frase expressa em cada item do questionário.

Análise de Dados

Seguindo o processo de análise descrito em Mascret et al. (2015), uma Análise Fatorial Confirmatória (AFC) foi conduzida com os dados obtidos comparando-se a estrutura fatorial ao preconizado pelo modelo 3×2 de metas de realização (Elliot et al., 2011; Mascret et al., 2015). Os dados também foram comparados a modelos alternativos de metas de realização a

³ CAAE nº 57798516.6.0000.5407.

fim de testar o ajuste do modelo 3×2 proposto, sua validade e consistência interna, utilizando-se os mesmos modelos de comparação do artigo original do instrumento (Mascaret et al., 2015). Os critérios adotados no presente estudo para definir um bom ajuste de modelo foram sumarizados por Schumacker e Lomax (2016, p. 112), quais sejam: χ^2/gl menor que 3,0; GFI (*Goodness-of-fit Index*), TLI (*Tucker-Lewis Index*), NFI (*Normed Fit Index*) e CFI (*Comparative Fit Index*) maiores que 0,90 e o RMSEA (Root-Mean-Square Error of Approximation) entre 0,05 e 0,08.

Os modelos testados estão mostrados na Tabela 2.3 e são: (1) Modelo 3×2 de metas de realização com seis variáveis latentes separadas [Outro-Aproximação (Oap), Outro-Evituação (Oev), Tarefa-Aproximação (Tap), Tarefa-Evituação (Tav), Ego-Aproximação (Eap) e Ego-Evituação (Eev)]; (2) Modelo 2×2 de metas de realização com os itens da meta Outro carregados nos mesmos fatores hipotéticos (Oap e Oev), sendo os itens de Tap e Eap unidos em um fator e os itens de Tev e Eev unidos em outro fator; (3) Modelo Tricotômico, com os itens de Oap e Oev carregados nos mesmos fatores e os itens de Tap, Tev, Eap e Eev unidos em um único fator; (4) Modelo dicotômico com os itens de Oap e Oev unidos em um fator e os itens Tap, Tev, Eap e Eev unidos em outro fator; (5) Modelo Tap/Tev com cinco fatores, sendo um fator carregado com os itens de Tap e Tev e os outros itens carregando seus respectivos fatores; (6) Modelo Eap/Eev com cinco fatores, sendo um fator carregado com os itens de Eap e Eev e os outros itens carregando seus respectivos fatores; (7) Modelo Oap/Oav com cinco fatores, sendo um fator carregado com os itens de Oap e Oev e os outros itens carregando seus respectivos fatores; (8) Modelo Aproximação, com os itens de Tap, Eap e Oap carregando um fator e os outros itens carregando seus respectivos fatores hipotéticos; (9) Modelo Evituação com os itens de Tev, Eev e Oev carregando um fator e os outros itens carregando seus respectivos fatores hipotéticos; (10) Modelo Definição em que os itens que compartilham a mesma definição de competência carregando o mesmo fator, sendo Tap/Tev, Eap/Eev e Oap/Oev e; (11) Modelo Valência em que os itens que compartilham a mesma valência carregam o mesmo fator, sendo Tap/Eap/Oap e Tev/Eev/Oev. A consistência interna foi medida pelo cálculo da confiabilidade compósita (CC) para cada fator dos modelos testados, adotando-se os critérios estabelecidos por Hair, Black, Babin, Anderson e Tatham (2009) de 0.7 ou maior para o índice de Confiabilidade compósita e de 0,5 ou maior para a Variância Média Extraída (VEM).

Tabela 2.3

Modelos testados e seus respectivos fatores.

Modelo	Fatores
1. 3×2 Metas de Realização	(Oap), (Oev), (Eap), (Eev), (Tap), (Tev)
2. 2×2 Metas de Realização	(Oap), (Oev), (Tap/Eap), (Tev/Eev)
3. Tricotômico	(Oap), (Oev), (Tap/Tev/Eap/Eev)
4. Dicotômico	(Oap/Oev), (Tap/Tev/Eap/Eev)
5. Tarefa-Ap/Tarefa-Ev	(Tap/Tev), (Oap), (Oev), (Eap), (Eev)
6. Ego-Ap/Ego-Ev	(Eap/Eev), (Tap), (Tev), (Oap), (Oev)
7. Outro-Ap/Outro-Ev	(Oap/Oev), (Tap), (Tev), (Eap), (Eev)
8. Aproximação	(Oap/Eap/Tap), (Oev), (Eev), (Tev)
9. Evitação	(Oev/Eev/Tev), (Oap), (Eap), (Tap)
10. Definição	(Oap/Oev), (Eap/Eev), (Tap/Tev)
11. Valência	(Oap/Eap/Tap), (Oev/Eev/Tev)

Legenda: Oap= Outro-Aproximação; Oev= Outro-Evituação; Eap= Ego-Aproximação; Eev= Ego-Evituação; Tap= Tarefa-Aproximação; Tev= Tarefa-Evituação

A Análise Fatorial Multigrupos avaliou a invariância do modelo 3×2 em termos de invariância configural e invariância de medida (métrica, estrutural, e residual), considerando diferentes grupos de participantes em função de três tipos de variáveis: 1) gênero (masculino e feminino); 2) tipo de modalidade (individual e coletiva) e; 3) contexto de resposta ao instrumento (treino e pré-competição). Assim, numa primeira fase, testou-se a invariância configuracional ou plausibilidade do modelo livre (não restrito). Para tal, procedeu-se ao ajuste do modelo individualmente para os diferentes grupos considerados, avaliando-se a qualidade do ajustamento. Uma vez constatada a invariância configuracional, demonstrada pela satisfação dos critérios de ajustamento dos modelos livres (e.g. RMSEA e CFI), procedeu-se numa segunda fase, ao teste da invariância dos modelos de medida nos grupos considerados. Especificamente, para cada par de grupos, a invariância do modelo de medida foi testada comparando-se os modelos com os parâmetros livres (não restritos), respectivamente com um modelo restrito, no qual foram fixados de forma sequencial para cada par de grupos, (1) os pesos fatoriais; (2) as covariâncias entre os fatores; e, (3) os erros. Para rejeitar a hipótese de invariância, adotaram-se os critérios propostos por Costa, Marôco, Pinto-Gouveia e Galhardo (2014), nomeadamente, uma diferença significativa ($p \geq 0,05$) obtida através do teste χ^2 entre o modelo livre e o modelo restrito e/ou um decréscimo de CFI maior que 0,01. Todos os cálculos foram realizados com o auxílio dos *softwares* IBM® SPSS® for Windows™ 25.0 e IBM® SPSS® Amos.

Resultados

Análise Fatorial Confirmatória

Testou-se a estrutura fatorial dos 18 itens conforme proposto pelo modelo 3×2 de metas de realização (Elliot et al., 2011) e também a estrutura fatorial de modelos alternativos testados no artigo original do questionário 3×2 AGQ-S (ver Mascaret et al. 2015), gerando a solução a partir da máxima verossimilhança. Os resultados das AFC de cada um dos modelos estão na Tabela 2.4.

Nota-se que o modelo 3×2 de metas de realização foi o que atingiu os melhores índices de ajuste para um bom modelo de adaptação na comparação aos modelos alternativos. Observa-se que os índices RMSEA e CFI do modelo 3×2 de metas de realização atingiram os critérios adotados no presente estudo, estando o GFI e NFI abaixo do critério. Ressalta-se que o valor obtido de TLI é muito próximo ao critério, faltando 0,001 para atingi-lo, o que sugere bom ajuste do modelo. Nenhum dos outros modelos alternativos apresentou índices satisfatórios de ajuste.

Levando-se em conta o modelo 3×2 de metas de realização, a Tabela 2.5 apresenta as médias, desvios-padrão, confiabilidade compósita, variância média extraída para cada fator do modelo 3×2 de metas de realização. Observa-se que as respostas aos itens ligados aos fatores Tarefa-Aproximação e Ego-Aproximação obtiveram os maiores valores, em média, na escala.

Sobre a confiabilidade, para o modelo 3×2 de metas de realização, nota-se que o fator Tarefa-Evituação apresentou índices baixos de CC para este modelo. O fator Ego-Evituação apresentou um valor de CC muito próximo ao adotado como critério (0,04 abaixo do critério), mas também não o atingiu na VEM.

Considerando que os índices de ajuste do presente estudo acerca do modelo 3×2 de metas de realização, foi tentado o ajustamento por meio da retenção dos itens com peso fatorial maior ou igual a 0,4 e as correlações de erros sugeridas pelos índices de modificação do *software* IBM® SPSS® Amos. Dessa forma, o item 10 (Tarefa-Evituação) foi retirado da análise por seu peso fatorial ser igual a 0,39 e os erros dos itens 4 (Ego-Aproximação) e 8 (Outro-Aproximação) e dos itens 17 (Ego-Evituação) e 18 (Outro-Evituação) foram correlacionados conforme sugestão.

Figura 2.1. Modelo 3×2 de Metas de Realização Ajustado de acordo com os Índices de Modificação Sugeridos.

Tais correções resultaram em um bom ajuste, não satisfazendo apenas o critério para o NFI (=0,886). No entanto, retirar um item da escala faz com que o fator Tarefa-Evituação fique com apenas dois itens, além de não melhorar sua confiabilidade compósita (CC = 0,53; VEM= 0,36). Assim, optou-se por manter a estrutura fatorial sem ajustes, mantendo-se todos os itens. Foi testado então o modelo com as correlações de erros maiores que 10,0 sugeridas pelos índices de modificação sugeridas pelo referido *software*. Os itens 4 (Ego-Aproximação) e 8 (Outro-Aproximação) e dos itens 17 (Ego-Evituação) e 18 (Outro-Evituação) foram correlacionados conforme sugestão e os índices de ajustamento atingiram o critério apenas para o CFI e TLI (0,934 e 0,914, respectivamente), melhorando o GFI e NFI (0,897 e 0,874,

respectivamente), mas piorando o RMSEA ($=0,067$) na comparação ao modelo sem correções (item 1ª na Tabela 2.4). O modelo ajustado está mostrado na Figura 2.1.

Análise Fatorial Multigrupos

A análise multigrupos do modelo 3×2 de metas de realização apresentou invariância quando se comparou o modelo livre com o modelo de pesos fatoriais fixos ($\Delta\chi^2 = 18,818$; $p = 0,093$) para os grupos masculino e feminino, denotando que tanto o gênero masculino como o feminino respondem aos itens de forma semelhante. As comparações entre os modelos configural e métrico tanto para os diferentes tipos de modalidades ($\Delta\chi^2 = 24,591$; $p = 0,017$) quanto para os contextos de aplicação ($\Delta\chi^2 = 27,888$; $p = 0,006$) não apresentaram invariância, apontando que as diferentes modalidades não respondem aos itens de forma semelhante e que o contexto de aplicação pode influenciar a forma como os participantes respondem ao questionário. A Tabela 2.6 mostra a análise multigrupos e os índices comparados entre eles.

Tendo em vista que a *validade interna convergente* pode ser observada a partir dos critérios adotados para a Variância Média Extraída (VEM) maior ou igual a 0,5 como um indicador resumido de convergência (Hair et al., 2009), nota-se que o modelo ajustado não apresenta validade convergente para os fatores Tarefa-Evituação e Ego-Evituação, mas sim para os outros quatro fatores (ver Tabela 2.5). Ressalta-se que o fator Ego-Aproximação apresentou 0,497 de índice de variância média extraída sendo, portanto, considerado satisfeito o critério. A *validade discriminante* entendida como o grau em que um construto é verdadeiramente diferente dos demais, sendo a validade discriminante testada pela comparação entre a raiz quadrada da VEM de cada fator é superior às correlações entre fatores. Assim, temos $\sqrt{VEM_{\text{Tarefa-Aproximação}}} = 0,723$; $\sqrt{VEM_{\text{Tarefa-Evituação}}} = 0,543$; $\sqrt{VEM_{\text{Ego-Aproximação}}} = 0,704$; $\sqrt{VEM_{\text{Ego-Evituação}}} = 0,661$; $\sqrt{VEM_{\text{Outro-Aproximação}}} = 0,888$; $\sqrt{VEM_{\text{Outro-Evituação}}} = 0,723$ superiores à nove correlações entre fatores (ver Tabela 2.5): Tarefa-Aproximação e Ego-Aproximação, Tarefa-Aproximação e Ego-Evituação, Tarefa-Aproximação e Outro-Aproximação, Tarefa-Aproximação e Outro-Evituação, Tarefa-Evituação e Outro-Aproximação, Ego-Aproximação e Ego-Evituação, Ego-Aproximação e Outro-Aproximação, Ego-Aproximação e Outro-Evituação, Ego-Evituação e Outro-Aproximação; mas inferior a cinco correlações entre fatores: Tarefa-Aproximação e Tarefa-Evituação, Tarefa-Evituação e Ego-Aproximação, Tarefa-Evituação e Ego-Evituação, Tarefa-Evituação e Outro-Evituação, Ego-Evituação e Outro-Evituação.

Tabela 2.4

Comparação das estatísticas de ajuste entre o modelo 3×2 de metas de realização e modelos alternativos

Modelo	χ^2	df	χ^2 / df	RMSEA	RMSEA 90%CI (LO-HI)	GFI	CFI	NFI	TLI
1. 3×2 Metas de Realização	251,499*	120	2,096	0,072	0,060-0,085	0,885	0,921	0,861	0,899
1ª. 3×2 Metas de Realização ajustado	227,641*	118	1,929	0,067	0,053-0,079	0,897	0,934	0,874	0,914
2. 2×2 Metas de Realização	316,668*	129	2,455	0,083	0,072-0,095	0,855	0,887	0,825	0,866
3. Tricotômico	447,073*	132	3,387	0,107	0,96-0,118	0,788	0,810	0,753	0,779
4. Dicotômico	480,618*	134	3,587	0,111	0,100-0,112	0,733	0,791	0,734	0,761
5. Tarefa-Ap/Tarefa-Ev	317,049*	125	2,536	0,086	0,074-0,097	0,858	0,884	0,825	0,858
6. Ego-Ap/Ego-Ev	374,528*	125	2,996	0,097	0,086-0,109	0,825	0,849	0,793	0,815
7. Outro-Ap/Outro-Ev	304,229*	125	2,434	0,083	0,071-0,094	0,857	0,892	0,832	0,867
8. Aproximação	631,194*	129	4,893	0,136	0,126-0,147	0,699	0,697	0,651	0,640
9. Evitação	386,372*	129	2,995	0,097	0,086-0,109	0,821	0,844	0,786	0,816
10. Definição	443,053*	132	3,356	0,106	0,095-0,117	0,778	0,812	0,755	0,782
11. Valência	727,196*	134	5,427	0,145	0,135-0,156	0,788	0,642	0,598	0,591
Méndez-Giménez et al. (2014)**	590,96	436	1,36	0,026	0,021-0,031		0,980		
Mascaret et al. (2015)	220,86*	120	1,84	0,035			0,990		
Lower & Turner (2016)**	1221,908*	120	10,18	0,099		0,857	0,941		
Madigan et al. (2017)			2,96	0,060	0,000-0,019		0,990		0,097
Wang et al. (2017)	279,81*	120	2,33	0,053	0,045-0,061		0,950		0,936

Legenda: * $p < .001$; **Estudos que utilizaram o modelo 3×2 de metas de realização em contextos esportivos de recreação ou de educação física; χ^2 = qui-quadrado; df = Grau de liberdade

Tabela 2.5

Estatísticas descritivas, Consistência interna e intercorrelações para os modelo 3×2 de metas de realização ajustado

Modelo	Fator	M	DP	CC	VEM	Assimetria	Curtose	1	2	3	4	5
3×2 de Metas de Realização ajustado	1. Tarefa-Aproximação	4,78	0,45	0,768	0,523	-3,54	17,37	--				
	2. Tarefa-Evituação	4,27	0,86	0,548	0,295	-1,35	1,66	0,668*	--			
	3. Ego-Aproximação	4,70	0,59	0,746	0,497	-2,81	9,22	0,686*	0,435*	--		
	4. Ego-Evituação	4,27	0,88	0,694	0,438	-1,30	1,63	0,453*	0,892*	0,538*	--	
	5. Outro-Aproximação	3,29	1,32	0,917	0,789	-0,29	-1,09	0,306*	0,398*	0,292*	0,477*	--
	6. Outro-Evituação	3,39	1,16	0,766	0,523	-0,36	-0,76	0,349*	0,577*	0,276*	0,706*	0,852*

Legenda: * $p < .001$, M = Média; DP = Desvio-Padrão; CC = Confiabilidade Composta ; VEM= Variância Média Extraída

Tabela 2.6

Análise multigrupos para os modelos 3×2 de metas de realização com ajustes

Modelo	Comparação	Invariância	χ^2	df	p<	$\Delta\chi^2$	Δdf	p	CFI	ΔCFI	RMSEA
3×2 de Metas de Realização ajustado	Gênero (Feminino vs. Masculino)	Configural	380,350	236	0,001				0,915		0,054
		Pesos Fatoriais	399,167	248	0,001	18,818	12	0,093	0,910	-0,005	0,054
		Estrutural	466,586	269	0,001	86,236	33	0,001	0,883	-0,032	0,059
		Residual	600,930	289	0,001	220,580	53	0,001	0,815	-0,100	0,072
	Modalidade (Coletiva vs. Individual)	Configural	394,017	236	0,001				0,910		0,057
		Pesos Fatoriais	418,609	248	0,001	24,591	12	0,017	0,903	-0,007	0,057
		Estrutural	485,473	269	0,001	91,456	33	0,001	0,877	-0,033	0,062
		Residual	703,417	289	0,001	309,400	53	0,001	0,764	-0,146	0,083
	Contexto (Treino vs. Competição)	Configural	373,409	236	0,001				0,921		0,053
		Pesos Fatoriais	401,297	248	0,001	27,888	12	0,006	0,912	-0,009	0,054
		Estrutural	503,313	269	0,001	129,904	33	0,001	0,865	-0,056	0,065
		Residual	661,510	289	0,001	288,101	53	0,001	0,786	-0,135	0,079

Nota. Assumindo que o modelo livre está correto.

Legenda: χ^2 = qui-quadrado; df = Grau de liberdade; CFI = Comparative Fit Index; RMSEA = Root-Mean-Square Error of Aproximation.

Discussão

O presente estudo é pioneiro quanto à investigação do modelo 3×2 de metas de realização num contexto esportivo de língua portuguesa como o Brasil. A proposta de explorar tal modelo por meio da adaptação e validação do 3×2 *Achievement Goal Questionnaire for Sport* foi bem sucedida em aspectos conceituais. A estrutura fatorial teve que passar por poucos ajustes, inclusive mantendo um item com peso fatorial menor que 0,4 (item 10). Hair, Black, Babin, Anderson e Tatham (2009, p. 573) argumentam que não há uma definição ou regra que habilite critérios gerais para saber se um modelo é bem ajustado ou não, mas oferecem diretrizes para a avaliação de um bom ajuste tendo em consideração o tamanho da amostra, o número de variáveis do modelo, complexidades e graus de erro. Assim, adotando tais diretrizes, o modelo final pode ser considerado um modelo bem ajustado. Faz-se necessária então a comparação dos dados obtidos no presente estudo com trabalhos que utilizaram ou adaptaram o 3×2 AGQ-S em seus contextos (Madigan et al., 2017; Mascaret et al., 2015; Wang et al., 2017).

A comparação dos índices de ajuste chi-quadrado, graus de liberdade, RMSEA, e CFI do modelo 3×2 de metas de realização testados por Madigan et al. (2017), Mascaret et al. (2015), Wang et al. (2017) e pelo presente estudo indica bom ajuste das estruturas fatoriais do modelo 3×2 de metas de realização e também na comparação de tais índices de ajuste com modelos alternativos. É importante ressaltar que antes mesmo da publicação do 3×2 AGQ-S por Mascaret et al. (2015), Méndez-Giménez, Cecchini-Estrada e Fernández-Río (2014) desenvolveram e validaram um questionário 3×2 de metas de realização em um contexto de educação física escolar. Este questionário mostrou-se válido e confiável, possuindo 24 itens, sendo 4 itens para cada meta de realização e suas questões foram baseadas no questionário desenvolvido por Elliot et al. (2011). Garcia-Romero (2015) também fez uso deste questionário em seu estudo examinando a relação entre metas de realização e competência percebida de alunos espanhóis do ensino médio em aulas de educação física. Lower e Turner (2016) desenvolveram e validaram um questionário 3×2 de metas de realização para contextos esportivos de recreação. Tal questionário também foi baseado no questionário desenvolvido por Elliot et al. (2011) e possui 17 itens, sendo a meta Tarefa-Aproximação carregada com dois itens. Em outro estudo, Lower, Newman e Pollard (2016) utilizaram este mesmo questionário para investigar a relação entre metas de realização e benefícios percebidos para a participação em esportes de recreação com dados confiáveis.

Observando os dados obtidos no presente estudo e comparando-o a outros estudos com o mesmo modelo, verifica-se que a estrutura fatorial ajustada é perfeitamente aceitável, restando melhorar sua confiabilidade (quatro de seis fatores atingiram o critério adotado pelo estudo). A forma de tradução ou adaptação dos itens ao contexto esportivo brasileiro pode ter influenciado este resultado. Atletas brasileiros de diferentes modalidades podem ter dificuldades em responder a itens que se referem à evitação de alguma coisa. Sentenças com dupla negação na língua portuguesa brasileira podem ter funções diferentes para quem ouve ou lê (Goldnadel, 2016). Como Hauck-Filho (2015) discute, uma medida baseada em autorrelato pode sofrer um viés causado pela desejabilidade social de quem responde. Nessa linha, o atleta contemporâneo é entendido como alguém que deve buscar a vitória a qualquer custo e não demonstrar fraqueza, afinal é um ser análogo a um herói (Rubio, 2001; Rubio & Melo, 2019). Portanto, demonstrar desconforto, angústia, medo ou quaisquer outros correlatos que evoquem evitação de determinada situação pode ser indesejável socialmente nesse contexto.

Outro ponto de destaque é a referência utilizada pelos participantes do estudo para responder às metas ligadas ao Ego e ao Outro. Elliot, Murayama, Kobeisy e Lichtenfeld (2015) apontam que itens ligados ao Ego poderão ter referência na trajetória passada do indivíduo ou em seu potencial futuro. O questionário utilizado neste estudo não distingue tais referências nos itens das metas ligadas ao Ego e, portanto, pode ter causado alguma confusão para os participantes no momento da resposta. Durante a coleta de dados, os participantes questionaram o pesquisador sobre se a expressão “outros atletas”, presente em alguns dos itens do 3×2 AQG-S/BR, fazia referência a outros atletas da própria equipe ou aos atletas adversários.

Desse modo, sugere-se a utilização do 3×2 AQG-S/BR como forma de acesso às metas de realização de atletas brasileiros. Ressalta-se, no entanto, que os fatores “Tarefa-Evitação” e “Ego-Evitação” não possuem confiabilidade adequada e que a estrutura fatorial pode variar de acordo com o contexto de aplicação e tipo de modalidade. A variância do modelo entre as diferentes modalidades aponta para a necessidade de estudos que levem em consideração especificidades de cada modalidade como sua construção histórica, cultura e relações com o ambiente de disputa e com pares e adversários (cf. Gonzalez, 2004). Tais ressalvas devem estimular novos estudos sobre este questionário para que se possam aprimorar seus itens com o intuito de melhorar sua confiabilidade e invariância.

Caracterização e relações dos Estados de Ânimo, dos níveis de Motivo de Realização e das Metas de Realização de atletas brasileiros de alto rendimento no período pré-competitivo, em função do gênero e modalidade esportiva praticada (Estudo 3)

O esporte de rendimento, o qual tem por finalidade o aprimoramento do desempenho e obtenção de recordes e marcas esportivas, é a forma mais conhecida e veiculada de esporte (Tubino, 2017). A produção de conhecimento sobre o impacto e a influência da competição esportiva na experiência subjetiva dos atletas é antiga e mostra grande variedade de modelos teóricos, procedimentos e técnicas de análise de dados. Nesta linha, a investigação sobre a experiência subjetiva dos atletas nos momentos que antecedem a competição é vasta, com destaque ao foco em estudos sobre ansiedade e estresse (Cerin et al., 2000; Dias et al., 2013; Hagan et al., 2017b; Hanin, 2012; A. R. Nicholls & Levy, 2015; A. R. Nicholls et al., 2014), ainda que, nos últimos anos, tenha crescido o número de estudos sobre outros aspectos nesta situação como motivação e emoções (Bueno & Souza, 2019; Campo et al., 2019, 2018; Lochbaum & Gottardy, 2015; Vieira et al., 2013).

A competição esportiva é uma situação de realização. Realização, no domínio esportivo, pode ser definida como “a obtenção de uma conquista ou consecução de uma meta pessoal ou socialmente valorizada que tenha significado para a pessoa em um contexto de atividade física ou esportiva (por exemplo, perder peso, melhorar uma habilidade, derrotar um oponente). A realização é subjetivamente definida, e o sucesso ou fracasso na obtenção da meta é um estado subjetivo com base na avaliação do participante do resultado de seu comportamento” (G. C. Roberts et al., 2007, pp. 3–4). Motivo de Realização foi definido por Murray (1938) como “o esforço de uma pessoa para dominar uma tarefa, ter melhor desempenho que outros, alcançar excelência, superar obstáculos e orgulhar-se de seu talento”. É a preocupação em competir com um padrão de excelência (Cofer, 1980, p. 94). Wigfield, Eccles, Schiefele, Roeser e Davis-Kean (2006) complementam afirmando que o Motivo de Realização refere-se mais especificamente à motivação relevante ao desempenho em tarefas em que esses padrões de excelência são operativos. Indivíduos com alto nível de Motivo de Realização tendem a buscar o sucesso e relatam padrões de excelência mais altos comparados a indivíduos com baixo nível de Motivo de Realização, que tendem a evitar o fracasso (McClelland et al., 1953).

No contexto esportivo, Motivo de Realização (Atkinson, 1964; McClelland, 1955; McClelland et al., 1953) é um aspecto motivacional que enfatiza o desejo dos atletas em aprimorar sua competência, aproveitar o sucesso, atingir objetivos pessoais e permite compreender como fatores pessoais e situacionais influenciam o indivíduo e seu

comportamento (Conroy, 2017; Conroy & Hyde, 2012). O Motivo de Realização representa uma das abordagens mais sofisticadas e bem-integradas ao estudo da motivação humana com ênfase na importância das contribuições situacionais ao comportamento resultante das tendências (Cofer, 1980). Gorman (2004, pp. 50–51) afirma que, em relação ao esporte, indivíduos com alto nível de Motivo de Realização são frequentemente considerados mais competitivos e é essa diferença que é mais frequentemente citada por esportistas ao explicar o motivo do sucesso e do fracasso. No esporte, Motivo de Realização foi estudado em relação ao uso de doping (Chan et al., 2014), desempenho técnico (Elizur, 1986), tendências de sucesso e fracasso de atletas (Bester, 2014), competência de atletas (Schantz & Conroy, 2009) e competência de treinadores (Lim et al., 2014).

Para medir o nível de Motivo de Realização das pessoas, uma forma modificada do Teste de Apercepção Temática (TAT) foi proposta por Morgan e Murray (1935). O procedimento desse teste projetivo modificado é solicitar que os sujeitos escrevam uma história a partir de várias imagens apresentadas, tendo quatro questões centrais nas quais baseá-la (McClelland, 1955; McClelland et al., 1949). No entanto, esse método apresentou limitações como forma de acesso ao nível de Motivo de Realização por sua falta de critério na pertinência dos elementos das histórias aos objetivos e a mensuração dos mesmos como indicativos para definição do nível de realização de um indivíduo, sendo inclusive variável entre experimentadores (Ray, 1974, 1975, 1979). Apesar dessas limitações, medidas projetivas têm sido ainda utilizadas como forma de acesso ao Motivo de Realização implícito ou nível de realização (e.g. Mazeres et al., 2019).

Outros instrumentos, de caráter objetivo, foram desenvolvidos com base em autorrelatos e escalas para medir o nível de realização e utilizados até hoje como, por exemplo, o *Achievement Motivation Inventory* (Byrne et al., 2004), o *Achievement Motivation Profile* (Friedland et al., 1996) e o *Unified Motive Scales* (e.g. Stussi et al., 2019). O *Achievement Motivations Scale for Sports Environments* (e.g. Holden et al., 2017) é uma escala elaborada para medir a busca pelo sucesso e a evitação do fracasso em atletas durante sessões de treinamento e competição e que possui 68 itens divididos em seis fatores.

Com fundamentos nos trabalhos de Lynn (1969), Ray (1971, 1979) desenvolveu a escala denominada *Ray-Lynn AO Scale* com 14 itens para a avaliação do nível de Motivo de Realização geral de uma pessoa. Esta escala foi elaborada com os dados obtidos populações britânicas (Reino Unido) e países da *Commonwealth* (Austrália e África do Sul), apresentando um nível de confiabilidade alta e de fácil aplicabilidade, principalmente por ser formulada em poucos itens (Ray, 1979). No entanto, Lindgren, Moristch, Thulin e Mich (1986) e Ward

(1990) não conseguiram replicar tal confiabilidade da *Ray-Lynn AO Scale*. (Ray, 1979). Pássaro e Bueno (2016) traduziram esse questionário para o português, denominando-a Escala Ray-Lynn AO de 14 itens em seu trabalho sobre a influência do nível de Motivo de Realização de universitários brasileiros em suas escolhas intertemporais econômicas. Os dados de Pássaro e Bueno (2016) não apresentam diferenças nas escolhas intertemporais econômicas em função do nível de Motivo de Realização e uma das justificativas apontadas é também a confiabilidade da escala. Medidas de nível de Motivo de Realização de atletas podem auxiliar na compreensão das expectativas acerca da carreira esportiva, engajamento em melhorar o rendimento esportivo, ações e reações dentro do ambiente esportivo que influenciam a preparação esportiva e tomadas de decisão.

Embora a *Ray-Lynn AO Scale* tenha sido utilizada em diversos estudos no exterior, não têm sido encontrados estudos sobre nível de realização de atletas medidos com essa escala, nos bancos de dados de pesquisa disponíveis no Brasil. O Estudo 1 do presente trabalho teve por objetivo a adaptação e validação da *Ray-Lynn AO Scale* ao contexto esportivo brasileiro, examinando suas propriedades psicométricas e revisando a tradução de Pássaro e Bueno (2016). No entanto, A Escala Ray-Lynn adaptada ao contexto esportivo brasileiro sofreu alterações em sua estrutura fatorial original, tendo itens sido retirados e erros de diferentes fatores correlacionados. Além disso, não se mostrou uma medida confiável de Motivo de Realização mesmo após as modificações.

Para Roberts, Nerstad e Lemyre (2018), a Teoria das Metas de Realização é, juntamente com a Teoria da Autodeterminação (Deci & Ryan, 2012), um dos modelos mais influentes ou predominantes no estudo da Motivação, principalmente no domínio esportivo. O estudo da Motivação baseada na competência visa, para Elliot e Dweck (2005, p. 4), uma definição mais precisa de constructo, algo que as teorias de Motivo de Realização carecem, pois “o conceito de realização não é claramente estabelecido”, podendo ser entendido de forma ampla ou restrita. Sendo assim, a Teoria das Metas de Realização tem a função de ser uma ferramenta concreta que as pessoas utilizam para regular seus desejos e medos sobre o sucesso e fracasso (Murayama & Elliot, 2012). Presumidamente, esses desejos ou medos energizam o comportamento, mas não proporcionam orientações específicas de como um indivíduo pode agir diante desse desejo ou medo (Elliot, 1999)

Meta de Realização é “um objetivo, baseado na competência, que se almeja em contextos avaliativos” (Gegenfurtner & Hagenauer, 2013) ou, ainda, “o propósito de se engajar em um comportamento relevante para a competência” (Elliot & Hulleman, 2017).

Competência é o núcleo conceitual dentro das Metas de Realização (Elliot, 2005; Elliot et al., 2011; Mascret et al., 2015).

Elliot, Murayama e Pekrun (2011) propõem o modelo 3×2 de Metas de Realização em que a competência possui duas dimensões. Uma dimensão da competência é sua orientação, ou seja, em como ela é definida, podendo ter três referenciais: absoluto (os requisitos da tarefa), intrapessoal (o próprio desempenho atingido no passado) e normativo/interpessoal (o desempenho dos outros). Outra dimensão da competência é a sua valência, que pode ser construída em termos positivos ou negativos. A valência evoca predisposições comportamentais de aproximação quando positiva ou de evitação quando negativa (Elliot & McGregor, 2001; Elliot et al., 2011; McClelland et al., 1953). Ambas as dimensões – definição e valência – devem ser consideradas como componentes necessários ao modelo 3×2 de Metas de Realização.

Mascret, Elliot e Cury (2015) estenderam o modelo 3×2 de Metas de Realização ao contexto esportivo competitivo, desenvolvendo e validando o *3×2 Achievement Goal Questionnaire for Sport* (3×2 AGQ-S). Os autores aplicaram este questionário, relacionando os dados obtidos com dados de outros instrumentos que mediam outros constructos (teorias implícitas de motivação, competência percebida e interesse), testando também a estrutura fatorial e as propriedades psicométricas do 3×2 AGQ-S. Os autores aplicaram este questionário, relacionando os dados obtidos com dados de outros instrumentos que mediam outros constructos (teorias implícitas de motivação, competência percebida e interesse), testando também a estrutura fatorial e as propriedades psicométricas do 3×2 AGQ-S. Em comparação a outros modelos de Metas de Realização, os autores concluem que os dados se ajustaram mais ao modelo proposto (3×2 de Metas de Realização), justificando assim a mudança de paradigma do modelo 2×2 de Metas de Realização para o 3×2 de Metas de Realização no contexto esportivo. Tais dados são corroborados por Wang, Liu, Sun e Chua (2017) em um estudo com atletas universitários asiáticos de Singapura e por Madigan, Stoeber e Passfield (2017) demonstrando que o 3×2 AGQ-S é uma medida válida e confiável. Não foi encontrada nos bancos de dados de pesquisa disponíveis no Brasil e em Portugal uma versão em português desse questionário, nem sua validação no contexto esportivo brasileiro, português ou lusófono. O Estudo 2 do presente trabalho teve por objetivo a adaptação e validação do *3×2 Achievement Goal Questionnaire for Sport* ao contexto esportivo brasileiro, examinando suas propriedades psicométricas. A versão adaptada do *3×2 Achievement Goal Questionnaire for Sport* mostrou-se válida como forma de acesso às metas de realização de atletas brasileiros. Ressalta-se, no entanto, que os fatores “Tarefa-Evitação” e “Ego-Evitação”

não possuem confiabilidade adequada e que a estrutura fatorial pode variar de acordo com o contexto de aplicação (sessão de treinamento ou competição) e tipo de modalidade (individual ou coletiva).

Bindra (1976) reforça que Motivação e Emoção se relacionam com a organização da ação, que depende não apenas das condições presentes do organismo ou nas características dos estímulos, mas sobre como esses processos são estruturados em um estado motivacional central e constituem estados subjetivos. Apesar de controvérsias sobre a definição de emoção e conceitos relacionados como Estados de Ânimo (Barrett, 2012; Dias et al., 2013; Engelmann, 1978; Hanin, 2012). Para Engelmann (1978, 1986, 2002) Estado de Ânimo é um estado subjetivo que representa padrões fundamentais de funcionamento e orientação que afetam a atividade de uma pessoa. Nesse sentido, Engelmann (2002) argumenta que estudos que permitem a descrição de Estados de Ânimo por meio de relatos verbais podem identificar a variedade de estados subjetivos presentes no indivíduo que estão mais diretamente relacionados aos processos motivacionais e emocionais vinculado a uma ação.

Estados de Ânimo presentes pré-competitivos também têm sido investigados no esporte com a aplicação da Lista de Estados de Ânimo Presentes – LEAP (Engelmann, 1978, 1986, 2001, 2002), relacionando estes estados a desempenho técnico, localidade da competição, posição de jogo, gênero dos atletas, liderança, categorias comportamentais, decurso temporal das competições e fase do campeonato (Bueno & Di Bonifácio, 2007, 2009; Bueno & Souza, 2019; Di Bonifácio, 2006, 2013; Dias-Silva, 2013; Nogueira, 2009; Picoli, 2016; Silva, 2013, 2017; V. C. Souza, 2011, 2014, 2019). A Lista de Estados de Ânimo Presentes (Engelmann, 1986) é uma lista com 40 locuções escritas na primeira pessoa do singular, que se referem a Estados de Ânimo, tendo ao lado de cada locução uma escala com graus de intensidade (Anexo P). Este instrumento permite a mensuração da presença de Estados de Ânimo do indivíduo no momento em que está sendo respondida.

O Motivo de Realização (Atkinson, 1964; McClelland, 1955; McClelland et al., 1953) e as Metas de Realização (Elliot et al., 2011; Mascaret et al., 2015), se interseccionam no ponto em que tratam da meta a ser alcançada, bem como as estratégias psicológicas para a realização desses objetivos. Além disso, tanto a *Ray-Lynn AO Scale* (Ray, 1979) e o *3×2 Achievement Goal Questionnaire for Sport* (Mascaret et al., 2015) são instrumentos de fácil aplicação, porém não possuem adaptação para sua aplicação no contexto esportivo brasileiro. Quanto aos Estados de Ânimo, a LEAP (Engelmann, 1986) também é um instrumento de fácil aplicação, respondida de forma precisa e que tem apresentado resultados regulares nos

estudos em que tem sido empregada. Porém, a LEAP ainda não foi aplicada em atletas de modalidades individuais.

Estudos mostraram que gênero, nível de participação e tipo de esporte podem influenciar a adoção de Metas de Realização (Koh & Wang, 2015). Gonzalez (2004) apresenta um Sistema de Classificação de Esportes, desenvolvido com base nos critérios de cooperação, relação de oposição com o adversário e tipo de ambiente onde se realiza a prática esportiva. Nesse sistema produzido por Gonzalez (2004), é possível identificar modalidades individuais “quando o sujeito participa sozinho durante a ação esportiva total (duração da prova, do jogo), sem a participação colaborativa de um colega, e em esportes coletivos, quando as modalidades exigem, pela sua estrutura e dinâmica, a coordenação das ações de duas ou mais pessoas para o desenvolvimento da atuação esportiva”. No presente estudo, foram estudadas as modalidades esportivas: voleibol, futebol, handebol, *eSports (League of Legends)*, ciclismo, xadrez e *Powerlifting*.

Woodman e Hardy (2003) apontam que pode haver mais pressão e exposição pessoal em esportes individuais que em esportes coletivos. Gonçalves e Belo (2007) avaliaram com o *Sport Competition Anxiety Test* (Martens, 1977) que a ansiedade-traço em atletas difere dependendo de a modalidade ser individual ou ser coletiva. Brandt (2012) mostra que os estados de humor pré-competitivos avaliados com o *Profile of Mood States* (McNair et al., 1971; W. P. Morgan, 1980) diferem em atletas de modalidades individuais e coletivas. Apesar de ser uma distinção fundamental, poucos estudos investigaram diferenças entre atletas em função do tipo de modalidade esportiva (Landkammer et al., 2019).

Estudos mostrando diferenças de Metas de Realização em função do gênero mostraram resultados inconsistentes, reforçando a importância de se investigar tal influência (Stenling et al., 2014; Wirthwein et al., 2019). Elliot (1999) argumenta que o gênero também pode influenciar a adoção de metas no esporte. Mulheres – independentemente de serem atletas individuais ou de esportes coletivos – são mais propensas a sentir ansiedade do que homens em ambientes competitivos (Stenling et al., 2014). Morris e Kavussanu (2008) mostram que atletas universitários homens e mulheres diferem em suas Metas de Realização (baseadas no modelo 2×2 de Metas de Realização), sendo mais provável homens adotarem a meta Maestria-Aproximação do que mulheres e mulheres adotarem mais a meta Maestria-Evitância que homens. Concluíram também que as mulheres sentem um medo do fracasso maior na comparação com os homens e reforçam ainda a necessidade de considerar o gênero dos atletas nos estudos sobre Motivação ligada à competência no esporte. Ridgers, Fazey e Fairclough (2007) apontam que as mulheres tendem a subestimar sua competência, enquanto

os homens tendem a superestimar as deles e isso pode produzir diferentes níveis de ansiedade. Bueno e Di Bonifácio (2007) relatam que mulheres atletas de voleibol tendem a expressar maior quantidade de Estados de Ânimo pré-competitivos do que homens atletas de voleibol. Por sua vez, homens atletas de voleibol expressam mais raiva do que mulheres atletas de voleibol, principalmente nas fases finais de uma competição. Proios (2014) concluiu que as Metas de Realização estão associadas às emoções discretas e que a forma das emoções é afetada pelo gênero e tipo de modalidade esportiva.

Bueno e Di Bonifácio (2007, 2009), Picoli (2016) e Souza (2011, 2014) discutem componentes motivacionais presentes na situação pré-competitiva, variando sua intensidade em relação à fase do campeonato, nível do adversário, desempenho técnico e resultado do jogo. Os elementos motivacionais contidos nas locuções da LEAP (Engelmann, 1986), também mostram uma sobreposição entre aspectos motivacionais e Estados de Ânimo, denotando a importância de se estudar sistematicamente a relação entre estes aspectos com instrumentos precisos e indicadores específicos de cada aspecto. O presente estudo teve por objetivo a caracterização e correlação dos Estados de Ânimo presentes, os níveis de Motivo de Realização e as Metas de Realização de atletas brasileiros de alto rendimento no período pré-competitivo, comparando-os em função do gênero e do tipo de modalidade esportiva (individual ou coletiva) praticada.

Método

Participantes

Participaram voluntariamente neste estudo 140 atletas brasileiros ($M_{idade} = 26,51$ anos; $DP = 8,97$) de sete modalidades esportivas diferentes, nascidos em 15 unidades federativas diferentes (55,7% em São Paulo), sendo 28,6% com experiência em competições internacionais, média de experiência esportiva de 7,68 anos ($DP = 5,95$). A Tabela 3.1 mostra o detalhamento da amostra em relação ao gênero e às modalidades esportivas praticadas. Ressalta-se também que a modalidade de *League of Legends* (LOL), reconhecidamente um esporte eletrônico, foi considerada como esporte coletivo pela definição dada por Gonzalez (2004).

Materiais

Escala Ray-Lynn

Para mensurar o Motivo de Realização geral dos atletas participantes, foi utilizada a Escala Ray-Lynn adaptada ao contexto esportivo brasileiro (ver Estudo 1). Este instrumento possui 14 itens divididos em dois fatores (Busca pelo Sucesso e Evitação do Fracasso). Os

itens são escritos em primeira pessoa e o respondente deve marcar seu grau de concordância com a frase em uma escala tipo likert de cinco pontos (ver Apêndice F). O valor dos fatores é calculado pela média dos valores de cada item, sendo que os itens ligados ao fator “Evitação do Fracasso” tem seu valor invertido no cálculo (ou seja, se a pessoa marcar 1 na escala de um item, o valor que irá para o cálculo do fator é 5). O Motivo de Realização geral é calculado pela média dos valores dos fatores “Busca pelo Sucesso” e “Evitação do Fracasso”.

Tabela 3.1

Número de participantes de acordo com o gênero e modalidade esportiva.

Tipo de Modalidade	Modalidade	Masculino	Feminino	Total por modalidade	Total por tipo de Modalidade
Coletiva	Voleibol	13	0	13	72
	Handebol	14	15	29	
	Futebol	0	20	20	
	eSports (LOL)	10	0	10	
Individual	Powerlifting	40	14	54	68
	Xadrez	1	1	2	
	Ciclismo	10	2	12	
Total		88	52		140

Questionário 3×2 de Metas de Realização para o esporte

Para mensurar as Metas de Realização dos atletas participantes, foi utilizado o Questionário 3×2 de Metas de Realização para o esporte (3×2 AGQ-S/BR; ver Estudo 2). Este instrumento possui 18 itens divididos em seis fatores (Tarefa-Aproximação, Tarefa-Evituação, Ego-Aproximação, Ego-Evituação, Outro-Aproximação e Outro-Evituação). Os itens são escritos em primeira pessoa como forma de complemento à frase “Meu objetivo é...” e o respondente deve marcar seu grau de concordância com a frase em uma escala tipo likert de cinco pontos (ver Apêndice N). O valor de cada fator é calculado pela média dos valores dos itens.

Lista de Estados de Ânimo Presentes

Para mensurar os Estados de Ânimo Presentes dos atletas participantes, foi utilizada a Lista de Estados de Ânimo Presentes – LEAP (Engelmann, 1986). Este instrumento possui 40 locuções divididas em 12 fatores (I – Humilhação/Raiva, II – Fadiga, III – Esperança, IV – Limerência/Empatia, V – Fisiológico, VI – Repulsa, VII – Interesse, VIII – Surpresa, IX – Fome, X – Descaso/Inveja, XI – Receptividade e XII – Serenidade). As locuções são escritas em primeira pessoa e o respondente deve marcar o grau de intensidade no momento em que

estão sendo respondidas em uma escala tipo likert de cinco pontos (ver Anexos O e P). Os valores de presença de cada fator, conforme proposto por Picoli (2016), foram calculados multiplicando o valor atribuído pelo participante na escala ao lado de cada locução pelo seu valor de correlação (carga) com cada fator. Para permitir comparações envolvendo fatores com número diferente de locuções correlacionadas, foi feita uma padronização para colocar cada valor de presença de cada fator da LEAP em uma escala que vai de zero a um. Essa padronização foi feita da seguinte maneira: em cada fator da LEAP, o valor máximo possível foi calculado multiplicando todas as suas cargas positivas por 5 (valor máximo da escala da LEAP ao lado da locução) e suas cargas negativas por 1 (valor mínimo de escala da LEAP ao lado da locução) e a média dos valores obtidos foi calculada. Para o valor mínimo foi feito o oposto: as cargas positivas foram multiplicadas por 1 e as negativas multiplicadas por 5 e a média dos valores obtidos foi calculada. A partir daí, o valor mínimo obtido foi ajustado para 0 (zero) e o valor máximo também foi ajustado, correspondendo à proporção da escala (por exemplo, se um valor mínimo foi ajustado de 2 a 0, o valor máximo foi deduzido por 2 também). Para o ajuste do valor máximo para 1 (um), foi dividido por ele mesmo. Assim, o valor de presença obtido na escala original (1 a 5) também foi dividido pelo valor máximo ajustado, tendo o valor de presença do fator.

Procedimento

O pesquisador entrou em contato com as respectivas equipes técnicas, federações, comissões organizadoras das competições e atletas das modalidades escolhidas, explicou brevemente os objetivos da pesquisa e pediu a colaboração para a participação voluntária no estudo. Especificamente com os atletas, pediu a quem pudesse ser voluntário para responder os questionários antes das competições em um espaço pré-determinado no local onde estaria ocorrendo a competição.

Nos dias da competição previamente agendados e autorizados pelas equipes técnicas convidadas, o pesquisador se apresentou aos atletas cerca de uma hora antes do início da competição no local pré-determinado e explicou novamente a pesquisa, reforçando o convite aos atletas para a participação no estudo. Os atletas que se voluntariaram a participar se dirigiram para o local reservado, equipado com cadeiras e com boa luminosidade, onde estavam os questionários impressos nas pranchetas e canetas para as respostas.

O pesquisador aplicou a Escala Ray-Lynn adaptada no Estudo 1, o 3×2 AGQ-S/BR (versão adaptada no Estudo 2 do 3×2 *Achievement Goal Questionnaire for Sport*) e a LEAP. A aplicação dos instrumentos se deu da seguinte forma: o pesquisador aguardou que os

participantes se acomodassem no local. Em seguida, entregou a Escala Ray-Lynn, o 3×2 AGQ-S/BR e a LEAP com as folhas de instruções aos participantes, a prancheta e canetas. A ordem de apresentação dos instrumentos foi sorteada para cada participante, bem como cada versão do instrumento tinha a ordem de seus itens alterada. O pesquisador seguiu com o protocolo de aplicação explicando aos participantes a forma de preenchimento de cada instrumento por vez, lendo em voz alta as instruções. Caso não houvesse questionamentos por parte dos sujeitos, o pesquisador assentia o início do preenchimento dos instrumentos. Ao término do preenchimento dos instrumentos, o pesquisador recolheu as pranchetas, as canetas e as folhas respondidas. O tempo médio de duração da aplicação foi de nove minutos e este procedimento foi realizado cerca de 50 minutos antes de cada competição. Assim que os participantes entregavam os instrumentos ao pesquisador, este os guardava dentro de uma pasta opaca, a qual sempre esteve sob sua guarda durante a competição, garantindo que o sigilo das informações fosse mantido. Somente o pesquisador teve acesso aos instrumentos respondidos durante o estudo.

Forma de análise

Os testes de Kolgomorov-Smirnov e Shapiro-Wilk foram realizados para verificar se a distribuição da amostra apresenta normalidade ou não e assim escolher o melhor teste estatístico para a comparação entre as médias populacionais. Os grupos de análise foram formados de acordo com o gênero dos atletas (masculino ou feminino) e tipo de modalidade praticada (individual ou coletiva), aglutinando tais características em quatro grupos. São eles: Masculino-Individual (MI), Masculino-Coletiva (MC), Feminino-Individual (FI) e Feminino-Coletiva (FC). De acordo com os testes realizados, todos os pressupostos de normalidade dos dados dos participantes em relação aos fatores da Escala Ray-Lynn, do 3×2 AGQ-S/BR e da LEAP foram violados. Desse modo, foi escolhido o teste de Kruskal-Wallis de amostras independentes para a comparação entre os grupos, acusando diferença entre pelos menos dois grupos quando o nível de significância foi $p \leq 0,05$. Nesse caso, foi realizado o teste de Dunn para averiguar entre quais dos quatro grupos foi detectada diferença estatisticamente significativa. Para as correlações entre os Fatores de cada instrumento para cada grupo, foi utilizada a correlação de Spearman, assumindo como grau de significância $p \geq 0,05$. Todos os cálculos foram realizados com o auxílio do *software* IBM® SPSS® for Windows™ 25.0.

Resultados

Os dados de comparação entre grupos de todos os instrumentos utilizados neste estudo que não apresentaram diferenças estatisticamente significativas estão mostrados no Apêndice O.

Escala Ray-Lynn

As estatísticas descritivas para cada grupo em relação aos dados da Escala Ray-Lynn foram calculados e estão mostrados na Tabela 3.2. Nota-se que os valores do fator “Evitação do fracasso” são maiores do que os valores do fator “Busca pelo Sucesso” em todos os grupos. O fator “Motivo de Realização”, que é de segunda ordem, é a média entre os valores dos fatores “Evitação do fracasso” e “Busca pelo Sucesso”. A média geral do valor do fator “Motivo de Realização” dos atletas participantes deste estudo (isto é, sem dividi-los em grupos) é 4,1 numa escala que varia entre 1 e 5.

Tabela 3.2

Estatísticas descritivas dos grupos em relação aos fatores da Escala Ray-Lynn.

	Geral	Masculino		Feminino	
		Individual	Coletiva	Individual	Coletiva
Busca pelo Sucesso					
Média	4,01	4,28	3,84	3,72	3,96
Desvio-Padrão	0,67	0,50	0,76	0,78	0,59
Mediana	4,20	4,40	4,00	3,60	4,00
Mínimo	1,80	3,00	1,80	2,40	2,80
Máximo	5,00	5,00	5,00	5,00	5,00
Evitação do Fracasso					
Média	4,23	4,42	3,99	4,34	4,15
Desvio-Padrão	0,68	0,54	0,86	0,58	0,62
Mediana	4,40	4,40	4,20	4,50	4,00
Mínimo	2,00	3,00	2,00	2,80	2,80
Máximo	5,00	5,00	5,00	5,00	5,00
Motivo de Realização					
Média	4,12	4,35	3,91	4,03	4,05
Desvio-Padrão	0,56	0,35	0,69	0,55	0,57
Mediana	4,20	4,30	3,95	3,90	4,00
Mínimo	2,00	3,50	2,00	3,00	2,80
Máximo	5,00	5,00	5,00	5,00	5,00

A comparação entre os grupos para o Fator ‘Evitação do Fracasso’ mostra que não foi detectada diferença estatística entre os grupos. Sobre o Fator ‘Busca pelo Sucesso’ foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os grupos ($H= 12,706$; $gl= 3$; $p=0,005$). O teste de Dunn acusou diferença entre os grupos Masculino-Individual e Feminino-Individual ($H= 2,741$; $p= 0,037$) e Masculino-Individual e Masculino-Coletiva ($H= 2,926$; $p= 0,021$) A Figura 3.1 mostra a distribuição dos dados deste Fator entre os grupos.

Figura 3.1. Diagrama de extremos e quartis dos valores de Busca pelo Sucesso dos grupos Masculino-Individual (MI), Masculino-Coletiva (MC), Feminino-Individual (FI) e Feminino-Coletiva (FC). A linha em negrito representa a mediana, enquadrada entre o 1º Quartil e o 3º Quartil. As barras inferiores e superiores representam, respectivamente, o mínimo e o máximo das distribuições.

Comparando-se os dados de Motivo de Realização dos diferentes grupos, foi detectada diferença entre os grupos ($H = 12,242$; $gl = 3$; $p = 0,007$). O teste de Dunn acusou diferença entre os grupos Masculino-Coletiva e Masculino-Individual ($H = 3,129$; $p = 0,011$). A Figura 3.2 mostra a distribuição dos dados dos grupos para este fator.

Figura 3.2. Diagrama de extremos e quartis dos valores de Motivo de Realização dos grupos Masculino-Individual (MI), Masculino-Coletiva (MC), Feminino-Individual (FI) e Feminino-Coletiva (FC). A linha em negrito representa a mediana, enquadrada entre o 1º Quartil e o 3º Quartil. As barras inferiores e superiores representam, respectivamente, o mínimo e o máximo das distribuições.

3×2 AGQ-S/BR

As estatísticas descritivas para cada grupo em relação a cada Fator do 3×2 AGQ-S/BR foram calculados e estão mostrados na Tabela 3.3. Percebe-se que, na média geral, o valor do fator “Tarefa-Aproximação” (4,78) é o maior e que o valor do fator “Outro-Evituação” (3,31) é o menor. Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os grupos para os Fatores “Ego-Aproximação”, “Outro-Aproximação”, “Tarefa-Evituação” e “Ego-Evituação”.

Tabela 3.3

Estatísticas descritivas dos grupos em relação aos fatores do 3×2 AGQ-S/BR.

	Geral	Masculino		Feminino	
		Individual	Coletiva	Individual	Coletiva
Tarefa-Aproximação					
Média	4,79	4,76	4,87	4,64	4,80
Desvio-Padrão	0,44	0,57	0,34	0,41	0,31
Mediana	5,00	5,00	5,00	4,66	5,00
Mínimo	1,67	1,67	3,33	3,67	4,00
Máximo	5,00	5,00	5,00	5,00	5,00
Ego-Aproximação					
Média	4,65	4,64	4,70	4,48	4,71
Desvio-Padrão	0,65	0,74	0,67	4,83	0,31
Mediana	5,00	5,00	5,00	0,60	5,00
Mínimo	1,67	1,67	1,67	3,33	4,00
Máximo	5,00	5,00	5,00	5,00	5,00
Outro-Aproximação					
Média	3,36	3,10	3,68	3,16	3,50
Desvio-Padrão	1,23	1,21	1,16	1,43	1,15
Mediana	3,66	3,00	4,00	3,33	3,66
Mínimo	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00
Máximo	5,00	5,00	5,00	5,00	5,00
Tarefa-Evituação					
Média	4,19	3,99	4,44	4,05	4,29
Desvio-Padrão	0,90	1,15	0,68	0,76	0,68
Mediana	4,33	4,33	4,66	4,00	4,50
Mínimo	1,00	1,00	2,33	2,33	3,00
Máximo	5,00	5,00	5,00	5,00	5,00
Ego-Evituação					
Média	4,10	4,05	4,40	3,62	4,10
Desvio-Padrão	0,95	1,08	0,67	1,13	0,86
Mediana	4,33	4,33	4,66	3,83	4,16
Mínimo	1,00	1,00	2,67	1,00	2,00
Máximo	5,00	5,00	5,00	5,00	5,00
Outro-Evituação					
Média	3,34	3,21	3,67	2,68	3,50
Desvio-Padrão	1,14	1,15	1,05	1,23	1,02
Mediana	3,33	3,00	3,83	2,50	3,50
Mínimo	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00
Máximo	5,00	5,00	5,00	5,00	5,00

Comparando-se os dados do Fator “Tarefa-Aproximação” dos diferentes grupos, foi detectada diferença entre os grupos ($H = 8,906$; $gl = 3$; $p = 0,031$). O teste de Dunn acusou

diferença estatisticamente significativa entre os grupos Feminino-Individual e Masculino-Coletiva ($H = -2,902$; $p=0,022$). A Figura 3.3 mostra a distribuição dos dados dos grupos para este fator. Comparando-se os dados do Fator “Outro-Evituação” dos diferentes grupos, foi detectada diferença entre os grupos ($H= 10,308$; $gl= 3$; $p= 0,016$). O teste de Dunn acusou diferença entre os grupos Feminino-Individual e Masculino-Coletiva ($H= -2,976$; $p= 0,018$). A Figura 3.4 mostra a distribuição dos dados dos grupos.

Figura 3.3. Diagrama de extremos e quartis dos valores do Fator Tarefa-Aproximação dos grupos Masculino-Individual (MI), Masculino-Coletiva (MC), Feminino-Individual (FI) e Feminino-Coletiva (FC). A linha em negrito representa a mediana, enquadrada entre o 1º Quartil e o 3º Quartil. As barras inferiores e superiores representam, respectivamente, o mínimo e o máximo das distribuições.

Figura 3.4. Diagrama de extremos e quartis dos valores de Outro-Evituação dos grupos Masculino-Individual (MI), Masculino-Coletiva (MC), Feminino-Individual (FI) e Feminino-Coletiva (FC). A linha em negrito representa a mediana, enquadrada entre o 1º Quartil e o 3º Quartil. As barras inferiores e superiores representam, respectivamente, o mínimo e o máximo das distribuições.

LEAP

As estatísticas descritivas para cada grupo em relação a cada Fator da LEAP foram calculados e estão mostrados na Tabela 3.4. Na média geral, percebe-se que os maiores valores são dos fatores “III – Esperança” (0,60) e “VII – Interesse” (0,63) e os menores valores são dos fatores “I – Humilhação/Raiva” (0,17) e “VI – Repulsa” (0,14).

Tabela 3.4

Estatísticas descritivas dos grupos em relação aos fatores da LEAP

	Geral	Masculino		Feminino	
		Individual	Coletiva	Individual	Coletiva
I – Humilhação/Raiva					
Média	0,17	0,17	0,17	0,16	0,17
Desvio-Padrão	0,10	0,11	0,11	0,09	0,09
Mediana	0,15	0,14	0,15	0,16	0,17
Mínimo	0,00	0,00	0,01	0,00	0,01
Máximo	0,56	0,56	0,44	0,32	0,37
II – Fadiga					
Média	0,33	0,35	0,30	0,29	0,34
Desvio-Padrão	0,15	0,16	0,14	0,13	0,16
Mediana	0,32	0,35	0,31	0,31	0,30
Mínimo	0,00	0,00	0,02	0,00	0,07
Máximo	0,68	0,65	0,62	0,54	0,68
III – Esperança					
Média	0,60	0,63	0,60	0,52	0,61
Desvio-Padrão	0,16	0,15	0,17	0,15	0,15
Mediana	0,60	0,65	0,61	0,50	0,62
Mínimo	0,23	0,26	0,28	0,23	0,32
Máximo	0,91	0,91	0,91	0,76	0,88
IV – Limerência/Empatia					
Média	0,49	0,52	0,44	0,42	0,55
Desvio-Padrão	0,24	0,23	0,23	0,20	0,28
Mediana	0,48	0,55	0,44	0,38	0,50
Mínimo	0,04	0,10	0,04	0,12	0,09
Máximo	1,00	0,95	0,85	0,80	1,00
V – Fisiológico					
Média	0,51	0,49	0,44	0,51	0,60
Desvio-Padrão	0,21	0,17	0,25	0,17	0,20
Mediana	0,50	0,50	0,40	0,48	0,59
Mínimo	0,00	0,17	0,00	0,24	0,25
Máximo	1,00	0,85	1,00	0,78	1,00
VI – Repulsa					
Média	0,14	0,15	0,15	0,13	0,12
Desvio-Padrão	0,09	0,09	0,11	0,07	0,07
Mediana	0,14	0,14	0,15	0,16	0,12
Mínimo	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Máximo	0,53	0,37	0,53	0,23	0,32
VII – Interesse					
Média	0,63	0,66	0,63	0,59	0,62
Desvio-Padrão	0,13	0,12	0,15	0,12	0,14
Mediana	0,63	0,66	0,63	0,58	0,61
Mínimo	0,18	0,35	0,18	0,42	0,22
Máximo	0,92	0,91	0,89	0,86	0,92

(Continua)

Tabela 3.4

Estatísticas descritivas dos grupos em relação aos fatores da LEAP (continuação)

	Geral	Masculino		Feminino	
		Individual	Coletiva	Individual	Coletiva
VIII – Surpresa					
Média	0,20	0,20	0,22	0,20	0,19
Desvio-Padrão	0,21	0,21	0,23	0,18	0,20
Mediana	0,15	0,15	0,17	0,16	0,15
Mínimo	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Máximo	1,00	1,00	0,91	0,58	0,73
IX – Fome					
Média	0,34	0,38	0,32	0,35	0,29
Desvio-Padrão	0,13	0,16	0,11	0,10	0,11
Mediana	0,31	0,35	0,30	0,32	0,28
Mínimo	0,08	0,10	0,10	0,18	0,08
Máximo	0,78	0,78	0,63	0,55	0,51
X – Descaso/Inveja					
Média	0,23	0,25	0,23	0,22	0,21
Desvio-Padrão	0,11	0,11	0,12	0,07	0,11
Mediana	0,22	0,23	0,22	0,21	0,19
Mínimo	0,00	0,00	0,00	0,04	0,07
Máximo	0,61	0,61	0,51	0,33	0,52
XI – Receptividade					
Média	0,52	0,54	0,55	0,51	0,45
Desvio-Padrão	0,19	0,19	0,20	0,19	0,16
Mediana	0,52	0,56	0,60	0,49	0,46
Mínimo	0,06	0,12	0,14	0,11	0,06
Máximo	1,00	1,00	0,97	0,82	0,74
XII – Serenidade					
Média	0,47	0,47	0,50	0,45	0,45
Desvio-Padrão	0,17	0,18	0,17	0,15	0,15
Mediana	0,48	0,47	0,48	0,44	0,47
Mínimo	0,08	0,08	0,29	0,15	0,11
Máximo	0,92	0,82	0,92	0,75	0,78

Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os grupos para os Fatores “I – Humilhação/Raiva”, “II – Fadiga”, “III – Esperança”, “IV – Limerência/Empatia”, “VI – Repulsa”, “VII – Interesse”, “VIII – Surpresa”, “IX – Fome”, “X – Descaso/Inveja”, “XI – Receptividade” e “XII – Serenidade”.

Comparando-se os dados do Fator “V – Fisiológico” dos diferentes grupos, foi detectada diferença entre os grupos ($H = 11,208$; $gl = 3$; $p = 0,011$). O teste de Dunn acusou diferença estatisticamente significativa entre os grupos Masculino-Coletiva e Feminino-Coletiva ($H = -3,304$; $p = 0,006$). A Figura 3.5 mostra a distribuição dos dados dos grupos para este fator.

Figura 3.5. Diagrama de extremos e quartis dos valores do Fator V – Fisiológico dos grupos Masculino-Individual (MI), Masculino-Coletiva (MC), Feminino-Individual (FI) e Feminino-Coletiva (FC). A linha em negrito representa a mediana, enquadrada entre o 1º Quartil e o 3º Quartil. As barras inferiores e superiores representam, respectivamente, o mínimo e o máximo das distribuições.

Correlações entre os fatores da Escala Ray-Lynn, 3×2 AGQ-S/BR e a LEAP

As correlações estatisticamente significativas em pares encontradas entre os fatores dos instrumentos utilizados neste estudo estão mostradas nas Tabelas 3.5 e 3.6. A tabela 3.5 refere-se aos dados sem divisão por grupo e a tabela 3.6 refere-se aos dados dos grupos Masculino-Individual, Feminino-Individual, Masculino-Coletiva e Feminino-Coletiva.

Hulley, Cummings, Browner, Grady, Hearst e Newman (2003) adotam como critérios de magnitude das correlações o seguinte: coeficientes de correlação $< 0,4$ são correlações de fraca magnitude; entre 0,4 e 0,5 são correlações de moderada magnitude; e $> 0,5$ correlações de forte magnitude.

Observa-se que todas as correlações encontradas nos dados gerais são de fraca magnitude. Há nove correlações entre fatores da Escala Ray-Lynn e a LEAP, 13 correlações entre os fatores da Escala Ray-Lynn e do 3×2 AGQ-S/BR e 12 correlações entre os fatores do 3×2 AGQ-S/BR e da LEAP.

No grupo Masculino-Individual (MI) foram encontradas cinco correlações entre os fatores da Escala Ray-Lynn e a LEAP, sendo uma delas de moderada magnitude e quatro de fraca magnitude. Entre os fatores da Escala Ray-Lynn e do 3×2 AGQ-S/BR foram encontradas cinco correlações, sendo uma delas de moderada magnitude e quatro de fraca magnitude. Entre os fatores do 3×2 AGQ-S/BR e da LEAP foram encontradas seis correlações, todas de fraca magnitude.

Tabela 3.5

Correlações estatisticamente significativas entre os fatores da Escala Ray-Lynn, 3×2 AGQ-S/BR e a LEAP sem divisão por grupo.

Fator Ray-Lynn	Fator 3×2	Fator LEAP	Rô de Spearman	p
	Tap	III – Esperança	0,241	0,004
	Tap	IV – Interesse	0,305	0,001
Busca pelo Sucesso	Tap		0,301	0,001
Evitação do Fracasso	Tap		0,288	0,001
Motivo de Realização	Tap		0,364	0,001
Busca pelo Sucesso	Eap		0,263	0,002
Evitação do Fracasso	Eap		0,275	0,001
Motivo de Realização	Eap		0,340	0,001
	Oap	III – Esperança	0,257	0,002
	Oap	IV – Limerência/Empatia	0,229	0,006
	Oap	VII – Interesse	0,217	0,010
Busca pelo Sucesso	Oap		0,290	0,001
Motivo de Realização	Oap		0,199	0,018
	Tev	III – Esperança	0,212	0,012
	Tev	VII – Interesse	0,170	0,044
Busca pelo Sucesso	Tev		0,183	0,031
Evitação do Fracasso	Tev		0,179	0,035
Motivo de Realização	Tev		0,234	0,005
	Eev	III – Esperança	0,210	0,013
	Eev	V – Fisiológico	-0,180	0,033
	Oev	III – Esperança	0,348	0,001
	Oev	IV – Limerência/Empatia	0,237	0,005
	Oev	VII – Interesse	0,257	0,002
Busca pelo Sucesso	Oev		0,271	0,001
Motivo de Realização	Oev		0,198	0,019
Evitação do Fracasso		I – Humilhação/Raiva	-0,255	0,002
Evitação do Fracasso		II – Fadiga	-0,204	0,015
Busca pelo Sucesso		III – Esperança	0,275	0,001
Motivo de Realização		III – Esperança	0,183	0,030
Busca pelo Sucesso		IV – Limerência/Empatia	0,241	0,004
Busca pelo Sucesso		VII – Interesse	0,275	0,001
Motivo de Realização		VII – Interesse	0,217	0,010
Busca pelo Sucesso		X – Descaso/Inveja	0,293	0,001
Busca pelo Sucesso		XI – Receptividade	0,315	0,001

Legenda: Oap= Outro-Aproximação; Oev= Outro-Evituação; Eap= Ego-Aproximação; Eev= Ego-Evituação; Tap= Tarefa-Aproximação; Tev= Tarefa-Evituação.

Tabela 3.6

Correlações Estatisticamente Significativas Entre os Fatores da Escala Ray-Lynn, 3×2 AGQ-S/BR e a LEAP em Função dos Grupos.

Grupo	Fator Ray-Lynn	Fator 3×2	Fator LEAP	Rô de Spearman	p
MI	Busca pelo Sucesso	Oap		0,331	0,019
	Busca pelo Sucesso	Tev		0,384	0,006
	Busca pelo Sucesso	Eev		0,292	0,040
	Busca pelo Sucesso	Oev		0,405	0,004
	Motivo de Realização	Tev		0,371	0,008
	Busca pelo Sucesso		IV – Limerência/Empatia	0,383	0,006
	Busca pelo Sucesso		VI – Repulsa	0,299	0,035
	Busca pelo Sucesso		VIII – Surpresa	0,284	0,046
	Busca pelo Sucesso		X – Descaso/Inveja	0,448	0,001
	Busca pelo Sucesso		XI – Receptividade	0,314	0,026
		Oap	IV – Limerência/Empatia	0,313	0,027
		Oap	VI – Repulsa	0,314	0,026
		Tev	IX – Fome	0,313	0,027
		Eev	X – Descaso/Inveja	0,284	0,046
		Oev	VI – Repulsa	0,337	0,017
		Oev	XI – Receptividade	0,304	0,032
FI	Busca pelo Sucesso	Tap		0,487	0,040
	Busca pelo Sucesso	Eap		0,524	0,026
	Busca pelo Sucesso	Oap		0,508	0,031
	Evitação do Fracasso	Eap		0,601	0,008
	Motivo de Realização	Tap		0,508	0,031
	Motivo de Realização	Eap		0,481	0,043
	Busca pelo Sucesso		I – Humilhação/Raiva	0,482	0,043
	Busca pelo Sucesso		VIII – Surpresa	0,532	0,023
	Busca pelo Sucesso		XI – Receptividade	0,609	0,007
	Motivo de Realização		XI – Receptividade	0,673	0,002
		Tap	XI – Receptividade	0,483	0,042
		Oap	III – Esperança	0,530	0,024
		Oev	I – Humilhação/Raiva	0,508	0,031
MC	Evitação do Fracasso	Tap		0,342	0,036
	Evitação do Fracasso	Eev		0,458	0,004
	Motivo de Realização	Eev		0,393	0,015
	Evitação do Fracasso		I – Humilhação/Raiva	-0,401	0,013
	Evitação do Fracasso		VI – Repulsa	-0,344	0,035
	Busca pelo Sucesso		XI – Receptividade	0,429	0,007
		Oap	XI – Receptividade	0,402	0,012
		Tev	VII – Interesse	0,385	0,017
		Eev	VI – Repulsa	-0,349	0,032
		Eev	VIII – Surpresa	-0,370	0,022
		Oev	III – Esperança	0,338	0,038
		Oev	VII – Interesse	0,341	0,036
FC	Busca pelo Sucesso	Tap		0,580	0,000
	Busca pelo Sucesso	Eap		0,552	0,001
	Busca pelo Sucesso	Oap		0,378	0,028
	Busca pelo Sucesso	Tev		0,347	0,044
	Evitação do Fracasso	Tap		0,436	0,010
	Evitação do Fracasso	Eap		0,398	0,020
	Motivo de Realização	Tap		0,546	0,001
	Motivo de Realização	Eap		0,512	0,002
	Motivo de Realização	Oap		0,367	0,033
	Motivo de Realização	Tev		0,368	0,032

(Continua)

Tabela 3.6

Correlações Estatisticamente Significativas Entre os Fatores da Escala Ray-Lynn, 3×2 AGQ-S/BR e a LEAP em Função dos Grupos (continuação).

Grupo	Fator Ray-Lynn	Fator 3×2	Fator LEAP	Rô de Spearman	p
FC	Evitação do Fracasso		V – Fisiológico	-0,380	0,027
	Evitação do Fracasso		VIII – Surpresa	-0,398	0,020
	Busca pelo Sucesso		VII – Interesse	0,432	0,011
	Motivo de Realização		VII – Interesse	0,355	0,039
		Tap	I – Humilhação/Raiva	-0,381	0,026
		Tap	II – Fadiga	-0,352	0,041
		Tap	III – Esperança	0,351	0,042
		Tap	VII – Interesse	0,472	0,005
		Eap	III – Esperança	0,340	0,397
		Eap	VII – Interesse	0,397	0,020
		Oap	V – Repulsa	-0,440	0,009
		Oap	VIII – Surpresa	-0,356	0,039
		Tev	III – Esperança	0,370	0,031
		Tev	VI – Repulsa	-0,389	0,023
		Oev	V – Fisiológico	-0,524	0,001

Legenda: MI= Masculino-Individual; FI= Feminino-Individual; MC= Masculino-Coletiva; FC= Feminino-Coletiva; Oap= Outro-Aproximação; Oev= Outro-Evituação; Eap= Ego-Aproximação; Eev= Ego-Evituação; Tap= Tarefa-Aproximação; Tev= Tarefa-Evituação.

No grupo Feminino-Individual (FI) foram encontradas quatro correlações entre os fatores da Escala Ray-Lynn e a LEAP, sendo uma delas de moderada magnitude e três de forte magnitude. Entre os fatores da Escala Ray-Lynn e do 3×2 AGQ-S/BR foram encontradas seis correlações, sendo duas delas de moderada magnitude e quatro de forte magnitude. Entre os fatores do 3×2 AGQ-S/BR e da LEAP foram encontradas três correlações, sendo uma delas de moderada magnitude e duas delas de forte magnitude.

No grupo Masculino-Coletiva (MC) foram encontradas três correlações entre os fatores da Escala Ray-Lynn e a LEAP, sendo uma delas de fraca magnitude e duas de moderada magnitude. Entre os fatores da Escala Ray-Lynn e do 3×2 AGQ-S/BR foram encontradas três correlações, sendo duas delas de moderada magnitude e uma de fraca magnitude. Entre os fatores do 3×2 AGQ-S/BR e da LEAP foram encontradas seis correlações, sendo cinco delas de fraca magnitude e uma delas de moderada magnitude.

No grupo Feminino-Coletiva (FC) foram encontradas quatro correlações entre os fatores da Escala Ray-Lynn e a LEAP, sendo três delas de fraca magnitude e uma de moderada magnitude. Entre os fatores da Escala Ray-Lynn e do 3×2 AGQ-S/BR foram encontradas dez correlações, sendo quatro delas de forte magnitude, uma de moderada magnitude e cinco de fraca magnitude. Entre os fatores do 3×2 AGQ-S/BR e da LEAP foram encontradas onze correlações, sendo oito delas de fraca magnitude, duas delas de moderada magnitude e uma delas de fraca magnitude.

Discussão

A descrição dos dados gerais deste estudo mostra que os atletas brasileiros de ambos os gêneros e de diferentes modalidades esportivas têm um nível de Motivo de Realização alto, propensos a demonstrar competência em situações que se relacionam aos requisitos da tarefa em si e têm presentes estados de ânimo ligados à esperança e ao interesse.

Os dados sobre Motivo de Realização do presente estudo foram obtidos por meio da aplicação da Escala Ray-Lynn adaptada ao contexto esportivo brasileiro. Como mostrado no Estudo 1 do presente trabalho, essa medida não apresentou boa confiabilidade e o modelo com melhor ajustamento não foi o proposto por Ray (1979). Bester (2014) mostra que a Evitação do Fracasso de modo geral e referente às sessões de treinamento, medida com a *Achievement Motivations Scale for Sporting Environments* (Rushall & Fox, 1980), foi maior que a Busca pelo Sucesso para 254 atletas juniores de ambos os gêneros e de três modalidades diferentes. Porém, os valores de Busca pelo Sucesso foram maiores na comparação com a Evitação do Fracasso quando referentes à competição. Nesse sentido, os dados de Holden, Pugh e Schwarz (2017) e de Sultanova e Toshmirzaev (2019) com atletas universitários de diferentes modalidades também mostram maior Busca pelo Sucesso que Evitação do Fracasso em competições. Neste ponto, os dados encontrados no presente estudo divergem da literatura.

Atletas juniores do gênero masculino apresentaram mais Evitação do Fracasso que atletas mulheres no estudo de Bester (2014). Os dados do presente estudo não apresentam diferenças entre gêneros no que concerne à Evitação do Fracasso. Tais diferenças entre os achados podem também estar relacionadas ao nível competitivo esportivo das amostras em comparação (Ong, 2019; Pulido-Pedrero, Vega-Marcos, & Fuentes-García, 2020). Holden, Pugh e Schwarz (2017) mostram que houve interação entre os dados sobre Busca pelo Sucesso com o gênero e com o tipo de modalidade esportiva praticada pelos atletas, sendo que atletas homens de modalidades coletivas apresentaram índices maiores que atletas mulheres do mesmo tipo de modalidade. O presente estudo indica que atletas do gênero masculino envolvidos em modalidades individuais também apresentaram índices maiores de Busca pelo Sucesso que atletas mulheres de modalidades individuais, sugerindo que homens, independentemente do tipo de modalidade esportiva praticada, notam mais Busca pelo Sucesso que mulheres no contexto esportivo. O mesmo foi encontrado para lutadores de *wrestling* (Katarzyna & Dariusz, 2020). Além disso, atletas homens de modalidade individual demonstraram ter maior grau de Motivo de Realização que atletas homens de modalidade

coletiva no presente estudo. Tal dado não segue os achados de Ong (2019). Nesta pesquisa cingapuriana, a divisão da amostra em grupos levou em conta somente uma característica, apontando que atletas homens demonstraram maior grau de Motivo de Realização que atletas mulheres, mas que atletas de modalidade coletiva (sem considerar o gênero) apresentaram maior grau de Motivo de Realização que atletas de modalidade individual. A descrição dos participantes na pesquisa de Ong (2019) não permite reagrupá-los da forma como o presente estudo propôs, dificultando uma análise mais pormenorizada.

Os valores sobre as Metas de Realização dos atletas participantes do presente estudo estão de acordo com o encontrado na literatura, sendo a meta Tarefa-Aproximação e a que apresenta o maior índice e as metas ligadas ao Outro (Outro-Aproximação e Outro-Evituação) as que apresentam os menores índices (Briki, 2019; Cecchini, Méndez-Giménez, & García-Romero, 2019; Madigan, Stoeber, Culley, Passfield, & Hill, 2018; Øvretveit, Sæther, & Mehus, 2018), mesmo considerando os dados com o modelo 2×2 de Metas de Realização, em que as metas “Tarefa-Aproximação” e “Ego-Aproximação” fazem parte da meta Maestria-Aproximação (Çepikkurt & Kale, 2019; Conroy, Elliot, & Hofer, 2003; Girard, St-Amand, & Chouinard, 2019). Os dados do presente estudo também corroboram a literatura científica de estudos no esporte com a LEAP em que os Estados de Ânimo pré-competitivos dos atletas participantes se mostram de forma semelhante ao encontrado em estudos anteriores (Bueno & Di Bonifácio, 2007, 2009; Bueno & Souza, 2019; Di Bonifácio, 2013; Picoli, 2016; Silva, 2017), com os valores de presença dos fatores “III – Esperança” e “VII – Interesse” altos e o valor de presença do fator “I – Humilhação/Raiva” baixo na pré-competição.

Correlações entre os fatores da Escala Ray-Lynn, 3×2 AGQ-S/BR e LEAP sem divisão por grupos

Os coeficientes de correlação estatisticamente significativos entre os fatores dos três instrumentos utilizados no presente estudo denotam magnitude fraca ($> |0,4|$) em todas as relações da amostra sem divisão em grupos. Há, entretanto, alguns resultados ligados à Escala Ray-Lynn que não eram esperados e que não fazem sentido conceitual e teoricamente como, por exemplo, a correlação positiva entre “Evitação do Fracasso” e “Tarefa-Aproximação”, fator do 3×2 AGQ-S/BR nos dados sem divisão por grupo (ver Tabela 3.5) e nos grupos Masculino-Coletiva e Feminino-Coletiva (ver Tabela 3.6). Seria esperado que o fator “Evitação do Fracasso” fosse relacionado somente com fatores de ligados à evitação do 3×2 AGQ-S/BR. Há, entretanto, algumas relações encontradas apresentam um padrão como, por exemplo, entre o fator “Busca pelo Sucesso” e o fator “Outro-Aproximação” do 3×2 AGQ-S/BR nos grupos de modalidade Individual (Masculino-Individual e Feminino-Individual),

mas não nos grupos de modalidade Coletiva (Masculino-Coletiva e Feminino-Coletiva). Madigan Stoeber, Culley, Passfield e Hill (2018) encontraram que a meta Outro-Aproximação medeia o esforço perfeccionista ao desempenho, definido como “padrões pessoais extremamente altos e uma busca auto-orientada pela perfeição” (p.1271) com atletas de basquete de ambos os gêneros. Tal definição de perfeccionismo se assemelha à definição de Atkinson (1964) sobre Busca pelo Sucesso e Murray (1938) sobre Motivo de Realização. No presente estudo, tal relação foi encontrada somente nos grupos de modalidade Individual. Watson-Breeding e Anshel (2015) destacam que atletas com alto grau de perfeccionismo também mostraram índices de alta competência percebida, tendo efeito do tipo de modalidade esportiva praticada nesta relação. Nesse sentido, atletas de modalidade Coletiva pontuaram mais nos índices de perfeccionismo que atletas de modalidade Individual e, por consequência, também se percebiam mais competentes. A amostra de modalidade Individual do presente estudo é composta em sua maioria por atletas de uma modalidade de marca (*Powerlifting*), o que reflete um padrão de excelência mais palpável em termos da definição de perfeição esportiva aqui discutida e que a cultura da modalidade relativiza o resultado do desempenho na relação com o Outro, visto que para ganhar é preciso, necessariamente, superar as marcas dos adversários.

Outra relação que mostrou um padrão foi entre o fator “Busca pelo Sucesso” com os fatores “Tarefa-Aproximação”, “Ego-Aproximação” e “Outro-Aproximação” do 3×2 AGQ-S/BR nos grupos Femininos (Feminino-Individual e Feminino-Coletiva). Tal relação era esperada visto que a Busca pelo Sucesso é a tendência em se aproximar de estímulos com valência positiva (Elliot et al., 2013; Thrash & Hurst, 2008). Nos grupos Masculinos, o fator “Busca pelo Sucesso” foi correlacionado somente com o fator “Outro-Aproximação” no grupo Masculino-Individual, o que pode indicar o efeito do gênero nessas relações. Destaca-se, no entanto, que o modelo testado da Escala Ray-Lynn no Estudo 1 apresentou variância entre os gêneros na análise Multigrupos, indicando que os atletas de diferentes gêneros não respondem aos itens de forma semelhante.

Há também relações esperadas como as correlações positivas dos fatores “Motivo de Realização” e “Busca pelo Sucesso” com o fator “VII – Interesse” – fator da LEAP ligado a estados motivacionais – nos dados sem divisão por grupo (ver Tabela 3.5) e também no grupo Feminino-Coletiva (ver Tabela 3.6). Também foram encontradas algumas regularidades como correlação positiva entre o fator “Busca pelo Sucesso” com o fator “XI – Receptividade” nos grupos de modalidade Individual (Masculino-Individual e Feminino-Individual) e no grupo Masculino-Coletiva, mas não no grupo Feminino-Coletiva. Porém, também há relações sem

precedentes conceituais como a correlação positiva entre o fator “Busca pelo Sucesso” e o fator “I – Humilhação/Raiva” no grupo Feminino-Individual e correlação negativa entre o fator “Evitação do Fracasso” e o fator “VI – Repulsa” no grupo de modalidade Masculino-Coletiva (ver Tabela 3.6). Isto pode ser devido ao fato de que o instrumento, mesmo com as adaptações no modelo realizadas e mostradas no Estudo 1, não apresentou índices de confiabilidade suficientes. Daí que os itens de cada fator da Escala Ray-Lynn podem não ser específicos o suficiente para medir os conceitos propostos, justificando as relações inesperadas.

Seguindo com as correlações entre os fatores do 3×2 AGQ-S/BR e a LEAP, os dados gerais dos atletas participantes, isto é, sem divisão por grupo, mostram que o Fator “Ego-Aproximação” do 3×2 AGQ-S/BR não se mostrou correlacionado com fatores da LEAP e os Fatores “I – Humilhação/Raiva”, “II – Fadiga”, “VI – Repulsa”, “VIII – Surpresa”, “IX – Fome”, “X – Descaso/Inveja”, “XI – Receptividade” e “XII – Serenidade” da LEAP não se mostraram correlacionados com fatores do 3×2 AGQ-S/BR.

O Fator “III – Esperança” está correlacionado positivamente com todos os Fatores do 3×2 AGQ-S/BR (exceto o fator já mencionado “Ego-Aproximação”). A esperança é definida por Snyder (1994, 2002) como um estado motivacional positivo baseado num senso interativo derivado da energia dirigida à meta e o planejamento para atingi-las. Assim, tem capacidade de gerar um grau motivação apropriado e estratégias relevantes que facilitam a consecução de objetivos (Li, Yin, Yang, & Tian, 2018; S. C. Marques & Lopez, 2017). Portanto, a correlação entre o fator “III – Esperança” e cinco fatores do 3×2 AGQ-S/BR é condizente com a literatura vigente, pois, é um estado de ânimo hedonicamente positivo ligado à expectativa positiva de um resultado e tem o potencial tanto para auxiliar no processo de identificação das melhores maneiras de se chegar a um fim específico a depender da situação (oportunidade ou ameaça).

O Fator “VII – Interesse” está correlacionado positivamente aos fatores ligados à Tarefa (Tarefa-Aproximação e Tarefa-Evitação) e ao Outro (Outro-Aproximação e Outro-Evitação) do 3×2 AGQ-S/BR. Tendo em consideração que o perfil de estados de ânimo pré-competitivos dos atletas participantes do presente estudo é semelhante ao encontrado em estudos anteriores com a LEAP no esporte (Bueno & Di Bonifácio, 2007, 2009; Bueno & Souza, 2019; Di Bonifácio, 2013; Silva, 2017), isto é, tendo a presença dos fatores “III – Esperança” e “VII – Interesse” antes da competição, tal perfil está correlacionado positivamente com fatores ligados à tarefa (Tarefa-Aproximação e Tarefa-Evitação) e ao outro (Outro-Aproximação e Outro-Evitação) do 3×2 AGQ-S/BR, mas não aos fatores ligados

ao Ego. Metas de Realização ligadas ao Ego predizem maior probabilidade de envolvimento de atletas com comportamentos antidesportivos ou corruptos (Ring & Kavussanu, 2018), indicando que os atletas participantes do estudo estivessem menos propensos a se envolver em comportamentos deste tipo. Nesse sentido, o presente estudo não tinha como objetivo verificar comportamentos antidesportivos ou corruptos dos atletas nas competições, ainda que tais situações não tenham sido percebidas pelo pesquisador durante a coleta de dados. Portanto, os dados sugerem que, em geral, atletas brasileiros de ambos os gêneros e tipos de modalidade esportiva não têm, na pré-competição, uma referência aos desempenhos prévios, mas sim a orientação aos requisitos da tarefa e aos outros atletas (adversários ou companheiros de equipe). Dessa forma, seria relevante investigar se os níveis destes fatores do 3×2 AGQ-S/BR permanecem altos e com regularidade em outros estudos da mesma forma que o perfil de Estados de Ânimo pré-competitivos dos atletas investigados com a LEAP no esporte até então (Bueno & Di Bonifácio, 2007, 2009; Bueno & Souza, 2019; Di Bonifácio, 2013; Silva, 2017). Justifica-se também a separação das metas ligadas à Maestria no modelo 2×2 de Metas de Realização (Conroy et al., 2003) em Metas ligadas à Tarefa e ao Ego (Elliot et al., 2011; Mascaret et al., 2015). Como era esperado, o Fator “IV – Limerência/Empatia”, fator da LEAP com locuções ligadas ao outro (ver ANEXO P) mostrou-se correlacionado positivamente com os fatores ligados ao Outro (Outro-Aproximação e Outro-Evituação) do 3×2 AGQ-S/BR.

O fator “Ego-Evituação” do 3×2 AGQ-S/BR foi correlacionado negativamente com o fator “V – Fisiológico” da LEAP. Este fator do 3×2 AGQ-S/BR envolve um processo de evitar demonstrar sua incompetência comparando-se consigo mesmo e seus resultados prévios, situação geralmente considerada ameaçadora ou aversiva. Nesse sentido, o processo de evituação visa, dentre outras coisas, diminuir os sentimentos negativos (por exemplo, ansiedade, estresse) causados pela aversividade da situação (Jamieson, 2017). O fator “V – Fisiológico” da LEAP tem como característica o relato de sensações corpóreas (fisiológicas) como “Sinto calor”, “Sinto sede” e “Sinto frio”. Esta última locução é correlacionada negativamente com o fator. Então, quanto menor é seu valor de presença, mais frio a pessoa está relatando, concomitante ao relato de menos calor e sede e vice-versa. Entendendo que algumas das sensações fisiológicas da ansiedade estão relacionadas ao frio como calafrios e extremidades frias (American Psychiatric Association, 2013), é possível compreender que quanto maior é a intensidade da meta “Ego-Evituação” (isto é, mais evituação de demonstração de incompetência perante seu próprio desempenho prévio), também maior é a sensação de ansiedade da situação, logo menor o valor de presença do fator “V – Fisiológico”, indicando

mais frio. No entanto, este fator da LEAP pode sofrer influência da sensação causada pela temperatura ambiente em que a pessoa está respondendo o instrumento. Outrossim, o fator “Ego-Evituação” do 3×2 AGQ-S/BR não apresentou boa confiabilidade na adaptação ao contexto brasileiro (ver Estudo 2).

Com o intuito de ressaltar a influência do gênero dos atletas e do tipo de modalidade esportiva nas relações entre Metas de Realização e Estados de Ânimo presentes, a discussão do presente estudo toma como referência os fatores do 3×2 AGQ-S/BR para contrastar as diferenças e similaridades das relações encontradas com os fatores da LEAP de acordo com o(s) grupo(s) analisado(s). De pronto, vê-se que todos os fatores do 3×2 AGQ-S/BR apresentaram alguma correlação com algum fator da LEAP em algum grupo. Por outro lado, o fator “XII – Serenidade” da LEAP não aparece relacionado a nenhum fator do 3×2 AGQ-S/BR em nenhum grupo e, portanto, não será abordado.

Observando as correlações entre os fatores do 3×2 AGQ-S/BR e a LEAP para os quatro grupos do presente estudo, nota-se que as relações da amostra por inteiro (sem divisão por grupos) não se mantêm em sua totalidade para nenhum dos grupos, denotando que o gênero e o tipo de modalidade esportiva são influências explícitas na forma como estes aspectos se relacionam. Diante disso, nota-se que algumas relações encontradas nos dados gerais se mantêm quando analisados em grupos específicos. Por exemplo, a correlação positiva e esperada entre o fator “Outro-Aproximação” do 3×2 AGQ-S/BR e o fator “IV – Limerência/Empatia” da LEAP é mantida no grupo Masculino-Individual; a correlação positiva entre o fator “Outro-Aproximação” do 3×2 AGQ-S/BR e o fator “III – Esperança” da LEAP é mantida no grupo Feminino-Individual; as correlações positivas entre o fator “Outro-Evituação” do 3×2 AGQ-S/BR e os fatores “III-Esperança” e “VII – Interesse” da LEAP, como também a correlação positiva entre o fator “Tarefa-Evituação” do 3×2 AGQ-S/BR e o fator “VII – Interesse” da LEAP no grupo Masculino-Coletiva; e as correlações positivas entre o fator “Tarefa-Aproximação” do 3×2 AGQ-S/BR e os fatores “III-Esperança” e “VII – Interesse” da LEAP, como também a correlação positiva do fator “Tarefa-Evituação” do 3×2 AGQ-S/BR com o fator “III – Esperança” da LEAP. Além disso, correlações negativas entre os fatores do 3×2 AGQ-S/BR e a LEAP foram encontradas somente nos grupos de modalidade Coletiva (Masculino-Coletiva e Feminino-Coletiva).

O fator “Ego-Aproximação” do 3×2 AGQ-S/BR apareceu correlacionado positivamente aos fatores “III-Esperança” e “VII – Interesse” da LEAP somente no grupo Feminino-Coletiva sem que, em outros grupos, apresentasse qualquer correlação com fatores da LEAP. A presença dos fatores “III-Esperança” e “VII – Interesse” da LEAP tem aparecido

com regularidade em estudos no esporte no momento pré-competitivo. Nos dados gerais deste estudo, este perfil de Estados de Ânimo não foi correlacionado a fatores ligados ao Ego (Ego-Aproximação e Ego-Evituação) do 3×2 AGQ-S/BR. Na comparação entre os grupos, nem o fator “Ego-Aproximação” do 3×2 AGQ-S/BR e nem os fatores “III-Esperança” e “VII – Interesse” da LEAP apresentaram diferenças, indicando a influência combinada do gênero e do tipo de modalidade esportiva praticada pelas atletas nesta relação. A meta “Ego-Aproximação” do 3×2 AGQ-S/BR tem como foco a demonstração de competência relacionada a si mesmo, por exemplo, fazer mais dribles do que se costuma fazer (Mascret et al., 2015). Assim, especificamente para o grupo Feminino-Coletiva, quanto maior a presença dos fatores “III-Esperança” e “VII – Interesse” da LEAP na pré-competição, maior a probabilidade de a Meta de Realização estar voltada a fazer mais, ou melhor, do que já conseguiram fazer em termos de desempenho.

O fator “Ego-Evituação” do 3×2 AGQ-S/BR está ligado a não fazer pior do que antes, ou não demonstrar incompetência comparada ao que já se conseguiu fazer (Mascret et al., 2015). Ele aparece relacionado aos fatores da LEAP somente nos grupos Masculinos (Masculino-Individual e Masculino-Coletiva), mesmo não havendo diferenças estatisticamente significativas na comparação entre os grupos. Nesse sentido, nota-se a influência do tipo de modalidade nas relações deste fator do 3×2 AGQ-S/BR para atletas masculinos. Atletas homens geralmente apresentam uma orientação mais ligada ao Ego do que atletas mulheres (Deaner et al., 2016; Holden et al., 2017). No grupo Masculino-Individual este fator aparece correlacionado positivamente ao fator “X – Descaso/Inveja” da LEAP. Inveja pode motivar alguém a melhorar a si mesmo como também para prejudicar o objeto (ou pessoa) invejado (van de Ven, 2017). No grupo Masculino-Coletiva, o fator “Ego-Evituação” do 3×2 AGQ-S/BR aparece correlacionado negativamente aos fatores “VI – Repulsa” e “VIII – Surpresa”. A repulsa (e.g. nojo) tem um significado heterogêneo devido a uma ampla série de eventos que a provoca, tendo como hipótese evolutiva de sua constituição perigos de vários tipos, incluindo violações da autonomia pessoal (Yoder, Widen, & Russell, 2016). Surpresa, por sua vez, é uma emoção ambígua que tem sua valência definida conforme as consequências de seu surgimento notadamente imprevisível (Cañabate, Martínez, Rodríguez, & Colomer, 2018; Lee, Kim, & Heere, 2018). Atletas geralmente avaliam estressores inesperados como mais ameaçadores que estressores esperados próximos à competição (Sereda, Holt, & Mosewich, 2019). Tendo em consideração que a meta “Ego-Evituação” é pretensamente aversiva (i. e. Evituação), estas relações podem sugerir uma dimensão específica dos esportes coletivos praticados por atletas homens em que situações

mais imprevisíveis e menos autônomas direcionam a meta de não demonstrar sua incompetência comparando-se consigo mesmo e seus desempenhos prévios. Nos dados gerais, este fator do 3×2 AGQ-S/BR aparece correlacionado negativamente como fator “V – Fisiológico” da LEAP, indicando sensações de ansiedade pré-competitiva. Ressalta-se, contudo, o fator “Ego-Evituação” não apresentou boa confiabilidade na adaptação do 3×2 AGQ-S/BR ao contexto brasileiro (ver Estudo 2).

O fator “Tarefa-Aproximação” do 3×2 AGQ-S/BR apareceu correlacionado a fatores da LEAP somente nos grupos Femininos (Feminino-Individual e Feminino-Coletiva). Atletas mulheres geralmente têm uma orientação de meta mais ligada à Tarefa que homens (Holden et al., 2017). Este fator do 3×2 AGQ-S/BR tem como característica a demonstração de competência relacionada aos requisitos da tarefa, ou seja, fazer uma atividade da maneira do que foi projetada para ser realizada (e.g., acertar um lance livre) e foi a Meta de Realização mais proeminente em todos os grupos, mesmo apresentando diferença estatisticamente significativa entre o grupo Masculino-Coletiva (maior) e o grupo Feminino-Individual. Assim, para atletas do gênero feminino, o tipo de modalidade esportiva influencia decisivamente tais relações. No grupo Feminino-Individual, este fator do 3×2 AGQ-S/BR esteve correlacionado com o fator “XI – Receptividade” da LEAP, que tem como principal locução correlacionada “Estou aceitando alguma coisa”. Nessa linha, esta locução faz alusão à conscientização sem julgamento de estados internos, atenção à tarefa e ação valorizada como mostrado em abordagens de compromisso e aceitação e *mindfulness* (Gardner & Moore, 2017). No grupo Feminino-Coletiva, o fator “Tarefa-Aproximação” do 3×2 AGQ-S/BR esteve correlacionado positivamente com os fatores “III – Esperança” e “VII – Interesse” da LEAP, que representam o perfil emocional regular em todos os estudos realizados com a LEAP no esporte (Bueno & Di Bonifácio, 2007, 2009; Bueno & Souza, 2019; Di Bonifácio, 2013; Silva, 2017). Porém, o fator “Tarefa-Aproximação” do 3×2 AGQ-S/BR também esteve correlacionado negativamente com os fatores “I – Humilhação/Raiva” e “II – Fadiga” no mesmo grupo. Pesquisas revelaram que quando os indivíduos sentem raiva, o foco de atenção pode migrar para fora da tarefa, sobrecarregando-se em lidar com a emoção negativa (Schmitt, Gielnik, & Seibel, 2019). A fadiga, entendida como um estado psicofisiológico resultante de atividades físicas ou mentais por muito tempo (Hockey & Hockey, 2013), foi associada ao desengajamento da tarefa, à desistência e à diminuição de desempenho em modalidades coletivas (Barte, Nieuwenhuys, Geurts, & Kompier, 2019). Além disso, o fator “I – Humilhação/Raiva” da LEAP tem a locução “Estou alegre” correlacionada negativamente com o fator. Nesse sentido, Tauer e Harackiewicz (2004) encontraram em seus experimentos

que atletas aumentam sua diversão (*enjoyment*) – entendida como um processo concatenado de emoções positivas – quando estão competindo em grupo do que individualmente em uma tarefa de lance livre de basquetebol. O mesmo foi encontrado no estudo de Cooke et al. (2013) em que estudantes do curso superior de ciências do esporte foram solicitados a fazer a mesma tarefa descrita em Tauer e Harackiewicz (2004). Em diferentes situações de competição (competição contra o tempo, um contra um, dois contra dois e quatro contra quatro) estes estudantes tendem a sentir mais diversão (ou seja, mais emoções positivas), mas também mais ansiedade quando na condição quatro contra quatro do que competindo sozinho. Portanto, estas relações estão de acordo com a literatura científica, visto que a Meta de Realização envolvida é ligada à Tarefa e os Estados de Ânimo citados estão correlacionados negativamente. Contudo, é importante que se investigue o motivo de esta relação só ter sido significativa no grupo de atletas mulheres de modalidade Coletiva.

O fator “Tarefa-Evituação” do 3×2 AGQ-S/BR está vinculado a não demonstrar incompetência relacionada aos requisitos da tarefa, ou seja, não fazer uma atividade da maneira a qual não foi organizada para fazer (e.g., não errar chutes). Este fator não apresentou correlações no grupo Feminino-Individual, denotando que há influência do gênero nas relações encontradas nos grupos de modalidade Coletiva e influência do tipo de modalidade nos grupos Masculinos. As modalidades Coletivas são caracterizadas pela cooperação e competição entre os membros da mesma equipe, em que o desempenho de um é necessariamente afetado pelo desempenho do outro (Landkammer et al., 2019). Dessa forma, a meta “Tarefa-Evituação” pode ser um indicativo da preocupação dos atletas envolvidos neste tipo de modalidade, tendo a influência do gênero na interpretação ou reação emocional na adoção desta meta. No grupo Feminino-Coletiva, o fator “Tarefa-Evituação” do 3×2 AGQ-S/BR está correlacionado negativamente com o fator “VI – Repulsa” da LEAP e também correlacionado positivamente com o fator “III – Esperança” da LEAP, relação esta que apareceu nos dados gerais. Em valores absolutos, o fator “Tarefa-Evituação” do 3×2 AGQ-S/BR é bastante saliente nos grupos de modalidade Coletiva, ainda que não tenham sido registradas diferenças estatisticamente significativas entre os grupos para esse fator. Sendo a esperança um estado de ânimo hedonicamente positivo ligado à expectativa positiva de um resultado e tem o potencial tanto para auxiliar no processo de identificação das melhores maneiras de se chegar a um fim específico a depender da situação (Li et al., 2018) e a repulsa uma reação perigos de vários tipos, incluindo violações da autonomia pessoal (Yoder et al., 2016), os dados desta relação sugerem uma hipótese a ser testada: uma relação entre esperança e repulsa mediada pela Meta de Realização em questão e especificamente para

atletas mulheres de modalidades coletivas. No grupo Masculino-Coletiva, este fator do 3×2 AGQ-S/BR está correlacionado positivamente com o fator “VII – Interesse” da LEAP, relação que também apareceu nos dados gerais. Apesar de o presente estudo não apresentar diferenças entre os grupos para o fator “VII – Interesse”, a literatura científica mostra que atletas homens apresentam mais interesse que as atletas mulheres (Deaner et al., 2016). No grupo Masculino-Individual, o fator “Tarefa-Evituação” do 3×2 AGQ-S/BR está correlacionado com o fator “IX – Fome” da LEAP. Considerando que a maior parte da amostra do grupo Masculino-Individual é composta por atletas do *Powerlifting* e que esta modalidade tem como característica a separação de categorias de competição por peso e é um esporte de marca, esta relação de fatores pode ter sofrido a influência específica dessa modalidade. Nesse sentido, os próximos estudos que tenham o objetivo de comparar aspectos motivacionais e emocionais em função de modalidades individuais e coletivas deverão ter em consideração uma amostra mais abrangente em termos de diferentes modalidades.

O gênero dos atletas e seus respectivos tipos de modalidade esportiva influenciaram as relações dos fatores ligados ao Outro (Outro-Aproximação e Outro-Evituação) do 3×2 AGQ-S/BR. Comparando-se os grupos de modalidades Individuais (Masculino-Individual e Feminino-Individual), percebe-se que fatores ligados ao Outro (Outro-Aproximação e Outro-Evituação) do 3×2 AGQ-S/BR estão correlacionados positivamente ao fator “VI – Repulsa” da LEAP no grupo Masculino-Individual. Dessa forma, sendo a repulsa uma reação a perigos de vários tipos, incluindo violações da autonomia pessoal (Yoder et al., 2016), é possível que o modo como atletas homens de modalidades individuais julgam sua relação com outros atletas no momento pré-competitivo evoquem este estado. Por ser considerada uma emoção negativa e que naturalmente evoca afastamento, não seria esperada sua ligação com o fator “Outro-Aproximação”. Observando relações específicas de cada um destes fatores do 3×2 AGQ-S/BR (Outro-Aproximação e Outro-Evituação) com fatores da LEAP foi constatado que o fator “Outro-Aproximação” está correlacionado positivamente com o fator “IV – Limerência/Empatia” da LEAP e que o fator “Outro-Evituação” está correlacionado positivamente com o fator “XI – Receptividade” da LEAP no grupo Masculino-Individual. A relação entre “Outro-Aproximação” e “IV – Limerência/Empatia” era esperada, pois este fator da LEAP concatena Estados de Ânimo ligados ao outro (como gostar de alguém, ciúme, saudade e admiração). Esta relação também aparece nos dados gerais, sem divisão por grupo. Sendo assim, é possível que este Estado de Ânimo medeie a relação entre repulsa e fator “Outro-Aproximação” do 3×2 AGQ-S/BR. Sobre a relação entre “Outro-Evituação” e “XI – Receptividade”, tendo em consideração que o fator “Outro-Evituação” refere-se a não

demonstrar incompetência em relação aos outros atletas e o fator “XI – Receptividade” da LEAP, que tem como principal locução correlacionada “Estou aceitando alguma coisa”, podendo fazer alusão à conscientização sem julgamento de estados internos, atenção à tarefa e ação valorizada como mostrado em abordagens de compromisso e aceitação e *mindfulness* (Gardner & Moore, 2017), esta relação pode estar mostrando algum tipo de estratégia dos atletas sobre como lidar com o adversário. O fator “XI – Receptividade” da LEAP está correlacionado positivamente ao fator “Outro-Aproximação” do 3×2 AGQ-S/BR no grupo Masculino-Coletiva. Tendo em vista o que já foi mencionado sobre estes dois fatores, tal relação pode indicar que quando atletas masculinos de modalidades coletivas tendem a demonstrar competência perante os outros (e.g. acertar mais passes que outros atletas) em uma situação iminente da competição esportiva, a probabilidade de estarem mais atentos ao que ocorre na situação presente também é maior.

No grupo Feminino-Individual, o fator “Outro-Evituação” está correlacionado positivamente com o fator “I – Humilhação/Raiva” da LEAP. A raiva é um estado de ânimo ambíguo na sua relação com motivação: não há consenso sobre sua relação com Aproximação e Evituação que, presumidamente, deveria estar ligada à Evituação por ser uma emoção negativa, mas que continuamente relaciona-se com Aproximação (Harmon-Jones et al., 2013). Em um estudo com mulheres esgrimistas de elite (portanto, modalidade individual), a raiva aumentou o tempo de reação, mas debilitou o desempenho (Zur, Cooke, Woodman, Neil, & Udewitz, 2019). Nesse sentido, o fator “Outro-Evituação” do 3×2 AGQ-S/BR é referente ao não demonstrar incompetência em relação aos outros atletas (e.g. não fazer pior que os outros). Portanto, seria esperado que, em uma competição de modalidades individuais na qual há comparação direta com o oponente/adversário, ao se autoavaliar incompetente perante outros atletas na situação, as sensações de humilhação ou raiva sejam também aumentadas.

O fator “Outro-Aproximação” do 3×2 AGQ-S/BR aparece correlacionado positivamente com o fator “III – Esperança” da LEAP no grupo Feminino-Individual. Esta correlação também é aparente nos dados gerais. Nessa sequência, observa-se que em ambos os grupos de modalidade Individual (Masculino-Individual e Feminino-Individual), o fator “Outro-Aproximação” do 3×2 AGQ-S/BR aparece correlacionado positivamente a fatores da LEAP com valor hedônico positivo, com a ressalva de que no grupo Masculino-Individual este fator do 3×2 AGQ-S/BR também se mostrou correlacionado positivamente com um fator da LEAP de valor hedônico negativo (VI – Repulsa), mas que no grupo Masculino-Coletiva se mostrou correlacionado a um fator da LEAP de valor hedônico positivo (XI – Receptividade). Comparando-se os grupos Femininos (Feminino-Individual e Feminino-

Coletiva), encontra-se que as relações do fator “Outro-Aproximação” do 3×2 AGQ-S/BR com os Estados de Ânimo da LEAP foram condizentes ao esperado. Como já mencionado, o fator “Outro-Aproximação” do 3×2 AGQ-S/BR aparece correlacionado positivamente com o fator “III – Esperança” da LEAP no grupo Feminino-Individual. Verifica-se que no grupo Feminino-Coletiva, o fator “Outro-Aproximação” do 3×2 AGQ-S/BR está correlacionado negativamente aos fatores “VI – Repulsa” e “VIII – Surpresa” da LEAP. Em modalidades Coletivas, a relação com o outro envolve, necessariamente, cooperação para o desempenho, como também competição entre companheiros de equipe em termos normativos de desempenho (e.g. marcar mais pontos que minha companheira) (Landkammer et al., 2019). Portanto, esta relação entre a meta “Outro-Aproximação” e os supracitados fatores da LEAP pode indicar que, quando as atletas mulheres de modalidades coletivas tendem a demonstrar competência perante os outros (e.g. acertar mais passes que outras atletas) em uma situação iminente da competição esportiva, a probabilidade de julgarem esta situação como mais imprevisível (i.e. surpresa) e menos autônoma (i.e. repulsa) é menor.

No grupo Feminino-Coletiva, o fator “Outro-Evituação” do 3×2 AGQ-S/BR apresentou-se correlacionado negativamente com o fator “V – Fisiológico” da LEAP. Esta Meta de Realização está ligada à Evituação e, portanto, é uma situação aversiva (Elliot et al., 2013) que, neste caso, é evocada pela meta de não querer demonstrar incompetência perante os outros (e.g. não ser pior que outras atletas). Situações aversivas evocam o funcionamento do Sistema Nervoso Parassimpático, caracterizados pelo aumento da frequência de batimentos cardíacos e liberação de epinefrina no organismo. A liberação de epinefrina é causada em situações ansiogênicas ou estressoras ao organismo (Carlson, 2013). Nesse sentido, o fator “V – Fisiológico” da LEAP é associado às sensações de calor, sede e frio, sendo o frio correlacionado negativamente a este fator da LEAP. Sendo assim, quanto menor é o valor de presença do fator “V – Fisiológico” da LEAP, mais sensações de frio a pessoa está relatando. Portanto, esta correlação é condizente com a literatura e pode indicar que, quando atletas mulheres de modalidades Coletivas julgam a iminência da competição como aversiva e estão com as metas orientadas a não ser pior que outras atletas (sejam elas as adversárias ou companheiras de equipe), maior a probabilidade de estarem concomitantemente com sensações de ansiedade e estresse. Comparando-se à relação encontrada no grupo Feminino-Individual (“Outro-Evituação” está correlacionado positivamente com o fator “I – Humilhação/Raiva” da LEAP), vê-se que esta Meta de Realização (“Outro-Evituação”), aumenta a probabilidade de evocar sentimentos negativos em atletas mulheres, independentemente da modalidade esportiva. Uma intervenção que induza a alteração da

valência da Meta de Realização ligada ao Outro (Outro-Aproximação e Outro-Evitância) pode ter efeito nos Estados de Ânimo de atletas mulheres na iminência da competição, reduzindo a probabilidade de sentimentos negativos quando em modalidade Coletivas e aumento a probabilidade de sentimentos positivos quando em modalidade Individual.

Caracterização e relações dos Estados de Ânimo, dos níveis de Motivo de Realização e das Metas de Realização de atletas brasileiros de uma modalidade coletiva no período pré-competitivo, em função do decurso temporal (Estudo 4).

Os estudos sobre as alterações dos aspectos subjetivos de atletas durante um período competitivo, tendo o momento pré-competitivo como ponto central nestas alterações, é antigo. Johnson (1949) aplicou os testes de medidas fisiológicas (coleta de sangue, mensuração da pressão sanguínea e frequência de batimentos cardíacos) e testes subjetivos, mensurados por relatos verbais dos participantes, em cinco fases diferentes: uma aplicação dos testes entre quatro e seis dias antes da competição, uma aplicação no dia da competição (logo quando o atleta estava acordado), uma aplicação algumas horas antes da competição, uma aplicação na iminência da competição e a última aplicação logo após a competição. Johnson (1949) argumenta que, à época, poucos estudos tinham sido realizados com o foco na investigação das emoções subjacentes às mudanças físicas e fisiológicas da participação em uma competição esportiva. Seu objetivo foi explorar a relação entre emoções, aspectos fisiológicos e atividade física competitiva de atletas de futebol americano e de *wrestling*. Não é claro o local de coleta de dados nem os materiais que Johnson (1949) utilizou para a coleta de sangue, mensuração da pressão sanguínea e frequência de batimentos. Os aspectos emocionais foram mensurados por relatos verbais dos participantes em que o pesquisador pedia para que eles respondessem em termos de uma escala de 5 níveis, sendo o nível 1 “sem ansiedade/tensão” e 5 “ansiedade e tensão extrema”. Os resultados deste estudo mostram que os lutadores apresentaram indicadores de ansiedade/tensão mais altos durante a semana na comparação com os atletas de futebol americano, antecipando também a tendência em se estudar os efeitos da ansiedade e estresse pré-competitivos como deletérios ao desempenho (Bueno & Souza, 2019; Cerin et al., 2000; Martinent, Nicolas, Gaudreau, & Campo, 2013; Y. Zhou & Zhou, 2019). Além disso, na iminência da competição, os lutadores relataram estarem “extremamente tensos”. A iminência da competição, isto é, os momentos mais próximos que antecedem a entrada do atleta na sua disputa, parece ser um momento importante nas variações de estados subjetivos de atletas (Bueno & Di Bonifácio, 2007; Hagan, Pollmann, & Schack, 2017a; Picoli, 2016).

Este estudo de Johnson (1949) é um marco nas investigações sobre aspectos psicológicos de atletas, sobretudo no ocidente. Para a Psicologia do Esporte, o período entre o fim da II Guerra Mundial e o primeiro congresso mundial de Psicologia do Esporte da *International Society of Sport Psychology* (ISSP) ocorrido em 1965 foi marcado pela introdução do termo “preparação psicológica” como fundamento de trabalho no esporte de

rendimento. Este termo refere-se ao trabalho da Psicologia sobre as necessidades e demandas de cada modalidade e de cada atleta, unindo-se à preparação física, técnica e tática (Pérez-Córdoba & Estrada-Contreras, 2015). Assim, foram realizados estudos sobre a influência dos fatores psicológicos no desempenho esportivo, tendo como enfoque de investigação o impacto dos estados subjetivos do atleta, sobretudo Motivação e Emoção, na forma como os atletas percebem, enfrentam e lidam com as demandas durante a preparação e a competição esportiva (Portela-Pino, Gutierrez-Sánchez, Alonso-Fernández, & Abadía-García de Vicuña, 2017).

Clancy, Herring, MacIntyre e Campbell (2016) mostram num estudo de revisão que pesquisas longitudinais sobre Motivação no esporte são escassas e apontam que, presumidamente, os processos motivacionais são dinâmicos e se desenvolvem de forma distinta ao longo do tempo. Zuber, Zibung e Conzelmann (2015) identificaram que o Motivo de Realização, especificamente com alto nível de Busca pelo Sucesso, de atletas de futebol da categoria sub-15 esteve relacionado com sua convocação para a seleção nacional um ano depois da aplicação do *Achievement Motives Scale-Sport* (Wenhold, Elbe, & Beckmann, 2009). O Motivo de Realização de atletas pode variar entre uma sessão de treinamento e uma competição (van de Pol, Kavussanu, & Ring, 2012). Holden, Pugh e Schwarz (2017) optaram por utilizar o *Achievement Motivations Scale for Sports Environments* em seu estudo fundamentando tal medida na hipótese de que os contextos de treinamento e os contextos de competição influenciam diretamente a Busca pelo Sucesso ou Evitação do Fracasso do atleta, podendo a mesma pessoa apresentar pontuações diferentes de Motivo de Realização a depender do contexto e de sua relevância para o indivíduo (i.e. Heitman et al., 2006). O Estudo 1 do presente trabalho adaptou a *Ray-Lynn AO Scale* para o contexto esportivo brasileiro com um modelo que se propõe a mensurar a Busca pelo Sucesso e a Evitação do Fracasso como componentes necessários o nível de Motivo de Realização geral de uma pessoa. Esta medida sofreu alterações em relação ao modelo original de questionário proposto por Ray (1979).

A adoção de uma Meta de Realização também se mostra dinâmica e dependente da situação em que se encontra a pessoa (Van Yperen & Renkema, 2008), mesmo existindo uma Meta de Realização dominante para cada pessoa (Van Yperen, 2006). Metas de Realização de atletas de voleibol foram avaliadas jogo a jogo com o *2×2 Achievement Goal Questionnaire for Sport* (Conroy et al., 2003) durante uma competição, no estudo de Vansteenkiste, Mouratidis, van Riet e Lens (2014) e os resultados mostraram que as Metas de Realização dos atletas variavam ao longo da competição. Elliot, Murayama e Pekrun (2011) propuseram a mudança de paradigma do modelo 2×2 de Metas de Realização para o modelo 3×2 de Metas

de Realização dividindo as metas ligadas à Maestria em metas ligadas à tarefa e ao ego e transformando as metas ligadas à Performance em metas ligadas ao Outro. Neste modelo, a competência continua a possuir duas dimensões (orientação e valência), mas com seis tipos de metas: Tarefa-Aproximação, Tarefa-Evituação, Ego-Aproximação, Ego-Evituação, Outro-Aproximação e Outro-Evituação. Mascaret, Elliot e Cury (2015) estenderam o modelo 3×2 de Metas de Realização ao contexto esportivo competitivo, desenvolvendo e validando o 3×2 *Achievement Goal Questionnaire for Sport*. O Estudo 2 do presente trabalho adaptou o 3×2 *Achievement Goal Questionnaire for Sport* para o contexto esportivo brasileiro.

Martinent, Gareau, Lienhart, Nicaise e Guillet-Descas (2018) perceberam que atletas jovens de diferentes modalidades e gêneros tinham, em sua maioria, um perfil emocional estável durante uma temporada em que o *Sport Emotion Questionnaire* (Jones, Lane, Bray, Uphill, & Catlin, 2005) foi aplicado em três momentos diferentes (antes do início, na metade da temporada e ao final) da temporada, mas que uma pequena parte dos atletas mostrou alterações neste perfil. Cavarretta, Hall e Bixby (2019) avaliaram afetos com a *Feeling Scale* (Hardy & Rejeski, 1989) de levantadores de peso novatos durante um exercício de resistência, aplicando a escala antes, durante, cinco minutos após e trinta minutos após o exercício e registraram um efeito da passagem do tempo nas alterações encontradas sobre o afeto. Outros estudos mostram a relação dos Estados de Ânimo, medidos com o *Profile of Mood States* – POMS (McNair et al., 1971; W. P. Morgan, 1980) com o passagem do tempo, encontrando estabilidade dos Estados de Ânimo durante o período avaliado como o de Vega-Marcos et al. (2008), mas também mostrando alterações como o de Hassmén e Blomstrand (1995) e Keikha, Yusof e Jourkesh (2015). Bresciani et al. (2010), seguindo a mesma linha de estudos de Johnson (1949), de comparação e relação entre aspectos fisiológicos e aspectos subjetivos, avaliaram durante toda uma temporada, os Estados de Ânimo de atletas de handebol com POMS, encontrando também estabilidade dos Estados de Ânimo ao longo do tempo. Picoli (2016) mostra que os Estados de Ânimo de atletas de futebol avaliados com a Lista de Estados de Ânimo Presentes – LEAP (Engelmann, 1986) são dinâmicos e variam no transcorrer da sequência de jogos e treinos, em padrões específicos. A LEAP (Engelmann, 1986) é uma lista com 40 locuções escritas na primeira pessoa do singular, que se referem a Estados de Ânimo, tendo ao lado de cada locução uma escala com graus de intensidade. Este instrumento permite a mensuração da presença de Estados de Ânimo do indivíduo no momento em que está sendo respondida.

Bueno e Di Bonifácio (2007, 2009), Picoli (2016) e Souza (2011, 2014) discutem componentes motivacionais presentes na situação pré-competitiva, variando sua intensidade

em relação à fase do campeonato, nível do adversário, desempenho técnico e resultado do jogo. Os elementos motivacionais contidos nas locuções da LEAP mostram uma sobreposição entre aspectos motivacionais e Estados de Ânimo, denotando a importância de se estudar sistematicamente a relação entre estes aspectos com instrumentos precisos e indicadores específicos de cada aspecto. No estudo de Picoli (2016) há variação do Fator VII (Interesse) da LEAP que é ligado a aspectos motivacionais.

Investigar a dinâmica dos aspectos motivacionais é fundamental para ampliar o entendimento sobre o comportamento humano em um contexto esportivo (G. C. Roberts et al., 2007). Estudar a relação entre os aspectos motivacionais e Estados de Ânimo de atletas brasileiros com instrumentos precisos e aplicáveis, desde que considerado o decurso temporal durante um período de competição destes aspectos, é fundamental para a contínua ampliação do sistema conceitual dos estados subjetivos de atletas. Assim, o objetivo do presente estudo foi investigar como o Motivo de Realização, as Metas de Realização e os Estados de Ânimo de atletas de voleibol se apresentam e se relacionam ao longo de um período competitivo, considerando desde o último treino antes da competição até sua partida final.

Método

Participantes

Participaram voluntariamente neste estudo 13 jogadores de voleibol brasileiros ($M_{idade} = 19,24$ anos; $DP = 0,69$) da categoria sub-21 do gênero masculino. A equipe estava disputando um torneio organizado pelas próprias equipes participantes e chancelado pela Federação Paulista de Voleibol. Este torneio contou com a participação de seis equipes de dois estados diferentes, sendo a equipe participante baseada no Estado de São Paulo e anfitriã do torneio. Os atletas da equipe participante do estudo são oriundos de sete Estados brasileiros diferentes. A equipe jogou as sete partidas previstas na competição, ganhando seis jogos e perdendo um (Jogo 3), sagrando-se campeã. A competição tinha a seguinte estrutura de competição: a primeira fase consistiu de cinco jogos, jogando todos contra todos. As quatro melhores campanhas foram classificadas para as semifinais, sendo que a primeira colocada da primeira fase jogou contra a quarta colocada e a segunda colocada jogou contra a terceira. As equipes derrotadas na semifinal disputaram o terceiro lugar do torneio e as equipes vencedoras das semifinais jogaram a final.

Materiais

Escala Ray-Lynn

Para mensurar o Motivo de Realização geral dos atletas participantes, foi utilizada a Escala Ray-Lynn adaptada ao contexto esportivo brasileiro (ver Estudo 1). Este instrumento possui 14 itens divididos em dois fatores (Busca pelo Sucesso e Evitação do Fracasso). Os itens são escritos em primeira pessoa e o respondente deve marcar seu grau de concordância com a frase em uma escala tipo likert de cinco pontos (ver Apêndice F). O valor dos fatores é calculado pela média dos valores de cada item, sendo que os itens ligados ao fator “Evitação do Fracasso” tem seu valor invertido no cálculo (ou seja, se a pessoa marcar 1 na escala de um item, o valor que irá para o cálculo do fator é 5). O Motivo de Realização geral é calculado pela média dos valores dos fatores “Busca pelo Sucesso” e “Evitação do Fracasso”.

Questionário 3×2 de Metas de Realização para o esporte

Para mensurar as Metas de Realização dos atletas participantes, foi utilizado o Questionário 3×2 de Metas de Realização para o esporte (3×2 AGQ-S/BR; ver Estudo 2). Este instrumento possui 18 itens divididos em seis fatores (Tarefa-Aproximação, Tarefa-Evituação, Ego-Aproximação, Ego-Evituação, Outro-Aproximação e Outro-Evituação). Os itens são escritos em primeira pessoa como forma de complemento à frase “Meu objetivo é...” e o respondente deve marcar seu grau de concordância com a frase em uma escala tipo likert de cinco pontos (ver Apêndice N). O valor de cada fator é calculado pela média dos valores dos itens.

Lista de Estados de Ânimo Presentes

Para mensurar os Estados de Ânimo Presentes dos atletas participantes, foi utilizada a Lista de Estados de Ânimo Presentes – LEAP (Engelmann, 1986). Este instrumento possui 40 locuções divididas em 12 fatores (I – Humilhação/Raiva, II – Fadiga, III – Esperança, IV – Limerência/Empatia, V – Fisiológico, VI – Repulsa, VII – Interesse, VIII – Surpresa, IX – Fome, X – Descaso/Inveja, XI – Receptividade e XII – Serenidade). As locuções são escritas em primeira pessoa e o respondente deve marcar o grau de intensidade no momento em que estão sendo respondidas em uma escala tipo likert de cinco pontos (ver Anexos O e P). Os valores de presença de cada fator, conforme proposto por Picoli (2016), foram calculados multiplicando o valor atribuído pelo participante na escala ao lado de cada locução pelo seu valor de correlação (carga) com cada fator. Para permitir comparações envolvendo fatores com número diferente de locuções correlacionadas, foi feita uma padronização para colocar cada valor de presença de cada fator da LEAP em uma escala que vai de zero a um. Essa

padronização foi feita da seguinte maneira: em cada fator da LEAP, o valor máximo possível foi calculado multiplicando todas as suas cargas positivas por 5 (valor máximo da escala da LEAP ao lado da locução) e suas cargas negativas por 1 (valor mínimo de escala da LEAP ao lado da locução) e a média dos valores obtidos foi calculada. Para o valor mínimo foi feito o oposto: as cargas positivas foram multiplicadas por 1 e as negativas multiplicadas por 5 e a média dos valores obtidos foi calculada. A partir daí, o valor mínimo obtido foi ajustado para 0 (zero) e o valor máximo também foi ajustado, correspondendo à proporção da escala (por exemplo, se um valor mínimo foi ajustado de 2 a 0, o valor máximo foi deduzido por 2 também). Para o ajuste do valor máximo para 1 (um), foi dividido por ele mesmo. Assim, o valor de presença obtido na escala original (1 a 5) também foi dividido pelo valor máximo ajustado, tendo o valor de presença do fator.

Procedimento

O pesquisador entrou em contato com a equipe técnica da equipe e explicou brevemente os objetivos da pesquisa, pedindo a colaboração para a participação voluntária no estudo. Especificamente com os atletas, pediu a quem pudesse ser voluntário para responder os questionários uma vez antes da última sessão de treinamento e antes de todas as partidas em um espaço pré-determinado no local onde estaria ocorrendo a competição.

Nos dias previamente agendados e autorizados pela equipe técnica da equipe, o pesquisador se apresentou aos atletas cerca de uma hora antes do início da última sessão de treinamento antes da competição (Treino-Pré) e cerca de uma hora antes do início de cada partida da competição no local pré-determinado, explicando novamente a pesquisa, reforçando o convite aos atletas para a participação no estudo. Os atletas que se voluntariaram a participar se dirigiram para o local reservado, equipado com cadeiras e com boa luminosidade, onde estavam os questionários impressos nas pranchetas e canetas para as respostas.

O pesquisador aplicou a Escala Ray-Lynn adaptada, o 3×2 AGQ-S/BR adaptado e a LEAP em cada um desses momentos de aplicação. A aplicação dos instrumentos se deu da seguinte forma: o pesquisador aguardou que os participantes se acomodassem no local. Em seguida, entregou a Escala Ray-Lynn, o 3×2 AGQ-S/BR e a LEAP com as folhas de instruções aos participantes, a prancheta e canetas. A ordem de apresentação dos instrumentos foi sorteada para cada participante, bem como cada versão do instrumento tinha a ordem de seus itens alterada. O pesquisador seguiu com o protocolo de aplicação explicando aos participantes a forma de preenchimento de cada instrumento por vez, lendo em voz alta as

instruções. Caso não houvesse questionamentos por parte dos sujeitos, o pesquisador assentia o início do preenchimento dos instrumentos. Ao término do preenchimento dos instrumentos, o pesquisador recolheu as pranchetas, as canetas e as folhas respondidas. O tempo médio de duração da aplicação foi de oito minutos e cerca de uma hora antes do início da última sessão de treinamento antes da competição e cerca de uma hora antes do início de cada partida da competição. Assim que os participantes entregavam os instrumentos ao pesquisador, este os guardava dentro de uma pasta opaca, a qual sempre esteve sob sua guarda durante a competição, garantindo que o sigilo das informações fosse mantido. Somente o pesquisador teve acesso aos instrumentos respondidos durante o estudo.

Forma de análise

Os testes de Kolgomorov-Smirnov e de Shapiro-Wilk foram realizados para averiguar se a distribuição da amostra apresentava normalidade, tendo como resultado a não normalidade de distribuição. Assim, os dados de cada Fator de cada um dos instrumentos de coleta utilizados foram comparados entre os momentos de aplicação por meio do teste não-paramétrico da Análise de Variância de Dois Fatores de Friedman por Postos de Amostras Relacionadas (também chamada de ANOVA de Friedman ou Teste de Friedman). Esse teste é utilizado quando os mesmos participantes são distribuídos por três ou mais situações experimentais, comparando-se os resultados de cada participante em todas as situações (Marôco, 2014, p. 419). Adotou-se $\alpha = 0,05$ como nível de significância de detecção de diferença.

Para as correlações entre os dados de cada Fator de cada instrumento referentes ao mesmo momento de aplicação foram correlacionados por meio da correlação de Spearman, assumindo como nível de significância $p \geq 0,05$. Todos os cálculos foram realizados com o auxílio do *software* IBM® SPSS® for Windows™ 25.0.

Resultados

Um dos jogadores se lesionou logo no primeiro jogo da competição, respondendo aos questionários antes da última sessão de treinamento, antes do primeiro jogo e antes dos dois últimos jogos da competição. Assim, os dados desse participante foram excluídos da amostra, e a análise se deu com os dados de 12 atletas.

Escala Ray-Lynn

As estatísticas descritivas de cada fator da Escala Ray-Lynn em cada momento de aplicação estão mostradas na tabela 4.1. Observa-se que os valores da média do fator

“Evitação do Fracasso” foram maiores do que os valores do fator “Busca pelo Sucesso” em todos os momentos de aplicação da Escala Ray-Lynn.

Tabela 4.1

Estatísticas descritivas de cada Fator da Escala Ray-Lynn em cada momento de aplicação

	TP	J1	J2	J3	J4	J5	J6	J7
Busca pelo Sucesso								
Média	4,15	4,11	4,21	4,10	4,06	4,00	4,11	4,13
Desvio-Padrão	0,65	0,58	0,54	0,56	0,59	0,62	0,64	0,61
Mediana	4,20	4,10	4,20	4,10	4,00	4,00	4,20	4,30
Mínimo	3,00	3,20	3,40	3,20	3,00	3,00	3,00	3,00
Máximo	5,00	5,00	5,00	5,00	5,00	4,80	5,00	5,00
Evitação do Fracasso								
Média	4,25	4,46	4,40	4,38	4,38	4,30	4,31	4,48
Desvio-Padrão	0,75	0,59	0,55	0,59	0,56	0,67	0,59	0,59
Mediana	4,50	4,60	4,50	4,50	4,30	4,30	4,20	4,50
Mínimo	2,60	3,00	3,20	3,00	3,20	2,80	3,20	3,00
Máximo	5,00	5,00	5,00	5,00	5,00	5,00	5,00	5,00
Motivo de Realização								
Média	4,20	4,29	4,30	4,24	4,22	4,15	4,21	4,30
Desvio-Padrão	0,56	0,49	0,44	0,45	0,43	0,51	0,45	0,43
Mediana	4,20	4,35	4,35	4,25	4,35	4,20	4,35	4,40
Mínimo	3,20	3,10	3,40	3,30	3,30	3,10	3,40	3,20
Máximo	5,00	5,00	5,00	5,00	5,00	4,90	5,00	5,00

Legenda: TP= Treino-Pré; J1= Jogo 1; J2= Jogo 2; J3= Jogo 3; J4= Jogo 4; J5= Jogo 5; J6= Jogo 6; J7= Jogo 7

A Tabela 4.2 mostra que os valores dos Fatores da Escala Ray-Lynn não apresentaram diferença estatisticamente significativa entre os diferentes momentos de aplicação.

Tabela 4.2

Valores de Qui-Quadrado de Friedman e p-value para cada Fator da Escala Ray-Lynn.

Fator	χ^2_f	p
Busca pelo Sucesso	12,111	0,097
Evitação do Fracasso	5,973	0,543
Motivo de Realização	11,598	0,115

Legenda: χ^2_f = qui-quadrado de Friedman, p= nível de significância

3×2 AGQ-S/BR

As estatísticas descritivas de cada fator do 3×2 AGQ-S/BR estão mostradas na tabela 4.3. Nota-se que os valores da média do fator “Tarefa-Aproximação” foram os mais altos em todos momentos de aplicação do questionário e que os valores da média do fator “Outro-Evitação” foram os mais baixos em todos os momentos de aplicação.

Tabela 4.3

Estatísticas descritivas de cada Fator do 3×2 AGQ-S/BR em cada momento de aplicação

	TP	J1	J2	J3	J4	J5	J6	J7
Tarefa-Aproximação								
Média	4,88	4,91	4,86	4,88	4,86	4,88	4,86	4,97
Desvio-Padrão	0,29	0,28	0,30	0,38	0,30	0,21	0,33	0,09
Mediana	5,00	5,00	5,00	5,00	5,00	5,00	5,00	5,00
Mínimo	4,00	4,00	4,00	3,67	4,00	4,33	4,00	4,67
Máximo	5,00	5,00	5,00	5,00	5,00	5,00	5,00	5,00
Eu-Aproximação								
Média	4,83	4,77	4,77	4,80	4,83	4,83	4,77	4,97
Desvio-Padrão	0,33	0,35	0,35	0,45	0,33	0,41	0,41	0,09
Mediana	5,00	5,00	5,00	5,00	5,00	5,00	5,00	5,00
Mínimo	4,00	4,00	4,00	3,67	4,00	3,67	3,67	4,67
Máximo	5,00	5,00	5,00	5,00	5,00	5,00	5,00	5,00
Outro-Aproximação								
Média	4,33	4,19	4,36	4,25	4,25	4,19	4,33	4,41
Desvio-Padrão	0,89	0,88	0,78	0,86	0,87	0,86	0,79	0,90
Mediana	4,66	4,50	4,66	4,66	4,66	4,33	4,66	5,00
Mínimo	2,33	2,33	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00
Máximo	5,00	5,00	5,00	5,00	5,00	5,00	5,00	5,00
Tarefa-Evituação								
Média	4,63	4,50	4,41	4,41	4,52	4,44	4,61	4,52
Desvio-Padrão	0,50	0,61	0,87	0,84	0,79	0,98	0,73	0,90
Mediana	5,00	4,83	5,00	5,00	5,00	5,00	5,00	5,00
Mínimo	3,67	3,33	3,00	3,00	2,67	2,33	3,00	2,33
Máximo	5,00	5,00	5,00	5,00	5,00	5,00	5,00	5,00
Eu-Evituação								
Média	4,47	4,69	4,52	4,41	4,63	4,50	4,58	4,58
Desvio-Padrão	0,70	0,50	0,65	0,78	0,68	0,71	0,66	0,55
Mediana	5,00	5,00	4,83	5,00	5,00	5,00	5,00	5,00
Mínimo	3,33	3,67	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00	3,67
Máximo	5,00	5,00	5,00	5,00	5,00	5,00	5,00	5,00
Outro-Evituação								
Média	3,97	3,97	4,13	4,16	4,22	4,08	4,13	4,30
Desvio-Padrão	0,85	0,88	0,82	0,82	0,92	0,97	0,85	0,84
Mediana	4,16	3,83	4,00	4,16	4,66	4,16	4,16	4,83
Mínimo	2,33	2,67	3,00	3,00	3,00	2,33	3,00	3,00
Máximo	5,00	5,00	5,00	5,00	5,00	5,00	5,00	5,00

Legenda: TP= Treino-Pré; J1= Jogo 1; J2= Jogo 2; J3= Jogo; J4= Jogo 4; J5= Jogo 5; J6= Jogo 6; J7= Jogo 7

Tabela 4.4

Valores de Qui-Quadrado de Friedman e p-value para cada Fator do 3×2 AGQ-S/BR

Fator	X_f^2	p
Tarefa-Aproximação	5,290	0,625
Eu-Aproximação	7,134	0,415
Outro-Aproximação	5,646	0,582
Tarefa-Evituação	3,378	0,848
Eu-Evituação	7,802	0,350
Outro-Evituação	8,014	0,331

Legenda: X_f^2 = qui-quadrado de Friedman, p= nível de significância

LEAP

As estatísticas descritivas em relação a cada Fator da LEAP foram calculados e estão mostrados na Tabela 4.5. Observando a média de cada fator, percebe-se que os maiores valores são dos fatores “III – Esperança” (0,60) e “VII – Interesse” (0,63) e os menores valores são dos fatores “I – Humilhação/Raiva” (0,17) e “VI – Repulsa” (0,14).

Tabela 4.5

Estatísticas descritivas de cada Fator da LEAP em cada momento de aplicação

	TP	J1	J2	J3	J4	J5	J6	J7
I – Humilhação/Raiva								
Média	0,23	0,11	0,10	0,12	0,12	0,11	0,10	0,09
Desvio-Padrão	0,08	0,05	0,06	0,09	0,11	0,11	0,06	0,07
Mediana	0,24	0,10	0,09	0,08	0,10	0,07	0,10	0,08
Mínimo	0,00	0,01	0,00	0,01	0,01	0,03	0,00	0,01
Máximo	0,31	0,20	0,22	0,31	0,44	0,42	0,18	0,28
II – Fadiga								
Média	0,41	0,27	0,28	0,36	0,33	0,32	0,27	0,30
Desvio-Padrão	0,13	0,13	0,12	0,16	0,17	0,17	0,14	0,15
Mediana	0,42	0,32	0,35	0,39	0,33	0,29	0,33	0,29
Mínimo	0,10	0,02	0,00	0,10	0,05	0,02	0,02	0,02
Máximo	0,65	0,47	0,39	0,57	0,56	0,67	0,48	0,60
III – Esperança								
Média	0,73	0,56	0,56	0,49	0,49	0,46	0,45	0,49
Desvio-Padrão	0,17	0,19	0,23	0,24	0,24	0,21	0,25	0,29
Mediana	0,75	0,57	0,65	0,5	0,52	0,43	0,52	0,58
Mínimo	0,33	0,28	0,17	0,14	0,00	0,13	0,00	0,00
Máximo	0,95	0,83	0,87	0,83	0,81	0,87	0,81	0,87
IV – Limerência/Empatia								
Média	0,73	0,43	0,44	0,41	0,40	0,41	0,40	0,39
Desvio-Padrão	0,24	0,24	0,27	0,27	0,26	0,26	0,24	0,28
Mediana	0,83	0,43	0,44	0,41	0,40	0,41	0,40	0,39
Mínimo	0,20	0,08	0,00	0,05	0,00	0,00	0,00	0,00
Máximo	1,00	0,83	0,87	0,85	0,86	0,80	0,82	0,77
V – Fisiológico								
Média	0,59	0,21	0,48	0,31	0,49	0,39	0,51	0,39
Desvio-Padrão	0,13	0,11	0,14	0,13	0,18	0,09	0,16	0,17
Mediana	0,63	0,24	0,50	0,32	0,51	0,37	0,50	0,37
Mínimo	0,32	0,00	0,14	0,07	0,17	0,25	0,34	0,09
Máximo	0,78	0,39	0,70	0,50	0,76	0,57	0,91	0,74

(continua)

Tabela 4.5

Estatísticas descritivas de cada Fator da LEAP em cada momento de aplicação (continuação)

	TP	J1	J2	J3	J4	J5	J6	J7
VI – Repulsa								
Média	0,24	0,12	0,08	0,12	0,10	0,13	0,09	0,09
Desvio-Padrão	0,12	0,08	0,05	0,07	0,13	0,11	0,06	0,10
Mediana	0,22	0,10	0,07	0,11	0,07	0,13	0,10	0,06
Mínimo	0,09	0,03	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Máximo	0,56	0,32	0,21	0,26	0,50	0,39	0,19	0,32
VII – Interesse								
Média	0,67	0,62	0,60	0,52	0,53	0,47	0,49	0,51
Desvio-Padrão	0,16	0,19	0,19	0,24	0,20	0,25	0,24	0,26
Mediana	0,62	0,62	0,59	0,55	0,58	0,55	0,49	0,51
Mínimo	0,42	0,18	0,18	0,06	0,15	0,04	0,00	0,06
Máximo	0,88	0,89	0,87	0,92	0,83	0,92	0,80	0,80
VIII – Surpresa								
Média	0,36	0,15	0,09	0,12	0,07	0,09	0,05	0,05
Desvio-Padrão	0,17	0,16	0,13	0,14	0,12	0,14	0,08	0,11
Mediana	0,41	0,11	0,03	0,04	0,00	0,03	0,00	0,00
Mínimo	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Máximo	0,59	0,43	0,34	0,34	0,32	0,50	0,25	0,34
IX – Fome								
Média	0,47	0,32	0,31	0,33	0,28	0,31	0,25	0,29
Desvio-Padrão	0,15	0,10	0,11	0,11	0,10	0,09	0,11	0,10
Mediana	0,51	0,32	0,30	0,37	0,32	0,31	0,23	0,29
Mínimo	0,11	0,14	0,13	0,12	0,03	0,16	0,10	0,10
Máximo	0,66	0,46	0,49	0,49	0,39	0,47	0,47	0,46
X – Descaso/Inveja								
Média	0,26	0,18	0,21	0,19	0,16	0,16	0,19	0,21
Desvio-Padrão	0,11	0,10	0,10	0,13	0,10	0,12	0,11	0,11
Mediana	0,26	0,17	0,26	0,19	0,16	0,17	0,19	0,26
Mínimo	0,07	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Máximo	0,46	0,34	0,38	0,43	0,33	0,37	0,36	0,41
XI – Receptividade								
Média	0,57	0,47	0,44	0,36	0,39	0,36	0,37	0,41
Desvio-Padrão	0,18	0,21	0,26	0,25	0,25	0,28	0,25	0,25
Mediana	0,60	0,44	0,35	0,35	0,39	0,45	0,36	0,45
Mínimo	0,29	0,14	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Máximo	0,88	0,85	0,89	0,85	0,85	0,89	0,88	0,85
XII – Serenidade								
Média	0,57	0,51	0,59	0,58	0,54	0,51	0,47	0,47
Desvio-Padrão	0,18	0,19	0,20	0,20	0,16	0,13	0,14	0,20
Mediana	0,60	0,46	0,58	0,57	0,57	0,46	0,45	0,50
Mínimo	0,27	0,34	0,27	0,17	0,12	0,36	0,27	0,15
Máximo	0,88	0,92	0,84	0,96	0,76	0,82	0,76	0,83

Legenda: TP= Treino-Pré; J1= Jogo 1; J2= Jogo 2; J3= Jogo; J4= Jogo 4; J5= Jogo 5; J6= Jogo 6; J7= Jogo 7

A Tabela 4.6 mostra que os valores dos Fatores “X – Descaso/Inveja” e “XII – Serenidade” não apresentaram diferença estatisticamente significativa entre os momentos de aplicação. Todos os outros Fatores da LEAP apresentaram diferenças estatisticamente significativas entre pelo menos dois momentos de aplicação. Desse modo, as comparações por pares foram observadas adotando-se nível de significância $p \geq 0,05$ para a detecção de diferenças estatísticas, sendo o *p-value* ajustado pela Correção de Dunn por conta do volume de comparações múltiplas ao mesmo tempo (Marôco, 2014, p. 428).

Tabela 4.6

Valores de Qui-Quadrado de Friedman e p-value para cada Fator da LEAP

Fator	X_f^2	p
I – Humilhação/Raiva	17,350	0,015
II – Fadiga*	16,764	0,019
III – Esperança	30,775	0,001
IV – Limerência/Empatia	25,245	0,001
V – Fisiológico	40,648	0,001
VI – Repulsa	19,723	0,006
VII – Interesse*	15,247	0,033
VIII – Surpresa	26,199	0,001
IX – Fome	17,342	0,015
X – Descaso/Inveja	14,063	0,050
XI – Receptividade	16,607	0,020
XII – Serenidade	13,774	0,055

*Fatores que não mantiveram a diferença estatisticamente significativa após a aplicação da Correção de Dunn

Legenda: X_f^2 = qui-quadrado de Friedman, p = nível de significância

Assim, temos que os Fatores “II – Fadiga” e “VII – Interesse” não mantiveram diferenças estatisticamente significativas após a aplicação da Correção de Dunn. A Tabela 4.7 mostra, para cada Fator da LEAP, as diferenças estatisticamente significativas entre os momentos de aplicação.

Tabela 4.7

Diferenças estatisticamente significativas entre os momentos de aplicação para oito fatores da LEAP.

Fator	Momentos de aplicação	X_f^2	p
I – Humilhação/Raiva	TP – J1	3,125	0,002
	TP – J6	3,417	0,001
	TP – J7	3,417	0,001
III – Esperança	TP – J3	3,417	0,018
	TP – J4	3,667	0,007
	TP – J5	3,667	0,007
	TP – J6	4,667	0,001
	TP – J7	3,833	0,004
IV – Limerência/Empatia	TP – J3	3,292	0,028
	TP – J4	3,625	0,008
	TP – J5	3,208	0,037
	TP – J6	4,042	0,001
	TP – J7	4,125	0,001
V – Fisiológico	TP – J1	4,958	0,001
	TP – J3	4,042	0,001
	J1 – J2	-3,292	0,028
	J1 – J4	-3,875	0,003
	J1 – J6	-4,000	0,002
VI – Repulsa	TP – J2	3,375	0,021
	TP – J4	3,375	0,021
	TP – J6	3,375	0,021
VII – Surpresa	TP – J4	3,542	0,011
	TP – J6	3,167	0,043
	TP – J7	3,750	0,005

(continua)

Tabela 4.7

Diferenças estatisticamente significativas entre os momentos de aplicação para oito fatores da LEAP (continuação).

Fator	Momentos de aplicação	X_f^2	p
IX – Fome	TP – J6	3,500	0,013
	TP – J7	3,167	0,043
XI – Receptividade	TP – J3	3,208	0,037
	TP – J6	3,208	0,037

Legenda: X_f^2 = qui-quadrado de Friedman, p= nível de significância; TP= Treino-Pré; J1= Jogo 1; J2= Jogo 2; J3= Jogo; J4= Jogo 4; J5= Jogo 5; J6= Jogo 6; J7= Jogo 7.

Observa-se, para cada Fator da LEAP, que pelo menos uma das diferenças estatisticamente significativas encontradas envolve a aplicação antes da última sessão de treinamento (Treino-Pré).

Correlações entre os fatores da Escala Ray-Lynn, 3×2 AGQ-S/BR e a LEAP

As correlações encontradas entre os fatores dos questionários utilizados neste estudo, podem ser consideradas de forte magnitude ($> |0,5|$). As tabelas 4.8, 4.9, 4.10, 4.11, 4.12, 4.13, 4.14 e 4.15 mostram tais correlações. Comparando-se o número de correlações entre os fatores dos diferentes questionários nos diferentes momentos de aplicação, nota-se que a maior quantidade de correlações (11 no total) é encontrada no Treino-Pré e a menor no Jogo 4, com apenas uma correlação.

Tabela 4.8

Correlações encontradas entre os fatores dos instrumentos no Treino-Pré

Fator 3×2	Fator LEAP	Rô de Spearman	p
Oap	I – Humilhação/Raiva	0,591	0,043
Oap	III – Esperança	0,662	0,019
Oap	IV – Limerência/Empatia	0,640	0,025
Oap	VII – Interesse	0,594	0,041
Oap	IX – Fome	0,700	0,011
Oap	XI – Receptividade	0,617	0,033
Tev	X – Descaso/Inveja	-0,677	0,016
Oev	I – Humilhação/Raiva	0,760	0,004
Oev	II – Fadiga	0,600	0,039
Oev	III – Esperança	0,622	0,031
Oev	IV – Limerência/Empatia	0,590	0,044

Legenda: p = nível de significância; Oap= Outro-Aproximação; Tev= Tarefa-Evituação; Oev= Outro-Evituação.

Tabela 4.9

Correlações encontradas entre os fatores dos instrumentos no Jogo 1

Fator Ray-Lynn	Fator 3×2	Fator LEAP	Rô de Spearman	p
Evitação do Fracasso		I – Humilhação/Raiva	-0,743	0,006
Motivo de Realização		I – Humilhação/Raiva	-0,643	0,024
	Oap	XI – Receptividade	0,693	0,012
	Eev	XII – Serenidade	0,577	0,050

Legenda: p = nível de significância; Oap= Outro-Aproximação; Eev= Ego-Evituação.

Tabela 4.10

Correlações encontradas entre os fatores dos instrumentos no Jogo 2

Fator Ray-Lynn	Fator 3×2	Fator LEAP	Rô de Spearman	p
Evitação do Fracasso		I – Humilhação/Raiva	-0,795	0,002
Evitação do Fracasso		II – Fadiga	-0,727	0,007
Busca pelo Sucesso		I – Humilhação/Raiva	-0,739	0,006
	Tap	VI – Repulsa	-0,635	0,026
	Oap	II – Fadiga	0,593	0,042
	Tev	VI – Repulsa	-0,822	0,001
	Tev	VIII – Surpresa	-0,680	0,015

Legenda: p = nível de significância; Tap= Tarefa-Aproximação; Oap= Outro-Aproximação; Tev= Tarefa-Evituação.

Tabela 4.11

Correlações encontradas entre os fatores dos instrumentos no Jogo 3

Fator Ray-Lynn	Fator 3×2	Fator LEAP	Rô de Spearman	p
	Tev	VI – Repulsa	-0,826	0,001
	Eev	XII – Serenidade	0,676	0,016

Legenda: p = nível de significância; Tev= Tarefa-Evituação; Eev= Ego-Evituação.

Tabela 4.12

Correlações encontradas entre os fatores dos instrumentos no Jogo 4

Fator 3×2	Fator LEAP	Rô de Spearman	p
Oev	VII – Interesse	0,581	0,047

Legenda: p = nível de significância; Oev= Outro-Evituação

Tabela 4.13

Correlações encontradas entre os fatores dos instrumentos no Jogo 5

Fator Ray-Lynn	Fator 3×2	Fator LEAP	Rô de Spearman	p
Motivo de Realização		IX – Fome	-0,592	0,043
	Oap	XII – Serenidade	0,695	0,012
	Tev	VI – Repulsa	-0,612	0,035
	Tev	XII – Serenidade	0,734	0,007
	Eev	VI – Repulsa	-0,799	0,002
	Eev	XII – Serenidade	0,693	0,012
	Oev	XII – Serenidade	0,715	0,009

Legenda: p = nível de significância; Oap= Outro-Aproximação; Tev= Tarefa-Evituação; Eev= Ego-Evituação; Oev= Outro-Evituação.

Tabela 4.14

Correlações encontradas entre os fatores dos instrumentos no Jogo 6

Fator Ray-Lynn	Fator 3×2	Fator LEAP	Rô de Spearman	p
Evitação do Fracasso		VIII – Surpresa	-0,594	0,042
Motivo de Realização		VIII – Surpresa	-0,688	0,013
	Tap	IX – Fome	-0,650	0,022
	Eap	VI – Repulsa	-0,716	0,009
	Eap	IX – Fome	-0,609	0,036
	Tev	IX – Fome	-0,670	0,017
	Eev	VI – Repulsa	-0,608	0,036
	Oev	IX – Fome	-0,706	0,010

Legenda: p = nível de significância; Tap= Tarefa-Aproximação; Eap= Ego-Aproximação; Tev= Tarefa-Evituação; Eev= Ego-Evituação; Oev= Outro-Evituação.

Tabela 4.15

Correlações encontradas entre os fatores dos instrumentos no Jogo 7

Fator Ray-Lynn	Fator LEAP	Rô de Spearman	p
Evitação do Fracasso	I – Humilhação/Raiva	-0,627	0,029
Evitação do Fracasso	VI – Repulsa	-0,634	0,027
Evitação do Fracasso	VIII – Surpresa	-0,736	0,006
Evitação do Fracasso	IX – Fome	-0,597	0,040
Motivo de Realização	I – Humilhação/Raiva	-0,724	0,008

Legenda: p = nível de significância

Discussão

O objetivo deste estudo foi verificar se há e como se dão alterações do Motivo de Realização, das Metas de Realização e dos Estados de Ânimo pré-competitivos ao longo de uma competição, bem como as relações entre cada um desses aspectos nos diferentes momentos de aplicação dos questionários. Os dados descritivos deste estudo mostram que os atletas participantes têm um nível de Motivo de Realização alto, propensos a demonstrar competência em situações que se relacionam aos requisitos da tarefa em si e têm presentes

Estados de Ânimo ligados à esperança e ao interesse. Em relação aos aspectos motivacionais mencionados, os dados seguem o padrão encontrado na literatura (Fernández-Río, Cecchini, Méndez-Giménez, A. Terrados, & García, 2018; Lochbaum, Zanatta, & Kazak, 2019). Tendo em consideração estudos anteriores com a LEAP no esporte (Bueno & Di Bonifácio, 2007, 2009; Bueno & Souza, 2019; Di Bonifácio, 2013; Silva, 2017) em que há a presença de um perfil de Estados de Ânimo comum e estável a todos os atletas no momento pré-competitivo (isto é, presença com intensidade alta dos fatores “III – Esperança” e “VII – Interesse”) verifica-se o mesmo no presente estudo. Nesse sentido, os dados convergem ao encontrado no Estudo 3. Contudo, há também junto a este perfil a presença do fator “XII – Serenidade” durante todo o período estudado. O estudo realizado por Bueno e Di Bonifácio (2007), que avaliou as mudanças dos Estados de Ânimo de atletas de voleibol de ambos os gêneros em função da fase da competição, verificou que a calma (um dos Estados de Ânimo com maior grau de correlação com o fator “XII – Serenidade”) teve menor intensidade, em média, na fase final, quando comparada às fases de classificação. Os dados do presente estudo não mostram diferenças estatisticamente significativas na presença do fator “XI – Serenidade” durante o período estudado.

Os fatores motivacionais medidos com a Escala Ray-Lynn e com o 3×2 AGQ-S/BR não apresentaram diferenças estatisticamente significativas no decorrer dos eventos ao longo da competição, permanecendo estáveis tanto na situação de treino como na competição. O mesmo não é verificado para os Estados de Ânimo investigados com a LEAP, sobretudo para oito de 12 fatores do instrumento, os quais apresentaram diferenças estatisticamente significativas ao longo do período de competição. Para Conroy (2017, p. 26) “emoções são estados transitórios que variam ao longo do tempo e entre situações, (...) os motivos são concebidos como relativamente estáveis em termos de diferenças individuais”. O grau de desafio e o medo de falhar em uma determinada tarefa parecem ser relativamente estáveis, independentemente da tarefa específica utilizada, enquanto o interesse e a probabilidade de sucesso são mais diretamente influenciados por características e demandas específicas da tarefa (Freund, Jaensch, & Preckel, 2017). No entanto, outros estudos mostram que aspectos motivacionais de atletas são dinâmicos e deveriam se alterar entre uma sessão de treinamento e a competição (Clancy et al., 2016; van de Pol et al., 2012; Vansteenkiste, Lens, Elliot, Soenens, & Mouratidis, 2014), visto que a proximidade da competição é presumidamente um momento influente na variação de estados subjetivos de atletas (Johnson, 1949; Picoli, 2016; Portela-Pino et al., 2017). Nota-se que o fator “VII – Interesse” da LEAP, que é ligado aos fatores motivacionais, foi um dos quatro fatores que não apresentaram diferenças

estatisticamente significativas no decorrer do período de competição, mantendo-se numa intensidade alta durante da competição, reforçando o caráter mais estável da motivação em situações competitivas do esporte. Interesse pode ser diferenciado em interesse individual, que é mais estável e reside dentro da pessoa, e interesse situacional, que emerge e é mantido pelo contexto (Linnenbrink-Garcia et al., 2016). Os outros fatores que não apresentaram diferenças estatisticamente significativas foram “II – Fadiga”, “X – Descaso/Inveja” e “XI – Receptividade”.

Há três hipóteses explicativas acerca dos achados sobre a regularidade dos fatores da Escala Ray-Lynn e do 3×2 AGQ-S/BR durante a competição. Primeiramente, a competição ocorreu nas dependências esportivas da equipe participante no estudo. A vantagem de se jogar “em casa” (*Home advantage*) é reconhecidamente um elemento fundamental em termos de desempenho e estados subjetivos de atletas (Aguilar, García, & Romero, 2012; Gómez, Pollard, & Luis-Pascual, 2011; Pollard & Gómez, 2014; Staufenbiel, Lobinger, & Strauss, 2015). Em segundo lugar, o nível competitivo, a importância da competição e a extensão temporal do torneio em questão podem ter condicionado os dados do presente estudo. A equipe participante, apesar de sub-21, é uma equipe formada por atletas de alto nível, alguns com passagem pela seleção brasileira masculina juvenil como também pelo time profissional da equipe. Das outras cinco equipes, apenas uma delas tinha características semelhantes às da equipe participante, sendo as outras quatro equipes ou de segunda divisão no profissional ou equipes juvenis. O torneio, apesar de ser cancelado pela federação estadual, estava em uma das suas edições iniciais e foi organizado pelas equipes como forma de preparação para o restante do calendário esportivo da temporada. É um torneio com espaço temporal de quatro dias no total (entre o Treino-Pré e o Jogo 7 passaram-se cinco dias), apesar de, no voleibol, ser comum partidas em dias consecutivos (Werneck, Ferreira, Polito, Coelho, & Costa, 2019). Tendo isso em consideração, seria esperado que os índices dos questionários motivacionais fossem menores no início da competição, mas que, com a progressão dentro do torneio, houvesse um incremento em seus valores. Por último, pode ter havido um efeito de aprendizagem e de desejabilidade das respostas dos questionários de motivação. A cada aplicação, a ordem de apresentação dos questionários e de seus itens era alterada para cada atleta e o acesso às respostas era exclusivo do pesquisador. Nesse sentido, outras investigações poderão avaliar se tal estabilidade destes aspectos motivacionais é também encontrada em atletas do gênero feminino e em modalidades individuais, assim como analisar a influência do nível competitivo, da extensão temporal da competição, da importância subjetiva da competição e da localidade dos jogos.

Sobre os fatores da LEAP que apresentaram diferenças estatisticamente significativas no decorrer da competição, observa-se que todos estes fatores apresentaram tais diferenças entre sessões de treino e competição, principalmente entre a aplicação no Treino-Pré e nos Jogos 6 e 7 (semi-final e final da competição, respectivamente), reforçando a relevância emocional que a competição, principalmente as fases finais, tem para o atleta (Bueno & Di Bonifácio, 2007; Cerin et al., 2000; Hagan et al., 2017a). Nota-se também que em todas as diferenças encontradas entre treino e competição, o valor de presença dos fatores da LEAP é menor na competição. Di Bonifácio (2013), em seu estudo com atletas de vôlei femininas adultas da seleção brasileira, também percebeu que os Estados de Ânimo diminuíram de intensidade conforme a competição avançava. O único fator da LEAP que apresentou diferenças estatisticamente significativas entre Jogos foi o fator “V – Fisiológico” e, por coincidência, foi o único fator da LEAP que não se apresentou correlacionado a fatores da Escala Ray-Lynn e do 3×2 AGQ-S/BR. Este fator da LEAP pode ser considerado o que mais se altera ou o mais sensível a alterações ambientais (Di Bonifácio, 2013; Picoli, 2016), ainda que seja possível relacioná-lo aos sintomas de ansiedade-estado quando seu valor é baixo. “Sinto frio” é uma locução correlacionada negativamente com este Fator da LEAP e algumas das sensações fisiológicas da ansiedade estão relacionadas ao frio como calafrios e extremidades frias (American Psychiatric Association, 2013).

Sobre as correlações entre os fatores dos diferentes questionários utilizados neste estudo, todas as correlações encontradas podem ser consideradas de forte magnitude ($> |0,5|$). Observa-se também que em nenhum momento de aplicação há correlação entre os fatores da Escala Ray-Lynn com os fatores do 3×2 AGQ-S/BR. Seria esperado que os fatores ligados à “Busca pelo Sucesso” na Escala Ray-Lynn fossem correlacionados aos fatores ligados à Aproximação do 3×2 AGQ-S/BR e que os fatores ligados à “Evitação do Fracasso” fossem correlacionados aos fatores ligados à Evitação do 3×2 AGQ-S/BR, por sua aparente convergência conceitual. Tal correlação pode não ter ocorrido pela falta de confiabilidade da Escala Ray-Lynn na adaptação ao contexto esportivo brasileiro (ver Estudo 1), não sendo possível estabelecer validade convergente entre estes os instrumentos (A. C. de Souza, Alexandre, & Guirardello, 2017). O Jogo 7 (final do torneio) é o único que não apresenta correlações entre os fatores do 3×2 AGQ-S/BR e da LEAP. No Treino Pré e nos Jogos 3 e 4 não foram encontradas correlações entre os fatores da Escala Ray-Lynn e da LEAP. Todos os fatores da Escala Ray-Lynn e do 3×2 AGQ-S/BR apresentaram alguma correlação com algum fator da LEAP em algum momento de aplicação.

De modo geral, as correlações encontradas variam de momento a momento, principalmente por pequenas alterações nos valores de presença dos fatores da LEAP durante o torneio. Observando as correlações entre fatores em função dos momentos de aplicação dos questionários (Treino-Pré e os sete Jogos), percebe-se que o Treino-Pré é o momento com maior número de correlações e que o Jogo 4 é o momento com menor número de correlações. Neste Jogo 4, o quarto da competição, a correlação notada foi positiva entre o fator “Outro-Evitância” do 3×2 AGQ-S/BR e o fator “VII – Interesse” da LEAP. Esta partida foi realizada contra uma equipe considerada rival e que tinha características semelhantes em termos de estrutura, gestão e nível técnico dos atletas ao da equipe participante do estudo. Nesse sentido, é possível que o interesse tenha sido correlacionado à Evitação da demonstração de incompetência perante outros atletas (e.g., não errar mais do que outros atletas) e que a referência tenha sido tanto os adversários quanto os companheiros de equipe pelo efeito da competição e cooperação intrínsecas à modalidade coletiva (Gonzalez, 2004; Landkammer et al., 2019). A rivalidade é um fator que influencia o nível de ativação de atletas de vôlei (Sonoo, Gomes, Damasceno, Silva, & Limana, 2010). Nesta correlação, o nível de ativação poderia ser considerado parte do interesse dos atletas. Entretanto, o fator “VII – Interesse” não apresentou diferenças ao longo do período competitivo.

Nenhuma correlação entre fatores dos diferentes questionários se manteve por todo período estudado, mas algumas delas aparecem mais de uma vez. É o caso da correlação positiva entre o fator “Outro-Aproximação” do 3×2 AGQ-S/BR e o fator “XI – Receptividade” da LEAP que apareceu no Treino-Pré e no Jogo 1. Esta correlação também aparece para o grupo Masculino-Coletiva no Estudo 3. Em modalidades Coletivas, a relação com o outro envolve, necessariamente, cooperação para o desempenho, como também competição entre companheiros de equipe em termos normativos de desempenho (e.g. marcar mais pontos que minha companheira) (Landkammer et al., 2019). O fator “XI – Receptividade” da LEAP tem como principal locução correlacionada “Estou aceitando alguma coisa”. Nessa linha, esta locução faz alusão à conscientização sem julgamento de estados internos, atenção à tarefa e ação valorizada como mostrado em abordagens de compromisso e aceitação e *mindfulness* (Gardner & Moore, 2017). Ressalta-se também que a meta Outro-Aproximação medeia o esforço perfeccionista ao desempenho (Madigan et al., 2018). Portanto, esta relação pode indicar que os participantes deste estudo tendem a demonstrar competência perante os outros (e.g. acertar mais passes que outros atletas) em uma situação iminente da competição esportiva, a probabilidade de estar mais atentos ao que ocorre na situação presente também é maior.

Outra correlação que aparece mais de uma vez em diferentes momentos de aplicação é a correlação negativa entre o fator “Evitação do Fracasso” da Escala Ray-Lynn e o fator “I – Humilhação/Raiva” da LEAP que aparece nos Jogos 1, 2 e 7. O baixo valor do fator “I – Humilhação/Raiva” está associado à alta intensidade da locução “Estou alegre” que é correlacionada negativamente com este fator da LEAP, fazendo-o perder valor de presença. A Evitação do Fracasso é altamente correlacionada com ansiedade pré-competitiva (Correia & Rosado, 2018) e pode ter implicações significativas ao longo da carreira como problemas no controle do estresse, maior ansiedade e emoções negativas (Gustafsson et al., 2017; Sagar et al., 2009). Portanto, tal relação não é condizente com o esperado, visto que a “Evitação do Fracasso” está relacionada à avaliação ameaçadora da situação e evocação de sentimentos negativos (Conroy, 2017; Eder et al., 2013; Elliot et al., 2013).

A correlação negativa do fator “VI – Repulsa” da LEAP com o fator “Tarefa-Evitação” do 3×2 AGQ-S/BR apareceu nos Jogos 2, 3 e 5 e com o fator “Ego-Evitação” do 3×2 AGQ-S/BR nos Jogos 5 e 6. O fator “VI – Repulsa” da LEAP está ligado a Estados de Ânimo de valor hedônico negativo (e.g. nojo) e se manteve baixo durante todo o período, apresentando diferenças estatisticamente significativas entre o Treino-Pré e os Jogos 2, 4 e 6. Os estudos no voleibol com a LEAP mostram que este fator não é presente antes da competição (Bueno & Di Bonifácio, 2007, 2009; Di Bonifácio, 2006, 2013). Os fatores “Tarefa-Evitação” e “Ego-Evitação” do 3×2 AGQ-S/BR relacionam-se a não demonstração de incompetência com referência aos requisitos da tarefa (e.g. não errar) e ao desempenho prévio (e.g. não errar mais que de costume), respectivamente. Durante o período estudado, estes fatores não apresentaram diferenças estatisticamente significativas entre momentos de aplicação e seus níveis não foram os maiores nem menores ao longo do tempo comparados aos outros fatores do mesmo instrumento. Além disso, considerando o modelo 2×2 de Metas de Realização (Conroy et al., 2003), estes fatores seriam conjugados no fator “Maestria-Evitação”. Este fator está ligado ao medo do sucesso, conceito fundamentado quando atletas carecem de esforço para atingir seus objetivos, perdem a motivação ou o desejo de alcançar e ter sucesso, podendo até sabotar sua preparação ou desempenho (André & Metzler, 2011). Dessa forma, não seria esperado que houvesse correlação entre estes fatores do 3×2 AGQ-S/BR e o fator “VI – Repulsa” da LEAP e que, em havendo, que a correlação fosse positiva. Vale ressaltar que estes fatores do 3×2 AGQ-S/BR não apresentaram boa confiabilidade no Estudo 2.

A correlação negativa entre o fator “Evitação do Fracasso” da Escala Ray-Lynn e o fator “VIII – Supresa” da LEAP apareceu nos Jogos 6 e 7. Estes jogos representam a fase

final do torneio (semifinal e final, respectivamente). Uma situação potencialmente ameaçadora para os atletas relaciona-se com a interrupção de sua concentração (Kavussanu, Dewar, & Boardley, 2014). Surpresa pode ajudar a pessoa a processar as informações mais profundamente, inconscientemente ou automaticamente ou com mais consciência, com a intenção de manter as informações por mais tempo na memória de curto prazo (Gibson, 2019, p. 17). Nesse sentido, esta correlação sugere que, em jogos decisivos, atletas homens de voleibol estão mais atentos quando não evitam o fracasso. Este enunciado pode ter implicações para atuação e estudo da Psicologia no campo esportivo, pois auxiliar os atletas a manter a atenção e a concentração em jogos decisivos possibilita a influência de seu estado motivacional, diminuindo a probabilidade de sentir-se evitando o fracasso.

Considerações Finais

O objetivo do presente trabalho foi caracterizar e correlacionar os Estados de Ânimo presentes, os níveis de Motivo de Realização e as Metas de Realização de atletas brasileiros de alto rendimento no período pré-competitivo, comparando-os em função do seu gênero e do tipo de modalidade esportiva praticada (individual ou coletiva). Também foi analisado como tais aspectos se dão ao longo de um período competitivo, considerando desde o último treino antes da competição até sua partida final, em uma equipe masculina de uma modalidade coletiva.

Metodologicamente, o presente trabalho avançou na adaptação transcultural e validação de dois instrumentos dos citados aspectos motivacionais no contexto esportivo brasileiro. Ainda que tenham apresentado alguns problemas de confiabilidade ou validade, poderão servir como base em novas investigações sobre motivação no esporte. Além disso, mostrou como a LEAP é um instrumento sensível para a mensuração de Estados de Ânimo presentes no momento pré-competitivo.

O Estudo 1 mostrou o processo de adaptação transcultural e a validação da *Ray-Lynn AO Scale* ao contexto esportivo brasileiro. Esta escala sofreu alterações em sua estrutura fatorial original, tendo itens sido retirados e com correlações de erros de diferentes fatores. Além disso, não se mostrou uma medida confiável de Motivo de Realização mesmo após as modificações. Ressalta-se que o processo de adaptação envolveu alterações na forma da escala tipo likert utilizada, no contexto original em que a Escala Ray-Lynn foi produzida e nos termos utilizados e adequados ao contexto esportivo, o que pode ter afetado a confiabilidade da medida. Mais estudos se mostram necessários para verificar se os resultados aqui obtidos se replicam e contribuem para a avaliação das qualidades psicométricas do instrumento, incluindo sua invariância cultural e em função de outras pertinentes categorias sociais. Sugere-se também que outras medidas de Motivo de Realização como o *Achievement Motivation Inventory* (Byrne et al., 2004), o *Achievement Motivation Profile* (Friedland et al., 1996), o *Unified Motive Scales* (e.g. Stussi et al., 2019) e o *Achievement Motivations Scale for Sporting Environments* (e.g. Holden et al., 2017) possam ser adaptadas e validadas neste contexto. O Estudo 2 mostrou o processo de adaptação transcultural e a validação da *3×2 Achievement Goal Questionnaire for Sport* ao contexto esportivo brasileiro, nomeado de Questionário 3×2 de Metas de Realização para o esporte (3×2 AGQ-S/BR). Sugere-se a utilização do 3×2 AGQ-S/BR como forma de acesso às metas de realização de atletas brasileiros, pois os dados obtidos no presente estudo mostram que sua estrutura fatorial

ajustada é perfeitamente aceitável, restando melhorar sua confiabilidade (quatro de seis fatores atingiram o critério adotado pelo estudo). Os fatores “Tarefa-Evituação” e “Ego-Evituação” não possuem confiabilidade adequada e a estrutura fatorial pode variar de acordo com o contexto de aplicação e tipo de modalidade. A variância do modelo entre as diferentes modalidades aponta para a necessidade de estudos que levem em consideração especificidades de cada modalidade como sua construção histórica, cultura e relações com o ambiente de disputa e com pares e adversários (cf. Gonzalez, 2004). Tais ressalvas devem estimular novos estudos sobre este questionário para que se possa aprimorar seus itens com o intuito de melhorar sua confiabilidade e invariância no contexto brasileiro.

Outra contribuição do presente trabalho em termos metodológicos é a forma de agrupamento utilizada no Estudo 3, em que gênero e tipo de modalidade esportiva foram tratadas como características interdependentes. Esse tipo de agrupamento foi escolhido para facilitar as comparações e salientar quais aspectos se mantêm ou divergem de acordo com uma destas características. Nesse sentido, esta forma de agrupamento logrou êxito ao mostrar de maneira mais clara e precisa quais diferenças e semelhanças existem nos aspectos motivacionais e nos Estados de Ânimo dos atletas participantes. Gonzalez (2004) mostra mais três possibilidades de agrupamento das modalidades (interação com o adversário, estabilidade do ambiente e objetivo esportivo). Sendo assim, algumas das relações encontradas aqui podem também variar de acordo com a especificidade adotada na análise dos dados. Dessa forma, os enunciados produzidos por este trabalho sobre a influência do gênero e do tipo de modalidade praticada nos relatos verbais sobre os processos motivacionais e emocionais dos atletas brasileiros presentes no momento pré-competitivo mais próximo da competição em si geram novas hipóteses que devem ser testadas em outros estudos para real extensão de sua generalidade.

Conceitualmente, o presente trabalho apresenta avanços nas relações entre Motivação e Emoção, sobretudo nas especificidades das relações encontradas quanto ao gênero dos atletas, tipo de modalidade esportiva e sequência de treinos e jogos. Nenhum dos instrumentos de motivação havia sido aplicado em momentos pré-competitivos. O Motivo de Realização é conceituado mais como traço de personalidade que um estado, ou seja, um constructo mais global, o que pode explicar a estabilidade temporal. Metas de realização, entretanto, são entendidas do ponto de vista contextual e, por tudo o que este momento envolve na experiência subjetiva dos atletas, seria esperado que houvesse alterações significativas no decorrer do torneio. Contudo, é possível que estes instrumentos mensurem estas características globais e contextuais dos conceitos e não aspectos situacionais (cf. Keegan,

Spray, Harwood, & Lavalley, 2011; Vallerand, 2012). Desse modo, novas adaptações dos mesmos instrumentos ou a construção de instrumentos que capturem tais minúcias poderão ser feitas para que possam servir ao propósito de mensurar Motivo de Realização e Meta de Realização de forma situacional.

Os Estados de Ânimo medidos com a LEAP têm como proposta mensurá-los enquanto a pessoa a responde, portanto, os mede situacionalmente. Esta proposta é compartilhada por Hanin (1997, 2012) em seu modelo de Zonas Ótimas de Funcionamento Individual (IZOF) o qual pressupõe que a esfera emocional dos atletas pode ser conceituada em uma perspectiva multidimensional e holística como um componente específico da experiência de estados psicobiosociais. Estes estados psicobiosociais podem ser divididos em oito categorias e a forma de mensuração é por meio de descritores positivos e negativos destes estados que são, hipoteticamente, situacionais (ver Bortoli, Bertollo, Comani, & Robazza, 2011). Este tipo de investigação mais situacional da esfera emocional dos atletas é sustentado por Hanin e outros autores em contraposição ao estudo feito por meio da conceituação de estados de humor advindos do modelo adotado pelo POMS (McNair et al., 1971; W. P. Morgan, 1980). Uma das dificuldades apontadas em discussões sobre o emprego da LEAP como forma de acesso aos Estados de Ânimo é baseada na pressuposição de que o entendimento de Estados de Ânimo é o mesmo ou próximo ao dos estados de humor adotado no POMS. Engelmann (1978, 1986) sugere o termo Estados de Ânimo em contraposição ao uso do termo estados de humor pela veia cômica denotada pela palavra “humor”. O conjunto de estudos realizados com a LEAP em contextos hospitalares, esportivos e ritualísticos mostra que essa pressuposição é um equívoco. Outras dificuldades apontadas ao uso da LEAP são sobre suas características psicométricas, sua estrutura fatorial e a obsolescência de alguns termos utilizados em suas locuções. Sobre as características psicométricas, a LEAP apresenta boa estabilidade e confiabilidade, bem como é, garantidamente, um instrumento com validade de conteúdo. A adaptação ao contexto brasileiro do *Positive and Negative Affective States* (PANAS) utilizou a LEAP como comparativo para a validade convergente (Pires, Filgueiras, Ribas, & Santana, 2013). Embora a estrutura fatorial proposta por Engelmann (1986) seja advinda de uma análise fatorial exploratória, seus resultados são convergentes aos modelos de Nowlis (1965), Izard (1977), Ekman (1955) e Frijda (1986). A proposta de Engelmann era a construção de um instrumento que possibilitasse o acesso à consciência das pessoas por meio de seus relatos verbais, aproximando estes relatos por meio de características compartilhadas e mais representativas da língua falada no Brasil. Nesse sentido, a crítica sobre a obsolescência de alguns termos utilizados nas locuções da LEAP é válida, pois uma revisão por juízes e um

estudo-piloto que mostre uma melhor adequação contemporânea dos termos é desejada e incentivada.

Em termos práticos, o presente trabalho contribui para a atuação de psicólogos e psicólogas do esporte no alto rendimento. O esporte brasileiro não havia sido analisado sob as perspectivas motivacionais escolhidas pelo presente trabalho e nem a relação destas perspectivas com Estados de Ânimo (Conroy, 2017; Elliot et al., 2013; Elliot & Hulleman, 2017). Os dados analisados mostram que a intervenção em um destes aspectos pode influenciar o outro, promovendo bem-estar no atleta e otimizando sua preparação. Processos como regulação emocional e reorientação de metas se interpõem (Harley, Pekrun, Taxer, & Gross, 2019) e podem ter efeito no clima motivacional (Girard et al., 2019; Lochbaum et al., 2019), uso de substâncias (Barkoukis, Lazuras, Tsorbatzoudis, & Rodafinos, 2013; Chan et al., 2015), comportamentos antidesportivos (Ring & Kavussanu, 2018), saúde mental dos atletas (Hammond, Gialloreti, Kubas, & Davis, 2013; Nixdorf, Frank, & Beckmann, 2016) e desempenho esportivo (Bueno & Souza, 2019).

A frase “Treino é treino, jogo é jogo” proferida por Didi, capitão da seleção brasileira masculina adulta de futebol campeã da Copa do Mundo de 1958, parece ser sustentada pelos resultados encontrados no presente estudo. As alterações significativas foram encontradas na comparação entre treino e jogo, bem como há alternância de relações no decorrer do torneio estudado. Todavia, este enunciado foi encontrado estudando modalidades individuais. Nessa linha, as características de gênero e de modalidade sobressaem enquanto pontos a serem observados por psicólogos e psicólogas à beira da quadra, campo, raia, pista, palco e mesa como influências específicas nestas relações.

Referências Bibliográficas

- Aguilar, Ó. G., García, M. S., & Romero, J. J. F. (2012). Measuring Home Advantage in Spanish Handball. *Perceptual and Motor Skills*, 114(1), 329–338. <https://doi.org/10.2466/05.PMS.114.1.329-338>
- American Psychiatric Association, A. (2013). *Diagnostic and statistical manual of mental disorders*. American Psychiatric Pub.
- Ames, C. (1992). Classrooms: Goals, Structures, and Student Motivation. *Journal of Educational Psychology*, 84(3), 261–271.
- André, N., & Metzler, J. N. (2011). Gender differences in fear of success: A preliminary validation of the Performance Success Threat Appraisal Inventory. *Psychology of Sport and Exercise*, 12(4), 415–422. <https://doi.org/10.1016/j.psychsport.2011.02.006>
- Atkinson, J. W. (1957). Motivational determinants of risk-taking behavior. *Psychological Review*, 64(6), 359–372.
- Atkinson, J. W. (1964). *An Introduction to motivation*. Princeton, NJ: Van Nostrand.
- Barkoukis, V., Lazuras, L., Tsorbatzoudis, H., & Rodafinos, A. (2013). Motivational and social cognitive predictors of doping intentions in elite sports: An integrated approach. *Scandinavian Journal of Medicine & Science in Sports*, n/a-n/a. <https://doi.org/10.1111/sms.12068>
- Barrett, L. F. (2012). Emotions are real. *Emotion*, 12(3), 413–429. <https://doi.org/10.1037/a0027555>
- Barte, J. C. M., Nieuwenhuys, A., Geurts, S. A. E., & Kompier, M. A. J. (2019). Motivation counteracts fatigue-induced performance decrements in soccer passing performance. *Journal of Sports Sciences*, 37(10), 1189–1196. <https://doi.org/10.1080/02640414.2018.1548919>
- Becker Jr., B. (2008). *Manual de psicologia do esporte e exercício* (2ª). Porto Alegre, RS: Nova Prova.
- Bester, G. (2014). *An Analysis of Motivational Approaches in Sport with Specific Reference to Training and Competition: A South-African Perspective*. 5(1), 55–63.
- Bindra, D. (1976). *A theory of intelligent behaviour*. New York, NY: John Wiley & Sons, Inc.
- Borsa, J. C., Damásio, B. F., & Bandeira, D. R. (2012). Adaptação e Validação de Instrumentos Psicológicos entre Culturas: Algumas Considerações. *Paidéia*, 22(53), 423–432. <https://doi.org/10.1590/1982-43272253201314>
- Bortoli, L., Bertollo, M., Comani, S., & Robazza, C. (2011). Competence, achievement goals, motivational climate, and pleasant psychobiosocial states in youth sport. *Journal of Sports Sciences*, 29(2), 171–180. <https://doi.org/10.1080/02640414.2010.530675>
- Brandt, R. (2012). *Perfil de humor de atletas vencedores de modalidades individuais e coletivas*. (Tese de Doutorado não-publicada). Universidade do Estado de Santa Catarina. Florianópolis, Santa Catarina.
- Bresciani, G., Cuevas, M. J., Garatachea, N., Molinero, O., Almar, M., De Paz, J. A., ... González-Gallego, J. (2010). Monitoring biological and psychological measures throughout an entire season in male handball players. *European Journal of Sport Science*, 10(6), 377–384. <https://doi.org/10.1080/17461391003699070>
- Briki, W. (2019). Active exercisers with a higher orientation toward task-approach goal might experience higher happiness: the mediating role of dispositional self-control. *International Journal of Sport and Exercise Psychology*, 1–11. <https://doi.org/10.1080/1612197X.2019.1570534>
- Bueno, J. L. O., & Di Bonifácio, M. A. (2007). Alterações de estados de ânimo presentes em atletas de voleibol, avaliados em fases do campeonato. *Psicologia Em Estudo*, 12(1),

179–184.

- Bueno, J. L. O., & Di Bonifácio, M. A. (2009). Variações emocionais e desempenho de atletas. In S. R. Pasian, G. Romanelle, & M. V. Da Cunha (Eds.), *Investigação científica em Psicologia: Aplicações atuais em saúde*. São Paulo: Vetor Editora Psico-pedagógica.
- Bueno, J. L. O., & Souza, V. C. (2019). Mood states as motivational and emotional determinants of football performance. In E. Konter, J. Beckmann, & T. M. Loughhead (Eds.), *Football Psychology: From Theory to Practice* (pp. 9–22). London and New York: Routledge.
- Byrne, Z. S., Mueller-Hanson, R. A. Cardador, J. M., Thornton III, G. C., Schuler, H., Frintrup, A., & Fox, S. (2004). Measuring achievement motivation: tests of equivalency for English, German, and Israeli versions of the achievement motivation inventory. *Personality and Individual Differences*, 37(1), 203–217. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2003.08.012>
- Campo, M., Mackie, D., Champely, S., Lacassagne, M.-F., Pellet, J., & Louvet, B. (2019). Athletes' Social Identities: Their Influence on Precompetitive Group-Based Emotions. *Journal of Sport and Exercise Psychology*, 41(6), 380–385. <https://doi.org/10.1123/jsep.2018-0282>
- Campo, M., Martinent, G., Pellet, J., Boulanger, J., Louvet, B., & Nicolas, M. (2018). Emotion–performance relationships in team sport: The role of personal and social identities. *International Journal of Sports Science & Coaching*, 13(5), 629–635. <https://doi.org/10.1177/1747954118785256>
- Cañabate, D., Martínez, G., Rodríguez, D., & Colomer, J. (2018). Analysing Emotions and Social Skills in Physical Education. *Sustainability*, 10(5), 1585. <https://doi.org/10.3390/su10051585>
- Carlson, N. R. (2013). Emotion. In *Physiology of Behavior* (pp. 360–391). New York: Pearson.
- Cavarretta, D. J., Hall, E. E., & Bixby, W. R. (2019). Affective Responses From Different Modalities of Resistance Exercise: Timing Matters! *Frontiers in Sports and Active Living*, 1. <https://doi.org/10.3389/fspor.2019.00005>
- Cecchini, J.-A., Méndez-Giménez, A., & García-Romero, C. (2019). Relaciones entre metas de logro 3 × 2 y satisfacción de la necesidad psicológica básica de competencia. *Revista de Psicodidáctica*, 24(1), 53–61. <https://doi.org/10.1016/j.psicod.2018.09.001>
- Çepikkurt, F., & Kale, E. K. (2019). The Relationship Between Perceptions of Winning and Achievement Goals of Female Basketball Players. *Journal of Education and Training Studies*, 7(3S), 127. <https://doi.org/10.11114/jets.v7i3S.4132>
- Cerin, E., Szabo, A., Hunt, N., & Williams, C. (2000). Temporal patterning of competitive emotions: A critical review. *Journal of Sports Sciences*, 18(8), 605–626. <https://doi.org/10.1080/02640410050082314>
- Chan, D. K. C., Dimmock, J. a, Donovan, R. J., Hardcastle, S., Lentillon-Kaestner, V., & Hagger, M. S. (2014). Self-determined motivation in sport predicts anti-doping motivation and intention: A perspective from the trans-contextual model. *Journal of Science and Medicine in Sport / Sports Medicine Australia*. <https://doi.org/10.1016/j.jsams.2014.04.001>
- Chan, D. K. C., Lentillon-kaestner, V., Dimmock, J. A., Donovan, R. J., Keatley, D. A., Hardcastle, S. J., & Hagger, M. S. (2015). *Self-Control, Self-Regulation, and Doping in Sport: A Test of the Strength-Energy Model*. 199–206.
- Chiminazzo, J. G. C., Alves, G., Camacho, A. S., Alcaraz-Ibáñez, M., & Fernandes, P. T. (2019). Teoria da Autodeterminação no Esporte. In P. T. Fernandes (Ed.), *Interdisciplinaridade na Psicologia do Esporte* (pp. 57–76). Curitiba: Editora CRV.
- Clancy, R. B., Herring, M. P., MacIntyre, T. E., & Campbell, M. J. (2016). A review of

- competitive sport motivation research. *Psychology of Sport and Exercise*, 27, 232–242. <https://doi.org/10.1016/j.psychsport.2016.09.003>
- Cofer, C. (1980). *Motivação e Emoção*. (Trad: Bernardo Jablonski e Ronaldo Fucs). Rio de Janeiro: Interamericana.
- Collins, T. (2013). *Sport in Capitalist Society: a short history* (1st ed.). New York: Routledge.
- Conde, E., Filgueiras, A., Angelo, L., Pereira, A., & Carvalho, C. (2019). *Psicologia do Esporte e do Exercício: Modelos Teóricos, Pesquisa e Intervenção*. São Paulo: Pasavento.
- Conroy, D. E. (2017). Achievement Motives. In A. J. Elliot, C. S. Dweck, & D. S. Yeager (Eds.), *Handbook of Competence and Motivation: Theory and Application* (pp. 25–42).
- Conroy, D. E., Elliot, A. J., & Hofer, S. M. (2003). A 2 × 2 Achievement Goals Questionnaire for Sport: Evidence for Factorial Invariance, Temporal Stability, and External Validity. *Journal of Sport and Exercise Psychology*, 25(4), 456–476. <https://doi.org/10.1123/jsep.25.4.456>
- Conroy, D. E., & Hyde, A. L. (2012). Achievement Motivation Processes. In G. Tenenbaum, R. C. Eklund, & A. Kamata (Eds.), *Measurement in Sport and Exercise Psychology* (pp. 303–318). Retrieved from <http://hdl.cqu.edu.au/10018/1031392>
- Cooke, A., Kavussanu, M., McIntyre, D., & Ring, C. (2013). The effects of individual and team competitions on performance, emotions, and effort. *Journal of Sport & Exercise Psychology*, 35(2), 132–143. Retrieved from <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/23535972>
- Correia, M. E., & Rosado, A. (2018). Fear of failure and anxiety in sport. *Análise Psicológica*, 36(1), 75–86. <https://doi.org/10.14417/ap.1193>
- Costa, J., Marôco, J., Pinto-Gouveia, J., & Galhardo, A. (2014). Validation of the Psychometric Properties of Acceptance and Action Questionnaire-II in Clinical and Nonclinical Groups of Portuguese Population. *International Journal of Psychology and Psychological Therapy*, 14(3), 353–364.
- Deaner, R. O., Balish, S. M., & Lombardo, M. P. (2016). Sex differences in sports interest and motivation: An evolutionary perspective. *Evolutionary Behavioral Sciences*, 10(2), 73–97. <https://doi.org/10.1037/ebs0000049>
- Deci, E. L., & Ryan, R. M. (2012). Self-determination theory. In P. A. M. Van Lange, A. W. Kruglanski, & E. T. Higgins (Eds.), *Handbook of theories of social psychology* (pp. 416–437). Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- Di Bonifácio, M. A. (2006). *Variações de estados de ânimo momentâneos do levantador e atacante, em jogos de voleibol*. (Dissertação de mestrado não publicada). Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto. Ribeirão Preto, São Paulo.
- Di Bonifácio, M. A. (2013). *Os estados de ânimo pré-competitivos e o desempenho de atletas de voleibol de alto nível*. (Tese de doutorado não publicada). Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto. Ribeirão Preto, São Paulo.
- Dias-Silva, W. (2013). *Relação entre estados de ânimo momentâneo e desempenho em atletas de futebol de campo* ((Dissertação de mestrado). Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto. Ribeirão Preto, São Paulo). Retrieved from <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59134/tde-21112013-110917/pt-br.php>
- Dias, C., Corte-Real, N., Cruz, J. F. A., & Fonseca, A. M. (2013). Emoções no desporto: O que sabemos e o (que sentimos) que julgamos saber. *Revista de Psicología Del Deporte*, 22(2), 473–480. Retrieved from <http://www.redalyc.org/pdf/2351/235128058016.pdf>
- Eccles, D. W., Ward, P., Woodman, T., Janelle, C. M., Le Scanff, C., Ehrlinger, J., ... Coombes, S. A. (2011). Where's the Emotion? How Sport Psychology Can Inform Research on Emotion in Human Factors. *Human Factors: The Journal of the Human Factors and Ergonomics Society*, 53(2), 180–202.

<https://doi.org/10.1177/0018720811403731>

- Eder, A. B., Elliot, A. J., & Harmon-Jones, E. (2013). Approach and Avoidance Motivation: Issues and Advances. *Emotion Review*, 5(3), 227–229. <https://doi.org/10.1177/1754073913477990>
- Ekman, G. (1955). Dimensions of Emotion. *Nordisk Psykologi*, 7(3–4), 103–112. <https://doi.org/10.1080/00291463.1955.10780038>
- Elizur, D. (1986). Achievement motive and sport performance. *International Review of Applied Psychology*, 35, 209–224.
- Elliot, A. J. (1999). Approach and avoidance motivation and achievement goals. *Educational Psychologist*, 34, 169–189.
- Elliot, A. J. (2005). A conceptual history of the achievement goal construct. In *Handbook of competence and motivation* (pp. 52–72.).
- Elliot, A. J. (2008). Approach and Avoidance Motivation. In A. J. Elliot (Ed.), *Handbook of Approach and Avoidance Motivation* (pp. 3–14). New York: Psychology Press.
- Elliot, A. J., & Dweck, C. S. (2005). *Handbook of Competence and Motivation* (Vol. 1). New York: Guilford Publications.
- Elliot, A. J., Eder, A. B., & Harmon-Jones, E. (2013). Approach–Avoidance Motivation and Emotion: Convergence and Divergence. *Emotion Review*, 5(3), 308–311. <https://doi.org/10.1177/1754073913477517>
- Elliot, A. J., & Harackiewicz, J. M. (1996). Approach and avoidance achievement goals and intrinsic motivation: A mediational analysis. *Journal of Personality and Social Psychology*, 70(3), 461.
- Elliot, A. J., & Hulleman, C. S. (2017). Achievement Goals. In A. J. Elliot, C. S. Dweck, & D. S. Yager (Eds.), *Handbook of Competence and Motivation: Theory and Application* (2nd ed., pp. 43–60). New York: New York: The Guilford Press.
- Elliot, A. J., & McGregor, H. A. (2001). A 2 × 2 achievement goal framework. *Journal of Personality and Social Psychology*, 80(3), 501–519. <https://doi.org/10.1037//0022-3514.80.3.501>
- Elliot, A. J., Murayama, K., Kobeisy, A., & Lichtenfeld, S. (2015). Potential-based achievement goals. *British Journal of Educational Psychology*, 85(2), 192–206. <https://doi.org/10.1111/bjep.12051>
- Elliot, A. J., Murayama, K., & Pekrun, R. (2011). A 3 × 2 achievement goal model. *Journal of Educational Psychology*, 103(3), 632–648. <https://doi.org/10.1037/a0023952>
- Engelmann, A. (1978). *Os Estados Subjetivos: Uma Tentativa de Classificação de seus Relatos Verbais*. São Paulo: Ática.
- Engelmann, A. (1986). Lep – uma lista, de origem brasileira, para medir a presença de estados de ânimo no momento em que está sendo respondida. *Ciência e Cultura*, 38(1), 121–146.
- Engelmann, A. (2001). A new scale for evaluating hedonic percepts. In J. A. Da Silva, E. H. Matsushima, & N. P. Ribeiro Filho (Eds.), *Fechner Day. Annual Meeting of the International Society for Psychophysics*. (pp. 191–196). Rio de Janeiro: The International Society for Psychophysics.
- Engelmann, A. (2002). Da Conceituação de Estado Subjetivo até a Proposição dos Escalões de Percepto. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 15(2), 393–405.
- Fernández-Río, J., Cecchini, J. A., Méndez-Giménez, A. Terrados, N., & García, M. (2018). Understanding olympic champions and their achievement goal orientation, dominance and pursuit and motivational regulations: A case study. *Psicothema*, 30(1), 46–52.
- Fiorese, L., Rodacki, A. L. F., Caruzzo, N. M., Moreira, C. R., Contreira, A. R., de Lima, A. M., ... Stefanello, J. M. F. (2019). Sport and Exercise Psychology Studies in Brazil: Performance or Health? *Frontiers in Psychology*, 10. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2019.02154>

- Flett, G. L., & Hewitt, P. L. (2005). The Perils of Perfectionism in Sports and Exercise. *Current Directions in Psychological Science*, 14(1), 14–18. <https://doi.org/10.1111/j.0963-7214.2005.00326.x>
- Freund, P. A., Jaensch, V. K., & Preckel, F. (2017). A Latent State-Trait Analysis of Current Achievement Motivation Across Different Tasks of Cognitive Ability. *European Journal of Psychological Assessment*, 33(5), 318–327. <https://doi.org/10.1027/1015-5759/a000289>
- Friedland, J., Mandel, H., & Marcus, S. (1996). *Achievement Motivation Profile*. Los Angeles, CA: Western Psychological Services.
- Frijda, N. F. (1986). *The Emotions*. Cambridge: Press Syndicate of The University of Cambridge.
- Furnham, A., & Lewis, A. (1986). *Economic Mind: Social Psychology of Economic Behaviour*. Brighton: Wheatsheaf.
- Garcia-Romero, C. (2015). Relación entre las metas de logro 3x2 y la competencia percibida en los estudiantes de Educación Física. *Sportis-Scientific Technical Journal of School Sport Physical Education and Psychomotricity*, 1(3), 293–310.
- Gardner, F. L., & Moore, Z. E. (2017). Mindfulness-based and acceptance-based interventions in sport and performance contexts. *Current Opinion in Psychology*, 16, 180–184. <https://doi.org/10.1016/j.copsyc.2017.06.001>
- Gegenfurtner, A., & Hagenauer, G. (2013). Achievement goals and achievement goal orientations in education. *International Journal of Educational Research*, 61, 1–4. <https://doi.org/10.1016/j.ijer.2013.08.001>
- Gibson, J. M. (2019). *An Introduction to the Psychology of Humor*.
- Gill, D. L. (1986). *Psychological dynamics of sport*. Champaign, IL: Human Kinetics Inc.
- Girard, S., St-Amand, J., & Chouinard, R. (2019). Motivational Climate in Physical Education, Achievement Motivation, and Physical Activity: A Latent Interaction Model. *Journal of Teaching in Physical Education*, 38(4), 305–315. <https://doi.org/10.1123/jtpe.2018-0163>
- Goetz, T. (2016). Intraindividual relations between achievement goals and discrete achievement emotions: An experience sampling approach. *Learning and Instruction*, 41, 115–125.
- Goldnadel, M. (2016). Funções pragmáticas de enunciados de dupla negação: análise de dados de Curitiba (PR). *Revista Virtual de Estudos Da Linguagem*, 13(1), 144–180.
- Gómez, M. a., Pollard, R., & Luis-Pascual, J.-C. (2011). Comparison of the Home Advantage in Nine Different Professional Team Sports in Spain 1. *Perceptual and Motor Skills*, 113(1), 150–156. <https://doi.org/10.2466/05.PMS.113.4.150-156>
- Gonçalves, M. P., & Belo, R. P. (2007). Ansiedade-traço competitiva: diferenças quanto ao gênero, faixa etária, experiência em competições e modalidade esportiva em jovens atletas. *Psico-USF (Impresso)*, 12(2), 301–307.
- Gonzalez, F. J. (2004). Sistema de classificação de esportes com base nos critérios: Cooperação, interação com o adversário, ambiente, desempenho comparado e objetivos táticos da ação. *Lecturas, Educación Física y Deportes*, 71, 1–1.
- Gorman, P. (2004). *Motivation and Emotion*. London and New York: Routledge.
- Gustafsson, H., Sagar, S. S., & Stenling, A. (2017). Fear of failure, psychological stress, and burnout among adolescent athletes competing in high level sport. *Scandinavian Journal of Medicine & Science in Sports*, 27(12), 2091–2102. <https://doi.org/10.1111/sms.12797>
- Hagan, J. E., Pollmann, D., & Schack, T. (2017a). Exploring temporal patterning of psychological skills usage during the week leading up to competition: Lessons for developing intervention programmes. *PloS One*, 12(8), 1–14. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0181814>

- Hagan, J. E., Pollmann, D., & Schack, T. (2017b). Interaction between Gender and Skill on Competitive State Anxiety Using the Time-to-Event Paradigm : What Roles Do Intensity , Direction , and Frequency Dimensions Play ? *Frontiers in Psychology*, 8(692), 1–13. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2017.00692>
- Hair, J. F., Black, W. C., Babin, B. J., Anderson, R. E., & Tatham, R. L. (2009). *Análise multivariada de dados*. (6.ed; A. S. S. (trad.), Ed.). Porto Alegre: Bookman.
- Hammond, T., Gialloreti, C., Kubas, H., & Davis, H. H. (2013). The Prevalence of Failure-Based Depression Among Elite Athletes. *Clinical Journal of Sport Medicine*, 23(4), 273–277. <https://doi.org/10.1097/JSM.0b013e318287b870>
- Hanin, Y. L. (1997). Emotions and Athletic performance: Individual zones of optimal functioning model. *European Yearbook of Sport Psychology*, 1, 29–72.
- Hanin, Y. L. (2012). Emotions in Sport: Current Issues and Perspectives. In G. Tenenbaum & R. C. Eklund (Eds.), *Handbook of Sport Psychology* (3rd ed., pp. 31–58). <https://doi.org/10.1002/9781118270011.ch2>
- Hardy, C. J., & Rejeski, W. J. (1989). Not What, but How One Feels: The Measurement of Affect during Exercise. *Journal of Sport and Exercise Psychology*, 11(3), 304–317. <https://doi.org/10.1123/jsep.11.3.304>
- Harley, J. M., Pekrun, R., Taxer, J. L., & Gross, J. J. (2019). Emotion Regulation in Achievement Situations: An Integrated Model. *Educational Psychologist*, 54(2), 106–126. <https://doi.org/10.1080/00461520.2019.1587297>
- Harmon-Jones, E., Harmon-Jones, C., & Price, T. F. (2013). What is Approach Motivation? *Emotion Review*, 5(3), 291–295. <https://doi.org/10.1177/1754073913477509>
- Hassmén, P., & Blomstrand, E. (1995). Mood State Relationships and Soccer Team Performance. *The Sport Psychologist*, 9, 297–308.
- Hauck Filho, N. (2015). Editorial. *Revista Avaliação Psicológica*, 14(2). <https://doi.org/10.15689/ap.2015.1402.ed>
- Heitman, R. J., Vicory, J. R., Kovalski, J. E., Pugh, S. F., & Norell, P. M. (2006). Collegiate Year of Eligibility, Sex, and Sports Achievement Motivation. *Perceptual and Motor Skills*, 102(1), 171–174. <https://doi.org/10.2466/pms.102.1.171-174>
- Hockey, B., & Hockey, R. (2013). *The psychology of fatigue: Work, effort and control*. London: Cambridge University Press.
- Holden, S. L., Pugh, S. F., & Schwarz, N. A. (2017). Achievement Motivation of Collegiate Athletes for Sport Participation. *International Journal of Sports Sciences*, 7(2), 25–28. <https://doi.org/http://doi.org/10.5923/j.sports.20170702.01>
- Howard, M. C. (2019). Applying the approach/avoidance framework to understand the relationships between social courage, workplace outcomes, and well-being outcomes. *The Journal of Positive Psychology*, 14(6), 734–748. <https://doi.org/10.1080/17439760.2018.1545043>
- Hulley, S. B., Cummings, S. R., Browner, W. S., Grady, D., Hearst, N., & Newman, T. B. (2003). *Delineando a pesquisa clínica: uma abordagem epidemiológica* (2ª). Porto Alegre: Artmed.
- Izard, C. E. (1977). *Human Emotions*. <https://doi.org/10.1007/978-1-4899-2209-0>
- Jamieson, J. P. (2017). Challenge and Threat Appraisals. In A. J. Elliot, C. S. Dweck, & D. S. Yeager (Eds.), *Handbook of Competence and Motivation: Theory and Application* (pp. 175–191). New York: Guildford Press.
- Janke, S., & Dickhäuser, O. (2019). A neglected tenet of achievement goal theory: Associations between life aspirations and achievement goal orientations. *Personality and Individual Differences*, 142, 90–99. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2019.01.038>
- Johnson, W. R. (1949). A Study of Emotion Revealed in Two Types of Athletic Sports Contests. *Research Quarterly. American Association for Health, Physical Education and*

- Recreation*, 20(1), 72–79. <https://doi.org/10.1080/10671188.1949.10621014>
- Jones, M., Meijen, C., McCarthy, P. J., & Sheffield, D. (2009). A Theory of Challenge and Threat States in Athletes. *International Review of Sport and Exercise Psychology*, 2(2), 161–180. <https://doi.org/10.1080/17509840902829331>
- Jones, M. V., Lane, A. M., Bray, S. R., Uphill, M., & Catlin, J. (2005). Development and Validation of the Sport Emotion Questionnaire. *Journal of Sport and Exercise Psychology*, 27(4), 407–431. <https://doi.org/10.1123/jsep.27.4.407>
- Katarzyna, R., & Dariusz, G. (2020). Achievement Motivation and Emotional Intelligence in Elite Female and Male Wrestlers. *Journal of Martial Arts Anthropology*, 20(1), 14–22. <https://doi.org/10.14589/ido.20.1.2>
- Kavussanu, M., Dewar, A. J., & Boardley, I. D. (2014). Achievement goals and emotions in athletes: The mediating role of challenge and threat appraisals. *Motivation and Emotion*, 38(4), 589–599. <https://doi.org/10.1007/s11031-014-9409-2>
- Keegan, R., Spray, C., Harwood, C., & Lavalley, D. (2011). From ‘motivational climate’ to ‘motivational atmosphere’: a review of research examining the social and environmental influences on athlete motivation in sport. In *Sport Psychology*. (pp. 1–55). Hauppenege, New York: NovaScience Publications.
- Keikha, B. M., Yusof, S., & Jourkesh, M. (2015). The Relationship between Pre-Competition State Anxiety Components and Mood State Sub-Scales Scores and the Result of among College Athletes through Temporal Patterning. *International Journal of Sports Science*, 5(1), 8–15. <https://doi.org/10.5923/j.sports.20150501.02>
- Koh, K. T., & Wang, C. K. J. (2015). Gender and type of sport differences on perceived coaching behaviours, achievement goal orientations and life aspirations of youth Olympic games Singaporean athletes. *International Journal of Sport and Exercise Psychology*, 13(2), 91–103. <https://doi.org/10.1080/1612197X.2014.932820>
- Korn, R. M., & Elliot, A. J. (2015). Avoidance and Approach Motivation: A Brief History. In J. D. Wright (Ed.), *International Encyclopedia of the Social & Behavioral Sciences*. Amsterdam: Elsevier.
- Landkammer, F., Winter, K., Thiel, A., & Sassenberg, K. (2019). Team Sports Off the Field: Competing Excludes Cooperating for Individual but Not for Team Athletes. *Frontiers in Psychology*, 10. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2019.02470>
- Lane, A. M., Davis, P., & Stanley, D. (2014). Do Emotion Regulation Intentions and Strategies Differ Between Situations? *Current Advances in Psychology Research*, 1(1), 26–32.
- Lazarus, R. S. (2000). How Emotions Influence Performance in Competitive Sports. *The Sport Psychologist*, 14(3), 229–252. <https://doi.org/10.1123/tsp.14.3.229>
- Lee, S., Kim, Y., & Heere, B. (2018). Sport team emotion: Conceptualization, scale development and validation. *Sport Management Review*, 21(4), 363–376. <https://doi.org/10.1016/j.smr.2017.08.007>
- Lewin, K., Dembo, T., Festinger, L., & Sears, P. S. (1944). Level of aspiration. In *Personality and the behavior disorders: A handbook based on experimental and clinical research* (pp. 333–378). New York: Ronald Press.
- Li, Z., Yin, X., Yang, H., & Tian, J. (2018). The measurement structure of dispositional hope: Hierarchical and bifactor models. *Social Behavior & Personality: An International Journal*, 46(4), 597–607.
- Lim, C. K., Mahat, N. I., Marzuki, N. A., & Khor, H. P. (2014). Student-athletes’ Evaluation of Coaches’ Coaching Competencies and Their Sport Achievement Motivation. *Review of European Studies*, 6(2), 17–29. <https://doi.org/10.5539/res.v6n2p17>
- Lindgren, H. C., Moritsch, B., Thulin, E. K., & Mich, G. (1986). Validity Studies of Three Measures of Achievement Motivation. *Psychological Reports*, 59(1), 123–136.

<https://doi.org/10.2466/pr0.1986.59.1.123>

- Linnenbrink-Garcia, L., Patall, E. A., & Pekrun, R. (2016). Adaptive Motivation and Emotion in Education. *Policy Insights from the Behavioral and Brain Sciences*, 3(2), 228–236. <https://doi.org/10.1177/2372732216644450>
- Liu, J., Xiang, P., Lee, J., & Li, W. (2017). Developing Physically Literacy in K-12 Physical Education Through Achievement Goal Theory. *Journal of Teaching in Physical Education*, 36(3), 292–302. <https://doi.org/10.1123/jtpe.2017-0030>
- Lochbaum, M., & Gottardy, J. (2015). A meta-analytic review of the approach-avoidance achievement goals and performance relationships in the sport psychology literature. *Journal of Sport and Health Science*, 4(2), 164–173. <https://doi.org/10.1016/j.jshs.2013.12.004>
- Lochbaum, M., Zanatta, T., & Kazak, Z. (2019). The 2 × 2 Achievement Goals in Sport and Physical Activity Contexts: A Meta-Analytic Test of Context, Gender, Culture, and Socioeconomic Status Differences and Analysis of Motivations, Regulations, Affect, Effort, and Physical Activity Correlates. *European Journal of Investigation in Health, Psychology and Education*, 10(1), 173–205. <https://doi.org/10.3390/ejihpe10010015>
- Lower, L. M., Newman, T. J., & Pollard, W. S. (2016). Examination of the 3x2 Achievement Goal Model in Recreational Sport: Associations with Perceived Benefits of Sport Participation. *International Journal of Sport Management, Recreation & Tourism*, 26(c), 44–53. <https://doi.org/10.5199/ijsmart-1791-874X-26c>
- Lower, L. M., & Turner, B. A. (2016). Examination of the 3x2 Achievement Goal Model in Collegiate Recreation: Comparison Across Sport Programs. *Journal of Amateur Sport, Article*.
- Lüftenegger, M., Klug, J., Harrer, K., Langer, M., Spiel, C., & Schober, B. (2016). Student's Achievement Goals, Learning-related Emotions and Academic Achievement. *Frontiers in Psychology*, 7.
- Lunenburg, F. C. (2011). Goal-Setting Theory of Motivation. *International Journal of Management, Business and Administration*, 15(1), 1–6.
- Lynn, B. Y. R. (1969). An Achievement Motivation Questionnaire. *British Journal of Psychology*, 60(4), 529–534.
- Madigan, D. J., Stoeber, J., Culley, T., Passfield, L., & Hill, A. P. (2018). Perfectionism and training performance: The mediating role of other-approach goals. *European Journal of Sport Science*, 18(9), 1271–1279. <https://doi.org/10.1080/17461391.2018.1508503>
- Madigan, D. J., Stoeber, J., & Passfield, L. (2017). Perfectionism and achievement goals revisited: The 3 × 2 achievement goal framework. *Psychology of Sport and Exercise*, 28, 120–124. <https://doi.org/10.1016/j.psychsport.2016.10.008>
- Mageau, G. (2016). The role of parental achievement goals in predicting autonomy-supportive and controlling parenting. *Journal of Child and Family Studies*, 25(5), 1702–1711.
- Marôco, J. (2014). *Análise Estatística com o SPSS Statistics* (6^a). Lisboa: Report Number.
- Marques, R. F. R., Duarte, E., Gutierrez, G. L., Almeida, J. J. G. de, & Miranda, T. J. (2009). Esporte olímpico e paraolímpico: coincidências, divergências e especificidades numa perspectiva contemporânea. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 23(4), 365–377. <https://doi.org/10.1590/S1807-55092009000400006>
- Marques, S. C., & Lopez, S. J. (2017). The Development of Hope. In *Development of Self-Determination Through the Life-Course* (pp. 271–281). https://doi.org/10.1007/978-94-024-1042-6_21
- Martens, R. (1977). *Sport Competition Anxiety Test* (1^a). Champaign, IL: Human Kinetics Inc.
- Martinent, G., Gareau, A., Lienhart, N., Nicaise, V., & Guillet-Descas, E. (2018). Emotion

- profiles and their motivational antecedents among adolescent athletes in intensive training settings. *Psychology of Sport and Exercise*, 35, 198–206. <https://doi.org/10.1016/j.psychsport.2018.01.001>
- Martinent, G., Nicolas, M., Gaudreau, P., & Campo, M. (2013). A Cluster Analysis of Affective States Before and During Competition. *Journal of Sport and Exercise Psychology*, 35(6), 600–611. <https://doi.org/10.1123/jsep.35.6.600>
- Mascret, N., Elliot, A. J., & Cury, F. (2015). Extending the 3 × 2 achievement goal model to the sport domain: The 3 × 2 Achievement Goal Questionnaire for Sport. *Psychology of Sport and Exercise*, 17, 7–14. <https://doi.org/10.1016/j.psychsport.2014.11.001>
- Mazeres, F., Brinkmann, K., & Richter, M. (2019). Implicit achievement motive limits the impact of task difficulty on effort-related cardiovascular response. *Journal of Research in Personality*, 82, 103842. <https://doi.org/https://doi.org/10.1016/j.jrp.2019.06.012>
- Mazzetti, G., Schaufeli, W. B., & Guglielmi, D. (2014). Are workaholics born or made? Relations of workaholism with person characteristics and overwork climate. *International Journal of Stress Management*, 21(3), 227–254. <https://doi.org/10.1037/a0035700>
- McClelland, D. C. (1955). *Studies in Motivation*. New York: Appleton-Century-Crofts Inc.
- McClelland, D. C. (1961). *Achieving Society*. New York: Free Press.
- McClelland, D. C. (1987). *Human Motivation*. New York, NY: Cambridge University Press.
- McClelland, D. C., Atkinson, J. W., Clark, R. A., & Lowell, E. (1953). *The Achievement motive*. Oxford, England: Irvington.
- McClelland, D. C., Clark, R. A., Roby, T. B., & Atkinson, J. W. (1949). The projective expression of needs. IV. The effect of the need for achievement on thematic apperception. *Journal of Experimental Psychology*, 39(2), 242–255. <https://doi.org/10.1037/h0062969>
- McNair, D. M., Lorr, M., & Droppelman, L. F. (1971). *Manual for the Profile of Mood States*. San Diego, CA: Educational and Industrial Testing Services.
- Méndez-Giménez, A., Cecchini-Estrada, J. A., & Fernández-Río, J. (2014). Examinando el modelo de metas de logro 3x2 en el contexto de la Educación Física. *Cuadernos de Psicología Del Deporte*, 14(3), 157–168.
- Méndez-Giménez, A., Cecchini-Estrada, J., Fernández-Río, J., Méndez-Alonso, D., & Prieto-Saborit, J. (2016). Metas de logro 3x2, motivación autodeterminada y satisfacción con la vida en Educación Secundaria. *Journal Of Psychodidactics*, 21(2), 1–15.
- Méndez-Giménez, Antonio, Cecchini Estrada, J. A., & Fernández-Río, J. (2018). Validación del Cuestionario de Clima Motivacional 3x2 en educación física. *Universitas Psychologica*, 17(1), 1–14. <https://doi.org/10.11144/Javeriana.upsy17-1.vccm>
- Miller, N. E. (1944). Experimental studies of conflict. In J. M. Hunt (Ed.), *Personality and the behavior disorders* (pp. 431–465). Retrieved from <https://psycnet.apa.org/record/1944-19900-002>
- Moran, A. P. (1990). Allegiance to the Work Ethic, Achievement Motivation and Fatalism in Irish and American People. *The Irish Journal of Psychology*, 11(1), 82–96. <https://doi.org/10.1080/03033910.1990.10557792>
- Morgan, C. D., & Murray, H. A. (1935). A method of investigating fantasies: The Thematic Apperception Test. *Archives of Neurology and Psychiatry*, 34, 289–306.
- Morgan, W. P. (1980). Test of the champions: the iceberg profile. *Psychology Today*, 6(July), 92–108.
- Morris, R. L., & Kavussanu, M. (2008). Antecedents of approach-avoidance goals in sport. *Journal of Sports Sciences*, 26(5), 465–476. <https://doi.org/10.1080/02640410701579388>
- Murayama, K., & Elliot, A. J. (2012). The competition–performance relation: A meta-analytic review and test of the opposing processes model of competition and performance.

- Psychological Bulletin*, 138(6), 1035–1070. <https://doi.org/10.1037/a0028324>
- Murray, H. A. (1938). *Explorations in Personality*. New York: Oxford University Press.
- Neigel, A. R., Claypoole, V. L., Waldorf, K. M., Dever, D. A., & Szalma, J. L. (2017). Motivational Correlates of Vigilance Task Engagement. *Proceedings of the Human Factors and Ergonomics Society Annual Meeting*, 61(1), 1524–1528. <https://doi.org/10.1177/1541931213601865>
- Nicholls, A. R., & Levy, A. R. (2015). The road to London 2012: The lived stressor, emotion, and coping experiences of gymnasts preparing for and competing at the world championships. *International Journal of Sport and Exercise Psychology*, (June 2015), 1–13. <https://doi.org/10.1080/1612197X.2015.1020664>
- Nicholls, A. R., Perry, J. L., & Calmeiro, L. (2014). Precompetitive Achievement Goals, Stress Appraisals, Emotions, and Coping Among Athletes. *Journal of Sport and Exercise Psychology*, 36(5), 433–445. <https://doi.org/10.1123/jsep.2013-0266>
- Nicholls, J. G. (1984). Achievement motivation: Conceptions of ability, subjective experience, task choice, and performance. *Psychological Review*, 91(3), 328–346. <https://doi.org/10.1037/0033-295X.91.3.328>
- Ning, H. K. (2018). Psychometric Properties of the 3 × 2 Achievement Goal Questionnaire in a Hong Kong Sample. *Journal of Psychoeducational Assessment*, 36(3), 261–272. <https://doi.org/10.1177/0734282916677658>
- Nixdorf, I., Frank, R., & Beckmann, J. (2016). Comparison of Athletes' Proneness to Depressive Symptoms in Individual and Team Sports: Research on Psychological Mediators in Junior Elite Athletes. *Frontiers in Psychology*, 7. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2016.00893>
- Nogueira, J. E. (2009). *Alterações de estados de ânimo em atletas de futebol de campo, avaliados em fase do campeonato*. (Trabalho de Conclusão de Curso não publicado) Centro Universitário Moura Lacerda/Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto. Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto/SP.
- Nowlis, V. (1965). Research with the mood adjective checklist. In S. S. Tomkins & C. E. Izard (Eds.), *Affect, cognition and personality*. New York: Springer.
- Ong, N. C. H. (2019). Assessing objective achievement motivation in elite athletes: A comparison according to gender, sport type, and competitive level. *International Journal of Sport and Exercise Psychology*, 17(4), 397–409. <https://doi.org/10.1080/1612197X.2017.1349822>
- Øvretveit, K., Sæther, S. A., & Mehus, I. (2018). Achievement goal profiles, and perceptions of motivational climate and physical ability in male Brazilian jiu-jitsu practitioners. *Archives of Budo \ Science of Martial Arts*, 14(1), 311–318. Retrieved from <http://hdl.handle.net/11250/2590563>
- Ozbilir, T., Day, A., & Catano, V. M. (2015). Perfectionism at Work: An Investigation of Adaptive and Maladaptive Perfectionism in the Workplace among Canadian and Turkish Employees. *Applied Psychology*, 64(1), 252–280. <https://doi.org/10.1111/apps.12032>
- Pássaro, G., & Bueno, J. L. O. (2016). Influência do motivo de realização em tomada de decisões intertemporais. *Anais Do 24º Simpósio Internacional de Iniciação Científica Da USP*. Retrieved from <https://uspdigital.usp.br/siicusp/siicPublicacao.jsp?codmnu=7210>
- Păunescu, C., & Cantaragiu, R. (2012). How Does the risk preference impact the need for achievement in business contexts. *Management & Marketing*, 7(1), 89–106.
- Pekrun, R. (2017). Achievement Emotions. In A. J. Elliot, C. S. Dweck, & D. S. Yeager (Eds.), *Handbook of Competence and Motivation: Theory and Application* (pp. 251–271).
- Pekrun, R., Elliot, A. J., & Maier, M. A. (2009). Achievement goals and achievement emotions: Testing a model of their joint relations with academic performance. *Journal of*

- Educational Psychology*, 101(1), 115–135. <https://doi.org/10.1037/a0013383>
- Pérez-Córdoba, E. A., & Estrada-Contreras, O. (2015). historia de la Psicología del Deporte. *Apuntes de Psicología*, 33(1), 39–46.
- Picoli, R. M. de M. de. (2016). *Alterações dos Estados de Ânimo de jovens atletas de futebol em função do decurso temporal durante um período competitivo* ((Dissertação de mestrado). Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto. Ribeirão Preto, São Paulo.). Retrieved from <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59134/tde-29042016-123505/pt-br.php>
- Picoli, R. M. de M. de, Souza, J. P. de, & Costa-Lobo, C. (2019). Desporto e Infância: a relevância no desenvolvimento das vulnerabilidades e competências para a vida. In C. L. B. Vestena, M. S. D'Aroz, & C. Costa-Lobo (Eds.), *As crianças: infância, pobreza e qualidade de vida* (pp. 151–166). Curitiba: Editora CRV.
- Pires, P., Filgueiras, A., Ribas, R., & Santana, C. (2013). Positive and Negative Affect Schedule: Psychometric Properties for the Brazilian Portuguese Version. *The Spanish Journal of Psychology*, 16, E58. <https://doi.org/10.1017/sjp.2013.60>
- Pollard, R., & Gómez, M. A. (2014). Components of home advantage in 157 national soccer leagues worldwide. *International Journal of Sport and Exercise Psychology*, 12(3), 218–233. <https://doi.org/10.1080/1612197X.2014.888245>
- Portela-Pino, I., Gutierrez-Sánchez, Á., Alonso-Fernández, D., & Abadía-García de Vicuña, O. (2017). Comparative study on pre-competition mood in Canadian and Spanish university students. *Journal of Human Sport and Exercise*, 12(4). <https://doi.org/10.14198/jhse.2017.124.18>
- Proios, M. (2014). Achievement Goal and Discrete Emotions in Sport. *Psychology and Behavioral Sciences*, 3(5), 151. <https://doi.org/10.11648/j.pbs.20140305.12>
- Pulido-Pedrero, S., Vega-Marcos, R. de la, & Fuentes-García, J. P. (2020). Motivación de logro en deportistas de combate de élite: Evaluación objetiva computerizada. *Revista de Psicología Del Deporte*, 29(1), 75–82.
- Ray, J. J. (1971). Correspondence: Regarding the Lynn N-ach test. *Bulletin of the British Psychological Society*, 24(85), 352.
- Ray, J. J. (1974). Projective tests can be made reliable: Measuring need for achievement. *Journal of Personality Assessment*, 38(4), 303–307.
- Ray, J. J. (1975). A behavior inventory to measure achievement motivation. *The Journal of Social Psychology*, 95, 135–136.
- Ray, J. J. (1979). A quick measure of Achievement motivation - Validated in Australia And Reliable in Britain and South Africa. *Australian Psychologist*, 14(3), 337–344.
- Revelle, W., & Michaels, E. J. (1976). The Theory of Achievement Motivation Revisited: The implications of Inertial tendencies. *Psychological Review*, 83(5), 394–404.
- Ridgers, N. D., Fazey, D. M. A., & Fairclough, S. J. (2007). Perceptions of athletic competence and fear of negative evaluation during physical education. *British Journal of Educational Psychology*, 77(2), 339–349. <https://doi.org/10.1348/026151006X128909>
- Ring, C., & Kavussanu, M. (2018). The impact of achievement goals on cheating in sport. *Psychology of Sport and Exercise*, 35, 98–103. <https://doi.org/10.1016/j.psychsport.2017.11.016>
- Roberts, G. C., Nerstad, C. G. L., & Lemyre, P. N. (2018). Motivation in Sport and Performance. In *Oxford Research Encyclopedia of Psychology*. <https://doi.org/10.1093/acrefore/9780190236557.013.150>
- Roberts, G. C., Treasure, D. C., & Conroy, D. E. (2007). Understanding the Dynamics of Motivation in Sport and Physical Activity: An Achievement Goal Interpretation. In Gershon Tenenbaum & R. C. Eklund (Eds.), *Handbook of Sport Psychology* (pp. 1–30). <https://doi.org/10.1002/9781118270011.ch1>

- Roberts, R., Woodman, T., Lofthouse, S., & Williams, L. (2015). Not all players are equally motivated: The role of narcissism. *European Journal of Sport Science*, 15(6), 536–542. <https://doi.org/10.1080/17461391.2014.987324>
- Rubio, K. (2001). *O Atleta e o Mito do Herói - O Imaginário Esportivo Contemporâneo*.
- Rubio, K. (2010). Jogos Olímpicos da Era Moderna: uma proposta de periodização. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 24(1), 55–68.
- Rubio, K., & Melo, G. F. (2019). Além da personalidade: para um entendimento do papel social e da identidade do atleta. In K. Rubio & J. A. de O. Camilo (Eds.), *Psicologia Social do Esporte* (1ª, pp. 19–36). São Paulo: Képos.
- Rushall, B. S., & Fox, R. G. (1980). An approach-avoidance motivations scale for sports. *Canadian Journal of Applied Sport Sciences. Journal Canadien Des Sciences Appliquees Au Sport*, 5(1), 39–43. Retrieved from <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/7389046>
- Rybníček, R., Bergner, S., & Gutschelhof, A. (2019). How individual needs influence motivation effects: a neuroscientific study on McClelland's need theory. *Review of Managerial Science*, 13(2), 443–482. <https://doi.org/10.1007/s11846-017-0252-1>
- Sagar, S. S., & Jowett, S. (2012). The Effects of Age, Gender, Sport Type and Sport Level on Athletes' Fear of Failure: Implications And Recommendations for Sport Coaches. *International Journal of Coaching Science*, 6(2), 61–82.
- Sagar, S. S., Lavalley, D., & Spray, C. M. (2009). Coping With the Effects of Fear of Failure: A Preliminary Investigation of Young Elite Athletes. *Journal of Clinical Sport Psychology*, 3(1), 73–98. <https://doi.org/10.1123/jcsp.3.1.73>
- Saris, W., Revilla, M., Krosnick, J. A., & Shaeffer, E. M. (2010). Comparing Questions with Agree/Disagree Response Options to Questions with Item-Specific Response Options. *Journal of the European Survey Research Association*, 4(1), 61–79. <https://doi.org/10.18148/srm/2010.v4i1.2682>
- Schantz, L. H., & Conroy, D. E. (2009). Achievement motivation and intraindividual affective variability during competence pursuits: A round of golf as a multilevel data structure. *Journal of Research in Personality*, 43(3), 472–481. <https://doi.org/10.1016/j.jrp.2009.02.002>
- Schmitt, A., Gielnik, M. M., & Seibel, S. (2019). When and how does anger during goal pursuit relate to goal achievement? The roles of persistence and action planning. *Motivation and Emotion*, 43(2), 205–217. <https://doi.org/10.1007/s11031-018-9720-4>
- Schumacker, R. E., & Lomax, R. G. (2016). *A Beginner's Guide to Structural Equation Modeling* (4th ed.). New York: Routledge.
- Sereda, B. J., Holt, N. L., & Mosewich, A. D. (2019). Unexpected, but not a surprise: How women varsity athletes high in self-comparison manage unexpected stressors surrounding competition. *SCAPPS 2019 Annual Conference*, 51(1), 158.
- Serra de Queiroz, F., Lima Fogaça, J., Hanrahan, S. J., & Zizzi, S. (2016). Sport psychology in Brazil: Reflections on the past, present, and future of the field †. *International Journal of Sport and Exercise Psychology*, 14(2), 168–185. <https://doi.org/10.1080/1612197X.2016.1154090>
- Silva, R. C. da. (2013). *Relação entre estados de ânimo momentâneos e desempenho dentro e fora de casa em atletas de futebol*. (Trabalho de Conclusão de Curso não publicado). Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto. Ribeirão Preto, São Paulo.
- Silva, R. C. da. (2017). *Ataque e defesa: A influência da posição nos estados de ânimo momentâneos em atletas de futebol americano de alto rendimento*. (Dissertação de mestrado não publicada). Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto. Ribeirão Preto, São Paulo.
- Snyder, C. R. (1994). *The psychology of Hope: You Can Get There from Here*. New York: The Free Press.

- Snyder, C. R. (2002). Hope Theory: Rainbows in the Mind. *Psychological Inquiry*, 13(4), 249–275. https://doi.org/10.1207/S15327965PLI1304_01
- Sonoo, C. N., Gomes, A. L., Damasceno, M. L., Silva, S. R. da, & Limana, M. D. (2010). Ansiedade e desempenho: um estudo com uma equipe infantil de voleibol feminino. *Motriz. Revista de Educação Física. UNESP*, 16(3). <https://doi.org/10.5016/1980-6574.2010v16n3p629>
- Souza, A. C. de, Alexandre, N. M. C., & Guirardello, E. de B. (2017). Propriedades psicométricas na avaliação de instrumentos: avaliação da confiabilidade e da validade. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, 26(3), 649–659. <https://doi.org/10.5123/S1679-49742017000300022>
- Souza, V. C. (2011). *Variações de estados de ânimo momentâneos de jogadores de futsal em função da posição, em situação pré-competitiva*. (Trabalho de Conclusão de Curso não publicado). Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto. Ribeirão Preto, São Paulo.
- Souza, V. C. (2014). *Relações entre estados de ânimo pré-competitivos e desempenho de atletas de alto rendimento em jogos de futsal* ((Dissertação de mestrado). Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto. Ribeirão Preto, São Paulo). Retrieved from <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59134/tde-05012015-164916/pt-br.php>
- Souza, V. C. (2019). *Relações entre Estados de Ânimo Pré-competitivos e Comportamentos de liderança de atletas: quais variáveis estão em jogo?* (Tese de Doutorado). Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto. Ribeirão Preto, São Paulo.
- Staufenbiel, K., Lobinger, B., & Strauss, B. (2015). Home advantage in soccer – A matter of expectations, goal setting and tactical decisions of coaches? *Journal of Sports Sciences*, 33(18), 1932–1941. <https://doi.org/10.1080/02640414.2015.1018929>
- Stenling, A., Hassmén, P., & Holmström, S. (2014). Implicit beliefs of ability, approach-avoidance goals and cognitive anxiety among team sport athletes. *European Journal of Sport Science*, 14(7), 720–729. <https://doi.org/10.1080/17461391.2014.901419>
- Stussi, Y., Ferrero, A., Pourtois, G., & Sander, D. (2019). Achievement motivation modulates Pavlovian aversive conditioning to goal-relevant stimuli. *NPJ Science of Learning*, 4(1), 4.
- Sultanova, A. N., & Toshmirzaev, G. E. K. (2019). Análise dos aspectos motivacionais do esporte. *Materiais Da Conferência Científica e Prática de Toda a Rússia “Ciência e Sociedade,”* 10–11.
- Tauer, J. M., & Harackiewicz, J. M. (2004). The Effects of Cooperation and Competition on Intrinsic Motivation and Performance. *Journal of Personality and Social Psychology*, 86(6), 849–861. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.86.6.849>
- Teboul, A., Klosek, C., Montiny, C., & Gernigon, C. (2019). Development and Validation of the Approach-Avoidance System Questionnaire (AASQ). *Frontiers in Psychology*, 10. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2019.02531>
- Thrash, T. M., & Hurst, A. L. (2008). Approach and Avoidance Motivation in the Achievement Domain: Integrating the Achievement Motive and Achievement Goal Traditions. In A. J. Elliot (Ed.), *Handbook of Approach and Avoidance Motivation* (pp. 217–234). New York: Psychology Press.
- Tubino, M. (2017). *O que é esporte*. Brasília: Brasiliense.
- Vallerand, R. J. (2012). Intrinsic and Extrinsic Motivation in Sport and Physical Activity: A Review and a Look at the Future. In *Handbook of Sport Psychology* (pp. 59–83). <https://doi.org/10.1002/9781118270011.ch3>
- van de Pol, P. K. C., Kavussanu, M., & Ring, C. (2012). The Effects of Training and Competition on Achievement Goals, Motivational Responses, and Performance in a

- Golf-Putting Task. *Journal of Sport and Exercise Psychology*, 34(6), 787–807. <https://doi.org/10.1123/jsep.34.6.787>
- van de Ven, N. (2017). Envy and admiration: emotion and motivation following upward social comparison. *Cognition and Emotion*, 31(1), 193–200. <https://doi.org/10.1080/02699931.2015.1087972>
- Van Yperen, N. W. (2006). A Novel Approach to Assessing Achievement Goals in the Context of the 2 × 2 Framework: Identifying Distinct Profiles of Individuals With Different Dominant Achievement Goals. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 32(11), 1432–1445. <https://doi.org/10.1177/0146167206292093>
- Van Yperen, N. W., & Renkema, L. J. (2008). Performing great and the purpose of performing better than others: on the recursiveness of the achievement goal adoption process. *European Journal of Social Psychology*, 38(2), 260–271. <https://doi.org/10.1002/ejsp.425>
- Vansteenkiste, M., Lens, W., Elliot, A. J., Soenens, B., & Mouratidis, A. (2014). Moving the Achievement Goal Approach One Step Forward: Toward a Systematic Examination of the Autonomous and Controlled Reasons Underlying Achievement Goals. *Educational Psychologist*, 49(3), 153–174. <https://doi.org/10.1080/00461520.2014.928598>
- Vansteenkiste, M., Mouratidis, A., van Riet, T., & Lens, W. (2014). Examining Correlates of Game-to-Game Variation in Volleyball Players' Achievement Goal Pursuit and Underlying Autonomous and Controlling Reasons. *Journal of Sport and Exercise Psychology*, 36(2), 131–145. <https://doi.org/10.1123/jsep.2012-0271>
- Vealey, R. S. (2007). Mental Skills Training in Sport. In Gershon Tenenbaum & R. C. Eklund (Eds.), *Handbook of Sport Psychology* (pp. 287–309). <https://doi.org/https://doi.org/10.1002/9781118270011.ch13>
- Vega Marcos, R. de la, Barquín, R. R., Alexandre, G. M., Balagué, G., Zafra, A. O., & Del Valle Díaz, S. (2008). Consistencia y fluctuación de los estados de ánimo en un equipo de fútbol profesional durante una competición de play off. *Revista de Psicología Del Deporte*, 17(2), 241–251.
- Vieira, L. F., Nascimento Júnior, J. R. A., & Vieira, J. L. L. (2013). O estado da arte da pesquisa em Psicologia do Esporte no Brasil. *Revista de Psicología Del Deporte*, 22(2), 501–507. Retrieved from http://ddd.uab.cat/pub/revpsidep/revpsidep_a2013v22n2/revpsidep_a2013v22n2p501.pdf
- Wang, C. K. J., Liu, W. C., Sun, Y., & Chua, L. L. (2017). Psychometric properties of the 3 × 2 achievement goal questionnaire for sport. *International Journal of Sport and Exercise Psychology*, 15(5), 460–474. <https://doi.org/10.1080/1612197X.2016.1142458>
- Wang, C. K. J., Pyun, D. Y., Li, C., & Lee, M. S. (2016). Talent development environment and achievement goal adoption among Korean and Singaporean athletes: Does perceived competence matter? *International Journal of Sports Science and Coaching*, 11(4), 496–504. <https://doi.org/10.1177/1747954116654779>
- Ward, E. A. (1990). An International Comparison and Psychometric Analysis of Need for Achievement Scores on the Ray Scale. *Psychological Reports*, 66, 755–758.
- Warner, S., & Dixon, M. A. (2015). Competition, gender and the sport experience: an exploration among college athletes. *Sport, Education and Society*, 20(4), 527–545. <https://doi.org/10.1080/13573322.2013.774273>
- Watson-Breeding, T., & Anshel, M. H. (2015). Relationship between Sport Perfectionism and Perceived Competence as a Function of Skill Level and Sport Type. *Journal of Sport Behavior*, 38(4), 376–393.
- Weinberg, R., & Gould, D. R. (2016). *Fundamentos de Psicologia do Esporte e do Exercício Físico* (6ª). Porto Alegre: Artmed.
- Weiner, B. (2014). The attribution approach to emotion and motivation: History, hypotheses,

- home runs, headaches/heartaches. *Emotion Review*, 6(4), 353–361. <https://doi.org/10.1177/1754073914534502>
- Wenhold, F., Elbe, A., & Beckmann, J. (2009). *Fragebogen zum Leistungsmotiv im Sport: Achievement Motives Scale-Sport (AMS-Sport)*. Manual.
- Werneck, F. Z., Ferreira, R. M., Polito, M. D., Coelho, E. F., & Costa, L. P. da. (2019). Efeito do resultado do jogo sobre os estados de humor de uma equipe de voleibol. *Caderno de Educação Física e Esporte*, 17(1), 281–288.
- Wigfield, A., Eccles, J. S., Schiefele, U., Roeser, R. W., & Davis-Kean, P. (2006). Development of Achievement Motivation. In *Handbook of Child Psychology* (6^a ed, pp. 933–1002). <https://doi.org/10.1002/9780470147658.chpsy0315>
- Wirthwein, L., Sparfeldt, J. R., Heyder, A., Buch, S. R., Rost, D. H., & Steinmayr, R. (2019). Sex differences in achievement goals: do school subjects matter? *European Journal of Psychology of Education*. <https://doi.org/10.1007/s10212-019-00427-7>
- Woodman, T., & Hardy, L. (2003). The relative impact of cognitive anxiety and self-confidence upon sport performance: a meta-analysis. *Journal of Sports Sciences*, 21(6), 443–457. <https://doi.org/10.1080/0264041031000101809>
- Wu, C.-C. (2012). The Cross-Cultural Examination of 3×2 Achievement Goal Model in Taiwan. *Procedia - Social and Behavioral Sciences*, 69, 422–427. <https://doi.org/10.1016/j.sbspro.2012.11.429>
- Yoder, A. M., Widen, S. C., & Russell, J. A. (2016). The word disgust may refer to more than one emotion. *Emotion*, 16(3), 301–308. <https://doi.org/10.1037/emo0000118>
- Zhou, M. (2016). University Students' Emotion During Online Search Task: A Multiple Achievement Goal Perspective. *The Journal of Psychology*, 150(5), 576–590. <https://doi.org/10.1080/00223980.2016.1143797>
- Zhou, Y., & Zhou, F. (2019). Cognitive neural mechanism of sports competition pressure source. *Translational Neuroscience*, 10(1), 147–151. <https://doi.org/10.1515/tnsci-2019-0025>
- Zuber, C., Zibung, M., & Conzelmann, A. (2015). Motivational patterns as an instrument for predicting success in promising young football players. *Journal of Sports Sciences*, 33(2), 160–168. <https://doi.org/10.1080/02640414.2014.928827>
- Zur, I., Cooke, A., Woodman, T., Neil, R., & Udewitz, R. (2019). Don't Make Me Angry! A Psychophysiological Examination of the Anger–Performance Relationship in Intermediate and Elite Fencers. *Journal of Applied Sport Psychology*, 31(3), 285–302. <https://doi.org/10.1080/10413200.2018.1464079>

APÊNDICE A – Fases de adaptação transcultural do Estudo 1 baseadas em Borsa, Damásio e Bandeira (2012).

Fase A – Tradução do instrumento original

Participantes

Três tradutores bilíngues, proficientes no idioma original (inglês) e nativos no idioma-alvo (português).

Material

Ray-Lynn AO Scale (Ray, 1979) em formato ‘.doc’, com as instruções e questões digitadas da mesma forma que no instrumento original

Procedimento

O pesquisador entregou a versão original do instrumento por correio eletrônico a três tradutores bilíngues, proficientes no idioma original do instrumento (inglês) e nativos no idioma-alvo (português). No corpo de texto da mensagem estavam orientações sobre a forma como a tradução deveria ser feita, o contexto o qual o instrumento foi desenvolvido e o contexto para qual ele estava sendo adaptado e também considerações breves sobre o constructo avaliado. O pesquisador também estabeleceu um prazo de entrega das traduções (24 horas após o envio da mensagem) e todos os tradutores entregarem dentro do prazo.

Forma de Análise

Após o recolhimento das versões traduzidas, o pesquisador as sintetizou em uma versão única comparando as traduções e avaliando as discrepâncias ou semelhanças semânticas, idiomáticas, conceituais, lingüísticas e contextuais. Assim, o pesquisador chegou a uma versão sintetizada das traduções realizadas na Fase A.

Resultados

Após o recolhimento das traduções, o pesquisador as comparou e avaliou as discrepâncias ou semelhanças semânticas, idiomáticas, conceituais, lingüísticas e contextuais entre elas. A versão sintetizada está abaixo:

Este é um questionário de 14 itens, em que cada sentença possui as opções Sim, Não e ? (não sei). Responda conforme julgar coerente com seu entendimento de você.

Estar confortável é mais importante para você do que progredir?

() Sim () Não () Não sei

Você está/é satisfeito por não ser melhor do que a maioria das outras pessoas nas suas tarefas?

☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei

Você gosta de contribuir com melhorias no funcionamento do local onde realiza suas tarefas?

☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei

Você se preocupa em cultivar relacionamentos com pessoas que podem ser úteis para você em sua carreira?

☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei

Você fica impaciente e aborrecido quando sente que está perdendo tempo?

☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei

Você sempre trabalha duro a fim de estar entre os melhores do seu segmento? (escola, organização, profissão).

☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei

Você prefere trabalhar com um parceiro agradável, porém incompetente em vez de um parceiro difícil, porém muito competente?

☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei

Você tende a planejar com antecedência suas tarefas (ou carreira)?

☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei

“Vencer na vida” é importante para você?

☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei

Você é uma pessoa ambiciosa?

☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei

Você é propenso a observar o sucesso dos outros ao invés de trabalhar para seu próprio sucesso?

☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei

Você se descreveria como preguiçoso?

☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei

É comum os dias passarem sem você ter feito algo útil?

☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei

Você está inclinado a aceitar a vida como ela lhe é apresentada sem muito planejamento?

☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei

Fase B – Avaliação por peritos

Participantes

Cinco peritos da área de avaliação psicológica.

Material

Versão sintetizada das traduções da Fase A enviada por correio eletrônico.

Procedimento

O pesquisador enviou por correio eletrônico a síntese das traduções obtidas na Fase A para um total de cinco peritos das áreas de avaliação psicológica ou esportiva. Na mensagem apontou as diretrizes para avaliação que os peritos deveriam observar como a estrutura do instrumento, o layout, as instruções do instrumento, a abrangência e a adequação das expressões contidas nos itens tendo em vista a população-alvo que o instrumento se destina, além de uma explicação breve sobre o questionário e o constructo analisado. O pesquisador estabeleceu uma semana de prazo de entrega das avaliações e todos os avaliadores responderam no prazo estipulado.

Forma de Análise

A cada consideração de um perito, o pesquisador a anotava e julgava sua pertinência aos objetivos do estudo e alterava ou não a síntese obtida na Fase A e enviava ao próximo perito.

Resultados

Com isso, o pesquisador obteve a primeira versão do instrumento.

Fase C – Avaliação pelo público-alvo**Participantes**

10 atletas com média de idade de 32 anos ($\pm 12,1$), com 60% da amostra do sexo masculino e 40% do sexo feminino), sendo sete esportistas de alto rendimento (57% de modalidades individuais e 43% de modalidades coletivas) e três atletas amadores (67% de modalidades coletivas e 33% de modalidades individuais).

Material

A versão do instrumento derivada da Fase B transformada em um questionário do *Google Forms*.

Procedimento

O pesquisador convidou cada participante a responder o questionário *online* no horário que melhor conviesse ao participante. Reiterou que ao começar o questionário, o participante deveria respondê-lo até o fim, sem pausas e postergações. As instruções sobre como responder o questionário *online*, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e uma breve explicação do instrumento e seus conceitos estavam na primeira seção do questionário e que

continha o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e o aceite do participante em colaborar voluntariamente à pesquisa. Caso o(a) participante não aceitasse, o questionário era automaticamente encerrado e sua participação cancelada. Caso o (a) participante aceitasse colaborar voluntariamente, o questionário seguia à segunda seção a qual o(a) participante responderia a questões pessoais (sexo, idade, residência atual e escolaridade) e questões referentes à prática e experiência esportiva do participante, inclusive perguntando qual modalidade o(a) participante praticava ou já praticou. Caso o(a) participante nunca tivesse praticado uma modalidade esportiva o questionário era automaticamente encerrado e sua participação cancelada. A segunda eTapa do questionário continha perguntas sobre a caracterização da amostra: idade, sexo, experiência no esporte, tipo de modalidade praticada, entre outros. Caso o (a) participante da pesquisa nunca tivesse competido oficialmente, mesmo que em nível escolar ou amador, sua participação era encerrada. As eTapas 154P154ir154ües154es do questionário se referiam ao conteúdo do questionário, à escala utilizada, clareza das perguntas, espaço para escrever sugestões e críticas e entendimento das questões. Assim, seguia-se à seção sobre a instrução do instrumento. Colocou-se uma escala de 1 a 5 a qual o(a) participante respondia sobre o quanto a instrução era compreendida por ele/ela e, caso não compreendesse, havia um espaço para que sugerisse uma alteração ou comentasse o que estava incompreensível na instrução. A seção seguinte consistia em perguntar ao/à participante sobre a escala adotada para este instrumento. Colocou-se uma escala de 1 a 5 a qual o(a) participante respondia sobre o quanto a escala era compreendida por ele/ela e, caso não compreendesse, havia um espaço para que sugerisse uma alteração ou comentasse o que estava incompreensível sobre a utilização da escala. Também foi questionado se a escala bipolar era adequada ao contexto esportivo. Caso não fosse, havia um espaço para que o(a) participante comentasse sobre qual escala poderia ser utilizada que melhor se adequasse a esse contexto. Ao final dessas eTapas, o participante enviava, por meio de um clique em um botão “enviar”, as respostas para o pesquisador e, automaticamente, recebia um agradecimento pela participação. Por fim, as seções seguintes eram sobre cada item do instrumento que está sendo adaptado. As questões eram sobre a adequação e compreensão dos termos utilizados; o quanto, de 1 a 5, o(a) participante compreendeu do item, um espaço para o(a) participante fazer quaisquer sugestões sobre o referido item ou dissertar sobre qual termo não compreendeu. Caso o(a) participante não compreendesse o referido item, abria-se uma nova seção perguntando se havia algum termo incomum ou inadequado no contexto esportivo do(a) participante e qual era esse termo e também um espaço para o(a) participante sugerir alterações. Ao final de todas as seções sobre os itens do

instrumento, abria-se mais uma sessão deixando livre para o participante escrever sobre quaisquer dúvidas ou sugestões acerca do instrumento e seu conteúdo. Ao encerrar esta última seção, o questionário seguia para a tela de envio das respostas ao pesquisador juntamente com um agradecimento pela colaboração, deixando também os contatos do pesquisador e do orientador do estudo para quaisquer comentários, dúvidas ou sugestões. O(a) participante clicava no botão “enviar” e suas respostas eram registradas e enviadas automaticamente ao pesquisador.

Forma de Análise

O pesquisador reuniu as sugestões e modificou o instrumento quando julgou pertinente. Esta etapa foi realizada para que se chegasse à melhor versão do instrumento.

Resultados

Dentre as respostas dos participantes nesta Fase, foi sugerida a alteração do formato da escala conceitual para que houvesse mais destaque à frase do instrumento. Outro relato sobre o desenho do instrumento impresso apontou que dividir os itens em duas folhas dá a impressão de ser algo cansativo e que um formato cabível em uma só página seria melhor. Após a análise das sugestões, chegou-se à versão derivada desta Fase C.

Fase D – Tradução reversa

Participantes

Três tradutores bilíngües, proficientes no idioma original (português) e no idioma-alvo (inglês).

Material

A versão do instrumento derivada da Fase C do estudo e as instruções impressas em folha A4 ou em formato digital.

Procedimento

A versão derivada da Fase C em folha A4 foi entregue aos tradutores convidados por meio de correio eletrônico. Neste correio eletrônico, estavam instruções sobre a tradução reversa do instrumento e o objetivo dessa fase. Ao final desta tradução, o pesquisador entrou em contato também por correio eletrônico com o autor original da *Ray-Lynn AO Scale*, para que ele avaliasse o quanto a versão derivada da Fase C retraduzida ao inglês estava em conformidade com a proposta do instrumento original, explicando também algumas das alterações sugeridas em outras fases como a alteração da escala utilizada originalmente e sua

forma de cálculo. Além disso, também foi solicitada ao autor original a autorização para a adaptação e utilização do instrumento no Brasil.

Forma de Análise

Com o autor original da *Ray-Lynn AO Scale*, avaliou o quanto a última versão derivada da Fase C estava em conformidade com a proposta do instrumento original.

Resultados

O autor do instrumento autorizou a adaptação, sem comentários ou sugestões sobre a tradução e concordou com as sugestões realizadas pelos juízes e público-alvo, permitindo assim o uso deste questionário.

APÊNDICE B – Análise de Tradução do Questionário “Ray-Lynn AO Scale” (Ray, 1979).

Você está sendo convidada(o) a analisar a tradução do questionário “*Ray-Lynn AO Scale*” (Ray, 1979) que avalia o nível de Necessidade de Realização de um indivíduo. A Necessidade de Realização (*Need for Achievement*) é um conceito motivacional que parte do pressuposto de que o comportamento é influenciado pelo motivo para alcançar o sucesso/evitar o fracasso, bem como pela probabilidade de sucesso ou fracasso e pelo valor de incentivo para alcançar o sucesso ou evitar o fracasso (Atkinson, 1964; McClelland et al., 1953). É o estabelecimento e a preocupação em competir com um padrão de excelência. O questionário “*Ray-Lynn AO Scale*” mede qual é o nível de Motivo de Realização individual por meio da mensuração em escala *likert* de 14 perguntas relacionadas a este conceito. Quanto mais alta a pontuação somada de todas as perguntas, mais alto é o padrão de excelência do indivíduo e mais alta é sua necessidade de realização.

Este instrumento será aplicado cerca de 30 minutos antes do início de uma competição oficial em atletas de alto rendimento de modalidades individuais (Ex.: lutas, tênis, natação) e coletivas (Ex.: futebol, voleibol, basquetebol) com mais de 15 anos de idade e será utilizado no projeto de Doutorado intitulado “*Relações entre Estados de ânimo pré-competitivos, nível de Necessidade de Realização e Metas de Realização de atletas de modalidades individuais e coletivas*” de Me. Ricardo Marinho de Mello de Picoli, sob orientação do Prof. Dr. José Lino Oliveira Bueno do Programa de Pós-Graduação em Psicobiologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (USP) que tem por objetivo descrever relações entre os Estados de ânimo pré-competitivos, níveis de Necessidade de Realização e Metas de Realização de atletas brasileiros de alto rendimento, durante um período competitivo, em função do tipo de modalidade esportiva (individual ou coletiva).

Para atingirmos esse objetivo, dependemos da tradução, adaptação e validação desse questionário. O questionário traduzido está a seguir:

Este é um questionário de 14 itens, em que cada sentença possui as opções Sim, Não e ? (não sei). Responda conforme julgar coerente com seu entendimento de você.

Estar confortável é mais importante para você do que progredir?

() Sim () Não () Não sei

Você está/é satisfeito por não ser melhor do que a maioria das outras pessoas nas suas tarefas?

☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei

Você gosta de contribuir com melhorias no funcionamento do local onde realiza suas tarefas?

☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei

Você se preocupa em cultivar relacionamentos com pessoas que podem ser úteis para você em sua carreira?

☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei

Você fica impaciente e aborrecido quando sente que está perdendo tempo?

☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei

Você sempre trabalha duro a fim de estar entre os melhores do seu segmento? (escola, organização, profissão).

☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei

Você prefere trabalhar com um parceiro agradável, porém incompetente em vez de um parceiro difícil, porém muito competente?

☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei

Você tende a planejar com antecedência suas tarefas (ou carreira)?

☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei

“Vencer na vida” é importante para você?

☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei

Você é uma pessoa ambiciosa?

☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei

Você é propenso a observar o sucesso dos outros ao invés de trabalhar para seu próprio sucesso?

☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei

Você se descreveria como preguiçoso?

☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei

É comum os dias passarem sem você ter feito algo útil?

☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei

Você está inclinado a aceitar a vida como ela lhe é apresentada sem muito planejamento? ®

☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei

Pedimos que você responda e comente os seguintes pontos sobre o questionário traduzido:

O número de itens é adequado para a investigação que se presta?

☐ Sim ☐ Não

Se não, por quê? O quê você sugere de alteração para que o número de itens se torne adequado?

A ordem dos itens é adequada para a investigação que se presta?

() Sim () Não

Se não, por quê? O quê você sugere de alteração para que a ordem dos itens se torne adequada?

O layout escolhido é adequado para a população do estudo?

() Sim () Não

Se não, por quê? O quê você sugere de alteração para que o *layout* se torne adequado?

As expressões e termos contidos no instrumento são adequados para a população do estudo?

() Sim () Não

Se não, por quê? O quê você sugere de alteração nas expressões e termos para que eles se tornem adequados para a população do estudo?

A escala utilizada é pertinente à mensuração do conceito?

() Sim () Não

Se não, por quê? O quê você sugere de alteração para que a escala se torne pertinente?

O instrumento é adequado para a população escolhida para este estudo?

() Sim () Não

Se não, por quê? O quê você sugere de alteração para que o instrumento se torne adequado?

O instrumento está adequado para a análise do conceito exposto?

() Sim () Não

Se não, por quê? O quê você sugere de alteração para que o instrumento se torne adequado?

Escreva abaixo quaisquer outras considerações que queira fazer acerca do instrumento que não estão contidas nas perguntas acima.

Agradecemos sua participação!

APÊNDICE C – Alterações sugeridas para o instrumento e versão obtida após as considerações dos peritos.

- Adotar uma Escala conceitual (discordo/concordo totalmente)
- Frases em primeira pessoa ao invés de pergunta
- Modificar alguns termos específicos para o contexto esportivo

Mudanças sublinhadas

Este é um questionário de 14 itens, em que cada sentença possui as opções Sim, Não e ? (não sei). Responda conforme julgar coerente com seu entendimento de você.

Este é um questionário que possui 14 frases. Marque o quanto você concorda ou discorda em cada uma dessas frases conforme o seu entendimento de você.

Estar confortável é mais importante para você do que progredir?

Estar confortável é mais importante pra mim do que desenvolver novas habilidades

() Sim () Não () Não sei

Você está/é satisfeito por não ser melhor do que a maioria das outras pessoas nas suas tarefas?

Estou satisfeito em não ser o melhor nas minhas atividades

() Sim () Não () Não sei

Você gosta de contribuir com melhorias no funcionamento do local onde realiza suas tarefas?

Gosto de contribuir com melhorias no funcionamento do local onde realizo minhas atividades

() Sim () Não () Não sei

Você se preocupa em cultivar relacionamentos com pessoas que podem ser úteis para você em sua carreira?

Me preocupo em cultivar relacionamentos com pessoas que podem ser úteis para a minha carreira.

() Sim () Não () Não sei

Você fica impaciente e aborrecido quando sente que está perdendo tempo?

Fico impaciente e aborrecido quando sinto que estou perdendo tempo

() Sim () Não () Não sei

Você sempre trabalha duro a fim de estar entre os melhores do seu segmento? (escola, organização, profissão).

Me esforço ao máximo para estar entre os melhores da minha modalidade

() Sim () Não () Não sei

Você prefere trabalhar com um parceiro agradável, porém incompetente em vez de um parceiro difícil, porém muito competente?

Prefiro trabalhar com um(a) parceiro(a) agradável, mas incompetente a trabalhar com um(a) parceiro(a) desagradável, mas competente.

☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei

Você tende a planejar com antecedência suas tarefas (ou carreira)?

Planejo minhas atividades e minha carreira com antecedência

☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei

“Vencer na vida” é importante para você?

“Vencer na vida” é importante para mim

☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei

Você é uma pessoa ambiciosa?

Sou uma pessoa ambiciosa

☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei

Você é propenso a observar o sucesso dos outros ao invés de trabalhar para seu próprio sucesso? ®

Observo mais o sucesso dos outros ao invés de trabalhar para o meu próprio sucesso.

☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei

Você se descreveria como preguiçoso?

Sou uma pessoa preguiçosa

☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei

É comum os dias passarem sem você ter feito algo útil?

É comum os dias passarem sem que eu tenha feito algo útil

☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei

Você está inclinado a aceitar a vida como ela lhe é apresentada sem muito planejamento?

Costumo aceitar a vida como ela é, sem muito planejamento

☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei

VERSÃO OBTIDA:

Este é um questionário que possui 14 frases. Marque o quanto você concorda ou discorda em cada uma dessas frases conforme o seu entendimento de você.

Estar confortável é mais importante pra mim do que desenvolver novas habilidades

Discordo Totalmente	Discordo Parcialmente	Não concordo nem discordo	Concordo Parcialmente	Concordo Totalmente
------------------------	--------------------------	------------------------------	--------------------------	------------------------

Estou satisfeito em não ser o melhor nas minhas atividades

Discordo Totalmente	Discordo Parcialmente	Não concordo nem discordo	Concordo Parcialmente	Concordo Totalmente
------------------------	--------------------------	------------------------------	--------------------------	------------------------

Gosto de contribuir com melhorias no funcionamento do local onde realizo minhas atividades

Discordo Totalmente	Discordo Parcialmente	Não concordo nem discordo	Concordo Parcialmente	Concordo Totalmente
------------------------	--------------------------	------------------------------	--------------------------	------------------------

Me preocupo em cultivar relacionamentos com pessoas que podem ser úteis para a minha carreira.

Discordo Totalmente	Discordo Parcialmente	Não concordo nem discordo	Concordo Parcialmente	Concordo Totalmente
------------------------	--------------------------	------------------------------	--------------------------	------------------------

Fico impaciente e aborrecido quando sinto que estou perdendo tempo

Discordo Totalmente	Discordo Parcialmente	Não concordo nem discordo	Concordo Parcialmente	Concordo Totalmente
------------------------	--------------------------	------------------------------	--------------------------	------------------------

Me esforço ao máximo para estar entre os melhores da minha modalidade

Discordo Totalmente	Discordo Parcialmente	Não concordo nem discordo	Concordo Parcialmente	Concordo Totalmente
------------------------	--------------------------	------------------------------	--------------------------	------------------------

Prefiro trabalhar com um(a) parceiro(a) agradável, mas incompetente a trabalhar com um(a) parceiro(a) desagradável, mas competente.

Discordo Totalmente	Discordo Parcialmente	Não concordo nem discordo	Concordo Parcialmente	Concordo Totalmente
------------------------	--------------------------	------------------------------	--------------------------	------------------------

Planejo minhas atividades e minha carreira com antecedência

Discordo Totalmente	Discordo Parcialmente	Não concordo nem discordo	Concordo Parcialmente	Concordo Totalmente
------------------------	--------------------------	------------------------------	--------------------------	------------------------

“Vencer na vida” é importante para mim

Discordo Totalmente	Discordo Parcialmente	Não concordo nem discordo	Concordo Parcialmente	Concordo Totalmente
------------------------	--------------------------	------------------------------	--------------------------	------------------------

Sou uma pessoa ambiciosa

Discordo Totalmente	Discordo Parcialmente	Não concordo nem discordo	Concordo Parcialmente	Concordo Totalmente
------------------------	--------------------------	------------------------------	--------------------------	------------------------

Observo mais o sucesso dos outros ao invés de trabalhar para o meu próprio sucesso.

Discordo Totalmente	Discordo Parcialmente	Não concordo nem discordo	Concordo Parcialmente	Concordo Totalmente
------------------------	--------------------------	------------------------------	--------------------------	------------------------

Sou uma pessoa preguiçosa

Discordo Totalmente	Discordo Parcialmente	Não concordo nem discordo	Concordo Parcialmente	Concordo Totalmente
------------------------	--------------------------	------------------------------	--------------------------	------------------------

É comum os dias passarem sem que eu tenha feito algo útil

Discordo Totalmente	Discordo Parcialmente	Não concordo nem discordo	Concordo Parcialmente	Concordo Totalmente
------------------------	--------------------------	------------------------------	--------------------------	------------------------

Costumo aceitar a vida como ela é, sem muito planejamento

Discordo Totalmente	Discordo Parcialmente	Não concordo nem discordo	Concordo Parcialmente	Concordo Totalmente
------------------------	--------------------------	------------------------------	--------------------------	------------------------

APÊNDICE D – Questionário *online* feito para a realização da Fase C do Estudo 1

Questionário Online (Google Forms)

Você está sendo convidada(o) a participar de uma pesquisa pertencente ao projeto intitulado “*Relações entre Estados de ânimo pré-competitivos, nível de Necessidade de Realização e Metas de Realização de atletas de modalidades individuais e coletivas*”, cujo objetivo é descrever relações entre os estados emocionais e motivacionais de atletas brasileiros tanto de modalidades individuais quanto coletivas.

Para isso, você auxiliará a adaptar ao contexto brasileiro o questionário originalmente inglês intitulado *Ray-Lynn AO Scale* que mede os níveis de determinados aspectos motivacionais de humanos. Você avaliará a compreensão das instruções do questionário, o entendimento sobre a escala utilizada e a adequação dos termos e expressões utilizados.

Não há respostas certas ou erradas. Pedimos que você seja o mais honesta(o) e Sincera(o) em suas respostas.

O tempo estimado de preenchimento das respostas é de 15 minutos. Sugerimos que você reserve esse tempo para responder às questões, sem distrações ou atividades concorrentes.

Em caso de dúvidas ou reclamações sobre os procedimentos desta pesquisa, você pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – USP. Avenida Bandeirantes, 3900 – Bloco 23 – Casa 37 – 140040-901 – Ribeirão Preto – SP – Brasil. Fone: (16) 3315-4811/ Fax: (16) 3633-2660. E-mail: coetp@ffclrp.usp.br. Para quaisquer esclarecimentos referentes aos aspectos éticos da pesquisa, entrar em contato com este comitê.

- Você aceita colaborar voluntariamente com a pesquisa?

() Sim, aceito colaborar voluntariamente.

() Não → **O questionário encerrava-se automaticamente, agradecendo a participação**

- Qual sua data de nascimento? _____

- Sexo: () Masculino () Feminino

- Em que cidade você mora? _____

- Você pratica alguma modalidade esportiva atualmente?

() Sim () Não

- Qual o seu nível de escolaridade?

() Ensino Fundamental

() Ensino Médio

() Ensino Superior

() Mestrado

() Doutorado

- Você pratica alguma modalidade esportiva atualmente?

(SIM) → Qual modalidade? () Individual (ex.: Atletismo, Natação, Lutas...)

() Coletiva (ex.: Futebol, Voleibol, Basquetebol...)

(NÃO) → Você já praticou alguma modalidade esportiva?

(SIM) → Qual modalidade? () Individual (ex.: Atletismo, Natação, Lutas...)

() Coletiva (ex.: Futebol, Voleibol, Basquetebol...)

(NÃO) → **O questionário encerrava-se automaticamente, agradecendo a participação**

- Você participou de alguma competição, oficial ou não, desta modalidade nos últimos 12 meses?

() Sim () Não

- Qual foi o maior nível de competição que você já participou?

() Amador

() Escolar

() Regional

() Estadual

() Nacional

() Continental

() Mundial

Este é um questionário que possui 14 frases. Marque o quanto você concorda ou discorda em cada uma dessas frases conforme o seu entendimento de você.

- O quanto, de 1 (NADA) a 5 (TUDO), você compreende dessa instrução?

() 1 () 2 () 3 () 4 () 5

- Caso não compreenda essa instrução, nos diga: O que não está compreensível? O que você sugere de mudança?

- O quanto, de 1 (NADA) a 5 (TUDO), você entende a TAREFA contida nessa instrução?

() 1 () 2 () 3 () 4 () 5

- Caso você não entenda a tarefa, nos diga: O que não está compreensível? O que você sugere de mudança?

Nessa adaptação, utilizaremos uma escala que vai do extremo “DISCORDO TOTALMENTE” ao extremo “CONCORDO TOTALMENTE” para medir seu nível de concordância com cada frase. Conforme o exemplo abaixo.

Discordo	Discordo	Não concordo	Concordo	Concordo
Totalmente	Parcialmente	nem concordo	Parcialmente	Totalmente

- Você compreende como essa escala deve ser utilizada?

() Sim

() Não → O que não está compreensível no uso dessa escala?

Instruções

Nas próximas páginas, você responderá questões sobre partes que compõem o questionário que está sendo adaptado para o Brasil. Este questionário mede aspectos motivacionais ligados à conquista de objetivos. Para isso, precisamos que sua experiência como atleta nos guie para que possamos adaptar esse questionário da melhor forma possível.

Leia com atenção cada pergunta, lembrando que não existe certo ou errado na sua resposta. O que importa pra gente é a sua vivência esportiva, sua sinceridade e sua colaboração!

Frase do questionário

- O quanto, de 1 (NADA) a 5 (TUDO), você compreende o sentido dessa frase?

() 1 () 2 () 3 () 4 () 5

- Há algum termo na frase que você não compreendeu?

() Sim → *(1)

() Não → *(4)

Mesmo que a frase e os termos estejam compreensíveis, há alguma sugestão de modificação da frase que queira fazer? Alguma dúvida permaneceu?

Frase do questionário

* (1) Qual termo você não compreendeu?

Frase do questionário

- Há algum termo ou expressão na frase que seja incomum no seu cotidiano esportivo?

- Caso haja um termo incomum, qual é esse termo?

- Há algum termo na frase que está inadequado ou não se encaixa em seu contexto esportivo?

() Sim *(3)

() Não *(4)

Frase do questionário

* (3) Qual termo não está adequado? Por quê?

* (3) Qual a sua sugestão de modificação pra esse termo?

* (4) Próxima pergunta

(Após cada item do instrumento ter sido avaliado pelo participante)

Alguma dúvida ou sugestão que você gostaria de fazer, mas que não teve oportunidade nas questões anteriores?

Muito obrigado pela sua participação!

ENVIAR

APÊNDICE E – Versão derivada da Fase C do Estudo 1

Este é um questionário sobre você que possui 14 frases. Para cada item, marque 1 na escala (discordo completamente) até 5 (concordo completamente) para indicar o seu nível de concordância com a afirmação.

	Discordo Totalmente < --- > Concordo Totalmente				
Estar em minha zona de conforto é mais importante do que desenvolver novas habilidades.	1	2	3	4	5
Jamais estarei satisfeito em não ser o melhor nas minhas atividades.	1	2	3	4	5
Gosto de contribuir com melhorias no funcionamento do local onde realizo minhas atividades.	1	2	3	4	5
Me preocupo em cultivar relacionamentos com pessoas que possam me ajudar em minha carreira.	1	2	3	4	5
Fico impaciente e chateado quando sinto que estou perdendo tempo.	1	2	3	4	5
Me esforço ao máximo para estar entre os melhores da minha modalidade.	1	2	3	4	5
Prefiro treinar e ir às competições com um(a) parceiro(a) agradável, mas incompetente a treinar e ir às competições com um(a) parceiro(a) desagradável, mas competente.	1	2	3	4	5
Planejo minhas atividades e minha carreira com antecedência.	1	2	3	4	5
Ser bem sucedido(a) é importante para mim.	1	2	3	4	5
Sou uma pessoa ambiciosa.	1	2	3	4	5
Presto mais atenção no sucesso dos outros do que trabalho para o meu próprio sucesso.	1	2	3	4	5
Sou uma pessoa preguiçosa	1	2	3	4	5
Os dias passam sem que eu tenha feito algo útil.	1	2	3	4	5
Costumo aceitar a vida como ela é, sem planejá-la.	1	2	3	4	5

APÊNDICE F – Versão derivada da Fase D do Estudo 1

This is a 14-item questionnaire. Mark how much do you disagree (1) or agree (5) with each one of these itens according to your understanding about yourself.

	1	2	3	4	5
Being on my comfort zone is more important than developing new skills.	1	2	3	4	5
I will never be satisfied with not being the best in my activities.	1	2	3	4	5
I like to contribute to improving the functioning of the place where I perform my activities.	1	2	3	4	5
It's my concern to cultivate relationships with people that may help me in my career.	1	2	3	4	5
I get impatient and upset when I feel I'm wasting my time.	1	2	3	4	5
I strive at the maximum to be among the best in my sport.	1	2	3	4	5
I prefer to work with a nice, but incompetent partner than to work with a mean, but competent one.	1	2	3	4	5
I plan my activities and my career in advance	1	2	3	4	5
Being successful is important to me	1	2	3	4	5
I'm an ambitious person	1	2	3	4	5
I pay more attention to other's success than work towards my own success.	1	2	3	4	5
I'm a lazy person	1	2	3	4	5
The days go by without me having done anything useful	1	2	3	4	5
I usually accept life as it is without planning it.	1	2	3	4	5

APÊNDICE G – Fases de adaptação transcultural do Estudo 2 baseadas em Borsa, Damásio e Bandeira (2012)

Fase A – Tradução do instrumento original

Material

3×2 Achievement Goal Questionnaire for Sport (Mascret et al., 2015) em formato ‘.doc’, com as instruções e questões digitadas da mesma forma que no instrumento original.

Procedimento

O pesquisador entregou a versão original (Anexo B) do instrumento por correio eletrônico a três tradutores bilíngües, proficientes no idioma original do instrumento (inglês) e nativos no idioma-alvo (português). No corpo de texto da mensagem estavam orientações sobre a forma como a tradução deveria ser feita, o contexto o qual o instrumento foi desenvolvido e o contexto para qual ele estava sendo adaptado e também considerações breves sobre o constructo avaliado. O pesquisador também estabeleceu um prazo de entrega das traduções (24 horas após o envio da mensagem) e todos os tradutores entregarem dentro do prazo.

Forma de Análise

Após o recolhimento das versões traduzidas, o pesquisador as sintetizou em uma versão única comparando as traduções e avaliando as discrepâncias ou semelhanças semânticas, idiomáticas, conceituais, lingüísticas e contextuais.

Resultados

O pesquisador chegou a uma versão sintetizada das traduções realizadas na Fase A e ela encontra-se abaixo:

As afirmações a seguir representam tipos de objetivos que você pode ou não possuir quando pratica esporte. Para cada item, marque 1 na escala (discordo completamente) até 7 (concordo completamente) para indicar o seu nível de concordância com a afirmação. Todas as suas respostas serão mantidas anônimas e confidenciais. Não há respostas certas ou erradas, então, por favor, seja aberto e honesto.

No esporte, meu objetivo é	1	2	3	4	5	6	7
Ter um bom desempenho	1	2	3	4	5	6	7
Obter bons resultados	1	2	3	4	5	6	7
Ser eficaz	1	2	3	4	5	6	7
Fazer melhor do que geralmente faço	1	2	3	4	5	6	7
Ter resultados melhores do que eu tive no passado	1	2	3	4	5	6	7
Ser mais eficaz do que fui no passado	1	2	3	4	5	6	7
Fazer/ser melhor do que os outros	1	2	3	4	5	6	7
Ser mais eficaz do que os outros	1	2	3	4	5	6	7
Obter melhores resultados que os outros	1	2	3	4	5	6	7
Evitar ter um desempenho ruim	1	2	3	4	5	6	7

Evitar resultados ruins	1	2	3	4	5	6	7
Evitar ser ineficaz	1	2	3	4	5	6	7
Evitar ter resultados piores que eu tive no passado	1	2	3	4	5	6	7
Evitar fazer pior que eu costumo fazer	1	2	3	4	5	6	7
Evitar ser menos eficaz comparado com meu nível normal de desempenho	1	2	3	4	5	6	7
Evitar fazer pior do que os outros	1	2	3	4	5	6	7
Evitar resultados piores que os outros	1	2	3	4	5	6	7
Evitar ser menos eficaz que os outros	1	2	3	4	5	6	7

Fase B – Avaliação por peritos

Participantes

Cinco peritos da área de avaliação psicológica.

Material

Versão sintetizada das traduções da Fase A enviada por correio eletrônico.

Procedimento

O pesquisador enviou por correio eletrônico a síntese das traduções obtidas na Fase A para um total de cinco peritos das áreas de avaliação psicológica ou esportiva. Na mensagem apontou as diretrizes para avaliação que os peritos deveriam observar como a estrutura do instrumento, o *layout*, as instruções do instrumento, a abrangência e a adequação das expressões contidas nos itens tendo em vista a população-alvo que o instrumento se destina, além de uma explicação breve sobre o questionário e o constructo analisado (Apêndice I). O pesquisador estabeleceu uma semana de prazo de entrega das avaliações e todos os avaliadores responderam no prazo estipulado.

Forma de Análise

A cada consideração de um perito, o pesquisador a anotava e julgava sua pertinência aos objetivos do estudo e alterava ou não a síntese obtida na Fase A e enviava ao próximo perito.

Resultados

O pesquisador obteve a primeira versão do instrumento. Essa versão, juntamente da comparação com a síntese obtida na Fase A e algumas considerações dos peritos, encontram-se no Apêndice J.

Fase C – Avaliação pelo público-alvo

Participantes

8 atletas com média de idade de 31,5 anos ($\pm 10,5$), com 66% da amostra do sexo masculino e 34% do sexo feminino), sendo sete esportistas de alto rendimento (15% de modalidades individuais e 85% de modalidades coletivas) e uma atleta amadora (modalidade individual).

Material

A versão do instrumento derivada da Fase B transformada em um questionário do *Google Forms*.

Procedimento

A primeira seção do questionário *online* (Apêndice K) continha o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e o aceite do participante em colaborar voluntariamente à pesquisa. Caso o(a) participante não aceitasse, o questionário era automaticamente encerrado e sua participação cancelada. Caso o (a) participante aceitasse colaborar voluntariamente, o questionário seguia à segunda seção a qual o(a) participante responderia a questões pessoais (sexo, idade, residência atual e escolaridade) e questões referentes à prática e experiência esportiva do participante, inclusive perguntando qual modalidade o(a) participante praticava ou já praticou. Caso o(a) participante nunca tivesse praticado uma modalidade esportiva o questionário era automaticamente encerrado e sua participação cancelada. Após essa seção, seguia-se à seção sobre a instrução do instrumento. Colocou-se uma escala de 1 a 5 a qual o(a) participante respondia sobre o quanto a instrução era compreendida por ele/ela e, caso não compreendesse, havia um espaço para que sugerisse uma alteração ou comentasse o que estava incompreensível na instrução. A seção seguinte consistia em perguntar ao/a participante sobre a escala adotada para este instrumento. Colocou-se uma escala de 1 a 5 a qual o(a) participante respondia sobre o quanto a escala era compreendida por ele/ela e, caso não compreendesse, havia um espaço para que sugerisse uma alteração ou comentasse o que estava incompreensível sobre a utilização da escala. Também foi questionado se a escala bipolar era adequada ao contexto esportivo. Caso não fosse, havia um espaço para que o(a) participante comentasse sobre qual escala poderia ser utilizada que melhor se adequasse a esse contexto. Por fim, as seções seguintes eram sobre cada item do instrumento que está sendo adaptado. As questões eram sobre a adequação e compreensão dos termos utilizados; o quanto, de 1 a 5, o(a) participante compreendeu do item, um espaço para o(a) participante fazer quaisquer sugestões sobre o referido item ou dissertar sobre qual termo não compreendeu. Caso o(a) participante não compreendesse o referido item, abria-se uma nova seção perguntando se havia algum termo incomum ou inadequado no contexto esportivo do(a) participante e qual era esse termo e também um espaço para o(a) participante sugerir alterações. Ao final de todas as seções sobre os itens do instrumento, abria-se mais uma sessão deixando livre para o participante escrever sobre quaisquer dúvidas ou sugestões acerca do instrumento e seu conteúdo. Ao encerrar esta última seção, o questionário seguia

para a tela de envio das respostas ao pesquisador juntamente com um agradecimento pela colaboração, deixando também os contatos do pesquisador e do orientador do estudo para quaisquer comentários, dúvidas ou sugestões. O(a) participante clicava no botão “enviar” e suas respostas eram registradas e enviadas automaticamente ao pesquisador.

Forma de Análise

O pesquisador reuniu as sugestões e modificou o instrumento quando julgou pertinente. Esta etapa foi realizada para que se chegasse à melhor versão do instrumento.

Resultados

Foi sugerido que a escala deveria ser alterada com o valor máximo até 5 e não 7 como no questionário original. Também foi apontado pelo público-alvo o significado e o uso comum da palavra “eficiente”. Após a análise das sugestões, chegou-se à versão derivada desta Fase C e ela encontra-se no Apêndice L.

Fase D – Tradução reversa

Participantes

Três tradutores bilíngues, proficientes no idioma original (português) e no idioma-alvo (inglês).

Material

A versão do instrumento derivada da Fase C do estudo e as instruções impressas em folha A4 ou em formato digital.

Procedimento

A versão derivada da Fase C em folha A4 foi entregue aos tradutores convidados por meio de correio eletrônico. Neste correio eletrônico, estavam instruções sobre a tradução reversa do instrumento e o objetivo dessa fase. Ao final desta tradução, o pesquisador entrou em contato também por correio eletrônico com o primeiro autor do *3×2 Achievement Goal Questionnaire for Sport*, para que ele avaliasse o quanto a versão derivada da Fase C retraduzida ao inglês estava em conformidade com a proposta do instrumento original, explicando que a adaptação teve três pontos principais de discussão em fases anteriores: O primeiro ponto de discussão foi a forma de tradução do termo “efficient”, pois ele não tem um correlato no português com o mesmo significado dentro do contexto esportivo brasileiro, podendo ser traduzido como “eficiente” ou “eficaz”, e que tais termos não são de uso corriqueiro no esporte brasileiro. Apesar dos apontamentos dos juízes e outros participantes de fases prévias deste estudo em relação a este termo, não houve uma sugestão de outro termo

ou expressão por parte dos mesmos. O segundo ponto de discussão foi a expressão “to perform well” ter sido traduzida para o português como “jogar bem” e, na retradução, fazer uso do termo “play”. No inglês, “to play” é um termo genérico para qualquer prática esportiva competitiva. Entretanto, o uso do termo “jogar” em modalidades esportivas como natação, judô e levantamento de peso não faz sentido e, por isso, foi sugerido que o termo fosse adaptado no questionário para cada modalidade (ou seja, usar “nadar”, “lutar” ou “puxar” no caso das modalidades utilizadas neste parágrafo como exemplo). O pesquisador então questionou o primeiro autor do *3×2 Achievement Goal Questionnaire for Sport* sobre a viabilidade de adaptar este termo a cada modalidade.

Forma de Análise

Avaliou o quanto a última versão derivada da Fase C está em conformidade com a proposta do instrumento original.

Resultados

Sobre o termo “efficient”, o primeiro autor do *3×2 Achievement Goal Questionnaire for Sport* sugeriu a palavra “competent”, indicando que também não saberia dizer se este termo teria uma melhor tradução no português e que, caso não houvesse, que o termo original deveria ser mantido com a melhor tradução possível. Adotou-se então o termo “eficiente” em português por seu sentido ser mais próximo ao conceito do instrumento original. O primeiro autor do *3×2 Achievement Goal Questionnaire for Sport* não aceitou a sugestão de modificação do termo “jogar” para cada modalidade justificando que isso poderia prejudicar a amplitude de utilização do questionário. A solução encontrada foi traduzir a expressão original “to perform well” por “ter um bom desempenho” no português. Após tais discussões, foi solicitada ao primeiro autor do *3×2 Achievement Goal Questionnaire for Sport* a autorização para a adaptação e utilização do instrumento no Brasil. As autorizações foram concedidas desde que respeitadas as condições de tradução e uso dos termos.

Fase E – Estudo preliminar

Participantes

A descrição dos participantes está na Tabela 4.1.

Material

A versão do instrumento derivada da Fase D (Apêndice M), as instruções de preenchimento impressas em folha A4, uma folha A4 em branco, canetas e pranchetas.

Procedimento

O objetivo dessa fase foi avaliar a aplicabilidade do instrumento, sua adequação e compreensão dos itens pela população-alvo. A versão do instrumento derivada da Fase D foi aplicada aos participantes em local reservado, com boa luminosidade e adequado ao preenchimento do instrumento. O pesquisador chegou ao local reservado para a coleta e aguardou que todos os participantes se acomodassem. A partir de então, o pesquisador entregou o instrumento e a folha de instruções a cada participante juntamente com a prancheta e a caneta. O pesquisador seguiu com o protocolo de aplicação explicando aos participantes a forma de preenchimento do instrumento, lendo em voz alta as instruções, salientando que quaisquer dúvidas acerca do entendimento dos itens do instrumento, forma de resposta, adequação da escala utilizada, tempo dispendido para responder ao instrumento, sensações eliciadas pelas questões ou pelo momento do preenchimento deveriam ser escritas na folha em branco. Caso não houvesse questionamentos por parte dos sujeitos sobre as instruções, o pesquisador autorizava o início do preenchimento. Caso houvesse, o pesquisador dirimia as dúvidas e seguia com o protocolo de coleta. Conforme os participantes terminavam seu preenchimento, o pesquisador recolhia as pranchetas, as canetas e as folhas. Ao término de todo o preenchimento, o pesquisador agradecia aos participantes e se retirava do local de coleta. Para a participação no estudo, os(as) atletas assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) de que aceitam colaborar voluntariamente à pesquisa. Quando o(a) atleta era menor de idade, um de seus responsáveis assinou o TCLE e o(a) atleta um Termo de Assentimento, aceitando colaborar voluntariamente à pesquisa.

Forma de Análise

O pesquisador reuniu os instrumentos respondidos e avaliou as sugestões dos participantes escritas nas folhas em branco disponibilizadas sobre a adequação dos itens em relação ao seu significado, à sua dificuldade de compreensão dos itens e das instruções para o preenchimento.

Resultados

Dois participantes apontaram que a escala com 7 itens era desconfortável pois não era um número “fechado” como 5 ou 10. Isto é, como os participantes deste estudo também responderam à Escala Ray-Lynn Ao de 14 itens adaptada do Estudo 1 e ela possui uma escala de 5 itens. Na comparação entre uma experiência de resposta e outra, estes participantes relataram mais conforto ao responder uma escala de 5 itens a uma escala de 7 itens. Desse modo, optou-se por alterar a escala de 7 itens para uma de 5 itens, visto que não há prejuízo

na análise e que facilitará a análise estatística visto que tanto a Escala Ray-Lynn AO de 14 itens adaptada quanto a LEAP estão ladeadas por uma escala de 5 itens. Nenhum dos participantes apontou algo sobre a incompreensão de itens, tempo despendido e sobre o conteúdo das questões.

O 3×2 AGQ-S pressupõe que existam 6 tipos de meta de realização (ver Figura 1) e que a média da soma dos itens correspondentes a cada meta de realização aponte qual delas é a mais proeminente para cada indivíduo. Desse modo, levando em consideração todo o processo de adaptação realizado até aqui, pode-se afirmar que o instrumento tem suas características conceituais e idiomáticas asseguradas, ainda que isso não assegure suas propriedades psicométricas. Tais propriedades do instrumento serão analisadas após a realização de todos os estudos previstos nessa pesquisa. Portanto, este instrumento será utilizado nos Estudos 3 e 4 desta pesquisa com a alteração na escala sugerida pelos participantes.

APÊNDICE H – Análise de Tradução do Questionário “3×2 Achievement Goal Questionnaire For Sport” (Mascaret, Elliot e Cury, 2015).

Você está sendo convidada(o) a analisar a tradução do questionário “3×2 *Achievement Goal Questionnaire for Sport*” (Mascaret, Elliot & Cury, 2015). Meta de Realização é um objetivo, baseado na competência, que se almeja em contextos avaliativos (Gegenfurtner & Hagenauer, 2013). É um conceito dentro da área de Motivação que parte do princípio de que o indivíduo é um organismo intencional, direcionado ao objetivo, que opera o ambiente de uma maneira racional e que suas orientações guiam as tomadas de decisão e o comportamento nos contextos de realização (G. C. Roberts et al., 2007). O modelo 3×2 de *Metas de Realização*, a competência, base do comportamento em situações de realização, possui duas dimensões, representadas pela Figura abaixo:

		DEFINIÇÃO		
		Absoluta (Tarefa)	Intrapessoal (Ego)	Interpessoal (Outro)
VALÊNCIA	Positiva	Meta Tarefa- Aproximação	Meta Ego- Aproximação	Meta Outro- Aproximação
	Negativa	Meta Tarefa- Evitação	Meta Ego- Evitação	Meta Outro- Evitação

Figura A. Modelo 3×2 de *Metas de Realização* (Elliot et al., 2011).

A Definição da competência pode ter três referenciais: absoluto (os requisitos da tarefa), intrapessoal (o próprio desempenho atingido no passado) e normativo (o desempenho dos outros). Outra dimensão da competência é a sua Valência, que pode ser construída em termos positivos (possibilidade desejada; sucesso) ou negativos (possibilidade indesejada; fracasso). Ambas as dimensões – definição e valência – devem ser consideradas como componentes necessários às Metas de Realização.

Este instrumento será aplicado cerca de 30 minutos antes do início de uma competição oficial em atletas de alto rendimento de modalidades individuais (Ex.: lutas, tênis, natação) e coletivas (Ex.: futebol, voleibol, basquetebol) com mais de 15 anos de idade e será utilizado no projeto de Doutorado intitulado “*Relações entre Estados de ânimo pré-competitivos, nível de Necessidade de Realização e Metas de Realização de atletas de modalidades individuais e coletivas*” de Me. Ricardo Marinho de Mello de Picoli, sob orientação do Prof. Dr. José Lino Oliveira Bueno do Programa de Pós-Graduação em Psicobiologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (USP) que tem por objetivo descrever relações entre os Estados de ânimo pré-competitivos, níveis de Necessidade de Realização e Metas de Realização de atletas brasileiros de alto rendimento, durante um período competitivo, em função do tipo de modalidade esportiva (individual ou coletiva).

Para atingirmos esse objetivo, dependemos da tradução, adaptação e validação desse questionário. O questionário traduzido está a seguir:

QUESTIONÁRIO TRADUZIDO

Questionário 3×2 de Metas de Realização para o Esporte

As afirmações a seguir representam tipos de objetivos que você pode ou não possuir quando pratica esporte. Para cada item, marque 1 na escala (discordo completamente) até 7 (concordo completamente) para indicar o seu nível de concordância com a afirmação. Todas as suas respostas serão mantidas anônimas e confidenciais. Não há respostas certas ou erradas, então, por favor, seja aberto e honesto.

No esporte, meu objetivo é	1	2	3	4	5	6	7
Ter um bom desempenho	1	2	3	4	5	6	7
Obter bons resultados	1	2	3	4	5	6	7
Ser eficaz	1	2	3	4	5	6	7
Fazer melhor do que geralmente faço	1	2	3	4	5	6	7
Ter resultados melhores do que eu tive no passado	1	2	3	4	5	6	7
Ser mais eficaz do que fui no passado	1	2	3	4	5	6	7
Fazer/ser melhor do que os outros	1	2	3	4	5	6	7
Ser mais eficaz do que os outros	1	2	3	4	5	6	7
Obter melhores resultados que os outros	1	2	3	4	5	6	7
Evitar ter um desempenho ruim	1	2	3	4	5	6	7
Evitar resultados ruins	1	2	3	4	5	6	7
Evitar ser ineficaz	1	2	3	4	5	6	7
Evitar ter resultados piores que eu tive no passado	1	2	3	4	5	6	7
Evitar fazer pior que eu costumo fazer	1	2	3	4	5	6	7
Evitar ser menos eficaz comparado com meu nível normal de desempenho	1	2	3	4	5	6	7
Evitar fazer pior do que os outros	1	2	3	4	5	6	7
Evitar resultados piores que os outros	1	2	3	4	5	6	7
Evitar ser menos eficaz que os outros	1	2	3	4	5	6	7

Pedimos que você responda e comente os seguintes pontos sobre o questionário traduzido:

O número de itens é adequado para a investigação que se presta?

() Sim () Não

Se não, por quê? O quê você sugere de alteração para que o número de itens se torne adequado?

A ordem dos itens é adequada para a investigação que se presta?

() Sim () Não

Se não, por quê? O quê você sugere de alteração para que a ordem dos itens se torne adequada?

O layout escolhido é adequado para a população do estudo?

() Sim () Não

Se não, por quê? O quê você sugere de alteração para que o *layout* se torne adequado?

As expressões e termos contidos no instrumento são adequados para a população do estudo?

☐ Sim ☐ Não

Se não, por quê? O quê você sugere de alteração nas expressões e termos para que eles se tornem adequados para a população do estudo?

A escala utilizada é pertinente à mensuração do conceito?

☐ Sim ☐ Não

Se não, por quê? O quê você sugere de alteração para que a escala se torne pertinente?

O instrumento é adequado para a população escolhida para este estudo?

☐ Sim ☐ Não

Se não, por quê? O quê você sugere de alteração para que o instrumento se torne adequado?

O instrumento está adequado para a análise do conceito exposto?

☐ Sim ☐ Não

Se não, por quê? O quê você sugere de alteração para que o instrumento se torne adequado?

Escreva abaixo quaisquer outras considerações que queira fazer acerca do instrumento que não estão contidas nas perguntas acima.

Agradecemos sua participação!

APÊNDICE I – Alterações sugeridas para o instrumento e versão obtida após as considerações dos peritos.

- Poderia deixar a escala com “discordo plenamente” até “concordo plenamente” abaixo de cada item
- Achei o texto de instrução meio estranho (sem sugestão de alteração).
- Randomizar (isso será garantido nos Estudos 3 e 4).

VERSÃO OBTIDA:

As afirmações a seguir representam tipos de objetivos que você pode ou não possuir quando pratica esporte. Para cada item, marque 1 na escala (discordo completamente) até 7 (concordo completamente) para indicar o seu nível de concordância com a afirmação. Todas as suas respostas serão mantidas anônimas e confidenciais. Não há respostas certas ou erradas. Por favor, seja sincero e honesto.

No esporte, meu objetivo é	1	2	3	4	5	6	7
Ter um bom desempenho	1	2	3	4	5	6	7
Obter bons resultados	1	2	3	4	5	6	7
Ser eficaz	1	2	3	4	5	6	7
Fazer melhor do que geralmente faço	1	2	3	4	5	6	7
Ter resultados melhores do que eu tive no passado	1	2	3	4	5	6	7
Ser mais eficaz do que fui no passado	1	2	3	4	5	6	7
Fazer/Ser melhor do que os outros	1	2	3	4	5	6	7
Ser mais eficaz do que os outros	1	2	3	4	5	6	7
Obter melhores resultados que os outros	1	2	3	4	5	6	7
Evitar ter um desempenho ruim	1	2	3	4	5	6	7
Evitar resultados ruins	1	2	3	4	5	6	7
Evitar ser ineficaz	1	2	3	4	5	6	7
Evitar ter resultados piores que eu tive no passado	1	2	3	4	5	6	7
Evitar fazer pior ao que eu costumo fazer	1	2	3	4	5	6	7
Evitar ser menos eficaz comparado ao meu nível normal de desempenho	1	2	3	4	5	6	7
Evitar fazer pior do que os outros	1	2	3	4	5	6	7
Evitar resultados piores comparados aos outros	1	2	3	4	5	6	7
Evitar ser menos eficaz que os outros	1	2	3	4	5	6	7

APÊNDICE J – Questionário *online* feito para a realização da Fase C do Estudo 2

Questionário Online (Google Forms)

Você está sendo convidada(o) a participar de uma pesquisa pertencente ao projeto intitulado “*Relações entre Estados de ânimo pré-competitivos, nível de Necessidade de Realização e Metas de Realização de atletas de modalidades individuais e coletivas*”, cujo objetivo é descrever relações entre os estados emocionais e motivacionais de atletas brasileiros tanto de modalidades individuais quanto coletivas.

Para isso, você auxiliará a adaptar ao contexto brasileiro o questionário originalmente inglês intitulado *3×2 Achievement Goal Questionnaire for Sport* que mede os níveis de determinados aspectos motivacionais de humanos. Você avaliará a compreensão das instruções do questionário, o entendimento sobre a escala utilizada e a adequação dos termos e expressões utilizados.

Não há respostas certas ou erradas. Pedimos que você seja o mais honesta(o) e Sincera(o) em suas respostas.

O tempo estimado de preenchimento das respostas é de 15 minutos. Sugerimos que você reserve esse tempo para responder às questões, sem distrações ou atividades concorrentes.

Em caso de dúvidas ou reclamações sobre os procedimentos desta pesquisa, você pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – USP. Avenida Bandeirantes, 3900 – Bloco 23 – Casa 37 – 140040-901 – Ribeirão Preto – SP – Brasil. Fone: (16) 3315-4811/ Fax: (16) 3633-2660. E-mail: coetp@ffclrp.usp.br. Para quaisquer esclarecimentos referentes aos aspectos éticos da pesquisa, entrar em contato com este comitê.

- Você aceita colaborar voluntariamente com a pesquisa?

() Sim, aceito colaborar voluntariamente.

() Não → **O questionário encerrava-se automaticamente, agradecendo a participação**

- Qual sua data de nascimento? _____

- Sexo: () Masculino () Feminino

- Em que cidade você mora? _____

- Você pratica alguma modalidade esportiva atualmente?

() Sim () Não

- Qual o seu nível de escolaridade?

() Ensino Fundamental

() Ensino Médio

() Ensino Superior

() Mestrado

() Doutorado

- Você pratica alguma modalidade esportiva atualmente?

(SIM) → Qual modalidade? () Individual (ex.: Atletismo, Natação, Lutas...)

() Coletiva (ex.: Futebol, Voleibol, Basquetebol...)

(NÃO) → Você já praticou alguma modalidade esportiva?

(SIM) → Qual modalidade? () Individual (ex.: Atletismo, Natação, Lutas...)

() Coletiva (ex.: Futebol, Voleibol, Basquetebol...)

(NÃO) → **O questionário encerrava-se automaticamente, agradecendo a participação**

- Você participou de alguma competição, oficial ou não, desta modalidade nos últimos 12 meses?

() Sim () Não

- Qual foi o maior nível de competição que você já participou?

() Amador

() Escolar

() Regional

() Estadual

() Nacional

() Continental

() Mundial

As afirmações a seguir representam tipos de objetivos que você pode ou não possuir quando pratica esporte. Para cada item, marque 1 na escala (discordo completamente) até 7 (concordo completamente) para indicar o seu nível de concordância com a afirmação. Todas as suas respostas serão mantidas anônimas e confidenciais. Não há respostas certas ou erradas. Por favor, seja sincero e honesto.

- O quanto, de 1 (NADA) a 5 (TUDO), você compreende dessa instrução?

() 1 () 2 () 3 () 4 () 5

- Caso não compreenda essa instrução, nos diga: O que não está compreensível? O que você sugere de mudança?

- O quanto, de 1 (NADA) a 5 (TUDO), você entende a TAREFA contida nessa instrução?

() 1 () 2 () 3 () 4 () 5

- Caso você não entenda a tarefa, nos diga: O que não está compreensível? O que você sugere de mudança?

Nessa adaptação, utilizaremos uma escala que vai do extremo “DISCORDO TOTALMENTE” ao extremo “CONCORDO TOTALMENTE” para medir seu nível de concordância com cada frase. Conforme o exemplo abaixo.

Discord o Totalmente	Discord o Parcialmente	Não concordo nem discordo	Concor do Parcialmente	Concor do Totalmente
-------------------------	---------------------------	---------------------------------	------------------------------	-------------------------

- Você compreende como essa escala deve ser utilizada?

() Sim

() Não → O que não está compreensível no uso dessa escala?

Instruções

Nas próximas páginas, você responderá questões sobre partes que compõem o questionário que está sendo adaptado para o Brasil. Este questionário mede aspectos motivacionais ligados à conquista de objetivos. Para isso, precisamos que sua experiência como atleta nos guie para que possamos adaptar esse questionário da melhor forma possível.

Leia com atenção cada pergunta, lembrando que não existe certo ou errado na sua resposta. O que importa pra gente é a sua vivência esportiva, sua sinceridade e sua colaboração!

Frase do questionário

- O quanto, de 1 (NADA) a 5 (TUDO), você compreende o sentido dessa frase?

() 1 () 2 () 3 () 4 () 5

- Há algum termo na frase que você não compreendeu?

() Sim → *(1)

() Não → *(4)

Mesmo que a frase e os termos estejam compreensíveis, há alguma sugestão de modificação da frase que queira fazer? Alguma dúvida permaneceu?

Frase do questionário

* (1) Qual termo você não compreendeu?

Frase do questionário

- Há algum termo ou expressão na frase que seja incomum no seu cotidiano esportivo?

- Caso haja um termo incomum, qual é esse termo?

- Há algum termo na frase que está inadequado ou não se encaixa em seu contexto esportivo?

() Sim * (3)

() Não * (4)

Frase do questionário

* (3) Qual termo não está adequado? Por quê?

* (3) Qual a sua sugestão de modificação pra esse termo?

* (4) Próxima pergunta

(Após cada item do instrumento ter sido avaliado pelo participante)

Alguma dúvida ou sugestão que você gostaria de fazer, mas que não teve oportunidade nas questões anteriores?

Muito obrigado pela sua participação!

ENVIAR

APÊNDICE K – Versão derivada da Fase C do Estudo 2

As afirmações a seguir representam tipos de objetivos que você pode ou não possuir quando pratica esporte. Para cada item, marque 1 na escala (discordo completamente) até 5 (concordo completamente) para indicar o seu nível de concordância com a afirmação. Todas as suas respostas serão mantidas anônimas e confidenciais. Não há respostas certas ou erradas. Por favor, seja sincero e honesto.

No esporte, meu objetivo é	1	2	3	4	5
Jogar bem (adaptar o jogar à modalidade. Ex.: nadar, lutar...)	1	2	3	4	5
Obter bons resultados	1	2	3	4	5
Ser eficiente	1	2	3	4	5
Fazer melhor do que costumo fazer	1	2	3	4	5
Ter resultados melhores do que eu já tive	1	2	3	4	5
Ser mais eficiente do que já fui	1	2	3	4	5
Ser melhor que os outros atletas	1	2	3	4	5
Ser mais eficiente que os outros atletas	1	2	3	4	5
Obter melhores resultados que os outros atletas	1	2	3	4	5
Não jogar mal (adaptar o jogar à modalidade. Ex.: 191P191ir, lutar...)	1	2	3	4	5
Evitar resultados ruins	1	2	3	4	5
Não ser ineficiente	1	2	3	4	5
Evitar ter resultados piores aos que eu já tive	1	2	3	4	5
Nunca fazer menos do que eu costumo fazer	1	2	3	4	5
Evitar ser menos eficiente do que costumo ser	1	2	3	4	5
Evitar fazer menos do que os outros atletas	1	2	3	4	5
Não ter resultados piores comparados aos outros atletas	1	2	3	4	5
Evitar ser ineficiente comparado aos outros atletas	1	2	3	4	5

APÊNDICE L – Versão derivada da Fase D do Estudo 2

The following statements represent types of goals that you may or may not have when you practice sports. For each item, check 1 (strongly disagree) to 7 (completely agree) to indicate your level of agreement with the statement on the scale. All your answers will be maintained anonymous and confidential. There are no right or wrong answers. Please be sincere and honest.

In sport, my objective is	1	2	3	4	5	6	7
To Play well (adapt “play” to each modality. Ex: swim, fight...)	1	2	3	4	5	6	7
To get good results	1	2	3	4	5	6	7
To be efficient	1	2	3	4	5	6	7
To Do better than I usually do	1	2	3	4	5	6	7
To Get better results than the ones I’ve already got	1	2	3	4	5	6	7
To Be more efficient than I ever was	1	2	3	4	5	6	7
To be better than other athletes	1	2	3	4	5	6	7
To be more efficient than other athletes	1	2	3	4	5	6	7
To have better results than other athletes	1	2	3	4	5	6	7
Don’t play badly (adapt “play” to each modality. Ex: swim, fight...)	1	2	3	4	5	6	7
To avoid bad results	1	2	3	4	5	6	7
Not be inefficient	1	2	3	4	5	6	7
Avoid getting worst results than the ones I’ve already got	1	2	3	4	5	6	7
Never do less than I usually do	1	2	3	4	5	6	7
To avoid being less efficient than I usually do	1	2	3	4	5	6	7
To avoid doing less than other athletes	1	2	3	4	5	6	7
Do not have worse results compared to other athletes	1	2	3	4	5	6	7
To avoid being inefficient compared to other athletes	1	2	3	4	5	6	7

APÊNDICE M – Versão derivada da Fase E do Estudo 2

As afirmações a seguir representam tipos de objetivos que você pode ou não possuir quando pratica seu esporte. Para cada item, marque 1 na escala (discordo totalmente) até 5 (concordo totalmente) para indicar o seu nível de concordância com a afirmação. Todas as suas respostas serão mantidas anônimas e confidenciais. Não há respostas certas ou erradas. Por favor, seja sincero e honesto.

No esporte, meu objetivo é					
Não ter um desempenho ruim	1	2	3	4	5
Obter bons resultados	1	2	3	4	5
Ser eficiente	1	2	3	4	5
Fazer melhor do que costumo fazer	1	2	3	4	5
Não ter resultados piores comparados aos outros atletas	1	2	3	4	5
Ser mais eficiente do que já fui	1	2	3	4	5
Ser melhor que os outros atletas	1	2	3	4	5
Ser mais eficiente que os outros atletas	1	2	3	4	5
Ter um bom desempenho	1	2	3	4	5
Não ser ineficiente	1	2	3	4	5
Evitar resultados ruins	1	2	3	4	5
Ter resultados melhores do que eu já tive	1	2	3	4	5
Evitar ter resultados piores aos que eu já tive	1	2	3	4	5
Evitar fazer menos do que eu costumo fazer	1	2	3	4	5
Obter melhores resultados que os outros atletas	1	2	3	4	5
Evitar fazer menos do que os outros atletas	1	2	3	4	5
Evitar ser menos eficiente do que costumo ser	1	2	3	4	5
Evitar ser ineficiente comparado aos outros atletas	1	2	3	4	5

APÊNDICE N – Figuras das Comparações por Grupo Sem Diferença Estatisticamente Significativa (Estudo 3).

Figura N-1. Diagrama de extremos e quartis dos valores de Busca pelo Sucesso dos grupos Masculino e Feminino. A linha em negrito representa a mediana, enquadrada entre o 1º Quartil e o 3º Quartil. As barras inferiores e superiores representam, respectivamente, o mínimo e o máximo das distribuições. Observam-se três outliers no grupo Masculino

Figura N-2. Diagrama de extremos e quartis dos valores de Evitação do Fracasso dos grupos Masculino e Feminino. A linha em negrito representa a mediana, enquadrada entre o 1º Quartil e o 3º Quartil. As barras inferiores e superiores representam, respectivamente, o mínimo e o máximo das distribuições. Observa-se dois outliers para o grupo de modalidade Individual.

Figura N-3. Diagrama de extremos e quartis dos valores de Motivo de Realização dos grupos Masculino e Feminino. A linha em negrito representa a mediana, enquadrada entre o 1º Quartil e o 3º Quartil. As barras inferiores e superiores representam, respectivamente, o mínimo e o máximo das distribuições. Observa-se dois outliers para o grupo Masculino.

Figura N-4. Diagrama de extremos e quartis dos valores de Tarefa-Aproximação dos grupos de modalidade Individual e modalidade Coletiva. A linha em negrito representa a mediana, enquadrada entre o 1º Quartil e o 3º Quartil. As barras inferiores e superiores representam, respectivamente, o mínimo e o máximo das distribuições. Observa-se seis outliers para o grupo de modalidade Individual e nove outliers para o grupo de modalidade Coletiva.

Figura N-5. Diagrama de extremos e quartis dos valores de Ego-Aproximação dos grupos de modalidade Individual e modalidade Coletiva. A linha em negrito representa a mediana, enquadrada entre o 1º Quartil e o 3º Quartil. As barras inferiores e superiores representam, respectivamente, o mínimo e o máximo das distribuições. Observa-se três outliers para o grupo de modalidade Individual e oito outliers para o grupo de modalidade Coletiva.

Figura N-6. Diagrama de extremos e quartis dos valores do Fator Outro-Aproximação dos grupos Masculino e Feminino. A linha em negrito representa a mediana, enquadrada entre o 1º Quartil e o 3º Quartil. As barras inferiores e superiores representam, respectivamente, o mínimo e o máximo das distribuições.

Figura N-7. Diagrama de extremos e quartis dos valores do Fator Tarefa-Evitaco dos grupos Masculino e Feminino. A linha em negrito representa a mediana, enquadrada entre o 1º Quartil e o 3º Quartil. As barras inferiores e superiores representam, respectivamente, o mínimo e o máximo das distribuices. Observa-se três outliers para o grupo Masculino.

Figura N-8. Diagrama de extremos e quartis dos valores do Fator Ego-Evitaco dos grupos Masculino e Feminino. A linha em negrito representa a mediana, enquadrada entre o 1º Quartil e o 3º Quartil. As barras inferiores e superiores representam, respectivamente, o mínimo e o máximo das distribuices. Observam-se três outliers para o grupo Masculino.

Figura N-9. Diagrama de extremos e quartis dos valores do Fator Ego-Evitaco dos grupos de modalidade Individual e modalidade Coletiva. A linha em negrito representa a mediana, enquadrada entre o 1º Quartil e o 3º Quartil. As barras inferiores e superiores representam, respectivamente, o mínimo e o máximo das distribuices. Observam-se três outliers para o grupo de modalidade Individual.

Figura N-10. Diagrama de extremos e quartis dos valores do Fator Outro-Evitção dos grupos Masculino e Feminino. A linha em negrito representa a mediana, enquadrada entre o 1º Quartil e o 3º Quartil. As barras inferiores e superiores representam, respectivamente, o mínimo e o máximo das distribuições.

Figura N-11. Diagrama de extremos e quartis dos valores do Fator I – Humilhação/Raiva dos grupos Masculino e Feminino. A linha em negrito representa a mediana, enquadrada entre o 1º Quartil e o 3º Quartil. As barras inferiores e superiores representam, respectivamente, o mínimo e o máximo das distribuições. Observa-se um outlier para o grupo Masculino.

Figura N-12. Diagrama de extremos e quartis dos valores do Fator I – Humilhação/Raiva dos grupos de modalidade Individual e modalidade Coletiva. A linha em negrito representa a mediana, enquadrada entre o 1º Quartil e o 3º Quartil. As barras inferiores e superiores representam, respectivamente, o mínimo e o máximo das distribuições. Observa-se um outlier para grupo de modalidade Individual e um outlier para o grupo de modalidade Coletiva.

Figura N-13. Diagrama de extremos e quartis dos valores do Fator II – Fadiga dos grupos Masculino e Feminino. A linha em negrito representa a mediana, enquadrada entre o 1º Quartil e o 3º Quartil. As barras inferiores e superiores representam, respectivamente, o mínimo e o máximo das distribuições.

Figura N-14. Diagrama de extremos e quartis dos valores do do Fator II – Fadiga dos grupos de modalidade Individual e modalidade Coletiva. A linha em negrito representa a mediana, enquadrada entre o 1º Quartil e o 3º Quartil. As barras inferiores e superiores representam, respectivamente, o mínimo e o máximo das distribuições.

Figura N-15. Diagrama de extremos e quartis dos valores do Fator III – Esperança dos grupos Masculino e Feminino. A linha em negrito representa a mediana, enquadrada entre o 1º Quartil e o 3º Quartil. As barras inferiores e superiores representam, respectivamente, o mínimo e o máximo das distribuições.

Figura N-16. Diagrama de extremos e quartis dos valores do do Fator III – Esperança dos grupos de modalidade Individual e modalidade Coletiva. A linha em negrito representa a mediana, enquadrada entre o 1º Quartil e o 3º Quartil. As barras inferiores e superiores representam, respectivamente, o mínimo e o máximo das distribuições.

Figura N-17. Diagrama de extremos e quartis dos valores do Fator IV – Limerência/Empatia dos grupos Masculino e Feminino. A linha em negrito representa a mediana, enquadrada entre o 1º Quartil e o 3º Quartil. As barras inferiores e superiores representam, respectivamente, o mínimo e o máximo das distribuições.

Figura N-18. Diagrama de extremos e quartis dos valores do Fator IV – Limerência/Empatia dos grupos de modalidade Individual e modalidade Coletiva. A linha em negrito representa a mediana, enquadrada entre o 1º Quartil e o 3º Quartil. As barras inferiores e superiores representam, respectivamente, o mínimo e o máximo das distribuições.

Figura N-19. Diagrama de extremos e quartis dos valores do Fator V – Fisiológico dos grupos de modalidade Individual e modalidade Coletiva. A linha em negrito representa a mediana, enquadrada entre o 1º Quartil e o 3º Quartil. As barras inferiores e superiores representam, respectivamente, o mínimo e o máximo das distribuições.

Figura N-20. Diagrama de extremos e quartis dos valores do Fator VI – Repulsa dos grupos Masculino e Feminino. A linha em negrito representa a mediana, enquadrada entre o 1º Quartil e o 3º Quartil. As barras inferiores e superiores representam, respectivamente, o mínimo e o máximo das distribuições. Observam-se dois outliers para o grupo Masculino.

Figura N-21. Diagrama de extremos e quartis dos valores do Fator VI – Repulsa dos grupos de modalidade Individual e modalidade Coletiva. A linha em negrito representa a mediana, enquadrada entre o 1º Quartil e o 3º Quartil. As barras inferiores e superiores representam, respectivamente, o mínimo e o máximo das distribuições. Observa-se um outlier para o grupo de modalidade Individual e três outliers para o grupo de modalidade Coletiva.

Figura N-22. Diagrama de extremos e quartis dos valores do Fator VII – Interesse dos grupos Masculino e Feminino. A linha em negrito representa a mediana, enquadrada entre o 1º Quartil e o 3º Quartil. As barras inferiores e superiores representam, respectivamente, o mínimo e o máximo das distribuições. Observa-se um outlier para o grupo Masculino e um outlier para o grupo Feminino.

Figura N-23. Diagrama de extremos e quartis dos valores do Fator VII – Interesse dos grupos de modalidade Individual e modalidade Coletiva. A linha em negrito representa a mediana, enquadrada entre o 1º Quartil e o 3º Quartil. As barras inferiores e superiores representam, respectivamente, o mínimo e o máximo das distribuições. Observam-se dois outliers para o de modalidade Coletiva. Observam-se três outliers para o grupo de Modalidade Coletiva.

Figura N-24. Diagrama de extremos e quartis dos valores do Fator VIII – Surpresa dos grupos Masculino e Feminino. A linha em negrito representa a mediana, enquadrada entre o 1º Quartil e o 3º Quartil. As barras inferiores e superiores representam, respectivamente, o mínimo e o máximo das distribuições. Observam-se dois outliers para o grupo Masculino e um outlier para o grupo Feminino.

Figura N-25. Diagrama de extremos e quartis dos valores do Fator VIII – Surpresa dos grupos de modalidade Individual e modalidade Coletiva. A linha em negrito representa a mediana, enquadrada entre o 1º Quartil e o 3º Quartil. As barras inferiores e superiores representam, respectivamente, o mínimo e o máximo das distribuições. Observa-se um outlier para o grupo de modalidade Individual e um outlier para o grupo de modalidade Coletiva.

Figura N-26. Diagrama de extremos e quartis dos valores do Fator IX – Fome dos grupos Masculino e Feminino. A linha em negrito representa a mediana, enquadrada entre o 1º Quartil e o 3º Quartil. As barras inferiores e superiores representam, respectivamente, o mínimo e o máximo das distribuições. Observam-se dois outliers para o grupo Masculino e um outlier para o grupo Feminino.

Figura N-27. Diagrama de extremos e quartis dos valores do Fator X – Descaso/Inveja dos grupos Masculino e Feminino. A linha em negrito representa a mediana, enquadrada entre o 1º Quartil e o 3º Quartil. As barras inferiores e superiores representam, respectivamente, o mínimo e o máximo das distribuições. Observa-se um outlier para o grupo Masculino e três outliers para o grupo Feminino.

Figura N-28. Diagrama de extremos e quartis dos valores do Fator X – Descaso/Inveja dos grupos de modalidade Individual e modalidade Coletiva. A linha em negrito representa a mediana, enquadrada entre o 1º Quartil e o 3º Quartil. As barras inferiores e superiores representam, respectivamente, o mínimo e o máximo das distribuições. Observam-se quatro outliers para o de modalidade Individual.

Figura N-29. Diagrama de extremos e quartis dos valores do Fator XI – Receptividade dos grupos de modalidade Individual e modalidade Coletiva. A linha em negrito representa a mediana, enquadrada entre o 1º Quartil e o 3º Quartil. As barras inferiores e superiores representam, respectivamente, o mínimo e o máximo das distribuições.

Figura N-30. Diagrama de extremos e quartis dos valores do Fator XII – Serenidade dos grupos Masculino e Feminino. A linha em negrito representa a mediana, enquadrada entre o 1º Quartil e o 3º Quartil. As barras inferiores e superiores representam, respectivamente, o mínimo e o máximo das distribuições.

Figura N-31. Diagrama de extremos e quartis dos valores do Fator XII – Serenidade dos grupos de modalidade Individual e modalidade Coletiva. A linha em negrito representa a mediana, enquadrada entre o 1º Quartil e o 3º Quartil. As barras inferiores e superiores representam, respectivamente, o mínimo e o máximo das distribuições. Observam-se dois outliers para o de modalidade Coletiva.

ANEXO A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido do Estudo 1 para maiores de idade

Você está sendo convidada(o) a participar de uma pesquisa pertencente ao projeto intitulado “*Relações entre Estados de ânimo pré-competitivos, nível de Necessidade de Realização e Metas de Realização de atletas de modalidades individuais e coletivas*”, cujo objetivo é descrever relações entre os estados emocionais e motivacionais de atletas brasileiros tanto de modalidades individuais quanto coletivas.

Para tanto, você auxiliará a adaptar ao contexto brasileiro o questionário originalmente inglês intitulado *Ray-Lynn AO Scale* que mede os níveis de determinados aspectos motivacionais de humanos. Em local reservado, você avaliará a clareza das instruções do questionário, a adequação dos termos utilizados, a correspondência das expressões utilizadas pelo grupo e do tempo de resposta do questionário. Você receberá esse questionário impresso e traduzido junto com uma folha em branco para fazer suas considerações, se houver.

Espera-se, com o questionário adaptado, conseguir medir estados motivacionais que auxiliarão a descrever as relações entre aspectos motivacionais e estados emocionais de atletas brasileiros no transcorrer da seqüência de jogos e treinos.

A participação na pesquisa não é obrigatória. Caso você concorde em prosseguir como voluntário também será livre para interromper a participação a qualquer momento e, se assim o fizer, não haverá prejuízos de qualquer ordem em função desta decisão. Os resultados obtidos no estudo não terão qualquer interferência na sua situação como atleta da instituição ou acarretarão qualquer penalidade a você em relação à sua situação na instituição ou junto à comissão técnica. A comissão técnica não terá conhecimento dos resultados obtidos durante o estudo.

O procedimento adotado neste estudo não apresenta riscos previsíveis à sua saúde física ou mental, não envolvendo qualquer droga ou medicamento, nem procedimentos invasivos.

Após sua participação, será garantido o recebimento de esclarecimentos atualizados sobre qualquer etapa deste trabalho. As informações obtidas só serão utilizadas para trabalhos científicos, porém sua identificação será mantida em sigilo, isto é, não haverá chance de ser identificado o seu nome e imagem, assegurando seu completo anonimato.

A sua participação nesta pesquisa não acarretará gasto financeiro e, portanto, não está previsto reembolso financeiro de qualquer natureza.

Em caso de dúvidas ou reclamações sobre os procedimentos desta pesquisa, você pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – USP. Avenida Bandeirantes, 3900 – Bloco 23 – Casa 37 – 140040-901 – Ribeirão Preto – SP – Brasil. Fone: (16) 3315-4811/ Fax: (16) 3633-2660. E-mail: coetp@ffclrp.usp.br. Para quaisquer esclarecimentos referentes aos aspectos éticos da pesquisa, entrar em contato com este comitê.

Este termo foi elaborado em duas vias, sendo que uma das vias ficará com você enquanto a outra será arquivada pelo pesquisador.

Eu li a proposta acima e entendi os procedimentos. Eu aceito participar voluntariamente desse estudo e entendo que posso contar aos pesquisadores responsáveis no telefone (16) 3315-3697 ou nos endereços eletrônicos rmmpicoli@usp.br ou jldobuen@usp.br.

Nome completo: _____

RG: _____

Assinatura: _____

_____, ____ de ____ de ____.

Ms. Ricardo Marinho de Mello de Picoli
Doutorando em Psicobiologia – FFCLRP

Prof. Dr. José Lino Oliveira Bueno
Orientador do Projeto

ANEXO B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido do Estudo 1 para menores de idade

Sua (Seu) filha(o) e/ou menor sob sua tutela legal está sendo convidada(o) a participar de uma pesquisa pertencente ao projeto intitulado “*Relações entre Estados de ânimo pré-competitivos, nível de Necessidade de Realização e Metas de Realização de atletas de modalidades individuais e coletivas*”, cujo objetivo é descrever relações entre os estados emocionais e motivacionais de atletas brasileiros tanto de modalidades individuais quanto coletivas.

Para tanto, ele/ela auxiliará a adaptar ao contexto brasileiro o questionário originalmente inglês intitulado *Ray-Lynn AO Scale* que mede os níveis de determinados aspectos motivacionais de humanos. Em local reservado, ele/ela avaliará a clareza das instruções do questionário, a adequação dos termos utilizados, a correspondência das expressões utilizadas pelo grupo e do tempo de resposta do questionário. Ele/ela receberá esse questionário impresso e traduzido junto com uma folha em branco para fazer suas considerações, se houver.

Espera-se, com o questionário adaptado, conseguir medir estados motivacionais que auxiliarão a descrever as relações entre aspectos motivacionais e estados emocionais de atletas brasileiros no transcorrer da sequência de jogos e treinos.

A participação na pesquisa não é obrigatória. Caso ela/ele concorde em prosseguir como voluntária(o) também será livre para interromper a participação a qualquer momento e, se assim o fizer, não haverá prejuízos de qualquer ordem em função desta decisão. Os resultados obtidos no estudo não terão qualquer interferência na situação dela/dele como atleta da instituição ou acarretarão qualquer penalidade a ela/ele em relação à sua situação na instituição ou junto à comissão técnica. A comissão técnica não terá conhecimento dos resultados obtidos durante o estudo.

O procedimento adotado neste estudo não apresenta riscos previsíveis à saúde física ou mental dela/dele, não envolvendo qualquer droga ou medicamento, nem procedimentos invasivos.

Após a participação, será garantido o recebimento de esclarecimentos atualizados sobre qualquer etapa deste trabalho. As informações obtidas só serão utilizadas para trabalhos científicos, porém a identificação dela/dele será mantida em sigilo, isto é, não haverá chance de ser identificado o nome e imagem dela/dele, assegurando o completo anonimato.

A participação dela/dele nesta pesquisa não acarretará gasto financeiro e, portanto, não está previsto reembolso financeiro de qualquer natureza.

Em caso de dúvidas ou reclamações sobre os procedimentos desta pesquisa, você pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – USP. Avenida Bandeirantes, 3900 – Bloco 23 – Casa 37 – 140040-901 – Ribeirão Preto – SP – Brasil. Fone: (16) 3315-4811/ Fax: (16) 3633-2660. E-mail: coetp@ffclrp.usp.br. Para quaisquer esclarecimentos referentes aos aspectos éticos da pesquisa, entrar em contato com este comitê.

Este termo foi elaborado em duas vias, sendo que uma das vias ficará com você enquanto a outra será arquivada pelo pesquisador.

Eu li a proposta acima e entendi os procedimentos. Eu aceito participar voluntariamente desse estudo e entendo que posso contar aos pesquisadores responsáveis no telefone (16) 3315-3697 ou nos endereços eletrônicos rmmpicoli@usp.br ou jldobuen@usp.br.

Nome do Responsável: _____

RG: _____

Nome do Participante: _____

Assinatura: _____

_____, ____ de ____ de ____.

Ms. Ricardo Marinho de Mello de Picoli
Doutorando em Psicobiologia – FFCLRP

Prof. Dr. José Lino Oliveira Bueno
Orientador do Projeto

ANEXO C – Termo de Assentimento do Estudo 2 para atletas de menores de idade

Você está sendo convidada(o) a participar de uma pesquisa pertencente ao projeto intitulado “*Relações entre Estados de ânimo pré-competitivos, nível de Necessidade de Realização e Metas de Realização de atletas de modalidades individuais e coletivas*”, cujo objetivo é descrever relações entre os estados emocionais e motivacionais de atletas brasileiros tanto de modalidades individuais quanto coletivas.

Para tanto, você auxiliará a adaptar ao contexto brasileiro o questionário originalmente inglês intitulado *3×2 Achievement Goal Questionnaire for Sport* que mede os níveis de determinados aspectos motivacionais de humanos. Em local reservado, você avaliará a clareza das instruções do questionário, a adequação dos termos utilizados, a correspondência das expressões utilizadas pelo grupo e do tempo de resposta do questionário. Você receberá esse questionário impresso e traduzido junto com uma folha em branco para fazer suas considerações, se houver.

Espera-se, com o questionário adaptado, conseguir medir estados motivacionais que auxiliarão a descrever as relações entre aspectos motivacionais e estados emocionais de atletas brasileiros no transcorrer da seqüência de jogos e treinos. A participação na pesquisa não é obrigatória. Caso você concorde em prosseguir como voluntário também será livre para interromper a participação a qualquer momento e, se assim o fizer, não haverá prejuízos de qualquer ordem em função desta decisão. Os resultados obtidos no estudo não terão qualquer interferência na sua situação como atleta da instituição ou acarretarão qualquer penalidade a você em relação à sua situação na instituição ou junto à comissão técnica. A comissão técnica não terá conhecimento dos resultados obtidos durante o estudo.

O procedimento adotado neste estudo não apresenta riscos previsíveis à sua saúde física ou mental, não envolvendo qualquer droga ou medicamento, nem procedimentos invasivos.

Após sua participação, será garantido o recebimento de esclarecimentos atualizados sobre qualquer etapa deste trabalho. As informações obtidas só serão utilizadas para trabalhos científicos, porém sua identificação será mantida em sigilo, isto é, não haverá chance de ser identificado o seu nome e imagem, assegurando seu completo anonimato.

A sua participação nesta pesquisa não acarretará gasto financeiro e, portanto, não está previsto reembolso financeiro de qualquer natureza.

Em caso de dúvidas ou reclamações sobre os procedimentos desta pesquisa, você pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Filosofia, Ciências e

Letras de Ribeirão Preto – USP. Avenida Bandeirantes, 3900 – Bloco 23 – Casa 37 – 140040-901 – Ribeirão Preto – SP – Brasil. Fone: (16) 3315-4811/ Fax: (16) 3633-2660. E-mail: coetp@ffclrp.usp.br. Para quaisquer esclarecimentos referentes aos aspectos éticos da pesquisa, entrar em contato com este comitê.

Este termo foi elaborado em duas vias, sendo que uma das vias ficará com você enquanto a outra será arquivada pelo pesquisador.

Eu li a proposta acima e entendi os procedimentos. Eu aceito participar voluntariamente desse estudo e entendo que posso contar aos pesquisadores responsáveis no telefone (16) 3315-3697 ou nos endereços eletrônicos rmmpicoli@usp.br ou jldobuen@usp.br.

Nome completo: _____

RG: _____

Assinatura: _____

_____, ____ de ____ de ____.

Ms. Ricardo Marinho de Mello de Picoli
Doutorando em Psicobiologia – FFCLRP

Prof. Dr. José Lino Oliveira Bueno
Orientador do Projeto

ANEXO D – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido do Estudo 2 para maiores de idade

Você está sendo convidada(o) a participar de uma pesquisa pertencente ao projeto intitulado “*Relações entre Estados de ânimo pré-competitivos, nível de Necessidade de Realização e Metas de Realização de atletas de modalidades individuais e coletivas*”, cujo objetivo é descrever relações entre os estados emocionais e motivacionais de atletas brasileiros tanto de modalidades individuais quanto coletivas.

Para tanto, você auxiliará a adaptar ao contexto brasileiro o questionário originalmente inglês intitulado *3×2 Achievement Goal Questionnaire for Sport* que mede os níveis de determinados aspectos motivacionais de humanos. Em local reservado, você avaliará a clareza das instruções do questionário, a adequação dos termos utilizados, a correspondência das expressões utilizadas pelo grupo e do tempo de resposta do questionário. Você receberá esse questionário impresso e traduzido junto com uma folha em branco para fazer suas considerações, se houver.

Espera-se, com o questionário adaptado, conseguir medir estados motivacionais que auxiliarão a descrever as relações entre aspectos motivacionais e estados emocionais de atletas brasileiros no transcorrer da seqüência de jogos e treinos.

A participação na pesquisa não é obrigatória. Caso você concorde em prosseguir como voluntário também será livre para interromper a participação a qualquer momento e, se assim o fizer, não haverá prejuízos de qualquer ordem em função desta decisão. Os resultados obtidos no estudo não terão qualquer interferência na sua situação como atleta da instituição ou acarretarão qualquer penalidade a você em relação à sua situação na instituição ou junto à comissão técnica. A comissão técnica não terá conhecimento dos resultados obtidos durante o estudo.

O procedimento adotado neste estudo não apresenta riscos previsíveis à sua saúde física ou mental, não envolvendo qualquer droga ou medicamento, nem procedimentos invasivos.

Após sua participação, será garantido o recebimento de esclarecimentos atualizados sobre qualquer etapa deste trabalho. As informações obtidas só serão utilizadas para trabalhos científicos, porém sua identificação será mantida em sigilo, isto é, não haverá chance de ser identificado o seu nome e imagem, assegurando seu completo anonimato.

A sua participação nesta pesquisa não acarretará gasto financeiro e, portanto, não está previsto reembolso financeiro de qualquer natureza.

Em caso de dúvidas ou reclamações sobre os procedimentos desta pesquisa, você pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – USP. Avenida Bandeirantes, 3900 – Bloco 23 – Casa 37 – 140040-901 – Ribeirão Preto – SP – Brasil. Fone: (16) 3315-4811/ Fax: (16) 3633-2660. E-mail: coetp@ffclrp.usp.br. Para quaisquer esclarecimentos referentes aos aspectos éticos da pesquisa, entrar em contato com este comitê.

Este termo foi elaborado em duas vias, sendo que uma das vias ficará com você enquanto a outra será arquivada pelo pesquisador.

Eu li a proposta acima e entendi os procedimentos. Eu aceito participar voluntariamente desse estudo e entendo que posso contar aos pesquisadores responsáveis no telefone (16) 3315-3697 ou nos endereços eletrônicos rmmpicoli@usp.br ou jldobuen@usp.br.

Nome completo: _____

RG: _____

Assinatura: _____

_____, ____ de ____ de ____.

Ms. Ricardo Marinho de Mello de Picoli
Doutorando em Psicobiologia – FFCLRP

Prof. Dr. José Lino Oliveira Bueno
Orientador do Projeto

ANEXO E – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido do Estudo 2 para menores de idade

Sua (Seu) filha(o) e/ou menor sob sua tutela legal está sendo convidada(o) a participar de uma pesquisa pertencente ao projeto intitulado “*Relações entre Estados de ânimo pré-competitivos, nível de Necessidade de Realização e Metas de Realização de atletas de modalidades individuais e coletivas*”, cujo objetivo é descrever relações entre os estados emocionais e motivacionais de atletas brasileiros tanto de modalidades individuais quanto coletivas.

Para tanto, ele/ela auxiliará a adaptar ao contexto brasileiro o questionário originalmente inglês intitulado *3×2 Achievement Goal Questionnaire for Sport* que mede os níveis de determinados aspectos motivacionais de humanos. Em local reservado, ele/ela avaliará a clareza das instruções do questionário, a adequação dos termos utilizados, a correspondência das expressões utilizadas pelo grupo e do tempo de resposta do questionário. Ele/ela receberá esse questionário impresso e traduzido junto com uma folha em branco para fazer suas considerações, se houver.

Espera-se, com o questionário adaptado, conseguir medir estados motivacionais que auxiliarão a descrever as relações entre aspectos motivacionais e estados emocionais de atletas brasileiros no transcorrer da seqüência de jogos e treinos.

A participação na pesquisa não é obrigatória. Caso ela/ele concorde em prosseguir como voluntária(o) também será livre para interromper a participação a qualquer momento e, se assim o fizer, não haverá prejuízos de qualquer ordem em função desta decisão. Os resultados obtidos no estudo não terão qualquer interferência na situação dela/dele como atleta da instituição ou acarretarão qualquer penalidade a ela/ele em relação à sua situação na instituição ou junto à comissão técnica. A comissão técnica não terá conhecimento dos resultados obtidos durante o estudo.

O procedimento adotado neste estudo não apresenta riscos previsíveis à saúde física ou mental dela/dele, não envolvendo qualquer droga ou medicamento, nem procedimentos invasivos.

Após a participação, será garantido o recebimento de esclarecimentos atualizados sobre qualquer etapa deste trabalho. As informações obtidas só serão utilizadas para trabalhos científicos, porém a identificação dela/dele será mantida em sigilo, isto é, não haverá chance de ser identificado o nome e imagem dela/dele, assegurando o completo anonimato.

A participação dela/dele nesta pesquisa não acarretará gasto financeiro e, portanto, não está previsto reembolso financeiro de qualquer natureza.

Em caso de dúvidas ou reclamações sobre os procedimentos desta pesquisa, você pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – USP. Avenida Bandeirantes, 3900 – Bloco 23 – Casa 37 – 140040-901 – Ribeirão Preto – SP – Brasil. Fone: (16) 3315-4811/ Fax: (16) 3633-2660. E-mail: coetp@ffclrp.usp.br. Para quaisquer esclarecimentos referentes aos aspectos éticos da pesquisa, entrar em contato com este comitê.

Este termo foi elaborado em duas vias, sendo que uma das vias ficará com você enquanto a outra será arquivada pelo pesquisador.

Eu li a proposta acima e entendi os procedimentos. Eu aceito participar voluntariamente desse estudo e entendo que posso contar aos pesquisadores responsáveis no telefone (16) 3315-3697 ou nos endereços eletrônicos rmmpicoli@usp.br ou jldobuen@usp.br.

Nome do Responsável: _____

RG: _____

Nome do Participante: _____

Assinatura: _____

_____, ____ de ____ de ____.

Ms. Ricardo Marinho de Mello de Picoli
Doutorando em Psicobiologia – FFCLRP

Prof. Dr. José Lino Oliveira Bueno
Orientador do Projeto

ANEXO F – Termo de Assentimento do Estudo 2 para atletas de menores de idade

Você está sendo convidada(o) a participar de uma pesquisa pertencente ao projeto intitulado “*Relações entre Estados de ânimo pré-competitivos, nível de Necessidade de Realização e Metas de Realização de atletas de modalidades individuais e coletivas*”, cujo objetivo é descrever relações entre os estados emocionais e motivacionais de atletas brasileiros tanto de modalidades individuais quanto coletivas.

Para tanto, você auxiliará a adaptar ao contexto brasileiro o questionário originalmente inglês intitulado *3×2 Achievement Goal Questionnaire for Sport* que mede os níveis de determinados aspectos motivacionais de humanos. Em local reservado, você avaliará a clareza das instruções do questionário, a adequação dos termos utilizados, a correspondência das expressões utilizadas pelo grupo e do tempo de resposta do questionário. Você receberá esse questionário impresso e traduzido junto com uma folha em branco para fazer suas considerações, se houver.

Espera-se, com o questionário adaptado, conseguir medir estados motivacionais que auxiliarão a descrever as relações entre aspectos motivacionais e estados emocionais de atletas brasileiros no transcorrer da sequência de jogos e treinos.

A participação na pesquisa não é obrigatória. Caso você concorde em prosseguir como voluntário também será livre para interromper a participação a qualquer momento e, se assim o fizer, não haverá prejuízos de qualquer ordem em função desta decisão. Os resultados obtidos no estudo não terão qualquer interferência na sua situação como atleta da instituição ou acarretarão qualquer penalidade a você em relação à sua situação na instituição ou junto à comissão técnica. A comissão técnica não terá conhecimento dos resultados obtidos durante o estudo.

O procedimento adotado neste estudo não apresenta riscos previsíveis à sua saúde física ou mental, não envolvendo qualquer droga ou medicamento, nem procedimentos invasivos.

Após sua participação, será garantido o recebimento de esclarecimentos atualizados sobre qualquer etapa deste trabalho. As informações obtidas só serão utilizadas para trabalhos científicos, porém sua identificação será mantida em sigilo, isto é, não haverá chance de ser identificado o seu nome e imagem, assegurando seu completo anonimato.

A sua participação nesta pesquisa não acarretará gasto financeiro e, portanto, não está previsto reembolso financeiro de qualquer natureza.

Em caso de dúvidas ou reclamações sobre os procedimentos desta pesquisa, você pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – USP. Avenida Bandeirantes, 3900 – Bloco 23 – Casa 37 – 140040-901 – Ribeirão Preto – SP – Brasil. Fone: (16) 3315-4811/ Fax: (16) 3633-2660. E-mail: coetp@ffclrp.usp.br. Para quaisquer esclarecimentos referentes aos aspectos éticos da pesquisa, entrar em contato com este comitê.

Este termo foi elaborado em duas vias, sendo que uma das vias ficará com você enquanto a outra será arquivada pelo pesquisador.

Eu li a proposta acima e entendi os procedimentos. Eu aceito participar voluntariamente desse estudo e entendo que posso contar aos pesquisadores responsáveis no telefone (16) 3315-3697 ou nos endereços eletrônicos rmmpicoli@usp.br ou jldobuen@usp.br.

Nome completo: _____

RG: _____

Assinatura: _____

_____, ____ de ____ de ____.

Ms. Ricardo Marinho de Mello de Picoli
Doutorando em Psicobiologia – FFCLRP

Prof. Dr. José Lino Oliveira Bueno
Orientador do Projeto

ANEXO G – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido do Estudo 3 para maiores de idade

Você está sendo convidada(o) a participar de uma pesquisa pertencente ao projeto intitulado “*Relações entre Estados de ânimo pré-competitivos, nível de Necessidade de Realização e Metas de Realização de atletas de modalidades individuais e coletivas*”, cujo objetivo é descrever relações entre os estados emocionais e motivacionais de atletas brasileiros tanto de modalidades individuais quanto coletivas.

Em alguns eventos competitivos da sua modalidade (jogos, lutas, corridas...), cerca de uma hora antes do início, no vestiário, você receberá três questionários. O primeiro questionário consiste em uma lista com 14 perguntas de múltipla escolha sobre sua motivação; o segundo questionário consiste em uma lista com 18 frases na primeira pessoa do singular que nomeiam objetivos no esporte e; uma lista com 40 frases escritas na primeira pessoa do singular, as quais nomeiam os estados emocionais.

Espera-se, com as respostas nos questionários, descrever as relações entre os indicadores utilizados para a mensuração de aspectos motivacionais e estados emocionais de atletas brasileiros no transcorrer da seqüência de jogos e treinos.

A participação na pesquisa não é obrigatória. Caso você concorde em prosseguir como voluntário também será livre para interromper a participação a qualquer momento e, se assim o fizer, não haverá prejuízos de qualquer ordem em função desta decisão. Os resultados obtidos no estudo não terão qualquer interferência na sua situação como atleta da instituição ou acarretarão qualquer penalidade a você em relação à sua situação na instituição ou junto à comissão técnica. A comissão técnica não terá conhecimento dos resultados obtidos durante o estudo.

O procedimento adotado neste estudo não apresenta riscos previsíveis à sua saúde física ou mental, não envolvendo qualquer droga ou medicamento, nem procedimentos invasivos.

Após sua participação, será garantido o recebimento de esclarecimentos atualizados sobre qualquer etapa deste trabalho. As informações obtidas só serão utilizadas para trabalhos científicos, porém sua identificação será mantida em sigilo, isto é, não haverá chance de ser identificado o seu nome e imagem, assegurando seu completo anonimato.

A sua participação nesta pesquisa não acarretará gasto financeiro e, portanto, não está previsto reembolso financeiro de qualquer natureza.

Em caso de dúvidas ou reclamações sobre os procedimentos desta pesquisa, você pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Filosofia, Ciências e

Letras de Ribeirão Preto – USP. Avenida Bandeirantes, 3900 – Bloco 23 – Casa 37 – 140040-901 – Ribeirão Preto – SP – Brasil. Fone: (16) 3315-4811/ Fax: (16) 3633-2660. E-mail: coetp@ffclrp.usp.br. Para quaisquer esclarecimentos referentes aos aspectos éticos da pesquisa, entrar em contato com este comitê.

Este termo foi elaborado em duas vias, sendo que uma das vias ficará com você enquanto a outra será arquivada pelo pesquisador.

Eu li a proposta acima e entendi os procedimentos. Eu aceito participar voluntariamente desse estudo e entendo que posso contar aos pesquisadores responsáveis no telefone (16) 3315-3697 ou nos endereços eletrônicos rmmpicoli@usp.br ou jldobuen@usp.br.

Nome completo: _____

RG: _____

Assinatura: _____

_____, ____ de ____ de ____.

Ms. Ricardo Marinho de Mello de Picoli
Doutorando em Psicobiologia – FFCLRP

Prof. Dr. José Lino Oliveira Bueno
Orientador do Projeto

ANEXO H – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido do Estudo 3 para os responsáveis de menores de idade

Sua (Seu) filha(o) e/ou menor sob sua tutela legal está sendo convidada(o) a participar de uma pesquisa pertencente ao projeto intitulado “*Relações entre Estados de ânimo pré-competitivos, nível de Necessidade de Realização e Metas de Realização de atletas de modalidades individuais e coletivas*”, cujo objetivo é descrever relações entre os estados emocionais e motivacionais de atletas brasileiros tanto de modalidades individuais quanto coletivas.

Em alguns eventos competitivos (jogos, lutas, corridas...)da modalidade que ela/ele pratica, cerca de uma hora antes do início, no vestiário, ela/ele receberá três questionários. O primeiro questionário consiste em uma lista com 14 perguntas de múltipla escolha sobre sua motivação; o segundo questionário consiste em uma lista com 18 frases na primeira pessoa do singular que nomeiam objetivos no esporte e; uma lista com 40 frases escritas na primeira pessoa do singular, as quais nomeiam os estados emocionais.

Espera-se, com as respostas nos questionários, descrever as relações entre os indicadores utilizados para a mensuração de aspectos motivacionais e estados emocionais de atletas brasileiros no transcorrer da seqüência de jogos e treinos.

A participação na pesquisa não é obrigatória. Caso ela/ele concorde em prosseguir como voluntária(o) também será livre para interromper a participação a qualquer momento e, se assim o fizer, não haverá prejuízos de qualquer ordem em função desta decisão. Os resultados obtidos no estudo não terão qualquer interferência na situação dela/dele como atleta da instituição ou acarretarão qualquer penalidade a ela/ele em relação à sua situação na instituição ou junto à comissão técnica. A comissão técnica não terá conhecimento dos resultados obtidos durante o estudo.

O procedimento adotado neste estudo não apresenta riscos previsíveis à saúde física ou mental dela/dele, não envolvendo qualquer droga ou medicamento, nem procedimentos invasivos.

Após a participação, será garantido o recebimento de esclarecimentos atualizados sobre qualquer etapa deste trabalho. As informações obtidas só serão utilizadas para trabalhos científicos, porém a identificação dela/dele será mantida em sigilo, isto é, não haverá chance de ser identificado o nome e imagem dela/dele, assegurando o completo anonimato.

A participação dela/dele nesta pesquisa não acarretará gasto financeiro e, portanto, não está previsto reembolso financeiro de qualquer natureza.

Em caso de dúvidas ou reclamações sobre os procedimentos desta pesquisa, você pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – USP. Avenida Bandeirantes, 3900 – Bloco 23 – Casa 37 – 140040-901 – Ribeirão Preto – SP – Brasil. Fone: (16) 3315-4811/ Fax: (16) 3633-2660. E-mail: coetp@ffclrp.usp.br. Para quaisquer esclarecimentos referentes aos aspectos éticos da pesquisa, entrar em contato com este comitê.

Este termo foi elaborado em duas vias, sendo que uma das vias ficará com você enquanto a outra será arquivada pelo pesquisador.

Eu li a proposta acima e entendi os procedimentos. Eu aceito participar voluntariamente desse estudo e entendo que posso contar aos pesquisadores responsáveis no telefone (16) 3315-3697 ou nos endereços eletrônicos rmmpicoli@usp.br ou jldobuen@usp.br.

Nome do Responsável: _____

RG: _____

Nome do Participante: _____

Assinatura: _____

_____, ____ de ____ de ____.

Ms. Ricardo Marinho de Mello de Picoli
Doutorando em Psicobiologia – FFCLRP

Prof. Dr. José Lino Oliveira Bueno
Orientador do Projeto

ANEXO I – Termo de Assentimento do Estudo 3 para atletas de menores de idade

Você está sendo convidada(o) a participar de uma pesquisa pertencente ao projeto intitulado “*Relações entre Estados de ânimo pré-competitivos, nível de Necessidade de Realização e Metas de Realização de atletas de modalidades individuais e coletivas*”, cujo objetivo é descrever relações entre os estados emocionais e motivacionais de atletas brasileiros tanto de modalidades individuais quanto coletivas.

Em alguns eventos competitivos da sua modalidade (jogos, lutas, corridas...), cerca de uma hora antes do início, no vestiário, você receberá três questionários. O primeiro questionário consiste em uma lista com 14 perguntas de múltipla escolha sobre sua motivação; o segundo questionário consiste em uma lista com 18 frases na primeira pessoa do singular que nomeiam objetivos no esporte e; uma lista com 40 frases escritas na primeira pessoa do singular, as quais nomeiam os estados emocionais. Em alguns treinamentos, você receberá os mesmos três questionários antes de iniciar o treinamento, em local reservado no mesmo espaço em que está sendo realizado o treinamento.

Espera-se, com as respostas nos questionários, descrever as relações entre os indicadores utilizados para a mensuração de aspectos motivacionais e estados emocionais de atletas brasileiros no transcorrer da seqüência de jogos e treinos.

A participação na pesquisa não é obrigatória. Caso você concorde em prosseguir como voluntário também será livre para interromper a participação a qualquer momento e, se assim o fizer, não haverá prejuízos de qualquer ordem em função desta decisão. Os resultados obtidos no estudo não terão qualquer interferência na sua situação como atleta da instituição ou acarretarão qualquer penalidade a você em relação à sua situação na instituição ou junto à comissão técnica. A comissão técnica não terá conhecimento dos resultados obtidos durante o estudo.

O procedimento adotado neste estudo não apresenta riscos previsíveis à sua saúde física ou mental, não envolvendo qualquer droga ou medicamento, nem procedimentos invasivos.

Após sua participação, será garantido o recebimento de esclarecimentos atualizados sobre qualquer etapa deste trabalho. As informações obtidas só serão utilizadas para trabalhos científicos, porém sua identificação será mantida em sigilo, isto é, não haverá chance de ser identificado o seu nome e imagem, assegurando seu completo anonimato.

A sua participação nesta pesquisa não acarretará gasto financeiro e, portanto, não está previsto reembolso financeiro de qualquer natureza.

Em caso de dúvidas ou reclamações sobre os procedimentos desta pesquisa, você pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – USP. Avenida Bandeirantes, 3900 – Bloco 23 – Casa 37 – 140040-901 – Ribeirão Preto – SP – Brasil. Fone: (16) 3315-4811/ Fax: (16) 3633-2660. E-mail: coetp@ffclrp.usp.br. Para quaisquer esclarecimentos referentes aos aspectos éticos da pesquisa, entrar em contato com este comitê.

Este termo foi elaborado em duas vias, sendo que uma das vias ficará com você enquanto a outra será arquivada pelo pesquisador.

Eu li a proposta acima e entendi os procedimentos. Eu aceito participar voluntariamente desse estudo e entendo que posso contar aos pesquisadores responsáveis no telefone (16) 3315-3697 ou nos endereços eletrônicos rmmpicoli@usp.br ou jldobuen@usp.br.

Nome completo: _____

RG: _____

Assinatura: _____

_____, ____ de ____ de ____.

Ms. Ricardo Marinho de Mello de Picoli
Doutorando em Psicobiologia – FFCLRP

Prof. Dr. José Lino Oliveira Bueno
Orientador do Projeto

ANEXO J – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido do Estudo 4 para maiores de idade

Você está sendo convidada(o) a participar de uma pesquisa pertencente ao projeto intitulado “*Relações entre Estados de ânimo pré-competitivos, nível de Necessidade de Realização e Metas de Realização de atletas de modalidades individuais e coletivas*”, cujo objetivo é descrever relações entre os estados emocionais e motivacionais de atletas brasileiros durante um período competitivo.

Em alguns eventos competitivos da sua modalidade, cerca de uma hora antes do início, no vestiário, você receberá três questionários. O primeiro questionário consiste em uma lista com 14 perguntas de múltipla escolha sobre sua motivação; o segundo questionário consiste em uma lista com 18 frases na primeira pessoa do singular que nomeiam objetivos no esporte e; uma lista com 40 frases escritas na primeira pessoa do singular, as quais nomeiam os estados emocionais.

Espera-se, com as respostas nos questionários, descrever as relações entre os indicadores utilizados para a mensuração de aspectos motivacionais e estados emocionais de atletas brasileiros no transcorrer da seqüência de jogos e treinos.

A participação na pesquisa não é obrigatória. Caso você concorde em prosseguir como voluntário também será livre para interromper a participação a qualquer momento e, se assim o fizer, não haverá prejuízos de qualquer ordem em função desta decisão. Os resultados obtidos no estudo não terão qualquer interferência na sua situação como atleta da instituição ou acarretarão qualquer penalidade a você em relação à sua situação na instituição ou junto à comissão técnica. A comissão técnica não terá conhecimento dos resultados obtidos durante o estudo.

O procedimento adotado neste estudo não apresenta riscos previsíveis à sua saúde física ou mental, não envolvendo qualquer droga ou medicamento, nem procedimentos invasivos.

Após sua participação, será garantido o recebimento de esclarecimentos atualizados sobre qualquer etapa deste trabalho. As informações obtidas só serão utilizadas para trabalhos científicos, porém sua identificação será mantida em sigilo, isto é, não haverá chance de ser identificado o seu nome e imagem, assegurando seu completo anonimato.

A sua participação nesta pesquisa não acarretará gasto financeiro e, portanto, não está previsto reembolso financeiro de qualquer natureza.

Em caso de dúvidas ou reclamações sobre os procedimentos desta pesquisa, você pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Filosofia, Ciências e

Letras de Ribeirão Preto – USP. Avenida Bandeirantes, 3900 – Bloco 23 – Casa 37 – 140040-901 – Ribeirão Preto – SP – Brasil. Fone: (16) 3315-4811/ Fax: (16) 3633-2660. E-mail: coetp@ffclrp.usp.br. Para quaisquer esclarecimentos referentes aos aspectos éticos da pesquisa, entrar em contato com este comitê.

Este termo foi elaborado em duas vias, sendo que uma das vias ficará com você enquanto a outra será arquivada pelo pesquisador.

Eu li a proposta acima e entendi os procedimentos. Eu aceito participar voluntariamente desse estudo e entendo que posso contar aos pesquisadores responsáveis no telefone (16) 3315-3697 ou nos endereços eletrônicos rmmpicoli@usp.br ou jldobuen@usp.br.

Nome completo: _____

RG: _____

Assinatura: _____

_____, ____ de _____ de _____.

Ms. Ricardo Marinho de Mello de Picoli
Doutorando em Psicobiologia – FFCLRP

Prof. Dr. José Lino Oliveira Bueno
Orientador do Projeto

ANEXO K – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido do Estudo 4 para os responsáveis de menores de idade

Sua (Seu) filha(o) e/ou menor sob sua tutela legal está sendo convidada(o) a participar de uma pesquisa pertencente ao projeto intitulado “*Relações entre Estados de ânimo pré-competitivos, nível de Necessidade de Realização e Metas de Realização de atletas de modalidades individuais e coletivas*”, cujo objetivo é descrever relações entre os estados emocionais e motivacionais de atletas brasileiros durante um período competitivo.

Em alguns eventos competitivos da modalidade que ela/ele pratica, cerca de uma hora antes do início, no vestiário, ela/ele receberá três questionários. O primeiro questionário consiste em uma lista com 14 perguntas de múltipla escolha sobre sua motivação; o segundo questionário consiste em uma lista com 18 frases na primeira pessoa do singular que nomeiam objetivos no esporte e; uma lista com 40 frases escritas na primeira pessoa do singular, as quais nomeiam os estados emocionais.

Espera-se, com as respostas nos questionários, descrever as relações entre os indicadores utilizados para a mensuração de aspectos motivacionais e estados emocionais de atletas brasileiros no transcorrer da seqüência de jogos e treinos.

A participação na pesquisa não é obrigatória. Caso ela/ele concorde em prosseguir como voluntária(o) também será livre para interromper a participação a qualquer momento e, se assim o fizer, não haverá prejuízos de qualquer ordem em função desta decisão. Os resultados obtidos no estudo não terão qualquer interferência na situação dela/dele como atleta da instituição ou acarretarão qualquer penalidade a ela/ele em relação à sua situação na instituição ou junto à comissão técnica. A comissão técnica não terá conhecimento dos resultados obtidos durante o estudo.

O procedimento adotado neste estudo não apresenta riscos previsíveis à saúde física ou mental dela/dele, não envolvendo qualquer droga ou medicamento, nem procedimentos invasivos.

Após a participação, será garantido o recebimento de esclarecimentos atualizados sobre qualquer etapa deste trabalho. As informações obtidas só serão utilizadas para trabalhos científicos, porém a identificação dela/dele será mantida em sigilo, isto é, não haverá chance de ser identificado o nome e imagem dela/dele, assegurando o completo anonimato.

A participação dela/dele nesta pesquisa não acarretará gasto financeiro e, portanto, não está previsto reembolso financeiro de qualquer natureza.

Em caso de dúvidas ou reclamações sobre os procedimentos desta pesquisa, você pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – USP. Avenida Bandeirantes, 3900 – Bloco 23 – Casa 37 – 140040-901 – Ribeirão Preto – SP – Brasil. Fone: (16) 3315-4811/ Fax: (16) 3633-2660. E-mail: coetp@ffclrp.usp.br. Para quaisquer esclarecimentos referentes aos aspectos éticos da pesquisa, entrar em contato com este comitê.

Este termo foi elaborado em duas vias, sendo que uma das vias ficará com você enquanto a outra será arquivada pelo pesquisador.

Eu li a proposta acima e entendi os procedimentos. Eu aceito participar voluntariamente desse estudo e entendo que posso contar aos pesquisadores responsáveis no telefone (16) 3315-3697 ou nos endereços eletrônicos rmmpicoli@usp.br ou jldobuen@usp.br.

Nome do Responsável: _____

RG: _____

Nome do Participante: _____

Assinatura: _____

_____, ____ de ____ de ____.

Ms. Ricardo Marinho de Mello de Picoli
Doutorando em Psicobiologia – FFCLRP

Prof. Dr. José Lino Oliveira Bueno
Orientador do Projeto

ANEXO L – Termo de Assentimento do Estudo 4 para atletas de menores de idade

Você está sendo convidada(o) a participar de uma pesquisa pertencente ao projeto intitulado “*Relações entre Estados de ânimo pré-competitivos, nível de Necessidade de Realização e Metas de Realização de atletas de modalidades individuais e coletivas*”, cujo objetivo é descrever relações entre os estados emocionais e motivacionais de atletas brasileiros durante um período competitivo.

Em alguns eventos competitivos da sua modalidade, cerca de uma hora antes do início, no vestiário, você receberá três questionários. O primeiro questionário consiste em uma lista com 14 perguntas de múltipla escolha sobre sua motivação; o segundo questionário consiste em uma lista com 18 frases na primeira pessoa do singular que nomeiam objetivos no esporte e; uma lista com 40 frases escritas na primeira pessoa do singular, as quais nomeiam os estados emocionais. Em alguns treinamentos, você receberá os mesmos três questionários antes de iniciar o treinamento, em local reservado no mesmo espaço em que está sendo realizado o treinamento.

Espera-se, com as respostas nos questionários, descrever as relações entre os indicadores utilizados para a mensuração de aspectos motivacionais e estados emocionais de atletas brasileiros no transcorrer da seqüência de jogos e treinos.

A participação na pesquisa não é obrigatória. Caso você concorde em prosseguir como voluntário também será livre para interromper a participação a qualquer momento e, se assim o fizer, não haverá prejuízos de qualquer ordem em função desta decisão. Os resultados obtidos no estudo não terão qualquer interferência na sua situação como atleta da instituição ou acarretarão qualquer penalidade a você em relação à sua situação na instituição ou junto à comissão técnica. A comissão técnica não terá conhecimento dos resultados obtidos durante o estudo.

O procedimento adotado neste estudo não apresenta riscos previsíveis à sua saúde física ou mental, não envolvendo qualquer droga ou medicamento, nem procedimentos invasivos.

Após sua participação, será garantido o recebimento de esclarecimentos atualizados sobre qualquer etapa deste trabalho. As informações obtidas só serão utilizadas para trabalhos científicos, porém sua identificação será mantida em sigilo, isto é, não haverá chance de ser identificado o seu nome e imagem, assegurando seu completo anonimato.

A sua participação nesta pesquisa não acarretará gasto financeiro e, portanto, não está previsto reembolso financeiro de qualquer natureza.

Em caso de dúvidas ou reclamações sobre os procedimentos desta pesquisa, você pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – USP. Avenida Bandeirantes, 3900 – Bloco 23 – Casa 37 – 140040-901 – Ribeirão Preto – SP – Brasil. Fone: (16) 3315-4811/ Fax: (16) 3633-2660. E-mail: coetp@ffclrp.usp.br. Para quaisquer esclarecimentos referentes aos aspectos éticos da pesquisa, entrar em contato com este comitê.

Este termo foi elaborado em duas vias, sendo que uma das vias ficará com você enquanto a outra será arquivada pelo pesquisador.

Eu li a proposta acima e entendi os procedimentos. Eu aceito participar voluntariamente desse estudo e entendo que posso contar aos pesquisadores responsáveis no telefone (16) 3315-3697 ou nos endereços eletrônicos rmmpicoli@usp.br ou jldobuen@usp.br.

Nome completo: _____

RG: _____

Assinatura: _____

_____, ____ de ____ de ____.

Ms. Ricardo Marinho de Mello de Picoli
Doutorando em Psicobiologia – FFCLRP

Prof. Dr. José Lino Oliveira Bueno
Orientador do Projeto

ANEXO M – *Ray-Lynn AO Scale* (Ray, 1979)

This is a 14-item questionnaire. Each sentence have 3 answers: Yes, No and ‘?’(I don’t know). Answer as you think consistent with your understanding of yourself.

Is being comfortable more important to you than getting ahead?

☐ Yes ☐ No ☐ ?

Are you satisfied to be no better than most other people at your job?

☐ Yes ☐ No ☐ ?

Do you like to make improvement to the way the organization you belong to functions?

☐ Yes ☐ No ☐ ?

Do you take trouble to cultivate people who may be useful to you in your career?

☐ Yes ☐ No ☐ ?

Do you get restless and annoyed when you feel you are wasting time?

☐ Yes ☐ No ☐ ?

Have you always worked hard in order to be among the best in your own line (school, organization, profession)?

☐ Yes ☐ No ☐ ?

Would you prefer to work with a congenial but incompetent partner rather than with a difficult but highly competent one?

☐ Yes ☐ No ☐ ?

Do you tend to plan ahead for your job or career?

☐ Yes ☐ No ☐ ?

Is “getting on in life” important to you?

☐ Yes ☐ No ☐ ?

Are you an ambitious person?

☐ Yes ☐ No ☐ ?

Are you inclined to read of the successes of other rather than do the work of making yourself a success?

☐ Yes ☐ No ☐ ?

Would you describe yourself as being lazy?

☐ Yes ☐ No ☐ ?

Will days often go by without your having done a thing?

☐ Yes ☐ No ☐ ?

Are you inclined to take life as it comes without much planning?

☐ Yes ☐ No ☐ ?

ANEXO N – 3×2 Achievement Goal Questionnaire for Sport (Mascaret, Elliot e Cury, 2015)

The following statements represent types of goals that you may or may not have when you play sport. For each item, put a mark on the scale from 1 (strongly disagree) to 7 (strongly agree) to indicate your level of agreement with the statement. All of your responses will be kept anonymous and confidential. There are no right or wrong responses, so please be open and honest.

In Sport, my goal is...	1	2	3	4	5	6	7
To perform well	1	2	3	4	5	6	7
To obtain good results	1	2	3	4	5	6	7
To be effective	1	2	3	4	5	6	7
To do better than what I usually do	1	2	3	4	5	6	7
To have better results than I had in the past	1	2	3	4	5	6	7
To be more effective than before	1	2	3	4	5	6	7
To do better than others	1	2	3	4	5	6	7
To be more effective than others	1	2	3	4	5	6	7
To have better results than others	1	2	3	4	5	6	7
To avoid performing badly	1	2	3	4	5	6	7
To avoid bad results	1	2	3	4	5	6	7
To avoid being ineffective	1	2	3	4	5	6	7
To avoid having worse results than I had previously	1	2	3	4	5	6	7
To avoid doing worse than I usually do	1	2	3	4	5	6	7
To avoid being less effective compared to my usual level of performance	1	2	3	4	5	6	7
To avoid doing worse than others	1	2	3	4	5	6	7
To avoid worse results than others	1	2	3	4	5	6	7
To avoid being less effective than others	1	2	3	4	5	6	7

ANEXO O – Lista de Estados de Ânimo Presentes – LEAP (Engelmann, 1986)

Nas próximas páginas você encontrará frases sobre você e sobre o que está sentindo ou pensando neste momento. Sua tarefa é indicar a concordância ou intensidade de sentimento de 1 a 5 para cada uma dessas frases, sendo a **1 (um) a mais fraca e a 5 (cinco) a mais forte**.

Você deve marcar a intensidade que você está sentindo **NO MOMENTO** do preenchimento da lista. Por exemplo:

Se a frase descrever um sentimento de **intensidade 3 (três)**, o que você sente naquele instante, faça um ‘X’ no terceiro espaço (número 3) da escala ao lado da frase. Assim, por exemplo, se na hora de você ler a expressão “*Estou com fome*”, você sentir uma intensidade média deste sentimento, ponha o ‘X’ do seguinte modo:

Estou com fome	1	2	X 3	4	5
----------------	---	---	------------	---	---

Vamos fazer um exemplo com as frases abaixo:

Estou concentrado	1	2	3	4	5
Sou uma pessoa com garra	1	2	3	4	5
Sinto-me confiante	1	2	3	4	5

Não existe resposta certa ou errada. SUA PRIMEIRA REAÇÃO AO LER A FRASE É A MELHOR.

Por favor, não pule nenhuma linha. MARQUE CADA EXPRESSÃO.

Responda em silêncio para não atrapalhar o colega ao lado.

Caso tenha alguma dúvida, levante a mão que o experimentador vai até você.

Ao terminar de responder a lista, levante a mão para que o experimentador recolha sua prancheta.

Muito fraco < ----- > Muito Forte

Estou aceitando alguma coisa	1	2	3	4	5
Sinto uma admiração por alguém	1	2	3	4	5
Estou alegre	1	2	3	4	5
Sinto um alívio	1	2	3	4	5
Sinto atração sexual por alguém	1	2	3	4	5
Sinto-me calma	1	2	3	4	5
Estou com calor	1	2	3	4	5
Estou cansada	1	2	3	4	5
Estou cheia	1	2	3	4	5
Sinto ciúme de alguém	1	2	3	4	5
Estou conformada	1	2	3	4	5
Estou tomando cuidado	1	2	3	4	5
Sinto-me culpada	1	2	3	4	5
Sinto um desejo	1	2	3	4	5
Estou com esperança	1	2	3	4	5
Acho algo estranho	1	2	3	4	5
Estou com fome	1	2	3	4	5
Estou com frio	1	2	3	4	5
Estou gostando de alguém	1	2	3	4	5
Acho algo gozado	1	2	3	4	5
Sinto-me humilhada	1	2	3	4	5
Sinto-me interessada	1	2	3	4	5
Sinto inveja de alguém	1	2	3	4	5
Estou com medo	1	2	3	4	5
Sinto uma necessidade	1	2	3	4	5
Estou com nojo	1	2	3	4	5
Sinto uma obrigação	1	2	3	4	5
Sinto-me orgulhosa	1	2	3	4	5
Tenho pena de alguém	1	2	3	4	5
Faço pouco caso de alguém	1	2	3	4	5
Tenho raiva	1	2	3	4	5
Estou refletindo	1	2	3	4	5
Sinto saudade de alguém	1	2	3	4	5
Estou com sede	1	2	3	4	5
Estou sem graça	1	2	3	4	5
Estou com sono	1	2	3	4	5
Sinto-me surpresa	1	2	3	4	5
Acabo de levar um susto	1	2	3	4	5
Sinto-me triste	1	2	3	4	5
Estou com vergonha	1	2	3	4	5

ANEXO P – Locuções correlacionadas com cada Fator da LEAP (Engelmann, 1986) e suas respectivas cargas de correlação

Adaptado da Tabela III, 239P.142-43. Engelmann, 1986).

FATOR	LOCUÇÃO	CARGA
I (Humilhação/Raiva)	Sinto-me humilhado	0,67
	Sinto-me culpado	0,66
	Sinto-me triste	0,59
	Estou com medo	0,53
	Estou sem graça	0,52
	Sinto raiva	0,51
	Estou com vergonha	0,47
	Estou com inveja de alguém	0,43
	Estou com nojo	0,37
	Sinto ciúme de alguém	0,32
	Sinto uma necessidade	0,31
	Estou tomando cuidado	0,28
	Tenho pena de alguém	0,27
	Estou alegre	-0,32
II (Fadiga)	Estou cansado	0,73
	Estou com sono	0,69
	Estou cheio	0,63
	Sinto uma obrigação	0,34
	Sinto-me triste	0,33
	Estou com fome	0,26
	Sinto um desejo	0,26
III (Esperança)	Estou alegre	-0,29
	Estou com esperança	0,65
	Sinto saudade de alguém	0,57
	Tenho pena de alguém	0,50
	Sinto uma admiração por alguém	0,48
	Sinto um desejo	0,44
	Estou tomando cuidado	0,43
	Sinto uma obrigação	0,34
IV (Limerência/Empatia)	Estou gostando de alguém	0,32
	Estou gostando de alguém	0,68
	Sinto atração sexual por alguém	0,67
	Sinto ciúme de alguém	0,60
	Sinto um desejo	0,41
	Tenho saudade de alguém	0,37
	Sinto uma admiração	0,33
V (Fisiológico)	Sinto-me orgulhoso	0,32
	Estou com calor	0,82
	Estou com sede	0,64
VI (Repulsa)	Estou com frio	-0,76
	Acabo de levar um susto	0,80
	Estou com nojo	0,57
	Sinto-me surpreso	0,39
	Sinto raiva	0,27
	Estou com sede	0,27
	Sinto um alívio	0,26

(Continua)

FATOR	LOCUÇÃO	CARGA
VII (Interesse)	Sinto-me interessado	0,71
	Estou refletindo	0,56
	Sinto um alívio	0,41
	Sinto uma obrigação	0,31
	Sinto-me orgulhoso	0,3
	Sinto uma admiração por alguém	0,29
	Estou tomando cuidado	0,29
VIII (Surpresa)	Estou alegre	0,25
	Acho algo estranho	0,60
	Sinto-me surpreso	0,68
IX (Fome)	Acho algo gozado	0,60
	Estou com fome	0,88
	Acho algo gozado	0,49
	Estou alegre	0,36
	Sinto um alívio	0,35
	Estou com nojo	0,33
	Sinto-me orgulhoso	0,29
X (Descaso/Inveja)	Sinto uma obrigação	-0,31
	Faço pouco caso de alguém	0,66
	Sinto inveja de alguém	0,56
	Sinto-me orgulhoso	0,38
	Estou com vergonha	0,35
XI (Receptividade)	Sinto uma obrigação	0,33
	Estou aceitando alguma coisa	0,65
	Sinto uma necessidade	0,45
	Sinto-me orgulhoso	0,34
	Sinto um desejo	0,32
XII (Serenidade)	Estou tomando cuidado	0,28
	Sinto raiva	0,26
	Estou conformado	0,72
	Sinto-me calmo	0,59
Conclusão	Estou alegre	0,26
	Estou tomando cuidado	-0,34